

HENRI RAMIREZ

Biblioteca do IEL/

UNICAMP

Ray

A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA

**TOMO I
GRAMÁTICA**

Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia
CEDEM

1997

9813652

UNIDADE:	FEL
Nº CHAMADA	498
V	Ex
TO	406911
	60262
	395/98
	11,00
DATA	17.06.97
Nº	400.115.047-0

ÍNDICE GERAL

ABREVIATURAS	7
1. OS YE'PÁ-MASA	9
1. Aspectos culturais, 9; 2. A exogamia lingüística e o multilingüismo, 11; 3. Autodenominação, 12; 4. Histórico, 12; 5. A família tukano, 15; 6. Afiliação com outras famílias, 18; 7. Os dialetos ye'pá-masa, 19; 8. Os estudos lingüísticos sobre o ye'pá-masa, 20; 9. A fala tukano dos ye'pá-masa, 21.	
2. FONOLOGIA SEGMENTAL	25
1. Os fonemas segmentais, 27; 2. Os traços, 34; 3. As oposições, 36; 4. Padrão silábico, segmentos e seqüências de segmentos ambivalentes, 39; 5. Dados numéricos, 42; 6. Combinação de fonemas, 43; 7. As regras fonológicas, 45.	
3. FONOLOGIA SUPRA-SEGMENTAL	53
1. Uma estrutura bimoraica, 53; 2. A nasalização, 56; 3. O tom laringalizado ou glotalizado, 66; 4. As melodias alta, ascendente e baixa, 68; 5. Palavra e locução fonológica, 85; 6. Acento de intensidade, descenso tonal e fenômenos intonatórios, 87.	
4. CLASSES DE MORFEMAS	93
1. As principais classes de lexemas, 93; 2. Os lexemas dependentes, 95; 3. Uma recapitulação dos critérios definidores das classes, 99; 4. Os lexemas dependentes e os sufixos, 100; 5. Algumas características morfo-sintáticas da língua dos ye'pá-masa, 107; 6. A exposição da gramática, 116.	

CEDEM



Centro "laurete" de Documentação Etnográfica e Missionária
 Rua Visconde de Porto Alegre, 820 - Centro
 69020-130 Manaus - AM
 Caixa Postal 427
 69011-970 Manaus - AM
 e-mail: isma@internext.com.br

5.	MORFOLOGIA VERBAL (I)	119
	1. A modalidade vista, 124; 2. A modalidade sentida, 129; 3. A modalidade dedutiva, 137; 4. A modalidade reportativa, 141; 5. Algumas notas sobre as formas interrogativas, 143; 6. Os sufixos imperativos, 144; 7. As formas enfáticas, 149; 8. A segmentação dos sufixos epistêmicos, 149.	
6.	MORFOLOGIA VERBAL (II)	151
	1. A negativo, 152; 2. O assertivo, 155; 3. O frustrativo, 156; 4. O durativo, 158; 5. A incerteza, 159; 6. O centripeto e o centrífugo, 160; 7. O propagativo, 162; 8. Os sufixos de gênero e número, 163; 9. Os futuros, 166.	
7.	VERBOS DEPENDENTES	171
	1. As características dos verbos dependentes, 172; 2. Uma lista de verbos dependentes, 178; 3. O passivo no'o , 186; 4. O potencial boo , 191; 5. O ingressivo wa'a , 193; 6. Os verbos dependentes tīha e yuu , 195; 7. O verbo dependente taa , 196; 8. Algumas observações tonais, 197.	
8.	MORFOLOGIA NOMINAL	199
	1. As classes nominais, 200; 2. Os sufixos nominais, 204; 3. O plural animado -a e o singulativo -wī/-gī , 205; 4. Os outros sufixos de gênero/número animado, 207; 5. O plural inanimado -ri , 209; 6. O locativo -ro , 209; 7. Os sufixos de "forma", 211; 8. Os aumentativos, 216; 9. O diminutivo -akā , 217; 10. O focalizador -pi , 218; 11. O especificador ta , 222; 12. O referencial -re , 223; 13. O destaque -a' , 231.	
9.	NOMES DEPENDENTES	233
	1. As propriedades formais dos nomes dependentes, 235; 2. As propriedades semânticas dos nomes dependentes, 242; 3. Alguns nomes dependentes "gramaticalizados", 248; 4. O instrumental me'ra , 249; 5. O aditivo kē'ra , 250; 6. O reflexivo basi , 250.	

	7. O restritivo di'akīhi , 251; 8. O distributivo niki , 252; 9. O contraste maa , 252; 10. A comparação noho , 254; 11. O câmbio de referência pe'e , 256; 12. A palavra adversativa pūrikā , 258; 13. A palavra dependente marikā , 259; 14. A palavra dependente waro , 260; 15. A palavra dependente tiro , 261; 16. O negativo nominal mehe , 261; 17. O detrimental meha , 262.	
10.	DEVERBAIS (I).....	263
	1. As formas, 264; 2. O funcionamento dos implicativos, 266; 3. O uso de -kā como causativo, 271; 4. Outro emprego de -kā , 272; 5. A construção analítica com o verbo auxiliar weé , 273.	
11.	DEVERBAIS (II)	277
	1. O funcionamento dos deverbais, 279; 2. A segmentação das formas nominalizadoras, 286; 3. A construção comprovativa, 291; 4. As nominalizações animadas, 293; 5. As nominalizações básicas em -ri+ , 295; 6. As nominalizações em -ró , 299; 7. As nominalizações em -sehé , 307; 8. As nominalizações com os sufixos de forma, 310.	
12.	NOMES GRAMATICALIZADOS	313
	1. Os demonstrativos, 314; 2. A anáfora tii+ , 320; 3. Os nomes pessoais (não-possessivos), 322; 4. O possessivo yaá+ , 324; 5. A autófora opâ+ , 327; 6. Os interrogativos, 328; 7. Os quantificadores, 332; 8. O genérico não-seletivo apé+ , 336; 9. Os nomes defetivos kā'a+ e ō'ōmaha+ , 337.	
13.	OUTRAS CLASSES DE MORFEMAS	341
	1. A evidência baa , 341; 2. A volta temática maha , 342; 3. A repetição taha , 343; 4. As palavras que se parecem com advérbios, 344; 5. Algumas formas difíceis de classificar, 345; 6. Interjeições e onomatopéias, 347.	
14.	FORMANTES E COMPOSIÇÃO	349
	1. Os causativos, 349; 2. A voz média e o resultativo, 350; 3. O sufixo nominal -kāha+ , 352; 4. O verbalizador -ti , 353; 5. O sufixo nominal -ya , 353; 6. Outros formantes e nominalizadores, 353;	

7. A composição: os verbalizadores **+moo**, **+yee** e **+da're**, 355;
 8. A composição: os verbalizadores **+bihi** e **+piha**, 356.

15. OS SUFIXOS E AS REGRAS TONAIS 357

1. As 3 melodias tonais, 357; 2. A regra de deslocamento tonal, 359;
 3. O deslocamento tonal e o bloqueio laringal, 360; 4. Os sufixos em **-a**, 360; 5. Os sufixos com tom flutuante, 363; 6. Os sufixos e palavras dependentes irregulares, 365.

16. ELEMENTOS DE SINTAXE 367

1. A ordem não marcada para a ênfase, 367; 2. A regra sobre a ênfase e as deslocções, 371; 3. A sintaxe da oração: o sujeito, o predicado e a coordenação, 373; 4. Os sintagmas nominais e verbais, 374; 5. As locuções apositivas especificadas, 377; 6. A locução apositiva verbal citativa, 380.

BIBLIOGRAFIA 381

ÍNDICE DAS NOÇÕES 393

ABREVIATURAS

3	terceira pessoa	impl.cs	implicativo/câmbio de sujeito
adv	advertência (-ri)	inan	inanimado
an	animado	inc	incerteza (-sa)
ana	anáfora (tii+)	int	interrogativo
ass	assertivo (-kã')	lit.	tradução literal
aum	aumentativo (-roho)	med	voz média (=ti)
C>	centrífugo (-a')	n.dep.	nome dependente
C<	centrípeto (-'ti)	neg	negativo (-ti, +we'e)
caus	causativo (-o, -rẽ')	nom	nominalizador
cf.	confira	p.rec	passado recente
ded	dedutivo	p.cad	passado caducado
dest	destaque (-a')	perf	perfectivo
det	detrimental (mih)	pl	plural
dim	diminutivo (-akã)	poss	possessivo (yaá+)
dur	durativo (-'kũ)	pres	presente
esp	especificador (-ta)	prop	propagativo (-o')
+f	feminino	ref	referencial (-re)
-f	não-feminino	rep	reportativo
fab	forma de abóbada (-wa)	res	resultativo (=sa)
fpan	forma de panela (-ti)	sent	sentido
frol	forma roliça (-ga)	sg	singular
fret	forma retilínea (-gi)	sing	singulativo (-wĩ)
ftub	forma tubular e oca (-wi)	v.aux.	verbo auxiliar
foc	focalizador (-pi)	v.dep.	verbo dependente
frust	frustrativo (-mi)	v.intr.	verbo intransitivo
fut	futuro	v.tr.	verbo transitivo
imp	imperativo (-ya, -rã, -ato, -apa)	verb	verbalizador
impl.ms	implicativo/mesmo sujeito	vist	visto

OS YE'PÂ-MASA

O território tradicional dos ye'pâ-masa situa-se na bacia do rio Uaupés-Caiari, na fronteira entre o Brasil e a Colômbia (veja mapa na página seguinte). A língua que os ye'pâ-masa falam é popularmente conhecida como "tukano" propriamente dito e pertence à família lingüística tukano. Os grupos desta família estendem-se descontinuamente do pé dos Andes até a fronteira brasileira. Esta monografia da língua ye'pâ-masa foi elaborada com os indígenas do lado brasileiro.

O número de falantes ye'pâ-masa é superior ao número dos membros desta etnia. Este fato deve-se à expansão da língua ye'pâ-masa e à sua adoção como língua franca pelos falantes de outros grupos da mesma família lingüística ou da etnia tariano (arawak). Com um número de falantes superior a 10.000 (somando os lados brasileiro e colombiano), o ye'pâ-masa é numericamente uma das línguas indígenas mais faladas na Amazônia.

1. Aspectos culturais

Exporemos rapidamente as principais características culturais dos ye'pâ-masa. O leitor que deseja aprofundar-se mais no assunto poderá consultar os trabalhos de Beksta (1988), Brüzzi (1977) e Buchillet (1990).

Toda a área do Uaupés-Caiari (veja mapa na página seguinte) apresenta uma certa homogeneidade cultural principalmente caracterizada pela lavoura da mandioca, pelo sistema de coivara, pelos rituais com uso de flautas sagradas, por um sistema de hierarquia clânica, pela localização ribeirinha dos povoados, pela importância dada à pesca e pelo consumo da coca e do caapi (*Banisteriopsis sp.*).

Os filhos (as) do grupo do pai devem falar a língua dele, esquecendo a língua da mãe, sempre diferente (pelo menos, em teoria). O ye'pâ-masa é a **língua paterna** dos que a falam, a mãe pertencendo a um grupo de língua diferente.

Internamente, os ye'pâ-masa são divididos em clãs nomeados e hierarquizados. Cada grupo local é formado de homens de um mesmo clã e de mulheres de 3 ou 4 grupos lingüísticos diferentes. Isso acarreta um certo **multilingüismo** na casa comunitária, as crianças falando a língua do pai e entendendo a língua da mãe.

Na época atual, este multilingüismo está fortemente ameaçado. Com efeito, a unificação de grupos lingüisticamente diferentes em povoações extensas, fruto dos contatos coloniais e missionários, favoreceram a eclosão de línguas francas. A língua dos ye'pâ-masa revelou-se, com o tempo, uma dessas, de modo que, do lado brasileiro, várias línguas desapareceram (miriti-tapuyo, arapaço) e outras estão em via de extinção (tariano, etc.). Nessas condições, um ye'pâ-masi que se casa com uma mulher tariano encontra, na maioria dos casos, uma esposa que fala a mesma língua que ele. É a razão pela qual a língua ye'pâ-masa, língua franca do lado brasileiro, é falada por um número de indivíduos bem maior do que os membros do próprio grupo ye'pâ-masa.

1.3. Autodenominação

O termo **ye'pâ-masa** (no masculino singular, **ye'pâ-masi**; no feminino singular, **ye'pâ-maso**; no plural **ye'pâ-masa**) é a autodenominação do grupo cuja língua está estudada neste volume. Em particular, é o nome com que se reconhecem todos os organizadores de cerimônias tradicionais.

No entanto, este grupo é popularmente conhecido como tukano (daseá), e a sua língua, conhecida pelos estudiosos como tukano propriamente dito. Na verdade, o termo "tukano" não passa de um apelido que surgiu no século passado, quando esses indígenas, pelo seu comportamento, foram pejorativamente comparados a aves tucanos.

Por isso, guardaremos o termo de tukano para a família lingüística inteira, reservando o nome de ye'pâ-masa à língua desta etnia.

1.4. Histórico

Tendo perdido uma grande parte da sua cultura tradicional na época atual, os ye'pâ-masa enfrentaram, desde o século XVIII, numerosos assaltos da sociedade

expansionista ocidental: escravidão, sedentarização imposta, exploração econômica, intolerância religiosa, etc. Esses três séculos de colonização caracterizam-se por períodos de penetração, seguidos por intervalos de calma relativa.

Não sabemos nada sobre o passado remoto dos grupos tukano orientais. Segundo Nimuendaju (1927, 1955), teriam vindo do oeste (pé dos Andes colombianos). Todavia, o autor não consegue fornecer argumentos decisivos para defender esta tese. Na tradição oral dos grupos tukano orientais, eles teriam vindo do leste. No entanto, no léxico ye'pâ-masa, faltam termos específicos para "gaivota", "peixe-boto" (por exemplo, o termo que designa o boto é uma palavra composta: **akó-puti-sité-ro** o animal que espalha água assoprando) e outros animais típicos do oriente amazônico. Isso sugere que a ocupação não se efetuou vindo do leste, pelo menos, numa época muito recente.

O leitor achará uma boa apresentação da história dos contatos em Buchillet (1990) e Wright (1987, 1991). Em resumo, podemos distinguir 5 fases de penetração:

① A escravidão (1739-1755)

Depois da derrota dos índios Manao (1723-1727), os escravagistas portugueses invadem o alto Rio Negro. Esta escravidão foi em grande parte levada por "cunhamenas" (homens casados com índias), aventureiros e analfabetos mestiços falando tupi. Os próprios chefes indígenas participavam frequentemente das razias.

Calcula-se, assim, que 20.000 escravos foram tirados do alto Rio Negro em 15 anos. As "peças humanas", cheias de feridas, eram levadas e vendidas na boca do rio Amazonas. Os relatórios oficiais faziam o lúgubre inventário das cicatrizes dos futuros escravos antes de ser efetuada a venda.

Nessa época cruel de escravidão ilegal, vários rios foram despovoados, e o rio Uaupés-Caiari, particularmente saqueado.

② Os descimentos e os aldeamentos (1761-1800)

Com a administração portuguesa, a escravidão desaparece. No seu lugar, instaura-se um sistema de descimentos de grupos indígenas inteiros que são reagrupados em aldeamentos nos pontos julgados estratégicos pela colônia nascente. Uma nova geografia demográfica das tribos via a luz aos poucos. Este período da história explica a distribuição espacial atual, muito espalhada, dos vários grupos indígenas do Uaupés-Caiari.

③ O comércio e os programas governamentais (1830-1920)

Os programas governamentais de "civilização e catequese" dos índios permitiram a atuação de várias congregações religiosas na bacia do Uaupés-Caiari. O comércio das "drogas do sertão" favoreceu a exploração econômica dos indígenas. As aldeias eram freqüentemente atacadas para capturar homens, mulheres e meninos e para obrigá-los a servir de empregados na extração de produtos naturais ou na capital do estado.

Durante o ciclo da borracha (1870-1920), a violência econômica alcança o seu paroxismo com a atuação de aventureiros colombianos.

④ As missões salesianas (a partir de 1916)

Chegando em 1916 ao alto Rio Negro, a Congregação Salesiana conseguiu pouco a pouco libertar os povos do Uaupés da agressão dos seringalistas, aventureiros e comerciantes. No entanto, a cultura tradicional (xamanismo, rituais de iniciação masculina,...) foi seriamente abalada neste período. Do lado brasileiro, as casas comunitárias tradicionais foram definitivamente abandonadas, deixando no lugar um estilo de residência regional. Além disso, a presença missionária favoreceu a eclosão de povoados extensos e fortaleceu, assim uma sedentarização que, a longo prazo, acarretou sérios problemas de alimentação e de saúde (escassez de peixes, empobrecimento das terras de lavoura, parasitoses intestinais,...).

⑤ A desestruturação moderna (a partir de 1960)

Agora, o avanço da sociedade moderna de consumo conjuga-se a todo o peso do passado colonial. O sistema de liderança tradicional não existe mais. Os novos líderes, educados na cidade ou nas escolas dos missionários, traem freqüentemente os próprios interesses indígenas, por corrupção ou por desvio de dinheiro. O sentido comunitário está desaparecendo. Cada um se refugia no seu individualismo e se entrega à sociedade de consumo conforme os seus meios.

A sociedade tukano do baixo Rio Uaupés já não se distingue muito do estrato caboclo rio-negrino, de que adotaram há tempo a religião católica, as roupas, as ferramentas e as armas.

A difusão espantosa do alcoolismo e a má-nutrição geral atingem de maneira preocupante as populações do alto Rio Negro. O espetáculo enche de tristeza o espectador que vem de fora.

Está realmente na hora de acordar, deixando os discursos políticos enganadores e a vitimologia moderna para se organizar e para vencer o desafio lançado pelo mundo moderno!

1.5. A família tukano

A língua ye'pâ-masa pertence à família tukano.

Numa edição recente (Huber & Reed, 1992), o SIL (Summer Institute of Linguistics) repertoria 375 palavras usuais das principais línguas da Colômbia. Neste excelente trabalho, 19 línguas da família tukano são representadas.

Podemos perguntar-nos se realmente todas merecem um estatuto de línguas diferenciadas. A fim de verificar a percentagem de cognatos que elas têm em comum, utilizaremos as listas propostas pelo próprio SIL. Já que as 375 palavras que o SIL propõe para o ye'pâ-masa nos parecem segmentalmente corretas, não temos razões para duvidar do resto do trabalho e, portanto, assumiremos que as palavras que se referem às outras 18 línguas tukano são também corretas.

O quadro seguinte apresenta as percentagens de cognatos para as 13 línguas reconhecidas geralmente como formando a subfamília tukano oriental. As percentagens correspondem à lista de Swadesh de 100 palavras. As abreviaturas são as do livro do SIL (TC ye'pâ-masa, WN wanano, PY pira-tapuyo, WA waimaha, BR bará, TY tuyuka, YR yuruti, DE desana, SR siriano, TA tatuyo, CP karapanã, MA makuna, BS barasana):

TC
80 WN
84 95 PY
83 75 75 WA
84 76 76 95 BR
86 78 78 89 94 TY
89 78 78 91 91 95 YR
76 74 74 73 73 72 67 DE
77 74 74 73 73 72 67 96 SR
81 76 76 92 90 88 83 63 63 TA
81 77 77 92 90 88 85 63 63 93 CP
74 68 68 74 74 74 74 72 72 81 81 MA
74 67 67 74 74 74 74 72 72 81 81 88 BS

Como se vê, várias dessas "línguas" têm uma percentagem de cognatos em comum muito elevada. Por exemplo, os cognatos em comum entre o desana e o siriano são 96% (compare, por exemplo, com o número de 84% de cognatos em comum entre o português e o castelhano). Considerando que um número de cognatos em comum de mais de 81% não diferencia duas línguas, mas dois dialetos (consideração geralmente reconhecida), diremos, então, que o desana e o siriano são apenas dois dialetos da mesma língua.

Olhando para as mais altas percentagens (dialetos da mesma língua), obtemos os subgrupos mais próximos (mais de 88% de comum) seguintes:

WN, PY	→ I
WA, BR, TY, YR	→ II
DE, SR	→ III
TA, CP	→ IV
MA, BS	→ V
TC	→ VI

Podemos, então, calcular as percentagens em comum dos subgrupos evidenciados (fazendo a média: por exemplo, I & II = (WN&WA + WN&BR + WN&TY + WN&YR + PY&WA + PY&BR + PY&TY + PY&YR) / 8):

I	
77	II
74	71,2 III
76,5	88,5 63 IV
67,5	74 72 81 V
82	85,5 76,5 81 74 VI

Repetindo a operação, obtemos:

II, IV, VI	→ W
I	→ X
V	→ Y
III	→ Z

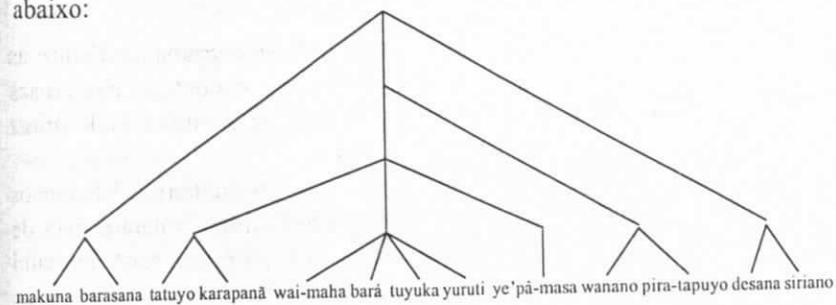
e os cognatos seguintes:

W	
78,3	X
76	67,5 Y
70	74 72 Z

Repetindo mais uma vez a operação, obtemos afinal:

W, X	→ α	α
Y	→ β	72 β
Z	→ γ	72 72 γ

Os subgrupos sucessivamente evidenciados aparecem na arborescência abaixo:



No quadro seguinte, propomos uma classificação da família tukano em 7 línguas:

FAMÍLIA TUKANO

A. tukano ocidental

① dialetos: orejón, sekoya, siona, koreguaje

B. tukano central

② kubewa

C. tukano oriental

C¹ ③ tanimuka

C² ④ dialetos: makuna, barasana

⑤ - dialetos: tatuyo, karapanã

- dialetos: wai-maha, bará, tuyuka, yuruti

- dialeto: ye'pâ-masa

⑥ dialetos: wanano, pira-tapuyo

⑦ dialetos: desana, siriano

† arapaço, † miriti-tapuyo

Nesta classificação, não levamos em conta a exogamia lingüística e as interferências lingüísticas que ela pode acarretar. Note também, comparando este quadro com o mapa, que as diferenças entre as línguas são aproximadamente proporcionais às distâncias espaciais entre as línguas e os dialetos.

1.6. Afiliação com outras famílias

Achamos um máximo de semelhanças lexicais e gramaticais entre as famílias tukano, pano-takana e yanomami. O leitor encontrará numerosas evidências de conexões genéticas em Angenot, J.-P., V. Martins & H. Ramirez (1997).

Entre o ye'pâ-masa e o proto-pano (Shell, 1975), encontramos pelo menos 16% de palavras com significantes e significados similares para a lista de Swadesh de 100 entradas. Uma percentagem análoga aparece entre o yanomami (Ramirez, 1994) e o proto-pano. Limitaremos-nos aqui a indicar, para a lista de Swadesh, as principais semelhanças lexicais entre o proto-pano e o ye'pâ-masa (não dispomos de dados fiáveis para a reconstrução do tukano):

	proto-pano	ye'pâ-masa
<i>eu</i>	*ʔi	jiʔi
<i>tu</i>	*mi	miʔi
<i>nós (exclusivo)</i>	*eseja	ʔisa
<i>você</i>	*mikwana	misa
<i>negativo</i>	*ma	ma-
<i>barriga</i>	*poko	paa(-ga)
<i>beber</i>	*ʂiʔa-	sʔiʔ-
<i>cabelo</i>	*βoo	poa
<i>caminho</i>	*baʔi	maʔa
<i>comer</i>	*aβa	baʔa
<i>dia, sol</i>	*βari	boʔre
<i>folha</i>	*piʔi	pū-
<i>gordura</i>	*ʂini	iʔse
<i>homem</i>	*βini	imi
<i>nariz</i>	*kini	ēʔke-
<i>noite</i>	*jami	jami
<i>peito</i>	*ʂoʔtsi	koti
<i>peixe</i>	*βawi	waʔi
<i>piolho</i>	*ʔia	iʔia
<i>quente</i>	*itsis	asi
<i>roça</i>	*wai	wese

1.7. Os dialetos ye'pâ-masa

Não há propriamente dialetos diferentes dentro da língua ye'pâ-masa. No entanto, conforme o clã e a posição territorial, notam-se pequenas diferenças de ordem fonética ou lexical. Entre as diferenças fonéticas mais significativas, assinalaremos:

- ◆ Uma certa alternância entre **o** e **u**:
 - moo** ~ **muu** *punhado*
 - yokâ** ~ **yukâ** *urubu*
- ◆ Uma certa alternância entre **a** e **o** (cf.2.7.):
 - akó** ~ **okó** *água*
 - paro** ~ **poro** *fruta oblonga*
- ◆ A queda de **h** em certos itens:
 - pehe** ~ **pee** *caroço*
 - sehe** ~ **-se** *nominalização (inanimado)*

O ye'pâ-masa falado no rio Tiquié e no rio Papuri é bem diferente das variantes faladas ao longo do Uaupés. Essas diferenças explicam-se pelo fato que a extensão histórica da língua ye'pâ-masa foi acompanhada do desaparecimento de outras línguas, com uma certa "contaminação" do ye'pâ-masa por estas últimas.

No começo do século passado, os ye'pâ-masa viviam no rio Papuri. De lá, uma parte deles invadiu a bacia do rio Tiquié. Como este último rio estava pouco habitado, a hegemonia ye'pâ-masa se realizou de tal forma que a língua sofreu poucas ou nenhuma alteração.

No entanto, a expansão no rio Uaupés-Caiari foi bem diferente. Encontravam-se ali povos inteiros com as suas línguas vivas: os arapaços, acima de Ipanoré, os tarianos, na região de Iauaretê,... Com a expansão lingüística do ye'pâ-masa, a língua arapaço desapareceu. Os tariano (grupo da família arawak oriundo do rio Aiari), cujos membros participam da regra de exogamia lingüística com os ye'pâ-masa, já estavam abandonando a sua língua no começo do século presente. A situação do pira-tapuyo também não é muito brilhante no Uaupés. Nessas condições, as línguas do Uaupés desapareceram ou desaparecem, o ye'pâ-masa assimilando numerosos itens lexicais delas. Por exemplo, o ye'pâ-masa falado na região de Iauaretê se parece com uma espécie de "tari-tukano" (mistura de traços tariano e ye'pâ-masa), em situação lingüísticamente variável por causa dos aportes recentes dos wanano.

Em resumo, a expansão da língua ye'pâ-masa como língua franca traduz-se em parte por uma assimilação de numerosos traços lingüísticos pertencendo às línguas que desaparecem.

Na época atual, a grande maioria dos indígenas que moram nos povoados centrais da bacia do Uaupês-Caiari (Iauaretê, Taracua, Pari-Cachoeira) já não praticam o multilingüismo tradicional. Assimilaram com o tempo um sólido bilingüismo ye'pâ-masa/português. Daqui a alguns anos, essas duas línguas francas (além das línguas maku) serão provavelmente as únicas faladas na região do Uaupês-Caiari.

O nheengatu, outra língua franca do alto Rio Negro, provavelmente nunca entrou como tal no Uaupês. O nheengatu é uma "língua geral" introduzida no Rio Negro pelos comerciantes e missionários durante o século XVIII. É um crioulo colonial cuja gramática, com base tupi-guarani, foi adaptada ao modelo latino.

Com o avanço do português, é a pureza da língua ye'pâ-masa que está ameaçada. Com efeito, muitos falantes conseguem introduzir numerosos itens portugueses na sua fala (para alguns, até 50% dos termos de um discurso). Esses sinais tendem a mostrar que o estatuto do ye'pâ-masa e o seu futuro no mundo moderno são bastante preocupantes.

1.8. Os estudos lingüísticos sobre o ye'pâ-masa

As pesquisas sobre a língua ye'pâ-masa começaram com o trabalho pioneiro de Kok (1921-22). Os estudos gramaticais e os dicionários que apareceram a partir desta data, a saber: Giacone (1955, 1965), Brüzzi (1966, 1991), Gallo (1972), Sorensen (1969), não são obras muito elaboradas. Basta dizer, para dar um exemplo, que Sorensen identifica 76 fonemas numa língua onde só achamos uma vintena.

Embora esses autores (na maioria, missionários) não nos transmitam muito sobre a estrutura do ye'pâ-masa (que apresentaram geralmente num modelo greco-latino tudo feito), soubemos aproveitar dos dicionários, realizados especialmente pelos padres, para acelerar a nossa própria pesquisa lexical.

Com a **Gramática popular del tukano** (1980), West marca data nos estudos ye'pâ-masa. Esta descrição, completada por vários artigos em 1985, comporta uma lista de fonemas e apresenta as principais categorias do discurso com os seus sufixos associados. A obra termina com a apresentação das orações subordinadas e de algumas palavras importantes para o discurso.

Na morfologia verbal, o sistema de modalidades epistêmicas, sem ser ainda completo, é pelo menos detalhadamente descrito. Mesma precisão com os substantivos, estruturalmente divididos em animados e inanimados.

É um bom trabalho que nunca falta de fineza quando se trata de um ponto semântico delicado.

No entanto, o fato que a pesquisadora deixou de lado "para o futuro" o estudo dos tonemas é algo lastimável. Este esquecimento, como argumentaremos em toda a nossa monografia, impede de ter uma visão simples e correta da estrutura da língua ye'pâ-masa. Além disso, a autora não ouve bem as realizações tonais das raízes verbais, o que a obriga a dividir os verbos em duas classes imaginárias.

Apesar desses pontos nevrálgicos e da nossa orientação teórica diferente, devemos ser justos e afirmar que, sem o trabalho de West, teríamos gasto muito mais tempo na elaboração da nossa monografia.

Além dos trabalhos lingüísticos efetuados sobre o ye'pâ-masa, soubemos também aproveitar das numerosas monografias realizadas sobre línguas particulares da mesma família tukano. Desde a excelente tese de Kaye (1970), muitos pesquisadores enfrentaram esses idiomas. O leitor achará na bibliografia uma lista dos principais trabalhos publicados até hoje.

1.9. A fala tukano dos ye'pâ-masa

A descrição que segue representa a fala ye'pâ-masa dos rios Tiquié e Papuri. As pesquisas no campo duraram mais de dois anos (1994-1996).

No **primeiro tomo da série**, propomos uma gramática distribucional da língua ye'pâ-masa.

No capítulo II, identificamos os segmentos fonológicos assim como as principais regras fonológicas. As variantes surdas dos segmentos vocálicos são explicadas pelo contexto consonântico. Discutimos em detalhe a melhor escolha dos traços relevantes para a análise.

Depois de propor uma estrutura bimoraica para todo o léxico, estudamos detalhadamente os traços supra-segmentais no capítulo III: a nasalização, a laringalização e os tonemas. A nasalização é um traço que abrange o morfema na sua totalidade. As consoantes surdas são, intra-morfemicamente, segmentos transparentes ao processo de harmonia nasal enquanto são opacos nos sufixos e bloqueiam o processo de contaminação nasal. O tom laringalizado toca a primeira mora dos morfemas. Existem duas melodias tônicas associadas aos lexemas: a melodia alta ou melodia de registro, e a melodia ascendente ou melodia de contorno. Uma terceira melodia, a melodia baixa, é fonologicamente átona e caracteriza os sufixos e as palavras dependentes.

No capítulo IV, apresentamos as principais classes de lexemas: os verbos independentes, os nomes independentes, os verbos dependentes e os nomes dependentes. O ye'pâ-masa é uma língua de sufixos. Apresentamos também uma série de argumentos que justifiquem o estatuto de lexemas, e não de sufixos,

dado aos verbos e aos nomes dependentes. Oferecemos um resumo das principais características morfo-sintáticas da língua ye'pâ-masa.

Tratamos da morfologia verbal nos capítulos V e VI. Não há verbos irregulares. O conjunto de sufixos expressando a modalidade epistêmica, o tempo/aspecto, a pessoa, o gênero e o número está descrito no capítulo V. Os outros sufixos (direcionais, propagativo, negativo, frustrativo, assertivo, etc.) aparecem no capítulo VI.

No capítulo VII, estudamos os verbos dependentes. São fonologicamente átonos e seguem um verbo independente que lhes serve de complemento. Apresentamos em detalhe as relações semânticas que implicam. Alguns verbos dependentes fortemente gramaticalizados fazem o objeto de um estudo à parte neste trabalho.

A morfologia nominal aparece no capítulo VIII. Os nomes são divididos em 3 classes nominais, e, para cada classe, passamos em revista os sufixos associados (plural, singulativo, sufixos de forma, aumentativo, diminutivo, marcadores de função).

No capítulo IX, apresentamos os nomes dependentes. São fonologicamente átonos e sempre seguidos por um nome que lhes serve de complemento. Argumentamos que esses nomes dependentes não são sufixos e não merecem a apelação tradicional de classificador. Alguns nomes dependentes fortemente gramaticalizados fazem o objeto de um estudo à parte neste trabalho.

No capítulo X, estudamos um sistema original de sufixos implicativos muito usados. Conforme a relação entre os sujeitos das orações implicativa e principal ser de identidade ou de não-identidade, os sufixos implicativos mudam de forma (sufixos isofóricos e sufixo anisofórico).

A língua possui um sistema extremamente complexo de sufixos nominalizadores que estudamos no capítulo XI. Existem formas diferentes para o animado masculino singular, o animado feminino singular, os animados plurais, o inanimado de lugar, o inanimado singular, o inanimado abstrato e o inanimado de forma particular. Existem também formas diferentes para o habitual, o perfectivo e o futuro. Esses sufixos permitem construir todo tipo de orações subordinativas.

Os pessoais, a anáfora e a autófora, os possessivos, os demonstrativos e os interrogativos são estudados no capítulo XII.

O capítulo XIII descreve as outras classes de morfemas ("clíticos", interjeições, onomatopéias, etc.) enquanto o capítulo XIV apresenta os principais mecanismos de derivação e de composição.

No capítulo XV, reunimos todas as regras tonais e comentamos o comportamento tonal de todos os sufixos estudados. Identificamos os que são tonalmente irregulares e tentamos propor uma explicação para cada irregularidade.

No último capítulo, algumas considerações sobre a ordem das palavras são apresentadas. Tentamos contrastar as noções delicadas de sintagma e de locução apositiva. Apresentamos também o mecanismo de coordenação nominal ou verbal.

O **segundo tomo da série** contém um dicionário ye'pâ-masa/português, um léxico português/ye'pâ-masa e, em anexo, uma apresentação dos termos de parentesco.

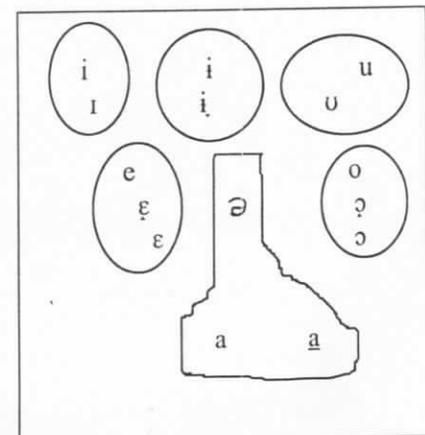
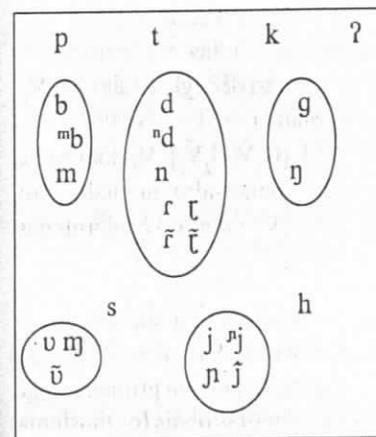
O **terceiro tomo** é um método pedagógico de aprendizagem da língua com gravação, destinado a todos que desejam aprender este idioma.

Para terminar esta introdução, queremos expressar todo o nosso reconhecimento:

- ♦ aos nossos informantes: Alfredo Fontes, Arlindo Maia e Valério Lopes, pela paciência que mostraram e pela ajuda valiosa que nos forneceram.
- ♦ a Mario Rossi e ao padre Casimiro Beksta, pelas suas críticas do trabalho presente.
- ♦ aos salesianos e a Dom Walter, pela sua hospitalidade sem igual e pelo apoio logístico que nos deram.

FONOLOGIA SEGMENTAL

Os quadros seguintes reproduzem os principais fones escutados na língua dos ye'pâ-masa:



Cada vogal **V** tem uma contraparte surda: **ʋ** e laringalizada: **ʋ̣**. Cada uma destas realizações pode ser nasalada: **Ṽ**, **Ṿ̃** e **Ṿ̃̃**.

Cada vogal não surda e não laringalizada, nasalada ou não, pode ser longa ou não: **V**, **Vː**, **Ṽ**, **Ṽː**.

A fonologia supra-segmental será estudada no capítulo seguinte. Basta, por enquanto, familiarizar-se com as notações dos 4 traços supra-segmentais seguintes:

1. $\hat{_}$: notação escolhida para o tonema dito de **melodia alta** ou melodia de registro (acento circunflexo). Abrange o morfema na sua **totalidade**. A realização mais típica deste tonema aparece no exemplo: **werê avisar** [véré], onde todas as vogais do morfema têm tom alto: $[C_1\hat{V}_1C_2\hat{V}_2]$.

2. $\acute{_}$: notação escolhida para o tonema dito de **melodia ascendente** ou melodia de contorno (acento agudo). Abrange o morfema na sua **totalidade**. Como no exemplo: **bará puçangas** [^mbàrá] onde a primeira vogal do morfema tem tom baixo e a segunda vogal apresenta um tom de contorno baixo-alto (ou médio-alto): $[C_1\check{V}_1C_2\acute{V}_2] \sim [C_1\check{V}_1C_2\check{V}_2]$.

Abrangendo o morfema na sua totalidade, $\hat{_}$ e $\acute{_}$ serão notados em cima da **segunda e última vogal do morfema**, já que todos os morfemas - como veremos - têm uma **estrutura bimoraica**.

A ausência de grafia no morfema assinala o tonema dito de **melodia baixa**. É fonologicamente átona (tom descendente médio-baixo):

yawi torto [já ví]

Em resumo, com um morfema bissilábico:

$/C_1V_1C_2\hat{V}_2/$ melodia alta: $[C_1\hat{V}_1C_2\hat{V}_2]$ V_1, V_2 : tom de registro alto (ou V_1 : tom baixo; V_2 : tom de registro alto)

$/C_1V_1C_2\acute{V}_2/$ melodia ascendente: $[C_1\check{V}_1C_2\acute{V}_2] \sim [C_1\check{V}_1C_2\check{V}_2]$ V_1 : tom baixo; V_2 : tom de contorno ascendente baixo-alto ou médio-alto.

$/C_1V_1C_2V_2/$ melodia baixa: $[C_1\check{V}_1C_2\check{V}_2]$ V_1, V_2 : tom de contorno descendente médio-baixo.

3. $\tilde{_}$: notação da **nasalização**. Abrange o morfema na sua totalidade: cada vogal e cada consoante sonora tem um alofone nasal. As consoantes surdas estão ignoradas no processo. O til (~) será unicamente notado na primeira vogal do morfema, a segunda sendo já reservada para as notações tonais (os morfemas tônicos sendo bimoraicos):

âyâ jararaca [ã̃ á] ~ [ãpã]

bādí não estar [mã̃ r̃í]

bîtê carapanã [m̃î t̃ê]

4. $\grave{_}$: notação do **tom laringalizado** ou **glotalizado** (apóstrofo). A parte final da vogal seguida por $\grave{_}$ é em parte laringalizada e sempre preferida em tom baixo:

du'tí fugir [du'ütí]

O caráter supra-segmental desta laringalização será argumentado no capítulo seguinte.

2.1. Os fonemas segmentais

As oposições exemplificadas em 2.3. permitem identificar 16 segmentos fonêmicos (6 vogais: **i, ĩ, u, e, o, a** e 10 consoantes: **p, t, k, s, h, b, d, g, w, y**). Note-se, especialmente, o número elevado de realizações vocálicas, devido à interação com os consoantes surdas e com os supra-segmentos nasal e laringal.

As vogais

/i/ → [i] / posição final de enunciado exclamatório enfático

→ [ĩ] / em outros contextos

ikî inajá [ĩkí]

apomí!! (ele) conserta!! [ãpõmĩ]

/i/ tem uma realização fonética [i] que corresponde bem à vogal cardinal respectiva. Os valores dos formantes calculados com o aparelho de análise acústica CECIL (SIL) deram:

300 Hz < F_1 < 430 Hz

1750 Hz < $F_2 - F_1$ < 2300 Hz

/u/ → [u] / posição final de enunciado exclamatório enfático

→ [ũ] / em outros contextos

330 Hz < F_1 < 450 Hz

300 Hz < $F_2 - F_1$ < 800 Hz

/ĩ/ → [ĩ] / posição final de enunciado exclamatório enfático

→ [i] / em outros contextos

yî'ê eu [jüí]

bipî aranha [^mbîpî]

du'tiápi!! fugi!! [du'ütíapí]

320 Hz < F_1 < 420 Hz

1100 Hz < $F_2 - F_1$ < 1600 Hz

/a/ → [ə] / posição final de enunciado exclamatório (facultativo)

→ [a] ~ [ã] / em outros contextos (variantes livres)

badá *puçangas* [ˈbãʔã]

a'gá! *ai!* (exclamação de dor) [ãgã]~[ãgã] (a 2ª realização expressa uma exclamação forte)

Os formantes de [a] e [ã] são:

700 Hz < F₁ < 930 Hz

500 Hz < F₂-F₁ < 1100 Hz

/e/ → [ɛ] / _____ (C) +sil
+alto

→ [e] / posição final de enunciado exclamatório enfático

→ [ɛ] / em outros contextos

Em termos informais, realiza-se [ɛ] antes de **e**, **o**, **a** ou em fim de enunciado; realiza-se [ɛ] (ou seja, fecha-se) antes de **i**, **ɨ** e **u** (assimilação regressiva às vogais altas); realiza-se [e] em contexto enfático:

kasê-do *pedaço de pele* [kãʂɛ̀rɔ̀]

pele - sg

kasê-di *pele inteira* [kãʂɛ̀rɨ̀]

pele - pl

yeé *meus* [jɛ̀:]

/o/ → [ɔ] / _____ (C) +sil
+alto

→ [o] / posição final de enunciado exclamatório enfático

→ [ɔ] / em outros contextos

Em termos informais, /o/ realiza-se [ɔ] antes de **e**, **o**, **a** e em fim de enunciado; realiza-se [ɔ] (ou seja, fecha-se) antes de **i**, **ɨ** e **u** (assimilação regressiva às vogais altas); realiza-se [o] em contexto enfático:

doê *traira* [ˈdɔ̀ɛ̀]

apo -**gi** *aquele que conserta* [ãpɔ̀gi]

consertar-nom/msg

As vogais surdas

A primeira vogal de uma palavra fonológica torna-se em parte surda quando seguida por uma consoante surda:

V → V_o / / (C) _____ -sil
+surd (assimilação regressiva parcial)

(o 2º traço oblíquo indicando a separação das palavras fonológicas, cf. 3.5.)

Por exemplo:

apê *brincar* [ãpɛ̀]~[ãhpɛ̀]

bîtê *carapanã* [mĩtɛ̀]~[mĩhtɛ̀]

akó *liquido* [ãkɔ̀]~[ãhkɔ̀]

ĩsã *nós* [ĩsã]~[ĩhsã]

ohã *pintar* [ɔ̀hã]~[ɔ̀hɔ̀ã]

(na segunda realização do último exemplo, a consoante surda **h** assume a qualidade da vogal precedente, dando a metátese entre **o** e **h**)

Esta vogal surda tem a mesma duração que a parte sonora correspondente: em regra geral, 115 ms para a parte sonora e 115 ms para a parte surda, o conjunto tendo a duração de uma vogal normal.

O tom destas vogais parcialmente surdas é geralmente médio ou baixo, mesmo se a melodia do morfema for alta (^).

Esta regra:

1. Vale unicamente para a **primeira vogal** (ou, mais precisamente: a **primeira mora**) de cada palavra fonológica:

apo + **bãsí** *saber consertar* [ãpɔ̀/mããsí] (2 palavras fonológicas)
consertar+saber

apo - **tí** - **bĩ** (*ele*) *não conserta* [ãpɔ̀tĩmĩ] (1 palavra fonológica)
consertar-neg-3msg

wesé *roça* [vɛ̀ʂɛ̀] (1 palavra fonológica)

wec-sehé *fazeres* [vɛ̀ʂɛ̀hɛ̀] (1 palavra fonológica)
fazer-nom/pl

No 1º exemplo, as primeiras moras de **apo** e **bãsí** tornam-se parcialmente surdas por serem as primeiras de cada palavra fonológica. No 2º exemplo, a primeira mora (**a**) torna-se em parte surda, mas a segunda (**o**) fica inteiramente sonora apesar de ser seguida pela consoante surda **t**. No 3º exemplo, o 1º **e** torna-se em parte surdo por ser a primeira mora. No 4º exemplo, o 1º **e** do radical **wec** *fazer* fica sonoro por não ser seguido por uma consoante surda.

2. Sofre pouquíssimas exceções, que são empréstimos ou compostos polimorfêmicos congelados. Como empréstimos:

mutúru *motor* [mutúru] (< português)

dutúru *doutor* [ˈdutúru] (< português)

pisana *gato* [pisana] (< português **bichano**, passando pelo **nheengatú pixana**)

Outras palavras com consoante intermediária surda mas sem vogal surda são polimorfêmicas. Como exemplo:

pika *dedo* [pĩ kã]

que provêm da palavra **upi-ka** *dente* [ũ ð pĩ kã] com apagamento da 1ª vogal **u**. Como se vê, **i** em **pika** não era a 1ª vogal do morfema antes do apagamento, e **-ka** é um sufixo. Esta palavra será escrita: **piika** no dicionário para levar em conta a não-surdez de **i** e uma regra geral de duração compensatória das moras depois de apagamento de uma mora (cf.2.7.).

Sendo automático, este processo de surdez parcial não deve ser notado. Este caráter automático é comprovado por certos sufixos de derivação (cf.14.2.) começando por uma consoante surda:

- ♦ com o sufixo resultativo =**sa**:

pe=ô v.tr. *colocar* [pɛ́ɔ] (**pe**= colocação, =**o** causativo)

pe=sâ *estar colocado* [pɛ̀ɛsã]

yo=ô v.tr. *pendurar* [jɔ:] (**yo**= ação de pendurar, =**o** causativo)

yo=sâ *estar pendurado* [jɔ̀sã]

- ♦ com o sufixo da voz média =**ti**:

dika-waá v.tr. *dividir* [ᵀdĩkã/vã:]

dika-wa=ti *dividir-se* [ᵀdĩkã/vãᵀ]

|ya=ó| v.tr. *apagar* [jɔ:]

ya=ti *apagar-se* [jaᵀ]

Como se vê pelos exemplos acima, é a surdez da consoante inicial do sufixo derivacional (s de =**sa**, t de =**ti**) que torna a vogal precedente parcialmente surda. **Isto não vale com os sufixos flexionais.**

As consoantes

As consoantes surdas **p**, **t**, **k**, **s** e **h** não têm grande variedade alofônica: **t** e **s** têm uma realização dental ou alveolar (variação livre); **h** assume a qualidade da vogal precedente (além disso, **h** tem distribuição limitada: nunca aparece no começo de palavra, a não ser em algumas interjeições).

/b/ → [m] / em contexto nasal (morfema nasal)

→ [ᵐb] / em contexto oral (morfema oral): no começo da locução fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal (leve pré-nasalização facultativa)

→ [b] / em contexto nasal (morfema oral): outros contextos

sa'ba *enlameado* [sã ᵐbã]

biâ *pimenta* [ᵐbíã]

kãdi-tí-bĩ *não dorme* [kã ᵐtĩ ᵐĩ mĩ]

dormir-neg-3m.sg

bãdí *nós* [mã ᵐtĩ]

/d/ → [ᵀd] / em contexto oral (morfema oral): começo da locução fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal

→ [r] / em contexto oral (morfema oral): posição intervocálica, depois de vogal não posterior (**i**, **e**)

→ [ɾ] / em contexto oral (morfema oral): posição intervocálica, depois de vogal posterior (**a**, **o**, **i**, **u**)

→ [n] / em contexto nasal (morfema nasal): começo de palavra fonológica

→ [ᵀr, ᵀɾ, n] / em contexto nasal: posição intervocálica

→ [d] / em contexto oral (morfema oral): outros contextos

No começo da palavra fonológica

doê *traíra* [ᵀdóɛ]

ba'â+du'u *parar de comer* [ᵐbãã /dũ ð ù]

comer+parar

dãã *eles* [nã:]

apê+dĩ'i-bĩ (*ele*) *brinca ainda* [ãpɛ/ᵐĩ ᵐĩ]

brincar+ainda-3m.sg.

Em posição intervocálica

wedê *avisar* [véɛ]

badá *puçangas* [ᵐbaɾã]

bêdê *ingá* [mɛɛ]~[mɛnɛ]

(a segunda realização do último exemplo sendo o resultado de interferências com outras línguas da região)

Em resumo, o fonema **d** realiza-se como:

1. [ᵀd, d] em contexto oral ou [n] em contexto nasal [começo de palavra fonológica]

2. [r, ɾ] em contexto oral ou [ᵀr, ᵀɾ] em contexto nasal [posição intervocálica], a pronúncia [n] em contexto nasal traindo a influência da língua pira-tapuyo (pelo menos, no rio Uaupés abaixo de Iauaretê)

Existem poucas exceções a esta distribuição alofônica:

- ♦ alguns empréstimos:

Madú *Manoel* onde **d** é pronunciado [d] e não [t]

pisána *gato* onde guardaremos a grafia **n** por corresponder à pronúncia real [pìsànà] e não *[pìsãtã]

- ♦ a interjeição:

adé! *coitado!* pronunciada [ãdẽ] ou [ãtẽ]

Apesar destas raras exceções onde [d] ou [n] aparecem intervocalicamente, nenhuma palavra começa por [r] ou [t]:

♦ certos morfemas começam por [r] mas nunca são o começo de uma palavra fonológica. Em outros termos, são sufixos. Por exemplo, o sufixo **-de referencial**:

petã-de *em relação ao porto* [pẽtãtã]

porto-ref

Em sentido contrário, nenhum sufixo começa por [d] ou [n].

♦ os empréstimos começando por **l** ou **r** em português são tratados da maneira seguinte:

dápi *lâpis* [ˈdãpi]

dáta *lata* [ˈdãtã]

Dúka *Lucas* [ˈdũkã]

Dósa *Rosa* [ˈdõsã]

idimúu *limão* [iɾimũũ]

dásia *lança* [nãsiã]

ou seja, o **l** ou **r** inicial da língua portuguesa realizam-se [ˈd] ou [ˈn] para se conformar à distribuição alofônica da língua ye'pâ-masa; no entanto, o alofone [r] pode aparecer depois da inserção de uma vogal epentética (como no penúltimo exemplo acima).

Estes exemplos de reinterpretação de palavras portuguesas conforme a fonologia da língua ye'pâ-masa mostram bastante que **d/r** são percebidos como uma unidade e que a distribuição alofônica **d/r** é uma "realidade" produtiva.

NOTA

Apesar de **m** ser apenas um alofone de **b** em contexto nasal; de **n**, um alofone de **d** em contexto nasal e em posição inicial; de **r**, um alofone de **d** em posição intervocalica, as grafias **m**, **n** e **r** foram guardadas nas escolas bilíngües por causa dos conflitos gerados com a grafia da língua portuguesa (onde **m**, **n**, **r**, **d** e **b** são fonemas distintos).

/g/ → [ŋ] / em contexto nasal

→ [g] / em contexto oral

ya'gé *mastigar* [jãgẽ]

dôgê *esfregar-se* [nõŋẽ]

Como **h**, **g** é um fonema com distribuição limitada: nunca aparece no começo de uma palavra fonológica. No entanto, pode iniciar um sufixo. Com o sufixo nominal **-ga** forma roliça:

irê *pupunha* **irê-ga** *a fruta* [iɾẽŋã]

kii *mandioca* **kii-gá** *o tubérculo* [kiãgã]

O fato que **g** não aparece em começo de palavra é o resultado de um apagamento diacrônico, explicitado pela regra:

*g → ø / _____

A comparação com outras línguas da mesma família (como a língua desana) sugere esta hipótese:

bicho-de-casco **uû** (ye'pâ-masa) **guû** (desana)

tomar banho **u'á** (ye'pâ-masa) **gu'á** (desana)

osso **õ'ã** (ye'pâ-masa) **gõ'ã** (desana)

Outros argumentos que sugerem uma regra de apagamento:

- ♦ o fonema **g** tem caráter recessivo (são poucos os morfemas com **g**).

♦ o fonema **g** aparece em dois ou três sufixos muito usados. No entanto, em estilo rápido, ele cai:

ape -gó *aquela que brinca* [ããpẽgõ]~[ããpẽõ] (a 2ª realização, no estilo coloquial comum)

brincar-nom/fsg

/w/ → [ũ]~[m] / contexto nasal (variantes livres)

→ [v] / contexto oral (aproximante lábio-dental)

wedê *avisar* [vẽrẽ]

wêô *bambu sp.* [vẽõõ]

/y/ → [j] / em contexto oral

→ [ʲ] / em contexto oral: começo da palavra fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal (facultativo)

→ [j]~[ɲ] / em contexto nasal (variantes livres)

bayâ *mestre de dança* [ˈbãjã]

yaí *onça* [jãí]~[ʲjãí]

yãbã *veado* [jãmã]~[ɲãmã]

NOTA

Uma oclusão glotal [ʔ] precede facultativamente uma vogal que começa a palavra fonológica. Esta oclusão é proibida depois de uma vogal, a não ser se esta for laringalizada:

aâ *gavião* [á:]~[ʔá:] mas não: *[á:ʔ]
da'dá *trabalhar* [ᵐdaãʔa]~[ᵐdaãʔa]

2.2. Os traços

Levando em conta as variações alofônicas e as regras fonológicas que examinaremos no fim deste capítulo (cf.2.7.), escolhemos 7 traços que caracterizam completamente os fonemas segmentais da língua ye'pâ-masa: [sil], [post], [arred], [alto], [surd], [inter], [extr] ([inter]: grau de aproximação das articulações; [+extr] se situa nas duas extremidades da parte do conduto vocal utilizado pela língua).

+sil	-post	+post	
		-arred	+arred
+alt	i	i	u
-alt	e	a	o

	-sil	+extr		-extr
		-post	+post	
+surd	+inter	p	k	t
	-inter		h	s
-surd	+inter	b	g	d
	-inter	w		y

Para defender o arranjo das consoantes apresentado acima (t, s, d, y na mesma coluna, assim como p, b, w), exporemos rapidamente uma regra de ensurdecimento de consoantes sonoras. Esta regra vale para alguns sufixos nominais afixados a verbos nominalizados (cf.11.2.). Por exemplo, com o verbo **apê** *brincar*, os nominalizadores (tom flutuante) e **-di**, e os sufixos **-ga** *forma roliça*, **-gi** *forma retilínea*, **-ti** *forma de panela*, **-wi** *forma tubular*, **-da** *forma de lago*:

|ape- -di-ga| → **apekahá** *coisa roliça para brincar (bola,...)*
|ape- -di-gi| → **apekihí** *coisa retilínea para brincar (pau,...)*
|ape- -di-ti| → **apetihí** *panela para brincar*
|ape- -di-wi| → **apepihí** *coisa tubular para brincar (canoas,...)*
|ape- -di-wa| → **apepahá** *coisa em forma de abóbada para brincar*
|ape- -di-da| → **apetahá** *lago para brincar*

Com **-ye plural**:

|ape- -di-ye| → **apesehé** *coisas para brincar (brinquedos,...)*

|ape-a-di-ye| → **apeátehe** *coisas futuras para brincar*

(nestes exemplos, é o apagamento do sufixo **-di** que acarreta o ensurdecimento das consoantes sonoras com a adição de uma mora, pela regra de duração compensatória, cf.2.7.).

O arranjo **s / y** é também mostrado pelo morfema gramatical {=sa} *resultativo*, cujos alomorfes são /=**sa**/ em contexto oral e /=**ya**/ em contexto nasal:

pe=ô v.tr. *colocar* **pe=sâ** *estar colocado* [pèèśá]
sâh v.tr. *meter* **sâ=yâ** *estar metido* [sãjã]

O arranjo **s / y** argumenta-se também pela comparação entre as línguas tukano:

pau yukî (ye'pâ-masa) **sukí** (siona)
óleo i'sê (ye'pâ-masa) **iye** (barasana)
dançar basâ (ye'pâ-masa) **baya** (desana)

No entanto, o arranjo das consoantes que apresentamos no quadro acima não leva em conta certas variedades alofônicas dos fonemas **y** e **w**: as realizações [ɲ] e [ŋ], em contexto nasal, são [+inter], e não [-inter], como o sugere o quadro. Substituindo o traço [inter] por [contínuo] não resolveria o problema. Com efeito, **w, y, h** e **s** são contínuas, quaisquer sejam os seus alofones (em [ɲ] e [ŋ], o ar passa pelo conduto nasal); no entanto, o fonema **b** tem o alofone não-contínuo [b] e o alofone contínuo [m].

Uma opção seria o quadro seguinte:

	-sil	+extr		-extr	
		-post	+post		
- voz		p	k	t	
+ voz		b	g	d	
0 voz		w	h	s	+fric
				y	-fric

Com este quadro, **w, h, s** e **y** têm o traço [0 voz]: em outras palavras, não são marcados para o traço [voz], não havendo oposição do tipo, por exemplo, **s / z**.

Este novo arranjo não nos satisfaz completamente: não mostra de maneira óbvia o conjunto de consoantes surdas (**p, t, k, s** e **h**) que determinam as variedades vocálicas surdas e que entram nas regras de contaminação nasal (cf.3.2.).

2.3. As oposições

A lista abaixo dá exemplos de oposição em posição inicial ou intervocálica para as consoantes, a língua não admitindo sílabas êmicas fechadas (o padrão é (C)V).

i / i

sití aquela
wii assobiar
pi'ã grudar
biã pimenta
sití ter cheiro
wiá entregar
pi'tó foz

sití ser circular
wii voar
pi'ã tropeçar
biã trançar
sití ser circular
wiá ferver
pi'tó perto

i / u

ahí escarrar
wa'i peixe
ã'ki escolopendra
ti'ã cerrar

ahú ter mau cheiro
wa'ú macaco zogue-zogue
ã'kú estar frouxo
tu'ã aproximar-se

i / u

wapî cunuri
biê flechar
bití estar duro
si'ã estar grudado

wapû certa doença
buê defumar
butí estar maduro
su'ã tecer

e / o

châ atingir
petâ porto
bêc carregar
de'dé andar na ponta dos pés

ohâ pintar
potâ espinho
bôo não ter
de'dó como?

i / o

-gi masculino sg.
bîsâ vocês

-go feminino sg.
bôsâ urucu

i / e

wi'ê não ter êxito
así estar quente

we'ê amassar
asé comer duas coisas juntas

u / o

oâ fazer cacofonia
sidú deslizar
u'á tomar banho

uâ estar zangado
sidó fundo
o'á varrer

a / o

bâ'â caminho
apê brincar
aká caixas
-bâ 3pl

bô'â cobrir
opê breu
akó liquido
-bô 3fsg

a / e

pehâ assentar-se
wâdî estar guloso
weá envolver

pehê palmeira sp.
wêdî morrer
weé fazer

a / i

wapâ peixe sp.
-ga forma roliça

wapî cunuri
-gi forma retílinea

y / w

yââ urtiga sp.
yahá roubar
yiâ estar salgado

wââ fachear
wahá remar
wiâ carregar no ombro

b / w

baá nadar
besé escolher
yabî sentir nojo

waá tirar (água)
wesé roça
yawî samambaia

s / t

su'â tecer
pesâ estar colocado
saâ estar superlotado

tu'â ser detido
petâ porto
taâ cupim

d / y

duû pairar
di'tê esquilo sp.
sâdâ martim-pescador

yuû fazer armadilha
yi'tê ter listras
sâyâ estar metido

p / b

pi'ŋ aturá
petá tocandira
wapê fruta sp.

bi'ŋ rato
betá tucum
wabê mexer

t / d

tuú empurrar
ti'sá gostar
yi'ti listrado

duú comprar
di'sá enfadar-se
yi'di demais

p / w

pa'ã flutuar
pehé muitos
yapî estar farto

wa'ã ir
wehé pescar
yawî samambaia

t / y

tãã assar
teê avrar

yãã urtiga sp.
yeê construir

s / y

scé apanhar
sũ'bi remela
basã dançar

yeé meus
yũ'bi mexer-se
bayã mestre de dança

s / d

soê meter nas cinzas
ãsi franzido

doê traíra
ãdi torcido

p / t / k

petã porto
tií anafórico
paã bater

pekã lenha
kií mandioca
taã capim

k / g

yokó pressagiar
ki'ki cheio
sa'ká besouro sp.

yogó demorar
kigi raquitico
sa'gá estar frouxo

k / h / ø

weé fazer
uú falar
pekã lenha
kió possuir
oá mucura

wehé pescar
uhú pacu
pehá colocar-se
iô querer
ohâ pintar okâ passar remédio

b / d / g

biã pimenta
sa'bá estar enlameado

diã rio
sa'gá estar frouxo

s / h

osô morcego
isã nós

ohô banana
ihâ queimar

2.4. Padrão silábico, segmentos e seqüências de segmentos ambivalentes

O padrão êmico da sílaba é: (C)V₁(V₂). Não há, fonemicamente, sílabas fechadas.

As sílabas éticas são do mesmo tipo, a não ser as sílabas do tipo [(C)V₁V₂?], a oclusão glotal fechando facultativamente uma vogal laringalizada:

be'tô roda [m̥bɛ̃tɔ]~[m̥bɛ̃tɔʔ]

As sílabas com vogal surda obedecem ao mesmo padrão (C)V₁V₂:

petã porto [pɛ̃tã]

Com **h**, a metátese acima referida (cf. 2.1.) dá origem a grupos consonânticos [ph, th, kh, bh,...] ao nível ético:

pahî estar grande [pãhí]~[pháí]

Ao nosso ver, esta segunda pronúncia alternativa (com o grupo de consoantes) não tem repercussão fonológica. Como argumentos:

♦ os verbos **tohá** voltar, **wihá** sair, etc. podem ser realizados como [thãã], [whiã], etc. No entanto, são compostos: **to-há**, **wi-há**, etc., como o prova:

tô-dô-o' fazer voltar

wi-dô-o' fazer sair, etc.

♦ o verbo **chã** atingir (centrifugo) pronuncia-se: [ɛ̃hã]~[ɛ̃hã]~[hã]

Em composição com outro verbo, pronuncia-se de uma maneira só: [ha] (ou, raramente: [ɛɛha]), como no exemplo:

boka+chá *topar* [ᵐbɔ̀kka/hã] (regra de apagamento de vogal inicial de morfema dependente, cf. 2.7.)

A vogal inicial **e** de **cha** foi apagada, o que justifica então a forma fonêmica **cha**; enquanto as formas **hea** ou **ehea**, se tivessem sido escolhidas como formas subjacentes, não teriam conseguido explicar o fenômeno (bastante produtivo na língua) de apagamento de vogal inicial.

♦ a forma **chá** *atingir (centrifugo)* põe-se facilmente em paralelo com: **etâ** *atingir (centripeto)*

emí *atingir (alguém em movimento)*

enquanto **hea** ou **ehea** não explicariam as formas aparentadas.

♦ igualmente, com o causativo =o e o sufixo de limite =ha:

pe=ô *colocar*

pe=hâ *colocar-se* [pɛ̀hã]~[pɛ̀hã]~[pɛ̀hã]

o que mostra a estrutura fonêmica **pehá**, e não **peheá** ou **pheá**.

♦ quando pronunciadas sem metátese, as formas **chá**, **pahí** correspondem à pronúncia de várias línguas tukano que ignoram o processo fonético de metátese (barasana,...). Na pronúncia lenta e aplicada, a metátese é também rejeitada na língua dos ye'pâ-masa.

Em resumo, as realizações de grupos consonânticos de tipo **Ch** correspondem a um fenômeno fonético de metátese ou - melhor - de surdez de vogais adjacentes a **h** e, por isso, não têm nenhuma relevância fonêmica. O padrão silábico é sempre: (C)V₁V₂.

NOTA

O leitor não se deixará enganar pela grafia adotada para o tom laringalizado (apóstrofo), como em:

be'tô *roda* [ᵐbɛ̀g'tó]

de tipo: C₁V₁C₂V₂, a 1ª vogal sendo em parte laringalizada.

Seqüência de vogais

O problema das vogais e da sua duração será tratado no capítulo seguinte, onde as vogais alongadas serão interpretadas como ocupando duas posições na sílaba, por serem numerosas as sílabas do tipo (C)V₁V₂ com V₁ ≠ V₂.

(C)V₁V₂ será considerado monossilábico, V₁ e V₂ sendo proferidas sem

hiato, como em:

doê *traíra* [ᵐdóé]

onde uma oclusão glotal ou leve pausa é impossível entre as 2 vogais (a não ser V₁ laringalizada) e onde as duas vogais são proferidas num único impulso de intensidade estendido sobre as duas (cf. anexo deste capítulo).

Seqüência de consoantes

Já vimos que os fonemas **b** e **d** podem ser levemente pré-nasalizados no começo das locuções fonológicas:

biâ *pimenta* [ᵐbíã]

diâ *rio* [ᵐdíã]

Os grupos consonânticos [ᵐb] e [ᵐd] são realizações de unidades simples (**p** e **m**) e são sempre facultativos. Não são percebidos pelos falantes.

W e Y

Escolhemos símbolos consonânticos e interpretamo-los como fonemas consonânticos pelas razões seguintes:

1. Interpretados como consoantes, permitem diferenciar, por exemplo:

uí *quem tem medo* [úí] de: **wíi** *assobiar* [wíi]

uá *quem está zangado* [uá] de: **waá** *tirar* [waá]

Da mesma maneira, **yíi** *estar preto* pronuncia-se [j'í:] e não *[í:].

2. **w** e **y** são muito freqüentes.

3. Vários morfemas têm alomorfes do tipo yV ou wV, a forma básica sendo CV sem nenhuma ambigüidade. Por exemplo, o sufixo resultativo {=sa} tem como alomorfe =ya em contexto nasal. Se y for interpretado como vogal, esta semelhança estrutural entre y e s (entre uma vogal e uma consoante dental) tornar-se-á difícil de explicar.

Igualmente com o sufixo de forma tubular **-wi**. Precedido pelo sufixo -' (tom flutuante), torna-se **-pihí**. Por exemplo, com **âyú** *bonito*:

[âyú-'di-wi] → **âyupihí** *canoa bonita*

Se **w** for interpretado como vogal, a semelhança estrutural entre **w** e **p** não seria percebida.

4. Se **y** e **w** fossem interpretados como vogais, haveria - e este argumento nos parece decisivo - conflito com a estrutura moraic da língua. No capítulo seguinte, veremos que a língua tem um padrão geral bimoraico:

petâ *porto* **bêé** *carregar* **doê** *traíra*

Se, por exemplo, **yaï onça** fosse escrito **iaï**, teríamos um morfema com três moras, o que seria contrário ao padrão geral e totalmente excepcional. Além disso, a estrutura bimoraica da língua obriga a contrações ou à perda de silabização de vogais:

uï *ter medo* [uï] (2 moras)
lui - ól *causar medo* → **wió** [uĩ] (2 moras) e não: *[uĩ] (3 moras)
 ter medo-caus (silabização de **u** para obedecer à estrutura bimoraica)

Esta estrutura bimoraica nos obriga a interpretar **w** e **y** como consoantes.

5. **y** e **w** têm realizações tipicamente consonânticas em contexto nasal: [ɲ] e [ŋ].

2.5. Dados numéricos

Num total de 8.004 fonemas de textos escolhidos, o número de aparições foi o seguinte:

a	1.478	p	406	b	420	([b]: 144; [m]: 276)
e	958	t	396	d	794	([d]: 62; [r]: 488; [n]: 244)
i	840	k	404	g	74	
o	594	s	204	w	216	
u	204	h	262	y	160	
ĩ	594					

Note-se o seguinte:

- ♦ O número de vogais é 4.668 enquanto o de consoantes é 3.336, ou seja:
V 58,5%
C 41,5%
- ♦ Os diversos modos de articulação das vogais têm freqüências de aparição equilibradas:

i/ĩ/u 1.638
e/o 1.552
a 1.478

- ♦ De todas as vogais, é **u** que tem o caráter de recessividade mais acentuado. Note-se uma certa alternância dialetal entre **o** e **u**:

bo'ê~bu'ê *estudar*
yosâ~yusâ *estar pendurado*

- ♦ As freqüências de aparição das consoantes surdas e das consoantes sonoras são equilibradas:

p/t/k/s/h 1.672
b/d/g/w/y 1.664

- ♦ Com uma freqüência de aparição baixa, **g** é o fonema menos freqüente e com o caráter de recessividade mais acentuado. Encontra-se em posição inicial de certos sufixos usadíssimos (cf.2.6.) ou, raramente, em posição intramorfêmica intervocálica. Apagou-se diacronicamente em posição inicial de palavra fonológica (cf.2.1.).

Os sufixos mais comuns onde **g** aparece são **-gi** masculino singular, **-go** feminino singular. No entanto, **g** cai na pronúncia de todos os dias:

apêgo weemó, apêo weemó (ela) *está brincando*

2.6. Combinação de fonemas

O quadro seguinte agrupa todas as sílabas da língua ye'pâ-masa:

	i	ĩ	u	e	o	a
pi	pĩ	pu	pe	po	pa	
ti	tĩ	tu	te	to	ta	
ki	kĩ	ku	ke	ko	ka	
hi	hĩ	hu	he	ho	ha	
si	sĩ	su	se	so	sa	
bi	bĩ	bu	be	bo	ba	
di	dĩ	du	de	do	da	
(gi)	(gĩ)	(gu)	ge	(go)	(ga)	
wi	wĩ	—	we	(wo)	wa	
(yi)	yĩ	yu	ye	yo	ya	

(entre parênteses, as sílabas raras; — : sílaba inexistente)

Pode-se notar que:

1. **wu** e, praticamente também, **wo** não existem. A explicação articulatória é evidente : **w** é uma aproximante lábio-dental que não se adapta à vogal que segue. Realizado como [ʋ], com os lábios esticados, é incompatível com as vogais arredondadas **o** e **u**.

A principal exceção é o sufixo **-wō** 3f.sg.pastado remoto. Com **apê** *brincar*:

(i) **apê-wō** (ela) *brincou naquela época* (-wō pode ser contração de -wa-bō)

2. **h** e **g** aparecem somente em posição intervocálica. **g** é um fonema recessivo. Num corpus de 2 000 morfemas lexicais:

- 6 morfemas apenas contêm a sílaba	ge
- 1 morfema	gĩ
- 3 morfemas	gi
- 1 morfema	gu
- 1 morfema	ga

além dos sufixos **-go**, **-ga** e **gi** (na pronúncia comum, **g** desaparece nestes sufixos).

3. **w** não é muito comum em posição intervocálica (20 morfemas no mesmo corpus, além dos sufixos). **b** aparece somente em mais ou menos 30 morfemas em posição intervocálica.

4. Há uma certa neutralização das oposições **p/b**, **t/d** e **k/g** em posição intervocálica, em favor dos fonemas surdos **p**, **t** e **k**.

Com **t/d**, a sonora aparece geralmente em contexto nasal quando houver variação alofônica. Por exemplo:

{=ti} voz média → /=ti/ / contexto oral
 → /=di/ / contexto nasal
a'tí este (inanimado) **ã'dí** este (animado, msg) [ããĩ]
a'tígo esta (animado, fsg) **ã'dá** estes (animado, pl) [ããĩ]

Combinação de vogais

Num conjunto de 2 000 lexemas, obtemos as combinações seguintes:

(C)V₁V₂ (V₁ com ou sem laringalização) (---: combinação inexistente; entre parênteses, as combinações raras)

	a	e	i	o	u	i
a	aa	---	ai	---	au	ai
e	ea	ee	---	eo	(eu)	---
i	ia	(ic)	ii	io	---	---
o	oa	oe	---	oo	---	(oi)
u	ua	(ue)	ui	---	uu	---
i	ia	(ic)	---	io	---	ii

(C₁)V₁C₂V₂

	a	e	i	o	u	i
a	aa	ae	ai	ao	au	ai
e	ea	ee	ei	eo	(eu)	(ei)
i	ia	ie	ii	io	(iu)	(ii)
o	oa	oe	---	oo	---	---
u	ua	(ue)	ui	---	uu	(ui)
i	ia	ie	(ii)	io	---	ii

O primeiro quadro mostra as ocorrências de grupos vocálicos; no segundo, uma consoante separa as vogais. Note que:

- ♦ todas as vogais podem ser seguidas por V idêntica ou por **a**. Com

efeito, os grupos **aa**, **ee**, **ii**, etc. são muito freqüentes. Decorrem muitas vezes das regras de harmonia vocálica que serão estudadas no subcapítulo seguinte.

♦ há uma forte tendência à assimilação regressiva que restringe o número de combinações possíveis. Por exemplo, a seqüência ***ao** não foi encontrada, o que resulta de uma regra de assimilação regressiva (a → o / ___o) estudada abaixo.

♦ ***o(C)i**, ***o(C)u**, ***o(C)i** ou seja - ***o(C)V_{alta}** - não foram encontrados (fora uma exceção). Como origens destas restrições:

- o → u / ___ i (assimilação regressiva)
- i → u / o ___ (assimilação progressiva, com o sufixo **-(g)i**)

♦ **e(C)V_{alta}** é raro, menos: **eCi**; **V_{alta}(C)e** e **V_{alta}(C)o** são mais comuns.

♦ existem lacunas aparentemente fortuitas, como **ae** e **ei**, já que estas combinações aparecem com consoante intermediária e que nenhuma regra de assimilação parece explicar a sua não-aparição.

- ♦ há menos restrições com consoante intermediária.

2.7. As regras fonológicas

ass1 $\left[\begin{matrix} +sil \\ -alt \\ -arred \end{matrix} \right] \rightarrow [+arred] / _ = \left[\begin{matrix} +sil \\ -alt \\ +arred \end{matrix} \right]$ (assimilação regressiva do traço [+arred])

Em termos informais, **a** torna-se **o** antes de sufixos derivacionais começando por **o** (a notação: = marca os sufixos derivacionais). Com o sufixo causativo =o:

ĩ'yâ ver → **ĩ'ya=o** → **ĩ'yoó** → **ĩ'yó** fazer ver, mostrar
ass1 bim

wã'á grudar-se → **wã'a=o** → **wã'oó** → **wõ'oó** → **õ'oó** → **õ'ó** grudar
ass1 ass1 *wo bim

wa'â=a' partir → **wa'â=a'o** → **wo'ôo'o** → **o'ôo'o** enviar (fazer partir)
ass1 *wo

Com o sufixo flexional **-o'** *propagativo*, a regra é facultativa:

ĩ'yâ ver → **ĩ'yâ-o'** → **ĩ'yâo'**, **ĩ'yôo'** avistar de longe

Regra também facultativa com consoante intermediária, ou seja, **aCo** > **oCo** (intramorfemicamente):

akó ~ **okó** líquido
ohô+paro ~ **ohô+poro** banana

Esta regra facultativa (dependente do falante) é a principal responsável pelas poucas diferenças dialetais notadas entre os ye'pâ-masa. Em a-Co intermorfêmico, a regra nunca se aplica:

boka-bó *ela achou* (e nunca: ***boko-bó**)
achar -3fsg

ass2 $\left[\begin{array}{c} +\text{sil} \\ +\text{arred} \\ -\text{alt} \end{array} \right] \rightarrow [+alt] / _ = ([-\text{sil}]) \left[\begin{array}{c} +\text{sil} \\ -\text{post} \\ +\text{alt} \end{array} \right]$ (assimilação regressiva do traço [+alt])

Em termos informais, o torna-se u antes de sufixos derivacionais começando por (C)i. Com {=ti} voz média (alomorfes /=ti/ em contexto oral e /=di/ em contexto nasal):

bō'ó *estar emborcado* → **bō'ó=di** → **bō'dí** → **bū'dí** *inclinarse* [mùŷĩ]

|bo=ti| > **butí** *estar maduro*
|dō'o=di| > **dū'dí** *quebrarse* [nùŷĩ]

Com o-Ci, a regra não se aplica:

apo - **bí** *ele conserta* (e não: ***apu-bí**)
consertar-3msg

diss1 $\left[\begin{array}{c} +\text{sil} \\ +\text{alt} \\ +\text{arred} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} +\text{post} \\ -\text{arred} \end{array} \right] / _ = ([-\text{sil}]) \left[\begin{array}{c} +\text{sil} \\ -\text{alt} \\ +\text{arred} \end{array} \right]$ (disssimilação regressiva do traço [arred])

Em termos informais, u torna-se i antes de um sufixo derivacional começando por (C)o. Com o causativo =o:

puú *molhar-se* → **puu=o** → **piú** → **pió** *molhar* [pió]

du=hi *estar sentado* → **du=pa=o** → **dupoó** → **dipoó** → **dipó** *sentar* [dĩpõ]

u'á *tomar banho* → **u'a=o** → **u'oó** → **i'oó** → **i'ó** *banhar*

del.g g → o / - (facultativo)

Em termos informais, g apaga-se facultativamente no começo de sufixos.

Com **kā'dê abiu**, -ga forma roliça e -gi forma retínea (árvore,...):

kā'dêga, kā'dêa *fruta abiu*

kā'dêgi, kā'dêi *pé de abiu*

(as 1^{as} formas aparecem em estilo formal, as 2^{as} são próprias às conversações de todos os dias)

Com as partes do corpo, o apagamento de g é quase de regra:

ē'kêga, ē'kêa *nariz*

dipôga, dipôa *cabeça*

(as 1^{as} formas são um tanto ridículas e pouco naturais)

g não se apaga intra-morfemicamente:

ya'gé *mastigar*, e nunca: ***ya'é**.

ass3 $\left[\begin{array}{c} +\text{sil} \\ +\text{alt} \\ -\text{arred} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} \alpha\text{post} \\ \beta\text{arred} \end{array} \right] / \left[\begin{array}{c} +\text{sil} \\ \alpha\text{post} \\ \beta\text{arred} \end{array} \right] _$ (assimilação progressiva, facultativa)

Em termos informais, i torna-se i depois de i ou e, torna-se u depois de o ou u, e conserva-se i depois de a ou i. Esta regra só vale para os sufixos homófonos:

-gi *animado, masc.sg.*

-gi *forma retínea*

uma vez g apagado (regra anterior, também facultativa).

Com **apê brincar**, **apó consertar**, **idê pupunha** e **pūû-rede**:

ape-gí *quem brinca* **apegí, apeí, apei**

apo-gí *quem conserta* **apogí, apoí, apou**

idê-gi *pupunheira* **idêgi, idêi, frêi**

pūû-gi *rede* **pūûgi, pūûi, pūûu**

Esta assimilação progressiva explica formas aparentadas entre várias línguas da mesma família:

cutia **bui** (kubewa) **būu** (ye'pâ-masa)

jabuti **kūi** (kubewa) **uū** (ye'pâ-masa)

bim

No capítulo seguinte, argumentaremos para uma estrutura bimoraica da língua ye'pâ-masa:

uî <i>ter medo</i>	petâ <i>porto</i>
uú <i>falar</i>	bādî <i>nós</i>
uû <i>bicho-de-casco</i>	idê <i>pupunha</i>

A regra **bim** obriga uma palavra formada de um lexema bimoraico e de certos sufixos a ser segmentalmente ou tonalmente "reajustada" em palavra bimoraica. Com =o *causativo*:

ui = o <i>causar medo</i> → uió → wió (u perde a sua silabicidade para ter medo=caus bim seguir bim)
pa'a = o <i>fazer flutuar</i> → po'óó → po'ó (comprovado pelos sândis tonais, cf. ir flutuar=caus assl bim capítulo próximo)

No entanto:

kāhî *estar deitado* → **kāhió** *deitar* e não: ***kāho**

a palavra ficando trimoraica e não se tornando bimoraica, por não ter a língua nenhuma regra fonológica capaz de reduzir a moraicidade de **kāhîó**.

del.V

O apagamento de vogal inicial seguida por uma consoante surda é bem atestado quando se passa do ye'pâ-masa ao wanano (língua da mesma família):

<i>liquido</i> akó (ye'pâ-masa)	koó (wanano)
<i>morcego</i> osô (ye'pâ-masa)	soó (wanano)

Este processo diacrônico encontra-se também sincronicamente na língua estudada sob forma de uma regra fonológica bastante produtiva: é o apagamento da vogal inicial dos **morfemas dependentes** (morfemas situados à "direita" de um morfema principal). Por exemplo:

apê *brincar* é um morfema independente, não há apagamento de **a** inicial; no entanto:

|bu'pu/apé| *brincar de pular* > **bu'pu/pé**
pular + brincar de

pois **ape** *brincar de* tornou-se um morfema dependente, perdendo a vogal inicial **a**.

Igualmente:

|toha/etá| *chegar de volta* > **toha/tá**
voltar+chegar

|doké/ā'ba| *procurar atirando* > **doké/bā'a**
atirar +procurar

|yukîgi/ūbu| *pau caído* > **yukîgi/ūbu, yukîgi/būu**
árvoze +pau caído

Como se vê pelos dois últimos exemplos, esta regra de apagamento não se limita a V antes de C surda. Além disso, o processo é freqüentemente facultativo (como no último exemplo).

del.(C)Vk

Quando a consoante que segue (C)V inicial a ser apagada é **k**, o apagamento de (C)V inicial é acompanhado por um assopro glotal (h) depois de **k**:

(C)V₁kV₂ → kV₂hV₂ (facultativo: estilo rápido; regra pouco produtiva)

aka-do <i>caixa</i>	→ kaha-do
pō'da-pakó <i>mãe dos filhos</i>	→ pō'da-kohó
filhos - mãe	
bāko-bākó <i>neta</i>	→ bāko-kōhó
filha - filha	

A aparição do assopro glotal **h** que acompanha o apagamento da vogal ou sílaba inicial nos é misteriosa.

Note que o apagamento da vogal é "compensado" pelo aparecimento de uma mora, juntamente com o assopro glotal. Este fenômeno de **duração compensatória** é bem visível com as formas nominalizadas comentadas em 2.2. Por exemplo:

ape' - di - ga → **apekahá** (4 moras, antes e depois do apagamento do sufixo -di)

k → h

Em estilo rápido e em contexto nasal, **k** pronuncia-se [h]:

yābi-ākā <i>amanhã</i>	→ yābiáhā
yî'î+kē'da <i>eu também</i>	→ yî'î/hē'da
eu +também	

u/o

Existe uma certa variação dialetal entre **o** e **u**, sem que possamos por enquanto predizer uma regra fonológica:

bōo ~ **būu** *punhado*
yokā ~ **yukā** *urubu*
yosā ~ **yusā** *estar pendurado*

ANEXO

Os gráficos seguintes foram obtidos com o aparelho de análise acústica CECIL (SIL). Eles mostram que os morfemas do tipo (C)V₁V₂ (com V₁ não laringalizada) devem ser interpretados como monossilábicos por terem unicamente 1 pico de intensidade (loudness) para as 2 moras.

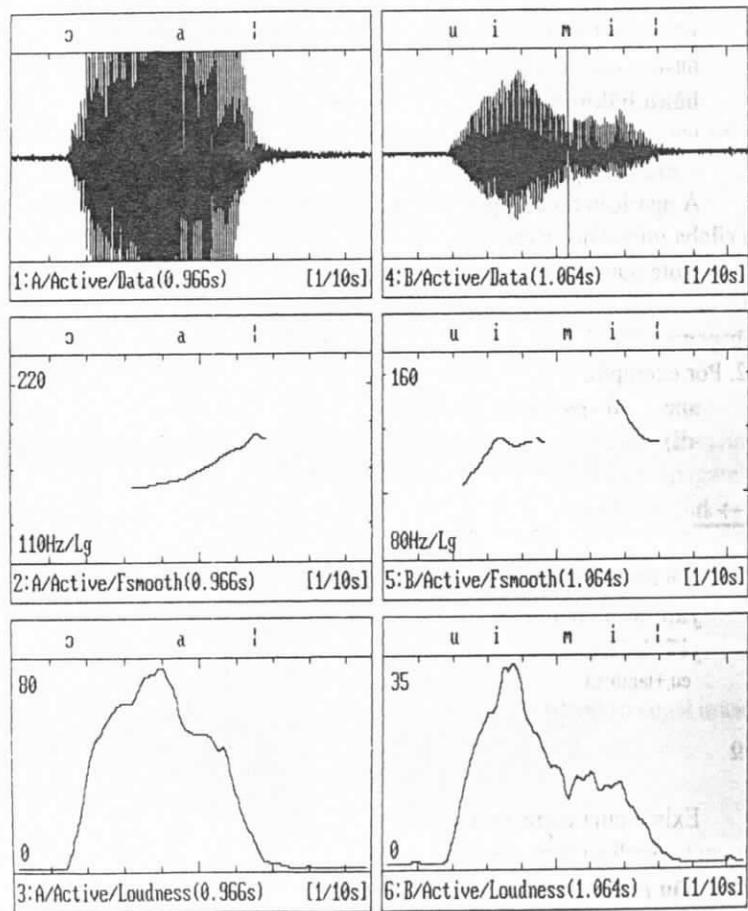


gráfico 1: oá mucura e uĩ-bĩ (ele) tem medo

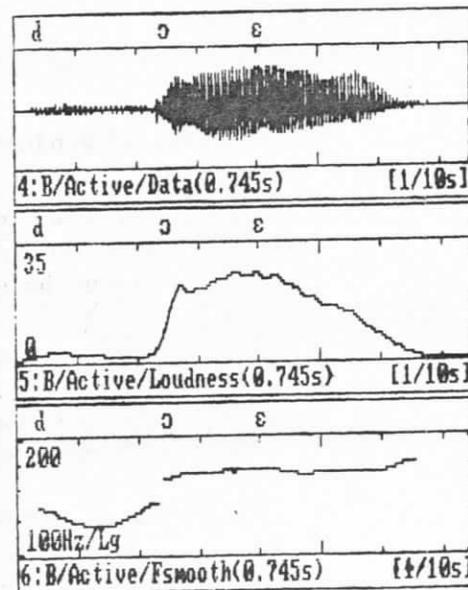


gráfico 2: doê traira

FONOLOGIA SUPRA-SEGMENTAL

3.1. Uma estrutura bimoraica

3.1.1. A fonologia supra-segmental (nasalização, laringalização, melodias tonais) não pode ser abordada sem levar em conta a estrutura silábica do léxico: os morfemas (lexicais ou gramaticais) são 97% mono- ou dissilábicos. Por exemplo:

oá mucura	ēbô macaco guariba
doē traira	petá formiga tocandira
kió possuir	ādî cana
u'á tomar banho	bidî cair

As exceções são empréstimos:

mutúru motor
pisána gato (< português bichano)
kādêkê' galo

ou dissilábicos com sufixo inanalizável:

kadíkū gritar (cf. uúkū conversar < uú falar)
akobohó esquecer
diâyî cão
bākoé pacu sp.
dî'koé pulgas

os 4 últimos exemplos pertencendo às poucas palavras não segmentáveis com mais de 2 sílabas.

3.1.2. Os morfemas do tipo (C)V₁V₂ (com V₁ não laringalizada), como:

doê *traíra* **piô** *derramar* **sîô** *dirigir-se*, etc.

serão interpretados como morfemas **monossilábicos bimoraicos**.

Esta interpretação decorre do fato que **somente há um pico de intensidade** para as 2 moras (não há rearticulação da 2ª vogal) e que nunca há hiato ou pausa entre elas (cf. 2.4. e anexo do capítulo II).

Além disso, os falantes, que separam facilmente as sílabas de - por exemplo - **petá** *formiga tocandira*, nunca conseguem fazê-lo com **doê** *traíra* nem produzir nenhum tipo de pausa entre os dois sons vocálicos deste último morfema.

3.1.3. Sendo numerosas e de combinatória rica, estas seqüências monossilábicas que deixam 2 posições no núcleo silábico (2 moras) nos convidam a interpretar as vogais alongadas dos monossilábicos CV: como ocupando também 2 posições do núcleo silábico (2 moras):

(1) [vê:] *fazer* /**wecé**/

(2) [vê:] *extrair* /**wecê**/

(3) [á:] *gavião* /**laâ**/

Esta interpretação resulta do padrão (C)V₁V₂ que reconhecemos como primordial nesta língua. É independente da melodia tonal associada aos monossilábicos. Não constitui uma análise em moras dos tons de registro e de contorno (este aspecto será tratado mais adiante).

Na língua estudada, a **duração das vogais** não tem função distintiva: todas as vogais em monossilábicos (C)V são foneticamente alongadas, mesmo se as vogais dos morfemas com melodia ascendente são levemente mais compridas que as dos morfemas com melodia alta ou baixa. Por exemplo, **e** em (1) tem aproximadamente a mesma duração que **e** em (2) (o morfema **wecé** tem uma duração maior que **wecê** quando isolado, diferença que desaparece em contexto nos enunciados).

Note também que a leve diferença de duração, por exemplo entre **wecê** e **wecé**, não pode ter alguma dimensão fonológica, já que esta diferença está neutralizada em certos contextos. Por exemplo, com os sufixos **-a-bî** 3ª pessoa masculino singular/passado recente:

wecê-á-bî (*ele*) *fez*, (*ele*) *extraiu*

3.1.4. Os argumentos que sustentam uma **estrutura bimoraica** são também os seguintes:

1. A aparição de vogais surdas antes de consoante surda é uma assimilação regressiva que se efetua somente depois da 1ª vogal do morfema (cf.2.1.):

wesé *roça* [vè̃sɛ̃]

Caso os verbos [vê:] *fazer* e [ní:] *dizer* forem interpretados como monomoraicos, ou seja:

wé *fazer*

nî *dizer*

teríamos, com o sufixo **-kâ** *implicativo (gerúndio)*:

weká *fazendo* [vèkã]

niká *dizendo* [nìkã]

Ora, a escrita sugerida, com o ensurdecimento das 1ªs vogais, as duas pronúncias erradas seguintes: *[vè̃kã] e *[nì̃kã]. Logo, a melhor grafia deve ser bimoraica:

wecé *fazer*

wecá *fazendo*

nîi *dizer*

niiká *dizendo* (ou melhor: **dîi**, **dîiká**)

2. A estrutura bimoraica é também evidenciada pela regra de deslocamento tonal que estudaremos em 3.4.: as palavras dependentes não laringalizadas capturam automaticamente o tom das raízes ascendentes. Exemplo com **tuú** *empurrar* e **peo** *colocar (fazendo algo)* que captura o tom ascendente de **tuú**:

tuú peo *colocar empurrando* [tú: / pē̃]

Como se vê, a captura efetua-se **sempre** na 2ª mora da palavra dependente (aqui, **o**).

Se, por exemplo, a palavra dependente **paa** *bater* fosse de estrutura monomoraica, com a raiz ascendente **yukí** *pau*, teríamos (com o sufixo nominalizador **-ro**):

yukí-paro *batedor de pau* *[jù̃yùkì / pã̃rõ]

e chegaríamos a uma captura na 2ª mora (aqui, **o**), com uma pronúncia incorreta.

No entanto, com uma escrita bimoraica, chegamos à pronúncia certa:

yukí-paaro [jù̃yùkì / pã̃rõ]

o tom capturado caindo na 2ª mora (aqui, **a**).

3. Outra razão para repetir a vogal nos monossilábicos (C)V é de ordem prática. De outro modo, chegaremos às grafias como:

wé *fazer* **wê** *ventar*

wê *extrair* **wê** *espalhar*

de leitura difícil porque os traços nasal e tonal são sobrepostos. Com uma grafia bimoraica, torna-se fácil notar o sinal nasal (~) na 1ª mora, e o sinal tônico (acento agudo ou circunflexo), na 2ª mora. Estas considerações práticas são suficientes, ao nosso ver, para preconizar uma escrita bimoraica independentemente da análise tonal.

4. Os empréstimos do português evidenciam também uma estrutura bimoraica. Com efeito, nota-se que a forma emprestada:

- tem geralmente uma estrutura dissilábica.
- troca fonemas ou fones para se adaptar ao inventário fonológico ye'pâ-masa.

Por exemplo:

Adí *Alexandre*

Kasí *Casimiro*

Diká *Ricardo*

Kidí *Cristóvão*

3.1.5. E os morfemas dissilábicos? Como a seqüência típica é $(C_1)V_1C_2V_2$, como $(C_1)V_1C_2V_2V_3$, intra-morfemicamente, reduz-se a apenas duas entradas no dicionário:

bākoé *pacu sp.*

dī'koé *pulgas*

e como $*(C_1)V_1V_2C_2V_3(V_4)$ não existe, os morfemas dissilábicos serão também interpretados como bimoraicas, independentemente da duração fonologicamente irrelevante das vogais:

[pɛtá:] *porto* /petá/

[pɛtá:] *tocandira* /petá/

[mɛrɛ:] *ingá* /bêdê/

Em resumo, os morfemas lexicais da língua têm uma ou duas sílabas, mas todos têm uma **estrutura bimoraica** (2 moras), ou seja: $(C_1)V_1(C_2)V_2$ para todo o dicionário (a estrutura dos morfemas gramaticais será tratada ulteriormente).

3.2. A nasalização

3.2.1. Kaye (1970) considera a nasalização - em desana (língua da mesma família) - como um traço do morfema inteiro, e não de um segmento preciso do morfema. Segundo ele, todas as vogais e as consoantes sonoras são afetadas pelo fenômeno:

V	→	[Ṽ]
b	→	[m]
d [d, r]	→	[n, ɾ]
g	→	[ŋ]
w	→	[ũ, ɱ]
y	→	[j̃, ɲ]

As consoantes surdas (p, t, k, s, h) não são afetadas pelo traço nasal e a sua realização permanece a mesma. Alguns exemplos:

[j̃ɔ̃s̃s̃] *japim* /yôsô/

[w̃ãɾi] *guloso* /wādî/

[m̃ãɾi] *nós* /bādî/

[m̃biã] *pimenta* /biã/

[ñimã] *veneno* /dibã/

[j̃ãkã] *peixe sp.* /ya'ká/

os morfemas da primeira coluna e o 1º da segunda coluna sendo inteiramente nasais (fora C surdas), e os 2 últimos morfemas, inteiramente orais.

O mesmo autor marca a nasalização pelo símbolo arbitrário N no fim do morfema: **yosôN, badîN, dibãN, wadîN.**

Segundo Welch e West (1985, p.9), a nasalização - em ye'pâ-masa - funciona a nível da sílaba e não do morfema por encontrar-se morfemas em parte nasal e em parte oral. A nasalização é notada por um til (~) em cada sílaba: **yôsô, bādî, dibã, wādî.**

Os três exemplos que as autoras dão como contra-exemplo da regra do morfema "ou tudo nasal ou tudo oral" são pouco convincentes. São:

kúpè *esquerda* **Bādú** *Manoel* **à'bá** *procurar*

O primeiro não participa da regra por ser provavelmente um composto polimorfêmico; o segundo não participa da estrutura da língua por ser um empréstimo; e no terceiro, contestamos a base fonética: o 1º a de **à'bá** tem incontestavelmente uma leve ressonância nasal: [ããmã] e não *[ããmã].

3.2.2. De fato, o exame minucioso de todo o corpus possuído por nós sobre a língua ye'pâ-masa permite corroborar a **regra do tudo ou nada** entrevista por Kaye pela primeira vez: os morfemas são **inteiramente orais ou inteiramente nasais**. Em outras palavras, a nasalidade, em ye'pâ-masa, está situada sintagmaticamente no morfema inteiro, e não paradigmaticamente, como em português, num só segmento. As pressupostas e raras exceções a esta harmonia nasal:

yoa-sô *calango* (a última sílaba é nasal, a primeira, de 2 moras, é oral)

dī'pôsô *bicho-do-pé* (última sílaba nasal; duas primeiras orais)

karikū *conversar* (última nasal; duas primeiras orais)

devem ser polimorfêmicas:

yoa-sôo *calango* (cf. **yoa-dīf** *flechinha para matar calango*)

dī'pô-sôo *bicho-do-pé* (cf. **dī'pô-kā** *pé*)

karí-kūu *gritar* (cf. **uúkū** *conversar* e **uú** *falar*)

O caráter morfêmico da nasalização aparece nas oposições seguintes:

yaí *onça* [jái] **yāi** *murchar* [jái]

kii - gá <i>tubérculo de mandioca</i>	[kigã]
mandioca-forma roliça	
idê - ga <i>fruta pupunha</i>	[ířēñã]
pupunha-f.roliça	
ape-á-pi' <i>ele brincou</i>	[aãpēápĩ]
brincar-3msg.rep	
kādi-á-pi' <i>ele dormiu</i>	[kãřiápĩ]
dormir-3msg.rep	

O ye'pá-masa é uma língua de sufixos. Não há prefixos. Os sufixos podem ser intrinsecamente orais (como nos exemplos acima) ou intrinsecamente nasais (como os sufixos **-wō** 3f.sg./ *passado remoto*, **-kã** *implicativo*, etc.).

A regra de penetração ou contaminação nasal acima enunciada indica que os sufixos concordam com a nasalidade do radical.

Os sufixos começando por uma vogal ou uma consoante sonora (d[r], g, w, y) obedecem a esta regra.

Não há sufixo começando por **b** ou **h**.

Os sufixos começando por uma consoante surda (p, t, k, s) bloqueiam o processo de contaminação (segmentos opacos). As consoantes surdas são naturalmente tensas e fazem obstáculo à penetração nasal. Por exemplo, em:

kādi-ti-á-pi *não dormi* [kãřĩtiápĩ]

dormir-neg-1passado

onde o sufixo negativo **-ti**, começando pela surda **t**, impede a propagação da nasalização ao **i** seguinte e ao sufixo **-a**.

Note que, neste caso, a vogal nasal da raiz tem um leve deslizamento nasal final homorgânico à consoante que segue:

kã-ta *ele mesmo* [kã̃tã]

ele -esp

bêdê-pi *no ingá* [mēřē̃pĩ]

ingá -foc

A contaminação pára no fim de uma palavra fonológica:

kādi-yá! *durma!* [#kãřĩjã̃#]

dormir-imp

kādi+yuú -ya! *durma na espera!* [#kãřĩjũjã̃#]

dormir+esperar-imp

onde o verbo dependente **yuú** na *espera*, não pertencendo à mesma palavra fonológica que **kādi** *dormir*, impede a propagação nasal de se efetuar nele e no sufixo **-ya** *imperativo* (a fronteira entre 2 palavras fonológicas é marcada por um traço oblíquo [/]). A nasalização é um bom critério para situar as fronteiras

entre palavras fonológicas (cf. 3.5.).

Em resumo:

♦ o morfema é um lugar relevante para a nasalização. Cada morfema é inteiramente nasal ou oral, e não há exceção. As consoantes surdas não são afetadas.

♦ a nasalização propaga-se a todos os sufixos que não começam por uma consoante surda:

$$\begin{bmatrix} \pm\text{sil} \\ -\text{surd} \end{bmatrix} \rightarrow [+nas] / [+nas] - ___$$

Esta regra é iterativa, podendo ser aplicada a 2, 3, ... sufixos, desde que não haja uma consoante surda para parar a propagação nasal. Caso um sufixo for intrinsecamente nasal, ele serve de fonte de nasalização para os sufixos que o seguem. Com **apê** *brincar*, **-dá** *pl.animado* e **-de** *referencial*:

ape-dá *os que brincam* [aãpēřã]

ape-dá-de *aos que brincam* [aãpēřãřē]

onde o sufixo **-de** é nasalmente contaminado pelo sufixo **-dá**.

♦ esta regra de propagação nasal pára na fronteira entre 2 palavras fonológicas.

Uma única exceção: o sufixo aumentativo **-dohó**.

Um lexema nasal nunca contamina o sufixo aumentativo **-dohó** [řõhõ], apesar de ser ele um sufixo começando por uma consoante sonora e não um nome dependente pertencendo a outra palavra fonológica (como o prova o **d** inicial realizando-se como [r] e não como [d]):

peta-dohó *porto grande* [pēřtařõhõ]

porto -aum

ibi -dohó *homem grande* [imũřõhõ]

homem-aum

fica oral ↙

3.2.5. Contaminação regressiva

Como já notamos, não existem prefixos. No entanto, um sufixo intrinsecamente nasal pode contaminar as vogais da última sílaba de um radical intrinsecamente oral:

uti-ã *cabas* [uũtiã]

caba-pl

uti-ã-wř *uma caba* [uũtiãwř]

caba-pl-singulativo

com - no segundo exemplo - uma leve nasalização nas vogais da sílaba **tia** (contaminação regressiva do sufixo **-wĩ**).

beka-gĩ *baniwa* [ᵐbɛ̃kãgĩ]

baniwa-msg

beka-dã *baniwas* [ᵐbɛ̃kãdã]

baniwa-pl

com - no segundo exemplo - uma leve nasalização na vogal da sílaba **ka** (contaminação regressiva de **-dã**).

Em resumo:

- ♦ os morfemas lexicais: inteiramente nasais ou orais.
- ♦ os sufixos: também intrinsecamente nasais ou orais. Caso o sufixo for oral e o radical for nasal, há contaminação progressiva da nasalização (propagação bloqueada por C_{surda}). Os sufixos intrinsecamente nasais contaminam os sufixos intrinsecamente orais subseqüentes nas mesmas condições.

- ♦ a contaminação regressiva (de um sufixo nasal para um radical oral) é reduzida a pouca coisa.

3.2.6. Abordagem teórica

⇒ **Análise segmental**

♦ A melhor análise segmental, ao nosso ver, seria de propor como unidade segmental uma nasal indeterminada final N para os morfemas nasais:

āyâ → **ayâN** *jararaca*

bītê → **bitêN** *carapanã*

kādĩ → **kadĩN** *dormir*

Corresponde à notação proposta por Kaye (1970); no entanto, o que era para ele uma mera convenção tornar-se-ia agora uma grafia que indicaria a fonte de nasalização. Teríamos o conjunto de regras:

(1) [-surd] → [+nas] / { # } ____ [±sil]ⁿ N

(2) [-surd] → [+nas] / N [±sil]ⁿ ____ /
[-surd]

(1) explicita a nasalização de todos os segmentos não surdos precedendo N, no limite do morfema.

(2) explicita a contaminação progressiva de um segmento não surdo não separado de N por uma consoante surda, no limite da palavra fonológica.

Estas duas regras dão o conjunto dos fenômenos encontrados. No entanto, a presença do segmento N no fim dos morfemas nasais deixa supor neste ponto da cadeia segmental uma fonte de nasalização que a intuição e a estrutura da língua recusam-se a especificar ou colocariam em outro ponto da cadeia. Por exemplo:

kadĩN *dormir* [kãdĩ]

sayâN *estar metido dentro* [sãjã]

são de fato polimorfêmicos. Compare com:

kabõN *fazer dormir* [kãmõ]

← **kaaN=ba=õ**
dormir = ? =caus

saân *meter dentro* [sã:]

De fato, isso evidencia os afixos {=ti} *voz média* e {=sa} *resultativo* que são sufixos derivacionais com os alomorfes seguintes:

/=ti/ em contexto oral e /=di/ em contexto nasal

/=sa/ em contexto oral e /=ya/ em contexto nasal

o que mostra que a fonte de nasalização, para **kadĩN** e **sayâN**, está na 1ª sílaba.

Em conseqüência, o segmento N deveria, nestes casos, aparecer no fim da 1ª sílaba: **kaNdĩ** e **saNyâ** (as escritas: ***kaaNdĩ** e ***saaNyâ** também não poderiam ser aceitas, já que criariam seqüências trimoraicas para palavras que foram reajustadas em bimoraica pela regra fonológica **bim**, como se pode ver pelas regras de sândis tonais explicitadas em 3.4.).

A impossibilidade de localizar as fontes de nasalização torna esta análise pouco natural. Além disso, se a regra (2) nos parece corresponder a processos reais, (1) é uma espécie de propagação regressiva bem misteriosa, já que o processo passaria em cima das consoantes surdas (o que é impossível progressivamente).

♦ A segunda análise segmental, com a unidade segmental N depois da 1ª mora do morfema, não satisfaz pelas mesmas razões. Por exemplo, em:

āyâ → **aNyâ** *jararaca*

bītê → **biNtê** *carapanã*

bībĩ → **biNbĩ** *beija-flor*

N propagar-se-ia na 2ª mora dos morfemas com C surda (como **biNtê**), mas seria bloqueado pelas mesmas consoantes surdas dos sufixos. Em outras palavras, C_{surda} seria intra-morfemicamente **transparente** e inter-morfemicamente **opaca**. Mesma inconsistência, e - também - mesma arbitrariedade em localizar a fonte de nasalização na primeira sílaba do morfema.

◊ Uma terceira análise segmental - a de fazer das duas moras do morfema as fontes de nasalização - como em:

āyā → āyā̃
bītē → bītē̃

não leva em conta o fato que todos os morfemas são inteiramente nasais ou orais.

⇒ **Análise supra-segmental**

Levando em conta o caráter morfêmico do processo, é possível diferenciar 2 tipos de morfemas:

- ♦ os morfemas sem especificação [+nas], com todos os segmentos orais.
- ♦ os morfemas com especificação [+nas], com todas as vogais e consoantes sonoras nasais, as consoantes surdas sendo ignorados pelo traço [+nas].

No quadro da fonologia auto-segmental, o traço [+nas] pode ser separado numa fileira independente. Por exemplo:

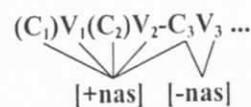
- (1) **badá** puçangas [m̃bãṛã] (2) **bakâ** povoado [mãṛkã]
[+nas]
(3) **weé** fazer [wɛ:] (4) **weé** ventar [wɛ:]
[+nas]

Em (4), cada segmento nasaliza-se: **weé** ventar
[+nas]

Em (2), **k** é ignorado: **bakâ** povoado
[+nas]

Ou seja: $-(C_1)V_1(C_2)V_2-$ C_{1,2} sonora, no limite do morfema
[+nas]

Com sufixo intrinsecamente oral:
(C₁)V₁(C₂)V₂-(C₃)V₃ ... C_{3...} sonora (contaminação regressiva)
[+nas]



C_{3...} surda (C₃ é um segmento opaco que bloqueia a nasalização; com os 2 traços [+nas] e [-nas], ou seja: pré-nasalada)

Por exemplo: dormir - neg - 3msg **k a d i - t i - b i** *ele não dorme* [kã ṛĩ ñim̃]
[+nas][+nas][+nas]

As vantagens da teoria supra-segmental são evidentes:

1. Não há prova argumentada de direção precisa para uma contaminação intra-morfêmica (assimilação da nasalização de uma sílaba para outra, nos lexemas bimoraicos). Vimos que, com os sufixos, a contaminação é geralmente progressiva. No entanto, há também evidência de contaminação regressiva (do sufixo para a raiz). Compare:

ape -dá *os que brincam* [ãpêṛã] (sem nenhuma contaminação)
brincar-nom.
apê -dã *outros* [ãpêṛã] (contaminação regressiva para a maioria dos falantes)
outro-3 pl

Se há evidência de contaminação regressiva entre sufixo e raiz, a contaminação regressiva da 2ª vogal da raiz para a 1ª deve ser ainda mais forte. O processo aparece, por exemplo, no lexema:

ã'rá *estes* (morfema inteiramente nasal para todos os falantes)
com a raiz |a'ti-| *este* e o sufixo **-dã** plural.

Em outras palavras, não há direção de propagação privilegiada para a assimilação nasal, e torna-se impossível localizar uma fonte para o fenômeno.

2. Alguns casos de alternância morfema oral/ morfema nasal são atestados:

basi-o *ser possível*
bāsî *saber, poder* [mãṛsî̃]
ĩ'tâ *excrementos*
ĩ'dá *defecar* [ĩṛã̃]

o que sugere a existência de um morfema nasal.

No entanto, esses casos são extremamente raros, e não há evidência de um apagamento de segmentos deixando uma nasalização flutuante (o que acontece, como veremos, com o sistema tonal).

Além disso, a ligação óbvia entre todas as regras fonológicas da língua é a **assimilação** (progressiva ou regressiva, cf.2.7.). Isso sugere que a nasalização

Mais dois argumentos para uma análise supra-segmental da laringalização:

- ♦ na seção seguinte, o caráter tonal da laringalização será evidenciado pelas suas interações com a melodia ascendente.
- ♦ em desana (língua da mesma família), [+G] realiza-se na 2ª mora, com morfemas aparentados aos do ye'pâ-masa. Em outras palavras, [+G] não tem lugar segmental de realização fixo:

waí peixe → [vãáí] (ye'pâ-masa) / [vãí] (desana)

[+G]

kedâ capinar → [kêêrã] (ye'pâ-masa) / [kêrã] (desana)

[+nas][+G]

Isso vale cada vez que $C_{\text{intervocálico}} = \emptyset, d[r], [m], y, g$. Quando $C_{\text{intervocálico}} = k, b, [+G]$ realiza-se na 1ª mora nas duas línguas.

Muitos pontos delicados deverão ser esclarecidos em estudos ulteriores. Em particular, a realização fonética desta "laringalização" mereceria mais atenção, já que, nos sufixos, por exemplo, ela se realiza como uma descida tonal sem que haja, para muitos falantes, nenhuma laringalização perceptível.

3.4. As melodias alta, ascendente e baixa

Abordagem Descritiva

Apresentaremos, primeiro, o sistema tonal no **nível lexical**; segundo, descreveremos os **sândis tonais** entre raízes e sufixos/palavras dependentes. O leitor desejoso de ter mais detalhes poderá consultar o capítulo 15.

Nível Lexical

3.4.1. Consideramos os exemplos seguintes (com L tom baixo, H tom alto, M tom médio):

- [ṹ]ṹ abacate (V₁, V₂: tom de registro alto)
- [ũ̀]ũ̀ jeju (peixe sp.) (V₁: tom de registro baixo, V₂: tom de contorno baixo-alto)
- [vêré] avisar (V₁, V₂: tom de registro H)
- [vêrê] limpar (visceras) (V₁: tom de registro L, V₂: tom de contorno LH)
- [vê:] extrair (V: tom de registro H)
- [vê:] fazer (V: tom de contorno LH)

A duração dos segundos morfemas de cada par (com tom de contorno) é levemente superior à dos primeiros morfemas (com tom de registro) quando proferidos isoladamente. Esta diferença de duração desaparece dentro do contexto. No entanto, a modulação permanece constante: 12% de desnível com palavras isoladas ou em contexto (cf. gráfico nº1 no anexo do capítulo III). Outros argumentos em favor de uma análise tonal e contra uma análise em duração de vogais serão fornecidos na abordagem teórica deste subcapítulo.

Propomos notar com um **acento circunflexo** os primeiros morfemas de cada par, e com um **acento agudo** os segundos morfemas. Esta acentuação tonal será notada na 2ª mora de cada morfema, a 1ª sendo reservada à nasalização. Os morfemas notados com o acento circunflexo serão ditos de **melodia alta** (ou **de registro**), e os com o acento agudo serão ditos de **melodia ascendente** (ou **de contorno**). Com os exemplos acima, obtemos as grafias seguintes:

ũyũ abacate **werê** avisar **wêê** extrair

ũyú jeju **weré** limpar **wêé** fazer

Agora, consideremos os pares seguintes:

- [pêḡtá] porto (V₁: tom de registro L, V₂: tom de registro H)
- [pêḡtá] tocandira (V₁: tom de registro L, V₂: tom de contorno MH)
- [ĩḡsḡ] coxa (V₁: tom de registro L, V₂: tom de registro H)
- [ĩḡsḡ] jacaré (V₁: tom de registro L, V₂: tom de contorno MH)
- [ũḡhũ] sugar (V₁: tom de registro L, V₂: tom de registro H)
- [ũḡhũ] pacu (V₁: tom de registro L, V₂: tom de contorno MH)
- [tuḡkũ] fruta sp. (V₁: tom de registro L, V₂: tom de registro H)
- [tuḡkũ] anguloso (V₁: tom de registro L, V₂: tom de contorno MH)

A diferença de duração não é relevante (cf. gráficos nº2 e nº3 em anexo).

Com as mesmas notações, teríamos:

petâ porto **isô** coxa **uhũ** sugar **tu'kũ** fruta sp.
petá tocandira **isó** jacaré **uhú** pacu **tu'kú** anguloso

o que sugere a distribuição alofônica seguinte:

$(C_1)V_1(C_2)\hat{V}_2 \rightarrow [(C_1)\hat{V}_1(C_2)\hat{V}_2]$ (V₁, V₂: tom de registro alto)

melodia alta (Λ) se C₂ = ∅ ou C_{sonora}

$\rightarrow [(C_1)\hat{V}_1(C_2)\hat{V}_2]$ (V₁: tom de registro baixo, V₂: tom de registro alto)

se V₁ for surda (i.e. C₂ surda) ou laringalizada

$(C_1)V_1(C_2)\check{V}_2 \rightarrow [(C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2]$ (V_1 : tom baixo, V_2 : tom de contorno baixo-alto)
melodia ascendente (´) se $C_2 = \emptyset$ ou C_{sonora}
 $\rightarrow [(C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2]$ (V_1 : tom baixo, V_2 : tom de contorno médio-baixo)
 se V_1 for surda (i.e. C_2 surda) ou laringalizada

3.4.2. As variações alotônicas de realização da melodia alta podem estranhar: num alotom, V_1 é alta; no outro, V_1 é baixa. Os argumentos para tal agrupamento dos alotons são os seguintes:

- ◆ é o caráter surdo ou laringalizado da vogal V_1 que acarreta geralmente, nesta língua, uma realização tonal mais baixa desta vogal.
- ◆ a distribuição entre os alotons é complementar.
- ◆ a comparação com outras línguas da mesma família mostra que as vogais surdas do ye'pâ-masa correspondem a vogais sonoras em outras línguas. Tal correspondência é regular com a língua desana:

<i>porto</i>	petâ	[pɛ̃tã]	(ye'pâ-masa)
	pedâ	[pɛrã]	(desana)
<i>espinho</i>	potâ	[pɔ̃tã]	(ye'pâ-masa)
	podâ	[pɔrã]	(desana)

ou seja: ao alotom [´´] do ye'pâ-masa corresponde o alotom [´´] do desana. Obviamente, é a qualidade da vogal V_1 que é responsável pela variação alotônica.

- ◆ as regras de sândis tonais (este argumento é - ao nosso ver - o mais importante) tendem também a reunir estes dois alotons e a fazer deles variações do mesmo tonema. Por exemplo, veremos adiante que a maioria dos sufixos são fonologicamente átonos (sem tom alto ou baixo-alto intrinsecamente associado): foneticamente, são realizados em tom baixo quando seguem um morfema lexical de melodia alta, **qualquer seja a sua realização alotônica** (as 2 variantes que nos preocupam). Por exemplo, com o sufixo referencial **-de**:

üyû-de → **üyûde** em relação ao abacate [újũtɛ̃]
petâ-de → **petâde** em relação ao porto [pɛ̃tãtɛ̃]

mas, com os alotons da melodia ascendente, as regras de sândis tonais são totalmente diferentes: há um deslocamento do tom de contorno LH ou MH do radical para o sufixo (cf. exemplos adiante).

3.4.3. Uma terceira melodia caracteriza os lexemas: é a melodia baixa. É própria aos morfemas dependentes:

[tɔ̃ ɔ̃ ɔ̃] *cacho de* [mã ɔ̃ sã] *saber (fazer algo)*

[ˈdã:] *fiu de* [sã̃ ɔ̃ ɔ̃] *querer (fazer algo)*
 (V_1, V_2 : tom de contorno médio-baixo ou baixo-super-baixo)

Os morfemas de melodia baixa não terão acentuação gráfica:

tõ'o *cacho de* **bãsi** *saber (fazer algo)*
daa *fiu de* **sĩ'di** *querer (fazer algo)*

Também dois alotons:

$(C_1)V_1(C_2)V_2 \rightarrow (C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2$ (V_1, V_2 : tom de contorno médio-baixo, ou baixo-super-baixo)

$\rightarrow (C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2$ (V_1, V_2 : tom baixo)

em variantes livres.

Exemplos de oposição:

pa'tâ *anfíbio sp.* **pa'ta** *paralelepípedo de*
putí *assoprar* **puti** *rolo de*

Exemplo de oposição entre as três melodias:

wêê *ventar* **wêê** *espalhar* **wêe** *(planta) de galhos flexíveis*

3.4.4. Existem uma dúzia de lexemas com melodia descendente [´´] (tom de registro H na 1ª mora e L na 2ª). A sua escassez sugere uma origem polimorfêmica para eles, a menos que sejam empréstimos. São sempre substantivos. Por exemplo:

yídu *grilo* [jírù] (provavelmente do português)
pātu *coca* **pêdu** *caxiri*
êtu *molusco sp.* **tãtã** *jacarim*
ûhudi *jabutí*

3.4.5. Para terminar, convém notar a existência de alguns lexemas tonicamente instáveis: a sua melodia tonal muda conforme o contexto morfológico. Por exemplo, o lexema **doké ~ dokê** *atirar*:

- ◆ alomorfe de melodia ascendente, quando só ou antes dos sufixos, como: **doké-kã'-bĩ!** *(ele) atira sim!*
- ◆ alomorfe de melodia alta, antes de certos verbos dependentes, como: **dokê sãha** *entrar atirando, participar de*

Esses lexemas instáveis são raros. São mencionados no dicionário.

Convém citar:

ōbá ~ ōbâ *correr*

putí ~ putí *assoprar*

ā'bé ~ ā'bê *vingar-se*

Em resumo, 3 melodias tonais estão em oposição nos lexemas:

melodia alta (ˆ) [ˆ ˆ] ~ [ˆ ˆ] ~ [ˆ ˆ]
melodia ascendente (ˆ) [ˆ ˆ] ~ [ˆ ˆ]
melodia baixa [ˆ ˆ] ~ [ˆ ˆ] (variantes livres)

Note os vários alotons de melodia alta:

- o 1º: sem consoante intermediária ou com consoante intermediária sonora
- o 2º: com vogal inicial surda ou laringalizada
- o 3º: com vogal inicial surda (variante livre do 2º alotom)

Nos três alotons, um tom de registro alto aparece sempre (na 1ª ou na 2ª mora). Por isso, a melodia alta foi também chamada de **melodia de registro**, em oposição com a **melodia ascendente** ou **de contorno**. Ambas são melodias tônicas, em oposição com a **melodia baixa** ou **átona**.

Sândis tonais

3.4.6. Os **sufixos** verbais ou nominais são **fonologicamente átonos**, ou seja, não possuem um tom próprio alto: a sua realização fonética é como a de um lexema de melodia baixa (tom baixo ou médio-baixo). No entanto, podem "capturar" o tom alto de certas melodias, como veremos adiante.

Para mostrar que estes sufixos são fonologicamente átonos, basta sufixá-los a lexemas sem tom alto próprio (i.e. de melodia baixa). Por exemplo, com **site** *espalhar* e o sufixo **-bī** 3msg.:

site-bī *ele espalha* [sī̃ tē mī̃] (V₁, V₂, V₃: tom baixo)

Se **-bī** tivesse um tom próprio alto, deveria aparecer depois do verbo de melodia baixa **site**.

Outro exemplo com **pa'ta** *paralelepipedo* e **-di** *inan.pl.*:

pa'ta-di *paralelepipedos* [pā̃ ā̃ tā̃ tī̃]

3.4.7. Com radicais de **melodia ascendente**, há um processo de **deslocamento tonal** muito produtivo:

os sufixos **não laringalizados** capturam automaticamente o tom das raízes ascendentes; nunca capturam o tom das raízes altas.

Em outras palavras, o tom de contorno (LH ou MH) passa do radical (que o perde) para o sufixo, ou seja, o tom de contorno de um lexema de melodia ascendente aparece sobre o sufixo:

apó *consertar* [ããpõ̃] → **apo-bī** *ele conserta* [ããpõ̃mī̃] (**-bī** 3msg)

ūyū *jeju* [ūjū̃] → **ūyu-dé** *para o jeju* [ūjū̃tē̃] (**-de** referencial)

Podemos formular a regra de deslocamento tonal da maneira seguinte:

raiz tônica ascendente-suf.(átono) → **raiz átona-suf.ascendente**

Note, nos últimos exemplos, a grafia monomoraica adotada para os sufixos. Isto não contradiz a nossa teoria sobre a estrutura bimoraica dos morfemas, na medida em que uma grafia bimoraica para os sufixos seria muito pesada, já que nenhum dos sufixos da língua estudada tem uma forma silábica do tipo: **-(C)V₁V₂** (V₁ ≠ V₂). São sempre monossilábicos e nunca com duas posições distintas no núcleo silábico. Por isso, preconizamos as grafias **-bī**, **-de**, etc. em vez de **-bīi**, **-dec**, etc.

Podemos voltar agora ao nosso processo de deslocamento tonal: este deslocamento do tom de contorno do radical para o sufixo conforta a nossa argumentação precedente (os sufixos não têm tons intrínsecos).

3.4.8. Com os morfemas de melodia alta, o(s) tom(ns) alto(s) do radical permanecem nele, o sufixo não podendo capturá-los. Os sufixos permanecem foneticamente átonos:

ūyū *abacate* **ūyū-de** *em relação com o abacate* [ūjū̃tē̃]
apê *brincar* **apê-bī** *ele brinca* [ããpēmī̃]

Em resumo:

radical de m. baixa: C₁V₁C₂V₂-C₃V₃ → C₁V₁C₂V₂C₃V₃

radical de m. alta: C₁V₁C₂Ŷ₂-C₃V₃ → C₁V₁C₂Ŷ₂C₃V₃

radical de m. ascendente: C₁V₁C₂Ŷ₂-C₃V₃ → C₁V₁C₂V₂C₃Ŷ₃

Como se vê, os sufixos capturam unicamente o tom de contorno dos lexemas de melodia ascendente, que - por sua vez - tornam-se de melodia baixa.

3.4.9. Os **sufixos laringalizados** têm um comportamento tonal diferente dos outros. Não capturam nem deixam passar o tom: **bloqueiam qualquer melodia à sua direita**. São **segmentos opacos**, a presença da laringalização impedindo

o deslocamento tonal. Exemplos com o sufixo assertivo **-kã'**:

- apê-bī → apêbī *ele brinca*
- apê-kã'-bī → apêkã'bī *ele brinca sim*
- apó-bī → apóbī *ele conserta*
- apó-kã'-bī → apókã'bī *ele conserta sim*

No último exemplo, o tom de contorno do radical de melodia ascendente apó não se desloca, porque o seu deslocamento é bloqueado pelo sufixo laringalizado **-kã'**. Este bloqueio laringal não sofre **nenhuma exceção**.

3.4.10. Duas observações importantes:

♦ este deslocamento tonal com lexemas de melodia ascendente **não é reiterativo**. Não se realiza uma segunda vez com um segundo sufixo:

- apó -bī → apóbī *ele conserta*
consertar-3msg
- apó -ti -bī → apotíbī *ele não conserta* (e nunca : *apotíbī)
consertar-neg-3msg

♦ existem alguns sufixos irregulares. São muito poucos sufixos que não se conformam aos processos descritos acima (que, por isso, consideramos regulares).

Vejamos rapidamente as principais irregularidades (cf. 15.4-6. para mais detalhes):

① Os sufixos sem onset consonântico (sufixo nominal **-a passado recente**, sufixo nominal homófono **-a plural/animado**, sufixo **=o causativo**, etc.) integram-se à estrutura tonal da raiz lexêmica, o **conjunto formando uma nova unidade tonal** ascendente ou alta. Exemplos de conjunto **RAIZ-V** formando uma unidade tonal ascendente:

- apê -a-bī → apeábī *ele brincou* [ã̀p̄eámī]
brincar-p.rec
- akê -a → akéá *macacos* [ã̀k̄eá]
macaco-pl
- puú -o → puó → pió *molhar* [p̄iõ]
molhar-se-caus diss1

Com o plural **-a**, o radical de melodia alta às vezes permanece inalterado, o sufixo levando também um tom alto. Esse sândi é bastante produtivo, e os plurais deste tipo são dados pelo dicionário (cf. 8.3.):

- ēbô *guariba* ēbô-a → ēboâ *guaribas* [ém̄õá]
- bikô *tamanduá* bikô-a → bikoâ *tamanduás* [m̄b̄uõk̄óá]

Quando **-a passado recente** não é adjacente a um radical alto, a melodia deste radical fica alta:

- apê -ti-a-bī → apêtiabī *não brincou* [ã̀p̄etiã̄ m̄ī]
brincar -neg-p.rec

Quando **-a passado recente** não é adjacente a um radical ascendente, o deslocamento do tom de contorno efetua-se até este sufixo:

- apó -ti-a-bī → apotiábī *não consertou* [ã̀p̄otiã̄ m̄ī]
consertar-neg-p.rec

Notemos bem que estes sufixos não começam por uma consoante ou uma vogal laringalizada.

② Os sufixos nominalizadores (cf. 11) capturam o tom de qualquer raiz verbal quando forem adjacentes a esta raiz, abaixando a melodia dela. Exemplo com o nominalizador do masculino singular animado **-gi**:

- apê-gi → apégí *o homem que brinca* [ã̀p̄eḡī]
- apó-gi → apogí *o homem que conserta* [ã̀p̄oḡī]

Quando o nominalizador não for adjacente ao radical de melodia alta, a melodia deste último permanece alta :

- apê -ti-gi → apêtigi *o homem que não brinca* [ã̀p̄etigī]
brincar-neg-nom

Quando não for adjacente a um radical de melodia ascendente, a regra de deslocamento continua válida e é o 1º sufixo que captura o tom de contorno do radical:

- apó-ti-gi → apotigi *o homem que não conserta* [ã̀p̄otigī]

No caso desses nominalizadores, sugerimos a existência de um **tom flutuante**, reescrevendo - por exemplo - o "nominalizador" **-gi** em **-'gi**. Pensamos que o tom flutuante é o "vestígio" supra-segmental do apagamento do sufixo **-a nominalizador** (cf. 11.2.), o sufixo **-gi** não sendo um nominalizador mas um sufixo nominal que marca o masculino singular animado : o segmento caiu, deixando o seu tom permanecer. Por exemplo:

- |apê-a-go| > |apeágo| > |apego| > |apégo| > apégó
unidade tonal com -a apagamento deslocamento

Com a postulação de um tom flutuante, os sufixos nominalizadores não devem ser considerados como sufixos irregulares.

③ Alguns sufixos como **-sa** *modalidade sentida* e **-pa** *plural de forma* (cf.5 e 8.7.) são **tonalmente transparentes** ao processo de deslocamento tonal: deixam passar o tom de contorno do radical ascendente para o segundo sufixo, sempre morfologicamente obrigatório.

Exemplo com **-sa** *modalidade sentida*, **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:
apê-sa-bī → **apêsabī** *ouço-o brincar* [aapēsã mī]
apó-sa-bī → **aposabī** *ouço-o consertar* [aapôsãmī]

Exemplo com **-pa** *plural de forma* e **kii** *mandioca*:
kii-pa-ga → **kii-pa-gá** *tubérculos de mandioca*

Como se vê, **-sa** e **-pa** são transparentes ou invisíveis para o processo de deslocamento tonal: sendo fonologicamente átonos e não capturando nenhum tom, são sempre proferidos em tom baixo.

Como explicar o fenômeno? Sugerimos que estes casos de transparência tonal, apesar de serem irregulares, talvez não sejam tão periféricos como parecem. Com efeito, veremos a seguir que o deslocamento efetua-se sempre na 2ª mora dos verbos e nomes dependentes, a 1ª mora sendo sempre transparente. O que é verdade para os verbos e nomes dependentes o é também para os sufixos, que foram escritos com grafia monomoraica para simplificar as coisas. Nessas condições, **-sa** e **-pa** poderiam ser formas diacronicamente simplificadas de sufixos ou palavras dependentes bimoraicos, como por exemplo:

kii-pa-ga < ***kii+opa-ga** (com apagamento da 1ª mora de **opâ** *autófora*, cf.12.5.)

Essas formas simplificadas com apagamento da 1ª mora não obedeceriam à regra de duração compensatória mencionada em 2.7. ($V_1CV_2 > CV_2hV_2$); seriam exceções com uma só mora:

***+opa-ga** > **-pa-ga** e não: **-paa-ga**

Como a regra de deslocamento toca a 2ª mora do sufixo/palavra dependente e como, neste caso, só há uma mora, o tom da raiz ascendente passa "em cima" de **-sa** ou **-pa**.

Em outras palavras, **-sa** e **-pa** são irregulares, porque só teriam **uma mora** por não obedecerem à regra de duração compensatória. Como os outros sufixos têm duas moras (apesar de isso não aparecer na nossa grafia simplificada) e como o deslocamento se efetua sempre na 2ª mora deles, **-sa** e **-pa** deixariam passar o tom capturado em cima deles. Isso explicaria a sua transparência.

Em resumo, a melodia ascendente **desloca o seu tom de contorno** para o 1º sufixo (excepcionalmente, para o 2º sufixo, se o 1º for **-sa** ou **-pa**). A melodia alta não desloca seu(s) tom(ns) em regra geral, a não ser seguida pelos sufixos começando por uma vogal não laringalizada ou por algum sufixo nominalizado (caso explicado pela presença de um tom flutuante). Para explicar a transparência

de **-sa** e **-pa**, consideramo-los como monomoraicos, à diferença dos outros sufixos, interpretados como bimoraicos mas escritos praticamente com uma só mora.

3.4.11. Tudo o que foi dito para os sufixos pode ser repetido para os nomes e verbos dependentes (lexemas dependentes). Os nomes e verbos dependentes são centenas de lexemas que, fonologicamente, não têm tom próprio; morfologicamente, aparecem "à direita" de um verbo ou nome independente que lhes serve de complemento:

Complemento + Complementado (lexema dependente)

ohô <i>banana</i>	yôo <i>pé</i>	ohô+yôo <i>bananeira</i>
ohô <i>banana</i>	tô'o <i>cacho</i>	ohô+tô'o <i>cacho de bananas</i>
da'dá <i>trabalhar</i>	bāsi <i>saber</i>	da'dá+bāsi <i>saber trabalhar</i>
apê <i>brincar</i>	bāsi <i>saber</i>	apê+bāsi <i>saber brincar</i>
ohó <i>mergulhar</i>	bīi <i>tirar</i>	ohó+bīi <i>tirar mergulhando</i>

São lexemas porque podem ser proferidos e conceitualizados só, sem o complemento. Quando são proferidos só, realizam-se **com melodia baixa** (tons baixos): são **fonologicamente átonos**. No entanto, podem ser foneticamente realizados como os lexemas de melodia ascendente, porque obedecem ao processo geral de deslocamento tonal.

Com o complemento à esquerda, o processo de **deslocamento tonal** é idêntico aos dos sufixos:

- (1) **ohô/yôo** (m.alta + m.baixa)
- (2) **ohô/tô'o** (m.alta + m.baixa)
- (3) **da'da/bāsi** (m.ascendente + m.baixa)
- (4) **apê/bāsi** (m.alta + m.baixa)
- (5) **oho/bīi** (m.ascendente + m.baixa)

Vê-se que:

♦ os complementos de melodia ascendente deixam os complementados (lexemas dependentes) capturarem o seu tom de contorno (3,5). Note-se que o **deslocamento sempre se efetua para a 2ª e última mora do complementado**.

♦ os complementos de melodia alta não sofrem alterações (1, 2, 4).
 ♦ os complementados com laringalização bloqueiam **sempre** a captura do tom de contorno dos complementos, formando barreira. Por exemplo:

da'dá + sī'di *querer trabalhar* → **da'dá/sī'di**
 trabalhar+querer

Num estudo realizado com mais de 300 nomes dependentes e 200 verbos dependentes (complementados), só encontramos 3 ou 4 exceções às regras

precedentes (cf. 15.6.).

Em conclusão:

♦ a melodia ascendente é tonalmente instável: o seu tom de contorno é sempre capturado pelo 1º sufixo ou pelo 1º lexema dependente na sua 2ª mora, a não serem estes laringalizados.

♦ os sufixos e os lexemas (nomes ou verbos) dependentes são fonologicamente átonos (proferidos em tom baixo se aparecem só).

♦ as exceções a esta regra são pouquíssimas.

Comparação na família tukano

3.4.12. Nas outras línguas da família tukano, as realizações tonais parecem variar muito de um ponto de vista fonético. No entanto, para as línguas que examinamos, parece-nos que **sempre há 3 melodias tonais** com realizações alofônicas e sândis tonais extremamente variados. Os itens lexicais que possuem a mesma melodia são, de língua a língua, cognatos entre si para a grande maioria. Em outras palavras, os lexemas seriam tonalmente divididos em três classes formadas de cognatos para o conjunto da família tukano.

O quadro seguinte resume as realizações das três melodias (notadas, respectivamente com ^, ´ ou sem nada) e o processo de sândi tonal que nos parece o mais significativo. Note-se que:

♦ o ye'pâ-masa e o desana têm as mesmas realizações alofônicas e as mesmas regras de sândis tonais.

♦ em wanano e em pira-tapuyo, os contrastes tonais subjacentes são neutralizados em palavras isoladas mas reaparecem em contexto, com uma regra de assimilação com os lexemas de melodia alta:

$/C_1V_1C_2\hat{V}_2 \pm C_3V_3C_4V_4/ \rightarrow [C_1\check{V}_1C_2\check{V}_2C_3\check{V}_3C_4\check{V}_4]$ (±: sufixo ou palavra dependente)

♦ em tuyuka, a melodia alta é realizada como [H L] com os lexemas sem consoante intermediária e como [L H] com os lexemas com consoante intermediária:

yaí onça [ja¹]
 ûyû abacate [ûj¹û]

	Realização fonética	Sândi tonal
ye'pâ-masa/desana	^ [H H]~[L H]~[H M] ´ [L LH] [ML ML]	Deslocamento da melodia ascendente para a 2ª mora do sufixo
wanano/pira-tapuyo	^ [L LH] ´ [L LH] [ML ML]	Assimilação da melodia alta a todos os sufixos. Não há deslocamento ou assimilação com a melodia ascendente
tuyuka/bará	^ [H L]~[L H] ´ [L LH] [ML ML]	Deslocamento da melodia ascendente para a 2ª mora do sufixo
karapanã	^ [L LH]~[?] ´ [H L] [ML ML]	Assimilação da melodia alta a todos os sufixos

Abordagem teórica

3.4.13. As oposições do tipo:

[pɛ̃ɛ́tá] *porto* vs [pɛ̃ɛ̃tá] *tocandira*

foram interpretadas como diferenças tonais (**petá** vs **petá**) e não como diferença na duração das vogais (**petá** vs **petá**). Os argumentos que sustentam uma análise tonal são de ordem fonética, lexical e comparativa:

a) foneticamente, já vimos que a diferença na duração das vogais, neste tipo de oposição, não é sensível (cf. anexo do capítulo).

b) foneticamente também, uma notação em duração de vogais (**petá** vs **petá**) não mostraria a regra geral de deslocamento tonal. Por exemplo, o sufixo **-bí** *pres. vist.-fsg* captura o tom das raízes de melodia ascendente, e nunca o tom das raízes de melodia alta:

apó *consertar* apo-bí *ele conserta*

apê *brincar* apê-bí *ele brinca*

Com uma notação em duração de vogais, teríamos naturalmente:

apóó **apoo-bí**

apé **apé-bí**

a regra de deslocamento tonal reformulando-se assim: "os sufixos capturam o tom das raízes que terminam com duas vogais". Com os verbos de melodia ascendente **boká** *achar* e de melodia alta **etá** *chegar*, teríamos então:

3.4.16. Agora, perguntamos-nos se as três melodias tonais constituem exatamente três tonemas. Em outros termos, devemos ou não decompor as melodias que evidenciamos? Neste caso, H e L (não-marcado) não seriam fonologicamente suficientes para permitir esta decomposição? Como decompor então o tom de contorno (melodia ascendente)?

3.4.17. Como primeira observação, notaremos que as três melodias evidenciadas têm como domínio o morfema. No entanto, como os morfemas são sempre bimoraicos, o domínio de ação destas melodias pode ser igualmente descrito, não como o morfema, mas como a **mora**. Podemos então propor uma primeira análise de decomposição das melodias tonais:

petâ, werê, weê ou: pétá, wéré, wéé.

petá, weré, weé ou: petá, weré, weé.

- ou seja:
- melodia alta: $(C_1)V_1(C_2)V_2$
 H H
 - melodia ascendente: $(C_1)V_1(C_2)V_2$
 H
 - melodia baixa: $(C_1)V_1(C_2)V_2$

Associa-se L a cada mora sem ligação tonal:

(Tad) $V_1V_2 \rightarrow V_1V_2$ (regra por defeito)
 | | | |
 H L H

A decomposição do tom de contorno (melodia ascendente) não apresenta dificuldades, com uma simples regra de espalhamento tonal para justificá-la:

(Esp) $LH \rightarrow L\bar{H}$ (espalhamento tonal)
(a ligadura indica que os tons são tautossilábicos)

ou seja:

$(C_1)V_1(C_2)V_2 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2 \rightarrow [(C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2]$
 | | | | | | | |
 H L H L H L H

Como formalizar então a regra geral de deslocamento tonal que aparece em:

apó -bī → apobī ele conserta

consertar-3msg

apó -bāsi → apobāsi ele sabe consertar (deslocamento não iterativo)?

consertar-saber

Podemos considerar a regra de deslocamento tonal como a resultante de três regras tonais:

(Aprog) L → H / H__ (assimilação progressiva; não iterativa)

(Tab) LHH → LLH (absorção tonal)

(OCP) LLH → LH (simplificação tonal)

e da regra de espalhamento tonal; em outros termos:

deslocamento tonal=(Aprog)+(Tab)+((OCP)+(Esp)

Exemplo com apó consertar e o sufixo -bī 3 pessoa masculino singular:

apo-bī → apo-bī → apo-bī → apo-bī → apo-bī → apo-bī [ããpõní] conserta
 | | | | | | | | | |
 H L H L H L H L H L H

No entanto, esta solução (melodia alta: /HH/, melodia ascendente: /LH/) não nos parece adequada por ter a melodia alta dois tons marcados e a melodia ascendente, somente um (L não é marcado); isso introduziria uma assimetria que a estrutura sempre bimoraica recusa: os lexemas tendo sempre duas moras, as suas melodias associadas deveriam ter o mesmo número de tons marcados. Além disso, /HH/ nem sempre realiza-se foneticamente com 2 tons altos (por exemplo, o alotom [LH] em ye'pâ-masa; e o alotom [HL] em tuyuka).

3.4.18. Uma segunda solução consistiria em reformular os tons associados às moras. Teríamos:

- para a melodia alta: $(C_1)V_1(C_2)V_2$
 H

- para a melodia ascendente: $(C_1)V_1(C_2)V_2$
 H H̄

H̄ sendo um tom flutuante introduzido para levar em conta a não-ciclicidade do deslocamento tonal: H̄ não tem ponto de aplicação no lexema isolado mas torna-se um tom H real quando um sufixo ou um lexema dependente aparece à direita do lexema, realizando-se neste sufixo/lexema dependente. Uma vez realizado, não pode ser deslocado de novo (processo não-iterativo). Por exemplo:

apo → apo → apo [ããpõ] consertar
 | | |
 H H̄ L H H̄ L H H̄

apo-bī → apobī → apobī → apobī → apobī [ããpõní] conserta
 | | | | | | | |
 H H̄ H H L H H L H L H

Entre 2 morfemas separados por	=	-	/	#
Unidade tonal	S	S	S	N
Alofone [d, r]	S	S	N	N
Contaminação nasal depois de y, w, d, g	S	S	N	N
g inicial	S	S	N	N
Contaminação nasal depois de C _{sorda}	S	N	N	N
o → u / --- i	S	N	N	N
u → i / --- o	S	N	N	N
a → o / --- o	S	S / N	N	N
Sem apagamento de g	S	N	---	---
h inicial	S	N	N	N
V _{surda} antes de C _{sorda}	S	N	N	N

Partindo do princípio que, quanto mais dois morfemas são ligados, tanto mais modificam-se e interagem entre si, os critérios acima mostram uma hierarquia que permite caracterizar palavras e locuções fonológicas:

♦ A **locução fonológica** é caracterizada pela **acentuação tonal**: com efeito, nunca se pode ter - dentro de uma locução fonológica - uma sucessão de 2 sílabas fonologicamente iso-tonais de tom alto que não comecem esta locução, ou 2 vogais de tom alto separadas por uma vogal de tom baixo (as realizações sequenciais [LHH] ou [HLH], dentro da palavra fonológica, não existem em ye'pá-masa). Em conseqüência, os padrões:

S_xS_yS_z## ou ## S_xS_yS_z##

encerram uma fronteira entre locuções, marcada por: #

Exemplos de locuções fonológicas:

akê macaco [ʃaʔkê#]

uti-â cabas [ʃuʔtiá#] (é a única sucessão de 3 H permitida pela língua, o 1º tom alto sendo apagado pela vogal surda, cf. 3.4.)

ape -á -bī ele brincou [ʃaʔpēami #]

brincar-pas-3msg

kādī+dū'ku-bī ele dorme de pé [ʃk à ɽ i / nũ ũ kũ mĩ #]

dormir+ de pé-3msg

(1 locução, 2 palavras fonológicas)

a'ti+wi'i esta casa [ʃaʔti/vi i #] (1 locução, 2 palavras fonológicas)

esta + casa

♦ A **palavra fonológica** (cuja fronteira com outra é marcada por /) caracteriza-se pela **unidade nasal** (a contaminação nasal não passa /) e pela **ausência de g ou [r] inicial**:

bīsi+daa-de em relação ao fio de cipó [ʃmĩsĩ' dā ɽē #]

cipó + fio -ref (1 locução, 2 palavras: o morfema nasal **bīsi** não contamina a 2ª palavra que começa por [d] e não por [r])

bīsi-de em relação ao cipó [ʃmĩsĩrē /]

cipó -ref (1 palavra: o morfema nasal **bīsi** contamina o sufixo flexional **-de**, que começa por [r])

pe = sã estar colocado [ʃpēsá/]

colocar-res (1 palavra: com sufixo derivacional, a 1ª mora toma-se surda)

wé-ti não fazer [ʃwèti/]

fazer-neg (1 palavra: com sufixo flexional, não há aparecimento de vogal surda)

Cada unidade fonológica corresponde a uma unidade morfológica que será definida no capítulo seguinte:

locução fonológica ↔ locução morfológica

palavra fonológica ↔ palavra morfológica

Em resumo, em ye'pá-masa, o critério de **unidade tonal** caracteriza a **locução e não a palavra**, contrariamente ao que se podia pensar. Fazendo da unidade tonal o critério para separar as palavras tornaria toda a morfologia desta língua totalmente opaca:

a'ti wi'i esta casa: 2 palavras fonológicas e morfológicas, 1 locução.

esta casa (a'ti e wi'i são isoláveis e são também lexemas)

3.6. Acento de intensidade, descenso tonal e fenômenos entonatórios

3.6.1. Contrariamente ao tom, o **acento de intensidade** (amplitude do som medida em decibéis) não tem função distintiva na ye'pá-masa. A colocação do acento primário depende grandemente da situação de ênfase. Por exemplo:

ūyū abacate [ʃ'ūjū]~[ū'jū]

pa'tā certo anfíbio [ʃ'pāʔtā]~[pā'ʔtā]

Há uma certa tendência à colocação do acento de intensidade de duas em duas moras, com muita variação individual conforme a ênfase:

da'da+bāsi-bī (ele) sabe trabalhar [ʃ'dāʔ[ʔa/mā'simĩ]

3.6.2. O descenso tonal é de regra, criando assim conflito com o sistema tonal da língua:



koô₁, dīkīpi₂ wa'aábō₃ *ela₁ foi₃ à mata₂*

Nas perguntas do tipo sim/não, a melodia da oração é ascendente até à última sílaba:

apēti? *(ele) brinca?*

Numa justaposição de nomes ou verbos, a entonação sobe fortemente depois de cada item intermediário:

peêdu sã₁, a'pá₂, kãdidá wa'âpa'dã₃ *puseram caxiri no cocho₁,
misturaram₂ e foram dormir₃*

ANEXO

Os gráficos abaixo comparam a frequência de alguns morfemas.

No gráfico 1, a duração de **oâ** é de 466 ms enquanto a duração de **oã** é de 494 ms. Em **oã**, a frequência passa de 39,4 semitons a 39,6. Em **oâ**, ela passa de 37,4 a 40,3.

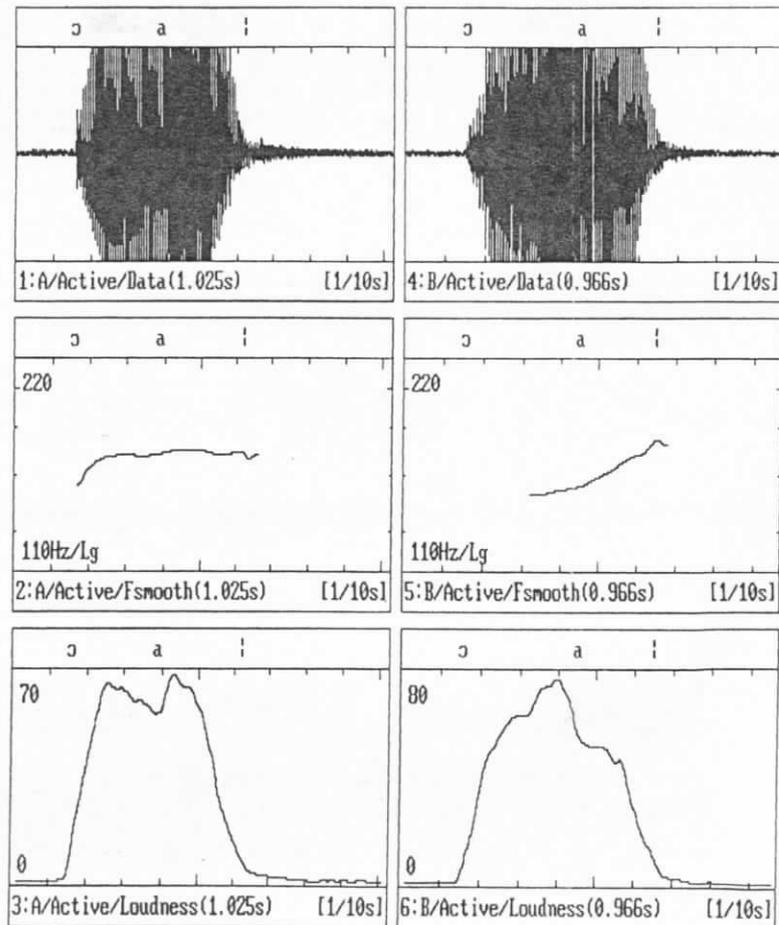


gráfico 1: **oâ** fazer uma cacofonia e **oã** mucura

No gráfico 2, a 2ª vogal de **bīpī** dura 264 ms e tem uma frequência de 42,4 semitons. A 2ª vogal de **bīpī** dura 237 ms e passa de 38,7 semitons a 41,3 semitons.

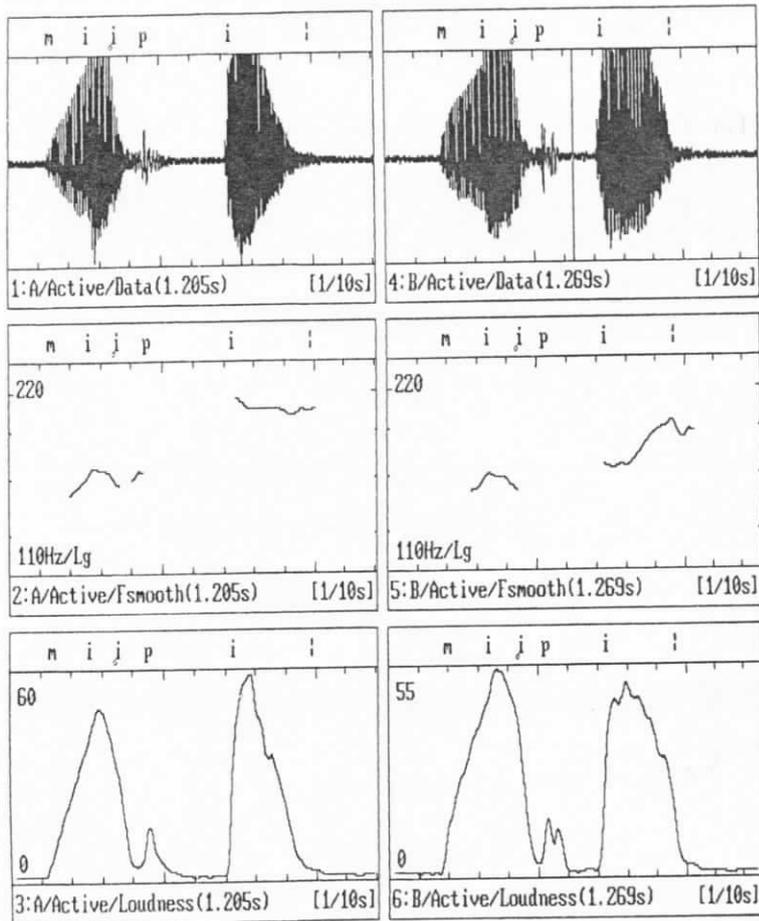


gráfico 2: **bīpī** açai e **bīpī** quati

No gráfico 3, a 2ª vogal de **ohô** dura 189 ms e a sua frequência passa de 39,6 semitons a 39,8 semitons. A 2ª vogal de **ohô** dura 198 ms e passa de 37,8 semitons a 39,8 semitons.

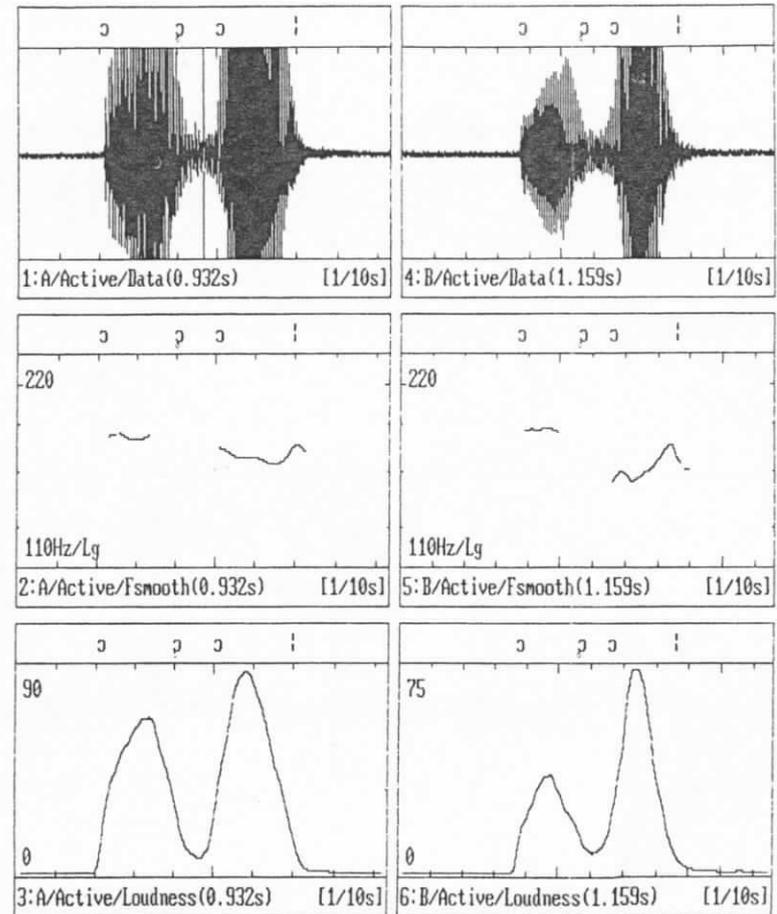


gráfico 3: **ohô** banana e **ohô** mergulhar

CLASSES DE MORFEMAS

Neste capítulo, apresentamos as maiores classes de morfemas lexicais (lexemas). Além de uma oposição verbo-nominal estruturalmente bem definida, a língua ye'pâ-masa distingue os verbos independentes dos verbos dependentes, e os nomes independentes dos nomes dependentes. Expomos detalhadamente os argumentos fonéticos e sintáticos que apoiam esta distinção. A fim de facilitar o acesso aos capítulos seguintes, terminamos apresentando algumas propriedades características da morfo-sintaxe.

4.1. As principais classes de lexemas

As maiores classes lexicais em ye'pâ-masa são: nomes, verbos, nomes dependentes, verbos dependentes. Critérios estruturais permitem definir estas classes. Argumentos fonológicos sustentam esta classificação.

4.4.1. Os **nomes** são argumentos dos verbos estruturalmente definidos por um jogo de sufixos apropriados (número, diminutivo, aumentativo, marcadores de função sintática ou semântica,...). Por exemplo, com **akê** *macaco*¹:

- (1) **akeá**
/ akê - a/
macaco-pl
macacos

- (2) **akeákã**
/ akê -akã/
macaco-dim
macaquinho

- (3) **akêre**
/ akê -de/
macaco-ref
ao macaco

Semanticamente, os nomes são termos que designam os animais e os vegetais, as partes do corpo, os termos de parentesco, os elementos da natureza ("sol", "serra", "pedra",...), os objetos ("casa", "rede", "cesta",...), e outros ("ferida", "fome", "sede", "catarro",...).

4.1.2. Os **verbos** são predicados estruturalmente definidos por sufixos apropriados (sufixos cumulativos expressando juntamente o tempo, o aspecto, a modalidade epistêmica, a pessoa, o gênero e o número, assim como sufixos negativo, centripeto, centrífugo,...). Por exemplo, com **apó** *consertar* e **apê** *brincar*:

- (4) **apomí**
/ apó - bĩ /
consertar-pres.vist.3-fsg
(eu vejo que ele) *conserta*
- (5) **apomó**
/ apó - bõ /
consertar-pres.vist.3+fsg
(vejo que ela) *conserta*
- (6) **apoási**
/ apó - a-sĩ /
consertar-p.rec.sent.3-fsg
(eu ouvi que ele) *consertou (não o vi consertar, mas ouvi o barulho que fazia enquanto consertava)*
- (7) **apêtimi**
/ apê - ti - bĩ /
brincar-neg-pres.vist
(vejo que ele) *não brinca*
- (8) **apê'timi**
/ apê - 'ti - bĩ /
brincar-C<-pres.vist
(vejo que ele) *vem brincando*

Semanticamente, os verbos são termos que designam todo tipo de situação: ação ("correr", "pegar", "comer",...), processo ("cair", "morrer",...), posição ("estar sentado", "estar deitado",...) ou estado ("estar branco", "estar triste",...). Os adjetivos da língua portuguesa são estruturalmente verbos em ye'pá-masa e, como tal, levam os sufixos característicos dos verbos. Com **sõ'â** *estar vermelho*:

- (9) **sikó sõ'âmo**
/ sikó sõ'â - bõ /
aquela estar vermelho-pres.vist.3+fsg
(vejo que) *aquela está vermelha*

4.2. Os lexemas dependentes

Além da oposição verbo-nominal que acabamos de evidenciar, a língua diferencia os verbos independentes dos verbos dependentes, assim como os nomes independentes dos nomes dependentes.

4.2.1. Os **verbos dependentes** são lexemas verbais que seguem um verbo independente na relação: **Determinante+determinado** ou: **Complemento +Completado**. Eles precisam de um verbo complemento. Morfologicamente, os verbos dependentes sempre aparecem na ordem: verbo independente+verbo dependente-sufixos (os sufixos de tempo/modalidade/gênero/número/pessoa nunca aparecendo entre os verbos independentes e dependentes). Possuem os mesmos sufixos que os verbos independentes. Fonologicamente, eles são átonos (não possuem um tom alto próprio e, por conseguinte, são de melodia baixa).

Muitos verbos independentes podem ser também usados como verbos dependentes, com ou sem nenhuma diferença de sentido. Por exemplo, o verbo **mĩ/bĩ** *tirar* é um verbo independente, por ser fonologicamente tônico, em:

- (10) **kasâwa bu'ipi wa'ĩ mĩtiapi**
/kasâwa bu'i-pi wa'ĩ bĩ- ti - a-pi /
jirau cima-foc peixe tirar-neg-p.rec.vist
não tirei o peixe de cima do jirau

enquanto o verbo **mii/bĩ** *tirar* (fazendo algo) é um verbo dependente, por ser fonologicamente átono e por ser sempre precedido por um verbo independente (**dotê bicar** e **ohó mergulhar**, nos dois exemplos seguintes), em:

- (11) **mĩ' maki ba'aróre kārêkê' dotê mĩmi**
/bĩ' bāki ba'ā - dó - de kārêkê' dotê bĩ- bĩ /
tu filho comer-nom.lugar-ref galinha bicar tirar-pres.vist
a galinha tira bicando o pedaço de comida de teu filho

- (12) **sī'ī itāga oho miimi**
 / sī'ī itāga ohó **bīi- bī** /
 aquele pedra mergulhar tirar-pres.vist
 aquele tira pedra mergulhando

Nos dois últimos exemplos, o verbo dependente **mii** /bīi/ *tirar* (*fazendo algo*) é átono em estrutura subjacente; no entanto, no exemplo (12), o tom de contorno do verbo independente **ohó** *mergulhar* passa para o verbo dependente, conforme o processo de deslocamento tonal - ou sândi tonal - estudado em 3.4. (qualquer verbo dependente não laringalizado "captura" o tom ascendente do verbo independente que o precede).

Nos exemplos acima, a passagem do verbo independente para o verbo dependente efetuou-se sem mudança de significação. Os verbos dependentes podem ter também um sentido bastante diferente do verbo independente correspondente. Esta situação é freqüente, o verbo dependente tendo desenvolvido uma certa polissemia na direção gramatical.

Por exemplo, compare o verbo independente **bi'á** *fechar* [no exemplo (13)] com o verbo dependente associado **bi'a** *fechar* (*fazendo algo*); (*fazer algo*) em toda parte [nos exemplos (14) e (15)]:

- (13) **sopé bi'ayá!**
 /sopé **bi'á** - ya /
 porta fechar-imp
 feche a porta!
- (14) **sopé wehê bi'aya!**
 /sopé wehê **bi'á** - ya/
 porta puxar fechar-imp
 feche a porta puxando-a!
- (15) **akôro pehá bi'akā'ro' weé'**
 /akô-do pehá **bi'a** -kā'- do' weé - ' /
 chuva cair em toda parte-ass-impl.ms v.aux.-pres.vist
 está chovendo em toda parte (lit. a chuva está fechando o ambiente caindo)

No exemplo (15), o verbo dependente **bi'a** passou do sentido geral de "fechar" ao sentido bastante "gramaticalizado" do omnilocativo ("em toda parte"), obedecendo aos processos metafóricos extremamente produtivos que permitem a criação dos numerosos idiomatismos da língua.

Por outro lado, muitos verbos dependentes não correspondem a nenhum verbo independente associado. São sempre dependentes: isso resulta da sua semântica que exige sempre um complemento. Por exemplo, **ni'i** /dī'i/ *continuar a (fazer algo)*, *ainda* e **toha** *já, acabar de (fazer algo)*:

- (16) **da'rá ni'igi' weé'**
 / da'dá **dī'i** - gi' weé - ' /
 trabalhar ainda-impl.msg v.aux.-pres.vist
 estou trabalhando ainda
- (17) **ba'â tohaapi**
 / ba'â **toha**- a-pi /
 comer já -p.rec.vist
 já comi

Por serem átonos e constituírem uma unidade tonal com o verbo independente que os precede, os verbos dependentes foram geralmente considerados - nos estudos sobre as línguas tukanas - como sufixos verbais e, em consequência disso, sufixados aos verbos independentes, dando as formas: **dotēmii** /dotê-bīi/, **ohomii** /ohó-mii/, **wehêbi'a** /wehê-bi'a/, **pehâbi'a** /pehâ-bi'a/, **da'râni'i** /da'dá-dī'i/, **ba'âtoha** /ba'â-toha/, respectivamente, para os exemplos (11, 12, 14, 15, 16, 17). Os argumentos fonológicos e morfológicos que exporemos neste capítulo (cf.4.4.) e no capítulo 7 tendem a demonstrar - tanto pelo caráter aberto da classe de verbos dependentes quanto pela falta de "ligação" fonética ao verbo independente que os precede - que estes verbos dependentes são verdadeiros lexemas e não morfemas gramaticais ou sufixos verbais.

4.2.2. Os **nomes dependentes** são lexemas nominais que seguem um nome independente na relação: **Complemento+Completado**. Eles precisam de um nome complemento. Morfológicamente, os nomes dependentes sempre aparecem na ordem: nome independente+nome dependente-sufixos. Possuem os mesmos sufixos que os nomes independentes. Fonologicamente, eles são átonos.

Numerosos nomes independentes podem ser igualmente usados como nomes dependentes. Por exemplo, o nome **wi'í** *casa* tem uso independente em (18) e dependente em (19):

- (18) **wi'í niĩ'**
 / wi'í dīi- ' /
 casa ser-pres.vist
 é (uma) casa

- (19) **bu'erí wi'i nĩ'**
 / bu'ê - dí wi'i dĩi- ' /
 estudar-nom.inan.sg casa de ser-pres.vist
 é (uma) casa de estudo

Note que, no exemplo (19), **wi'i** *casa de* é fonologicamente átono.

Por outro lado, muitos nomes dependentes nunca podem ser usados independentemente. Isso resulta da semântica deles que exige sempre um complemento. Por exemplo, **tõ'o** *cacho de*, **moo** /bõo/ *punhado de*, **daa** *fio de*, **koo** *caldo de*. Exigem quase sempre um nome independente que os precede como complemento/determinante:

- (20) **ohô tõ'o**
 / ohô tõ'o /
 vegetal banana cacho
cacho de bananas

- (21) **po'ka moó**
 /po'ká bõo /
 farinha punhado
punhado de farinha

- (22) **misí daa**
 /bĩsí daa/
 cipó fio
fio de cipó

- (23) **wa'ĩ koo**
 /wa'ĩ koo/
 peixe caldo
caldo de peixe

Note que, no exemplo (21), o nome dependente **moo** *punhado de*, apesar de ser intrinsecamente átono, "capturou" automaticamente o tom ascendente do nome independente **po'ká** *farinha* (sândi tonal, cf. 3.4.).

Por serem átonos e constituírem uma unidade tonal com o nome independente que os precede, os morfemas que chamamos "nomes dependentes" foram geralmente considerados - sob a denominação de "classificadores" - como sufixos nominais e, em consequência, sufixados aos nomes independentes, dando as formas: **ohôtõ'o** /ohô-tõ'o/, **po'kamoó** /po'ká-bõo/, **misídaa** /bĩsí-daa/, **wa'ĩkoo** /wa'ĩ-koo/, respectivamente, para os exemplos (20, 21, 22, 23).

Os argumentos que exporemos neste capítulo (cf.4.4.) e no capítulo 9 tendem a mostrar - tanto pelo caráter aberto da classe de nomes dependentes quanto pela falta de "ligação" fonética ao nome independente que os precede - que estes nomes dependentes são verdadeiros lexemas e não morfemas gramaticais ou sufixos verbais. Chamando estes lexemas de **nomes dependentes**, **determináveis** ou **átonos**, refutaremos também a denominação de "classificadores" por estes lexemas não operarem nenhuma divisão dos nomes em classes nominais (cf. 4.5. e capítulo 9).

4.3. Uma recapitulação dos critérios definitórios das classes

4.3.1. O quadro seguinte reúne os critérios estruturais e fonológicos que serviram para definir as classes maiores de lexemas:

Lexema	Independente	Dependente
Verbo	<ul style="list-style-type: none"> Sufixos: tempo, modalidade, negativo, imperativo, etc. Não precisam ser complementados São tônicos 	<ul style="list-style-type: none"> Sufixos: tempo, modalidade, negativo, imperativo, etc. Precisam ser complementados sempre na ordem: v.indep.+v.dep. São átonos
Nome	<ul style="list-style-type: none"> Sufixos: número, aumentativo, marcadores de caso, etc. Não precisam ser complementados São tônicos 	<ul style="list-style-type: none"> Sufixos: número, aumentativo, marcadores de caso, etc. Precisam ser complementados sempre na ordem; n.ind.+n.dep. São átonos

Note bem que a divisão que sugerimos entre palavras independentes e dependentes não têm um caráter estrito e obrigatório: muitos verbos ou nomes independentes podem ser também utilizados como palavras dependentes, com perda do tom próprio e precedidos de uma palavra independente que lhe serve de complemento [cf. exemplos (10, 11, 12, 13, 14; 18, 19)]. Em outras palavras, um lexema pode pertencer a duas colunas diferentes do quadro acima. Isso implica que uma classificação mais rigorosa dos lexemas deveria distinguir **seis classes de distribuição**:

- ♦ os verbos obrigatoriamente independentes (**yaá** *pressionar com a mão*, **wcé** *fazer*,...)
- ♦ os verbos obrigatoriamente dependentes (**ni'i** /dĩ'i/ *continuar a (fazer algo)*, **miha** /bĩha/ *(fazer algo) repetidamente*,...)
- ♦ os verbos facultativamente dependentes (**miu** /bĩu/ *tirar*, **masi** /bãsi/ *conhecer, saber*,...)

- ♦ os nomes obrigatoriamente independentes (**akó líquido**, **ohô vegetal banana** e todos os nomes não-contáveis ou abstratos)
- ♦ os nomes obrigatoriamente dependentes (**tô'o cacho de**, **nimi /dĩbi/ dia de,...**).
- ♦ os nomes facultativamente dependentes (**wi'í casa**, **makâ /bākâ/ povoado,...**).

Lembramos que **todos os lexemas primários** (raízes sem nenhuma sufixação), verbais ou nominais, dependentes ou não, têm **uma estrutura bimoraica** (cf. todos os exemplos verbo-nominais acima dados; para uma justificação, cf.3.1.).

4.4. Os lexemas dependentes e os sufixos

Os lexemas dependentes e os sufixos (verbais ou nominais) têm um comportamento extremamente similar: não têm tom próprio e seguem sempre um lexema com que formam uma unidade tonal. Como exemplo, comparamos o verbo obrigatoriamente dependente **yuu** (*fazer algo*) na *espera* e o sufixo verbal **-ya** imperativo:

(24) **kē'râya!**

/kē'dâ - ya/
capinar-imp
capine!

(25) **kē'râ yuuya!**

/kē'dâ yuu - ya/
capinar esperar-imp
capine na *espera* (minha, dele,...)!

A unidade tonal e a posição fixa (depois de um lexema fonologicamente tônico) são dois critérios que deveriam nos convidar a considerar os "lexemas dependentes" como verdadeiros sufixos. Além disso, o morfema **yuu** (*fazer algo*) na *espera* é obrigatoriamente dependente: nunca funciona como verbo independente², parecendo-se assim como qualquer sufixo da língua. Nessas condições, podemos nos perguntar se a língua faz realmente uma diferença entre sufixo e lexema dependente ou se, afinal, esta diferença não tem fundamento.

Nesta gramática, argumentaremos para uma **diferença fundamental** entre sufixo e lexema dependente, de maneira que todas as regras sintáticas da língua

ye'pâ-masa ordenam-se em volta da noção de lexema "dependente" ou "átomo". Argumentaremos que toda a sintaxe desta língua é tonal, resumindo-se à relação Complemento+Completado e realizando-se com a perda do tom fonológico dos lexemas dependentes. Os argumentos capazes de sustentar uma distinção fundamental entre sufixo e lexema gramatical são fonológicos, morfológicos e semânticos:

1. O critério da unidade da acentuação tonal para definir a palavra não é confiável nem universal. A palavra fonológica, ao nosso ver, não pode basear-se, em ye'pâ-masa, sobre o fato que haja uma unidade tonal entre raiz e sufixo (ou entre lexema independente e dependente). Zwicky (1985) menciona o caso dos verbos auxiliares ingleses (**can, may, must,...**) que, apesar de não ser acentuados, constituem palavras separadas.

Em lugar de escolher a **unidade tonal** como critério definidor da palavra fonológica, sugerimos escolher a **unidade nasal** para definir a palavra (cf. 3.5.): todo lexema nasal contamina progressivamente os seus sufixos que não começam por uma consoante surda (cf.3.2.), os limites desta contaminação definindo os limites da palavra fonológica.

Nos exemplos (24) e (25) acima, os morfemas **-ya** e **yuu** têm um comportamento nasal diferente: de fato, **-ya**, em **kē'râ-ya** [k ê ' r â j à], é nasalmente contaminado pela raiz **kē'râ**; enquanto **yuu**, em **kē'râ yuu-ya** [k ê ' r â j u j à], não é nasalmente contaminado pelo lexema **kē'râ**, impedindo assim que o sufixo **-ya** seja ele mesmo contaminado. Este teste nasal pode ser enunciado assim:

(teste1) se um morfema é contaminado por outro, é um sufixo; se não é contaminado por outro, é um lexema (dependente ou não).

Outros testes fonéticos permitem evidenciar diferenças entre sufixo e lexema dependente: a ausência do fonema /g/ e do fone [r] em posição inicial de palavra. Estes testes fonéticos podem ser enunciados assim:

(teste2) se um morfema começa por g, é um sufixo.

(teste3) se um morfema começa por d pronunciado [r], é um sufixo; se começa por d não pronunciado [r], é um lexema (dependente ou não).

Como exemplo do (teste2), o morfema nominal **-ga** *forma roliça* é um sufixo pelo fato que começa pelo fonema g. Com o nome não-contável **irê** /ĩdê/ *vegetal pupunha*:

irêga /ĩdê-ga/ [ĩ ĩ é ĩ ĩ] *fruta pupunha* (além de começar por g, note também a contaminação do sufixo **-ga** [teste1])

Como exemplo do (teste3), o morfema nominal **-re** /-de/ *referencial* é um sufixo por começar pelo som [r]. Com **koô** *ela*:

koôre /koô-de/ [kó:rɛ] *para ela*

No entanto, o morfema **daa** /daa/ *fio de* é um lexema nominal dependente por não começar pelo som [r]. Com **poâ** *cabelo* e **misî** /bîsî/ *cipó*:

poâ daa /poâ daa/ [póáda] *fio de cabelo*

misî daa /bîsî daa/ [mîsîdá] *fio de cipó*

(além de não começar por [r], note também que **misî** não contamina nasalmente **daa** [teste1])

O morfema **no'o** /dô'o/ *passivo* é um lexema verbal dependente por não começar pelo som [r]. Com o verbo **paâ** *bater*:

paâ no'o /paâ dô'o/ [pânɔ] *ser batido*

Em resumo, temos três critérios fonológicos (contaminação nasal, fonema /g/ e fone [r]) que permitem distinguir os sufixos dos morfemas dependentes. Em outras palavras, estes critérios mostram que alguns morfemas (ditos "sufixos") são foneticamente mais modificados pela raiz que outros (ditos "lexemas dependentes"). O fato que os sufixos são foneticamente mais modificados que os lexemas dependentes implica obviamente que os sufixos são mais ligados ao morfema que os precede que os lexemas dependentes, ou -dito de outra maneira - que os lexemas dependentes são foneticamente mais "separados" da raiz que os sufixos.

Note que estes critérios fonológicos podem variar de uma língua tukano para outra da mesma família (para um exemplo dentro da mesma língua, cf. nota 2) e que, em conseqüência, nenhuma consideração comparativa deve servir de argumento para distinguir os sufixos dos lexemas dependentes.

Quanto ao critério de unidade tônica, ele não será usado para definir as palavras mas as locuções fonológicas (que correspondem, em grande parte, às locuções morfológicas ou sintagmas, cf. capítulo 15).

2. O tamanho das classes de verbos e nomes dependentes é grande. O dicionário registra mais de 200 verbos dependentes e 350 nomes dependentes (os "classificadores" dos pesquisadores do SIL). Além disso, um verbo dependente transitivo pode ser formado a partir de cada nome dependente (com ajuda dos sufixos transitivizadores **-rê** /-dê/ ou **-o**). Por exemplo, a partir do nome dependente **puti** *rolo de*, formaremos o verbo dependente transitivo **putio**

tornar em forma de rolo (fazendo algo):

(26) **muhî puti**
/ bûhî puti/
caraná rolo
rolo, feixe de caraná

(27) **di'te putio**
/ di'té putio /
amarrar tornar em forma de rolo
tornar em forma de rolo, de feixe amarrando

Este processo multiplica por dois o tamanho da classe dos verbos dependentes e a torna praticamente aberta. O fato que as classes de lexemas dependentes sejam grandes e praticamente abertas não convida a considerar os seus elementos como sufixos.

Pelo contrário, os sufixos são classes de tamanho pequeno.

3. Os lexemas dependentes podem ser proferidos isoladamente e conceitualizados em conseqüência. Por exemplo, os nomes dependentes **tô'o** *cacho de* e **puti** *rolo de*, apesar de aparecer geralmente precedido por um nome que lhe serve de complemento (cacho de bananas, rolo de caraná), podem ser também proferidos sozinhos pelos informantes (com tom baixo), e o seu significado ser imediatamente identificado. Eles têm existência própria (apesar dos locutores da língua usarem-nos quase sempre com o complemento e acharem-nos, isolados, genéricos e vagos demais). Isso nunca acontece com os sufixos. Por exemplo, a marca do plural dos nomes animados **-a** não tem existência própria sem a raiz nominal à qual ela se sufixa.

4. Os lexemas dependentes têm uma maior independência semântica que os sufixos. São geralmente mais "ricos" de sentido e mais específicos que os sufixos.

5. O fato que os lexemas dependentes são isoláveis e, semanticamente, carregados de sentido nos proíbe de assimilá-los a verdadeiros sufixos. Para mostrar isso, voltaremos ao exemplo (14) simplificado e ao exemplo (20):

(14) **wehê bi'a** *fechar puxando* (**wehê** *puxar*, **bi'a** *fechar*)

(20) **ohô tô'o** *cacho de bananas* (**ohô** *banana*, **tô'o** *cacho*)

Se escrevermos:

(14) **wchê-bi'a**(20) **ohô-tô'o**

o que nos permite afirmar que **bi'a** e **tô'o** são, respectivamente, sufixos de **wchê** e **ohô**? Por que não afirmar o contrário: que **wchê** e **ohô** são, respectivamente, prefixos de **bi'a** e **tô'o**? Quais são os argumentos capazes de mostrar que (14) e (20) têm uma estrutura raiz-sufixo, e não prefixo-raiz? De fato, neste caso, o "sufixo" e o "prefixo" são tão carregados de sentido como a "raiz", já que "fechar", "puxar", "banana" e "cacho" são, semanticamente, quatro morfemas igualmente ricos! Por isso, preferimos ver, em (14) e (20), um tipo de construção com duas raízes sem nenhum afixo.

6. Os sufixos verbais de modalidade/tempo/gênero/... "fecham" a palavra a uma afixação ulterior, nenhum outro sufixo ou verbo dependente podendo segui-los; isto nunca acontece com os lexemas dependentes. Pelo contrário, estes últimos são abertos a qualquer afixação ulterior: por exemplo, sufixando a marca do plural dos nomes inanimados **-ri** /-di/ aos nomes dependentes **tô'o** *cacho de* ou **puti** *rolo de*, obtemos **tô'o-ri** /tô'o-di/ *cachos de* ou **puti-ri** /puti-di/ *rolos de*.

Esses mesmos sufixos verbais terminais (de modalidade, gênero, pessoa,...) têm também a propriedade tipicamente sufixal de ser morfemas cumulativos.

7. Os verbos e nomes obrigatoriamente dependentes têm a mesma morfologia que os verbos e nomes independentes. Por exemplo, o nome facultativamente dependente **makâ** /bâkâ/ *povoado* tem o mesmo comportamento morfológico que o nome obrigatoriamente dependente **tô'o** *cacho de*:

(28) âyurí maka	âyusehé makari
/ âyú - dí <u>bâkâ</u> /	/ âyú - sehé <u>bâkâ</u> -di/
estar bonito-nom.inan.sg povoado	estar bonito-nom.inan.pl povoado-pl
<i>povoado (de estado) bonito</i>	<i>povoados bonitos</i>

(29) âyurí tô'o	âyusehé tô'ori
/ âyú - dí <u>tô'o</u> /	/ âyú - sehé <u>tô'o</u> -di/
estar bonito-nom.inan.sg cacho	estar bonito-nom.inan.pl cacho-pl
<i>cacho (de estado) bonito</i>	<i>cachos bonitos</i>

Nos exemplos (28,29), o sufixo **-ri** /-di/ é um nominalizador (deverbal usado aqui com o verbo de estado **âyú** *estar bonito*) utilizado para formar um nome inanimado singular: **âyurí** *estado bonito*, o que - com o nome dependente

maka *povoado de* - dá: **âyurí maka** *povoado de estado bonito*. Nos mesmos exemplos, o sufixo nominal homófono **-ri** /-di/ é a marca do plural dos nomes inanimados dependentes ou independentes (por exemplo, o plural do nome independente **makâ** /bâkâ/ *povoado* é **makâ-ri** /bâkâ-di/ *povoados*). Estes exemplos mostram uma isomorfia de estrutura evidente entre nomes dependentes e independentes. Considerar os nomes dependentes como sufixos esconderia completamente esta isomorfia, e levaria a formas como:

(29) **âyú-sehé-tô'o-ri** /âyú-sehé-tô'o-di/ *cachos bonitos*
com duas marcas de plural (**-sehé** e **-ri**) na mesma raiz!

Os mesmos argumentos podem ser inferidos com os verbos dependentes. Qual seria o estatuto de **ape** *divertir-se* (em *fazer algo*) (sufixo ou lexema dependente?) no exemplo seguinte (**kâri** /kâdi/ *dormir* é um verbo independente, e suporemos que **-ti** *negativo* e **-mi** /-bĩ/ *pres.vist.3-fsg* sejam sufixos verbais)?:

(30) **kâri apé-mi** /kâdi ape-bĩ/ *diverte-se em dormir (crianças brincando)*
kâri apé-ti-mi /kâdi ape-ti-bĩ/ *não se diverte em dormir*
kâri-ti ape-mi /kâdi-ti ape-bĩ/ *diverte-se em não dormir (em estar de vigília)*
kâri-ti ape-ti-mi /kâdi-ti ape-ti-bĩ/ *não se diverte em não dormir (em estar de vigília), está dormindo*

Assumindo que **ape** *divertir-se* (em *fazer algo*) possua o estatuto de sufixo, chegaríamos a:

(30) **kâri-apé-mi, kâri-apé-ti-mi, kâri-ti-ape-mi, kâri-ti-ape-ti-mi** onde o negativo **-ti** seria sufixado duas vezes no mesmo verbo **kâri** *dormir* (na última forma) e o mesmo sufixo negativo não teria uma posição fixa (na 2ª e 3ª forma). Tudo isso sugere que, na última forma, o 2º sufixo **-ti** teria uma relação mais estreita com o sufixo **ape** do que com a raiz verbal **kâri** (já que ***kâri-ti-ti-mi**, com dois negativos, é incorreto) e que este 2º sufixo seria então "sufixo de sufixo", o que mostra claramente que todos os sufixos não têm o mesmo estatuto estrutural, justificando a distinção sufixo/lexema dependente já evidenciada por critérios fonológicos. Logo, **ape** *divertir-se em (fazer algo)* tem o estatuto de verbo dependente.

8. O tamanho fonológico dos lexemas dependentes é maior que o dos sufixos.

Como os lexemas independentes, com os quais partem a mesma estrutura fonológica, morfológica e semântica, os lexemas independentes têm uma **estrutura bimoraica**. Por exemplo, os verbos dependentes **toha** *já (fazer algo)*, **ape** *divertir-se em (fazer algo)*, **bi'a** *fechar (fazendo algo)*, **mii** /bĩ/ *tirar (fazendo*

algo), etc.; os nomes dependentes **puti** rolo de, **turi** /tudil/ pilha de, **nimi** /dĩbi/ dia de, **tõ'o** cacho de, etc.

Pelo contrário, os sufixos verbo-nominais têm geralmente uma **estrutura monomoraica**. Por exemplo, os sufixos verbais **-ni** /-bĩ/ pres.vist.3-fsg, **-sa** sentido, **kã'** assertivo, **-ti** negativo, etc.; os sufixos nominais **-a** plural animado, **-ri** /-dĩ/ plural inanimado, **-ta** especificador, **-re** /-de/ referencial, etc. Alguns sufixos (como **-sehe** nom.inan.pl., **-kaha** nom.frol, **-akã** diminutivo,...) têm uma estrutura bimoraica por serem compostos de dois sufixos (**-sehe** < **-di-ye**, **-kaha** < **-di-ga**,...).

Esta estrutura monomoraica tem uma explicação diacrônica evidente: os sufixos seriam antigos lexemas reduzidos pelo desgaste fonológico. Este processo de gramaticalização seria o responsável pelo aparecimento dos sufixos. Alguns sufixos verbais "falam" ainda sobre o que teria acontecido. Por exemplo:

-a'	centrifugo	< wa'â	ir
-'ti	centrípeto	< a'ti	vir
-'kũ	durativo	< nu'ku	(fazer algo) continuamente, sempre

9. Quando nenhum dos critérios expostos acima nos dá uma resposta precisa, sugerimos então utilizar, como último recurso, o "metacrítério" proposto por Zwicky (1985): em ausência de qualquer evidência, assumiremos que o morfema estudado é um lexema dependente e não um sufixo, por ser este último mais marcado que qualquer palavra dependente.

O conjunto destes critérios (semânticos, morfológicos e - principalmente - fonológicos) permite distinguir perfeitamente, na maioria dos casos, entre os itens "sufixos" e os itens "lexemas dependentes". No entanto, alguns itens são de classificação extremamente difícil: serão mencionados quando trataremos deles na morfologia verbal ou nominal.

Em resumo, os argumentos acima pretendem mostrar que os sufixos são morfemas gramaticais muito mais ligados à raiz correspondente que os lexemas dependentes. Por isso, sugerimos postular 3 níveis nas separações morfológicas:

- **branco tipográfico** entre as locuções ou sintagmas
- **+** (**cruz**) entre as palavras morfológicas
- **-** (**traço**) entre a raiz e seu(s) sufixo(s)

Estas convenções serão unicamente adotadas na representação fonológica ou subjacente dos exemplos que apresentaremos a seguir nesta gramática (2ª linha da tradução justalinear), a cruz (+) não aparecendo na 1ª linha para não complicar a grafia escolhida nas escolas indígenas. Como amostra desta convenção, reescreveremos os exemplos (14) e (20):

(14) **sopé wehê bi'aya!**
/sopé wehê+ bi'a - ya/
porta puxar+fechar-imp
feche a porta puxando-a!

(20) **ohô tõe'o**
/ ohô + tõe'o /
banana+cacho
cacho de bananas

Note bem que as separações morfológicas acima sugeridas correspondem exatamente às separações fonológicas sugeridas no capítulo 3 (cf.3.5.):

# unidade tonal # (locução fonológica)	entre 2 "brancos" (locução morfológica)
/ unidade nasal / (palavra fonológica)	entre 2 cruces (+) (palavra morfológica)

- entre raiz e sufixos flexionais

= entre raiz e sufixos derivacionais

4.5. Algumas características morfo-sintáticas da língua dos ye'pâ-masa

Antes de começar o estudo morfológico das classes de lexemas acima evidenciadas e a fim de facilitar a compreensão dos capítulos seguintes, apresentaremos rapidamente as propriedades e características morfo-sintáticas ye'pâ-masa que julgamos mais salientes:

1. A morfologia verbo-nominal é uma **morfologia de sufixos**. Não existe prefixos. Os sufixos podem ser segmentais ou supra-segmentais, com a existência de tom flutuante que pode funcionar como pluralizador nominal especial ou como deverbal. Os sufixos são aglutinados à raiz verbo-nominal; a segmentação, numa série de sufixos, efetua-se geralmente sem nenhum problema, cada um dos sufixos guardando sua identidade fonológica. No entanto, certos sufixos verbais expressam concomitantemente o tempo, a modalidade epistêmica, o gênero, a pessoa e o número com uma certa fusão fonológica entre as formas associadas a estas categorias.

2. A sintaxe da oração caracteriza-se por uma concordância entre o verbo e o **sujeito** (único argumento dos verbos intransitivos ou argumento "tipicamente" agente dos verbos intransitivos). Esta coesão de concordância efetua-se conforme um dos quatro traços seguintes do sujeito: \pm animado, \pm feminino, \pm plural e ± 3 . Este tipo de concordância sujeito-verbo mostra que a língua é coerentemente **acusativa**, nenhum caso de ergatividade morfológica ou sintática (pivot sintático absolutivo) tendo sido registrado para as formas verbais não nominalizadas.

3. O **sujeito** e o "**objeto**" não são marcados. Por exemplo:

(31) **Péduru wi'i weemí**

/Pédudu wi'i weé - bĩ /

Pedro casa fazer-pres.vist.3-fsg

Pedro faz uma casa (qualquer)

No entanto, os "**objetos direto e indireto**" (complementos do verbo) são obrigatoriamente marcados pelo sufixo nominal **-re/-de/** (que chamaremos de "referencial") caso este objeto for um pronome pessoal ou um nome próprio:

(32) **Péduru Yúúure paâmi**

/Pédudu Yúúu-de paâ - bĩ /

Pedro João-ref bater-pres.vist.3-fsg

Pedro bate em João

(33) **koôre tí'sása'**

/koô-de tí'sâ - sa-' /

ela -ref gostar-pres.sent

gosto dela

(34) **Péduru Bariare su'tí o'oâmi**

/Pédudu Badia-de su'tí o'ô - a-bĩ /

Pedro Maria-ref roupas dar-p.rec.vist.3-fsg

Pedro deu roupas a Maria

Caso o objeto não for pronome pessoal ou nome próprio, o marcador nominal **-re/-de/** usa-se também freqüentemente para assinalar o objeto individualizado e especificado da oração, ou interage com os parâmetros discursivos de uma maneira extremamente complexa:

(35) **wi'iré da'rêya!**

/wi'i-de da'dê - ya/

casa-ref construir-imp

construa a/uma casa (determinada)!

O marcador nominal **-re referencial** nunca pode ser sufixado ao sujeito.

4. A **ordem não-marcada** das palavras é: **S O V**

No entanto, esta ordem preferencial entra constantemente em conflito com as regras de **ênfase** nos discursos narrativos e, ainda mais freqüentemente, nos diálogos entre várias pessoas. O elemento enfatizado (ênfase) ocupa a posição inicial do enunciado, enquanto o elemento desenfocado (desênfase) ocupa a posição final.

5. Os **nomes** são os argumentos dos verbos. Formalmente, os nomes primários (não derivados) têm uma estrutura bimoraica. Eles estão divididos em **3 classes nominais**, conforme os 2 traços inerentes seguintes: animado, contável. A classe dos nomes animados contém, principalmente, os termos referindo-se aos animais e aos seres humanos. A classe dos nomes inanimados contáveis contém os termos referindo-se a certos objetos ("casa", "cesta", "roça",...). É uma classe limitada em itens, por ser semanticamente completada pela classe dos nomes dependentes. A classe dos nomes inanimados não-contáveis (ou abstratos, contínuos) contém todos os termos designando os vegetais na sua generalidade ("vegetal banana", "vegetal tabaco",...) assim como os termos "líquido", "metal", "remédio", "fome", "sono", "catarro", etc. A concordância (harmonia de flexão entre o nome-sujeito e o verbo, ou entre o nome e os "modificadores" nas locuções nominais) efetua-se conforme a classe nominal a qual pertence o nome.

6. Existe uma subclasse original e numerosa de nomes: os **nomes dependentes**. Têm geralmente o mesmo sistema de sufixação que o da classe dos nomes inanimados contáveis. Fonologicamente, são átonos; morfológicamente, seguem o nome que lhes servem de complemento. São numerosos termos (mais de 400) que designam objetos de forma precisa ("caixa de", "feixe de", "rolo de", "fio de", "mancha de", "parede de", "cone de", "objeto torto de", "objeto sinuoso de", "pedaço de", "lâmina de", "paralelepípedo de",...), seres de consistência especial ("lama de", "haste rígida de", "corpo mole de",...), certos termos de botânica ou de anatomia ("caroço de", "nó de", "cacho de", "touceira de", "caldo de", "unha de", "carne de",...) ou outros ("fileira de", "grupo de", "pilha de", "montículo de", "dia de", "culpa de", "fogo de", "companheiro de",...). Exemplos com **si'ru** /si'du/ *canalha de*, **pehe** *caroço de*, **nimi** /dĩbi/ *dia de*, **yuri** /yudi/ *ser torto de*:

- (36) **Péduru si'ru**
/Pédudu+ si'du/
Pedro +canalha de
canalha de Pedro
- (37) **ũyû pehe**
/ ũyû + pehe/
vegetal abacate+caroço de
caroço de abacate
- (38) **akô nîmî**
/ akô + dîbî /
chuva+dia de
dia de chuva
- (39) **ma'â yuri**
/bã'â + yudi/
caminho+ser torto de
torto de caminho, caminho torto

Note-se que, no último exemplo, o nome dependente **yuri** foi mais elegantemente traduzido em português por um adjetivo qualificativo. De fato, uma grande parte dos nomes dependentes correspondem a qualidades nominais ("torto", "redondo", "côncavo", "convexo", "sinuoso", "fino", "pegajoso", ...). Por isso, certos pesquisadores não hesitaram em denominar esta classe de "**adjetivos**" (Brüzzi, 1966, pp. 50-51). Como tentaremos mostrar no capítulo 9, esta denominação não resiste à análise estrutural. Simplesmente, a língua ye'pâ-ma diz: "este torto de caminho" enquanto na língua portuguesa se diz: "este caminho torto".

A maioria dos pesquisadores denominaram esta classe de nomes dependentes "**classificadores nominais**". Uma tal denominação é ainda menos justificada, já que o que se chama classificador deve formar um conjunto (limitado) de morfemas que caracterizam inerentemente e dividem os nomes em classes nominais (os nomes são divididos em classes cujos membros, para cada classificador, podem ser enumerados). Com esta definição, é fácil mostrar que só os traços não-contável e animado operam uma verdadeira classificação nominal. Ora, no exemplo (39), o morfema **yuri** *torto* **qualifica** mas **não caracteriza** o nome **ma'â** *caminho*: existem caminhos tortos mas há outros que não o são! Em outras palavras, **yuri** não é um classificador porque não permite uma classificação

nominal: mesmo que pudéssemos associar um certo número de nomes ao morfema **yuri** (a "classe" dos seres tortos), quase todos os nomes desta "classe", no entanto, podem ser tortos, retos, redondos ou finos segundo a circunstância e logo pertencer ao mesmo tempo a outras numerosas "classes" deste tipo.

No capítulo 9, veremos que a denominação de nomes dependentes é um tanto simplificada e que seria melhor chamar esta classe de **classe ambivalente de nomes dependentes e verbos de estado**.

Uma boa dúzia de nomes dependentes comportam-se como verdadeiras "posposições" e expressam várias funções semânticas: **me'ra** /bē'da/ *instrumental*, *comitativo*, **kē'ra** /kē'da/ *também*, **basi** *reflexivo*, **noho** /dōho/ *como*, **pūrikā** /pūdikā/ *porém*, **pe'e** *por sua parte*, **di'akīhi** *somente*, **niki** *um por um*, etc.

7. Os **sufixos nominais** não são numerosos. Os principais sufixos possuem os traços seguintes: número (plural, singulativo), aumentativo, diminutivo, alguns marcadores de função sintática ou semântica (**-ta** *especificador*, **-re** /-de/ *referencial*, **-pi** *focalizador (inessivo, ilativo, elativo)*). Existem sufixos de número diferentes segundo a entidade a que se refere o nome associado ser contável ou não-contável (abstrata), animada ou inanimada. Os sufixos de gênero (feminino, não-feminino) são pouco usados: aparecem unicamente com certos termos de parentesco e com termos que designam povos ou pessoas humanas.

Note-se também a existência de 6 sufixos de forma (**-ga** *ser em forma roliça*, **-gi** *ser em forma retilínea*, **-wi** *ser em forma oca tubular*, ...) que, sintaticamente, comportam-se como os nomes dependentes (nome-suf. forma na mesma relação que Complemento+Completado) e que se sufixam aos nomes não-contáveis ou abstratos. Provavelmente derivam, diacronicamente, de nomes dependentes. Por exemplo, com o nome não-contável (abstrato, genérico e sem forma a priori) **ũyû** *vegetal abacate*:

- (40) **ũyûga**
/ ũyû - ga/
vegetal abacate-frol
(uma) fruta abacate (lit. um ser roliço do vegetal abacate)
- (41) **ũyûgi**
/ ũyû - gi /
vegetal abacate-fret
(um) abacateiro (lit. um ser em forma retilínea do vegetal abacate)

Permitem assim dar uma forma aos nomes não-contáveis da língua (especialmente, a todos os termos genéricos e abstratos que designam os vegetais).

8. Os **verbos** são os predicados. Formalmente, os verbos primários (não derivados) têm uma estrutura bimoraica. Não há nenhum verbo irregular. Os verbos transitivos distinguem-se dos verbos intransitivos pelo número de argumentos verbais, mas cada verbo transitivo pode ser empregado intransitivamente quando não se especifica o objeto:

(42) **Péduru wa'ĩ ba'ãmi**

/Pédudu wa'ĩ ba'ã - bĩ /

Pedro peixe comer-pres.vist

Pedro come peixe(43) **Péduru ba'ãgi' weemí**

/Pédudu ba'ã - gi' weé - bĩ /

Pedro comer-impl.ms v.aux.-pres.vist

Pedro está comendo

e, por sua vez, o sujeito também pode ser omitido se o contexto o permitir:

(43') **ba'ãgi' weemí está comendo**

Certas evidências estruturais sugerem a existência de uma subclasse verbal: a que chamaremos de **verbos de estado**. Esta classe verbal corresponde em grande parte aos adjetivos da língua portuguesa, os seus termos designando qualidades como "branco", "vermelho", "grande", "pequeno", "comprido", "largo", "pesado", "frio", "quente", "bom", "mau", "triste", etc. Estruturalmente, admitem exatamente os mesmos sufixos que os outros verbos. No entanto, a sua existência como subclasse à parte parece justificar-se por eles terem um comportamento estrutural um pouco diferente dos outros verbos com os deverbais e na construção analítica (cf. capítulos 10 e 11).

9. Existe uma subclasse original e numerosa de verbos: os **verbos obrigatoriamente dependentes**. Têm o mesmo sistema de sufixos que o dos verbos independentes. Fonologicamente, são átonos. Morfologicamente, seguem o verbo que lhes serve de complemento. São numerosos termos que expressam todo tipo de situação que precisam de complemento [cf. exemplos (11,12,14,15,16,17,25,27,30)].

Além disso, certos verbos dependentes são fortemente gramaticalizados, podendo ter valores aspectuais (**ni'ĩ** /dĩ'ĩ/ *fazer algo*) *ainda*, **toha** já *fazer algo*), **ni'ka** /dĩ'ka/ *começar a (fazer algo)*, **nu'ku** /dũ'ku/ *fazer algo*) *continuamente*,...), temporais (**bo'rea**/bo'dea/ *fazer algo*) *até o amanhecer*,...), modais (**masi**/bãsi/ *saber, poder (fazer algo)*, **sĩ'ri**/sĩ'di/ *querer (fazer algo)*,...), diatéticos (**no'o** /dõ'ol/ *passivo*, **bosa** *benefetivo*) e outros.

10. Os **sufixos verbais** expressam: o negativo e o assertivo, o centrípeto e o centrífugo, o propagativo, o durativo, o frustrativo e -sobretudo- um sistema original que se refere juntamente ao tempo, ao aspecto, à modalidade epistêmica, à pessoa, ao gênero, ao número e à interrogação, e que sempre "fecha" a sufixação verbal.

A **modalidade epistêmica** indica o grau de conhecimento ou de implicação do locutor no que ele está dizendo sobre tal situação verbal. A língua distingue formalmente quatro modalidades diferentes:

- ◆ a modalidade vista: "eu vejo/vi que..." (conhecimento visual)
- ◆ a modalidade sentida: "eu percebo/percebi que..." (conhecimento outro que visual: auditivo, olfativo, tátil,...)
- ◆ a modalidade dedutiva: "eu deduzo que..." (conhecimento por prova ou rasto)
- ◆ a modalidade reportativa: "eu ouvi dizer que..." (informação de segunda mão)

Os sufixos expressando a modalidade epistêmica expressam também várias noções temporais (presente, passado recente, passado remoto), conforme o jogo de sufixos escolhidos.

Existem também vários sufixos utilizados como imperativo. O futuro forma-se com a combinação de certos sufixos.

11. Os "pronomes" pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos, etc. são verdadeiros nomes: admitem os mesmos sufixos (aumentativo, diminutivo,...) e os mesmos marcadores de função que os nomes (in)dependentes.

Os pessoais não possessivos ("eu", "tu",...) são facultativos (os sufixos verbais indicando a pessoa do sujeito). Mesmo assim, são muito mais usados que na maioria das línguas da região (yanomami, línguas arawak,...) e aparecem freqüentemente para enfatizar o discurso ou, simplesmente, para dar mais clareza à expressão. Não existem formas pessoais próprias para a função objeto. Neste caso, o uso do sufixo referencial **-re** /-de/ é obrigatório. Com **yi'ĩ** *eu*:

(44) **Péduru yi'ĩre tí'sãmi**

/Pédudu yi'ĩ- de tí'sã - bĩ /

Pedro eu-ref gostar-pres.vist

Pedro gosta de mim

Existem dois demonstrativos (conforme o ser mostrado estar perto ou distante do falante) e dois interrogativos (**diĩ** *o qual (interrogativo seletivo)?* e

yê'ê o quê?). A anáfora **tií** e a autófora **opâ** são muito usadas.

A possessão alienável realiza-se com a palavra **yaá** *possessão de*, e a ordem é sempre: possuidor + yaá + possuído.

12.A língua possui um sistema extremamente complexo de **sufixos nominalizadores** (deverbais). Estes sufixos permitem formar nomes secundários animados (masculino singular, feminino singular, plural) ou inanimados (singular, abstrato, lugar, de forma roliça, tubular, retilínea,...), conforme o sufixo escolhido. Por exemplo, com o verbo **da'rá** /da'dá/ *trabalhar*:

da'ra-gí <i>trabalhador</i>	da'ra-sehé <i>trabalho</i>
da'ra-gó <i>trabalhadeira</i>	da'ra-ró <i>lugar de trabalho</i>
da'ra-rá <i>trabalhadores</i>	da'ra-pihí <i>canoa, avião de trabalho, etc.</i>

Pelo fato que existem formas diferentes para o habitual, o perfectivo e o futuro, o jogo dos sufixos nominalizadores é multiplicado por três:

da'ra-sehé *trabalho* **da'rá-ke** *ex-trabalho* **da'ra-átehe** *futuro trabalho*

Os sufixos nominalizadores servem para formar nomes secundários que - por sua vez - formam o predicado de orações subordinadas (ou, pelo menos, do que corresponde a orações subordinadas na tradução em português). Como a língua **não possui nenhuma conjunção** (subordinativa ou coordenativa), são estes sufixos que permitem formar todo tipo de "**orações subordinativas**" substantivas, relativas, temporais ou locativas. O processo é extremamente produtivo. Como exemplos de subordinativas substantiva (45), locativa (46) e temporal (47):

(45) **mi'ĩ niischére tí'ó yê'tisa'**
/bĩ'ĩ dĩĩ - **sehé** - de tí'ó+yê'e- tí - sa-' /
tu dizer-nom.inan.pl-ref entender-neg-pres.sent
não entendo o que você diz (lit. não entendo teu dizer)

(46) **yi'ĩ naâ basarópi wa'â'**
/yi'ĩ dāā basā - dó - pi wa'ā- ' /
eu eles dançar-nom.lugar-foc ir -pres.vist
eu vou onde eles dançam

(47) **na'iatíhi diporo dahaámi**
/ dāĩ - atíhi +dípodo dahā- a-bĩ /
anoitecer-nom.inan.sg.fut+antes voltar-p.rec.vist
(ele) voltou antes que anoitcesse

13.A língua possui um sistema original de sufixos implicativos que, semanticamente, indicam relações lógicas implicativas (causa, condição,...) e, formalmente, caracterizam-se por formas diferentes conforme a relação de identidade ou de não-identidade entre o sujeito da oração implicativa e o sujeito da oração principal ("**switch-reference**"):

(48) **u'igi' wa'átiapi**
/ uĩ - **gi'** wa'ā- tí - a-pĩ /
ter medo-imp.ms ir -neg-p.rec.vist
(eu) não fui porque (eu) tinha medo

(49) **mi'ĩ wee tamótikā yi'ĩ upíti uása'**
/bĩ'ĩ weé+tābo- tí - **kā** yi'ĩ upíti uā - sa-' /
tu ajudar -neg-impl.cs eu muito estar zangado-pres.sent
eu estou muito zangado por tu não ajudares

Em (48), as orações implicativa e principal têm o mesmo sujeito ("eu"); por isso, usou-se o sufixo implicativo/mesmo sujeito **-gi'**; em (49), as orações implicativa e principal não têm o mesmo sujeito ("eu" e "tu"); por isso, empregou-se o sufixo implicativo/câmbio de sujeito **-kā**.

Os sufixos implicativos/mesmo sujeito entram também - com o verbo auxiliar **weé** *fazer, agir* - numa **construção analítica** extremamente usada. Compare a **construção analítica** do exemplo (51) com a **construção sintética** correspondente do exemplo (50):

(50) **koô ba'âmo**
/koô ba'ā - bō /
ela comer-pres.vist.3+fsg
(veja que) ela come

(51) **koô ba'âgo' weemó**
/koô ba'ā - **go'** **weé** - bō /
ela comer-impl.ms v.aux.-pres.vist.3+fsg
(veja que) ela está comendo (lit. comendo age)

Esta construção analítica insiste no desenvolvimento interno da situação verbal, exatamente como a forma progressiva da tradução em português; pode ser usada com qualquer modalidade (visto, sentido, dedutivo, reportativo) e com qualquer tempo (presente, passado, futuro).

14. O verbo mais usado da língua ye'pâ-masa: **niî** /dîî/ *estar; dizer* serve também obrigatoriamente de verbo copulativo:

(52) **Péduru îsâ paki niîmi**

/Péduru îsâ+paki dîî- bî /

Pedro nós+pai ser-pres.vist.3-fsg

Pedro é nosso pai

(53) **a'tigo āyugó niîmo**

/a'ti-go āyú - gó dîî- bō /

esta estar bonito-nom.fsg ser-pres.vist.3+fsg

esta é bonita

15. Como não existem conjunções coordenativas, a coordenação nominal ou verbal efetua-se de regra pela simples justaposição dos termos (parataxe), acompanhada de uma entonação ascendente depois de cada item não final (a sílaba final alongada e intensamente pronunciada):

(54) **wa'ĩ, yesê, wekî ba'aápi**

/wa'ĩ yesê wekî ba'â - a-pi /

peixe porco anta comer-pres.vist

comi peixe, porco e anta

(55) **kāri, wā'ká, ba'aápi**

/kādí wā'ká ba'â - a-pi /

dormir acordar comer-pres.vist

dormi, acordei e comi

Note, no último exemplo (coordenação verbal), que os sufixos de tempo-modalidade afixam-se unicamente no último verbo da série: os outros não têm sufixos. A coordenação verbal é o único mecanismo morfológico capaz de revelar raízes verbais livres.

4.6. A exposição da gramática

Os capítulos 5 e 6 tratam da morfologia verbal (sufixos verbais) enquanto o capítulo 7 propõe uma descrição das principais propriedades morfológicas dos verbos dependentes. Os sufixos nominais e os nomes dependentes serão estudados, respectivamente, nos capítulos 8 e 9. Os dois capítulos seguintes (10 e 11) tratam dos deverbais: o primeiro expõe o sistema de sufixos implicativos com o seu funcionamento e as suas propriedades de "switch-reference"; o segundo

descreve um complexo sistema de nominalizadores e como eles funcionam. Os pessoais (possessivos ou não), a anáfora, a autófora, os demonstrativos, os interrogativos e os quantificadores são estudados no capítulo 12 enquanto o capítulo 13 enumera as classes menores (certas partículas, interjeições, onomatopéias,...). Os processos de composição e de derivação (formantes) são analisados no capítulo 14. O último capítulo trata da ordem das palavras, das regras de ênfase e tenta definir o que é, nesta língua, um sintagma nominal ou verbal.

NOTAS

1. Afim de facilitar a leitura dos exemplos, adotamos a tradução justalinear seguinte:

♦ a 1ª linha contém o texto como está escrito nas escolas indígenas (as grafias **m**, **n** e **r** - apesar de ser apenas variantes condicionadas dos fonemas **b** e **d** - foram conservadas).

♦ a 2ª linha apresenta a segmentação morfológica, fonológica e subjacente da 1ª linha.

♦ a 3ª linha é a tradução da 2ª linha, morfema por morfema.

♦ a 4ª linha é a tradução livre da 1ª linha.

2. Além do verbo obrigatoriamente dependente **yuü**, a língua ye'pâ-masa possui dois verbos independentes para expressar o conceito de "esperar". São **ko'tê** e o verbo composto **yuü-koe**:

ko'têya! *espere!* **yuü-koeya!** *espere!*

Note-se que o verbo independente **yuü-koe** é obviamente formado a partir da raiz **yuü**. Além disso, outras línguas da família tukano usam o verbo dependente **yuü** como verbo independente (por exemplo, em tuyuka, sob a forma **yué**). No entanto, as considerações comparativas não têm nenhuma relevância no fato de decidir se um morfema é sufixo ou lexema dependente já que, na mesma língua, o mesmo morfema pode ser interpretado como lexema dependente para uns falantes e sufixo para outros. Como exemplo, o morfema /**dôho**/ *como* é interpretado como lexema dependente para os que pronunciam como em (α) e como sufixo para os que pronunciam como em (β):

(α) **Péduru weeró noho**

/Péduru weé- dó dôho/

Pedro fazer-nom.lugar como

como faz Pedro

(β) **Péduru weeróroho**

/Péduru weé - dó -dôho/

Pedro fazer-nom.lugar-como

como faz Pedro

O fato que, em (β), o morfema /**dôho**/ é pronunciado [roho] - e não [nôhō] como em (α) - evidencia uma ligação mais forte com o nome que o precede e, por conseguinte, uma passagem ao estatuto de sufixo (cf. argumentação em 4.4.).

MORFOLOGIA VERBAL (I)

O quadro da página seguinte reúne sufixos que "fecham" os verbos a qualquer sufixação ulterior: num enunciado verbal, que não seja uma série de verbos simplesmente justapostos sem nenhuma sufixação (cf. artigo 15 em 4.5.), um destes sufixos (ou um sufixo de futuro/imperativo) deve obrigatoriamente aparecer em posição terminal.

O significado destes sufixos terminais desenvolve-se nos 3 eixos semânticos seguintes:

- ◆ modalidade epistêmica (visto, sentido, dedutivo, reportativo).
- ◆ tempo/aspecto (presente, passado recente, passado caducado ou remoto).
- ◆ pessoa, gênero, número (3ª pessoa animada não-feminino singular, feminino singular e plural; outras pessoas, inclusive a 3ª pessoa inanimada) e interrogação.

Cada forma do quadro da página seguinte contém todas estas informações. Por exemplo, a forma **-a-sõ** contém as informações: situação sentida (escutada) pelo locutor num passado recente e realizada por um sujeito animado da 3ª pessoa e de sexo feminino:

(56) **koô utiásõ**

/koô utí - a-sõ /

ela chorar-p.rec.sent.3+fsg

(eu ouvi recentemente que) ela chorou/chorava

Neste capítulo, estudaremos pormenorizadamente as principais

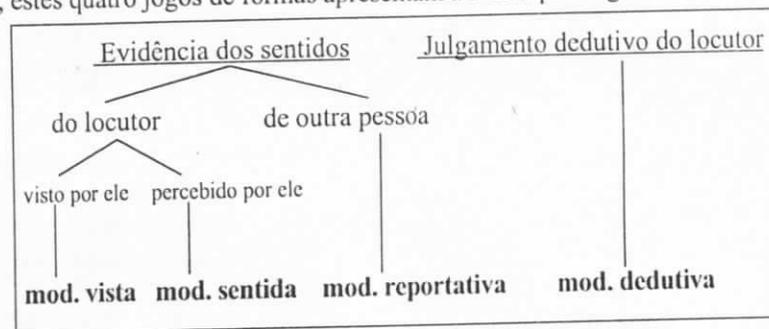
características semânticas e formais destes sufixos (5.1-5.). Para que o desenvolvimento da argumentação seja de melhor apreensão, escolhemos arbitrariamente as modalidades - e não o tempo ou a pessoa - como fio diretor da apresentação. Esta escolha sendo meramente didática, fica evidente que teríamos chegado a apresentações igualmente válidas com os outros parâmetros semânticos. Em 5.6, apresentaremos outros sufixos que fecham o verbo: os imperativos. Terminaremos o capítulo com uma tentativa de segmentação para todo este conjunto de sufixos.

	PRESENTE	PASSADO RECENTE	PASSADO CADUCADO	
VISTO	-mi /-bī/ -mo /-bō/ -ma /-bā/ ' -ti	-a-mi /-a-bī/ -a-mo /-a-bō/ -a-ma /-a-bā/ -a-pi -a-ti	-wī -wō -wā -wi -ri /-di/	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo
SENTIDO	-sa-mi /-sa-bī/ -sa-mo /-sa-bō/ -sa-ma /-sa-bā/ -sa-' -sa-ri /-sa-di/	-a-sī -a-sō -a-sā -a-si -a-sa-ri /-a-sa-di/	-kā-tī -kā-tō -kā-tā -kā-ti -kā-ti-ri /-kāti-di/	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo
DEDUTIVO	↓	-a-pī -a-pō -a-pā -a-pā -a-pa-ri /-a-pa-di/	-pī -pō -pā -pā -pa-ri /-pa-di/	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo
REPORTATIVO		-a-pi' -a-po' -a-pa'rā /-a-pa'dā/ -a-pa'ro /-a-pa'do/ -----	-pi' -po' -pa'rā /-pa'dā/ -pa'ro /-pa'do/ -----	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo

Neste quadro, as formas fonológicas subjacentes aparecem unicamente quando diferem das formas escritas nas escolas indígenas

Antes de descrever uma por uma as diversas modalidades epistêmicas, diremos algumas palavras sobre todos os parâmetros que entram em jogo.

A **modalidade epistêmica** indica o **grau de conhecimento** ou de **implicação** do locutor em relação ao enunciado. Formalmente, existem quatro jogos de formas segundo este grau de conhecimento se apresenta como **evidência dos sentidos** ou como **juízo dedutivo**. Como evidência dos sentidos, a situação pode ser **vista** (sentido da visão) ou somente "**sentida/percebida**" (sentido que não seja o da visão: audição, olfato, gosto ou tato) pelo locutor; pode ser também citada pelo locutor como uma situação não vista ou sentida por ele, mas vista por outra pessoa (informação de segunda mão ou "**reportativo**"). Logo, estes quatro jogos de formas apresentam a hierarquia seguinte:



Em resumo:

- ♦ a **modalidade vista** indica que a situação é vista no presente ou foi vista no passado (recente ou caducado) pelo locutor: "eu vejo/vi que ..."
- ♦ a **modalidade sentida** indica que a situação é ou foi "sentida", "percebida" pelo locutor por outro sentido que o visual: "eu sinto/senti que..."
- ♦ a **modalidade reportativa** indica que a situação foi vista ou sentida, não pelo locutor, mas por outra pessoa (frequentemente, por aquela que a realizou): "eu ouvi dizer que ..., disseram-me que ..."
- ♦ a **modalidade dedutiva** indica que a situação não foi vista nem sentida por ninguém, mas que é presentemente deduzida na base de alguma prova (rastros, marca, sinal,...) pelo locutor: "eu deduzo que ..."

Note que, no quadro geral, existem formas expressando a modalidade para os tempos presente ou passado (recente, caducado), mas não para o futuro (para a formação dos futuros, cf. 6.9.), onde distinções como visto, sentido, etc. perdem obviamente todo sentido.

O exemplo seguinte mostra como as modalidades funcionam no passado recente e com um sujeito da situação verbal animado, na 3ª pessoa não-feminino (ser de sexo masculino ou indeterminado) e no singular:

- (57) **diâyi wa'ĩ yahaámi**
/ diâyi wa'ĩ yahá - a-bĩ /
cachorro peixe roubar-p.rec.vist.3-fsg
o cachorro roubou o peixe
- (58) **diâyi wa'ĩ yahaási**
/ diâyi wa'ĩ yahá - a-sĩ /
cachorro peixe roubar-p.rec.sent.3-fsg
o cachorro roubou o peixe
- (59) **diâyi wa'ĩ yahaápi**
/ diâyi wa'ĩ yahá - a-pĩ /
cachorro peixe roubar-p.rec.ded.3-fsg
o cachorro roubou o peixe
- (60) **diâyi wa'ĩ yahaápi'**
/ diâyi wa'ĩ yahá - a-pi' /
cachorro peixe roubar-p.rec.rep.3-fsg
o cachorro roubou o peixe

Apesar dos quatro exemplos acima ter uma tradução idêntica em português, o grau de conhecimento da situação pelo locutor é bem diferente entre cada um. Seria melhor traduzi-los por:

- (57) eu vi que o cachorro roubou o peixe (fui testemunha visual do roubo).
(58) eu ouvi que o cachorro roubou o peixe (não vi o roubo, porque estava fora da casa mas escutei, vindo de dentro da casa, um barulho típico de cachorro mexendo com o jirau onde tinha guardado um peixe, ouvindo logo depois o peixe cair do jirau e o cachorro abocá-lo e fugir).
(59) eu deduzo que o cachorro roubou o peixe (não vi nada, mas tinha guardado um peixe em cima do jirau e, agora, não o encontro mais; ora, o único ser que vi entrar na casa enquanto estava capinando fora foi um cachorro; logo, foi ele que roubou o peixe).
(60) eu ouvi dizer/disseram-me que o cachorro roubou o peixe (não vi nada porque estava lá na roça, mas alguém foi testemunha pessoal do roubo e me contou o acontecimento).

O **tempo/aspecto** determina quando a evidência sensorial ou a situação verbal ocorreu. O sistema formal é tripartido:

- ♦ **presente**: situação/evidência que ocorre exatamente no momento do enunciado ("agora")
- ♦ **passado recente ou vigente**: situação/evidência que ocorreu num passado bastante recente para que os efeitos ainda se estendam no presente ("um segundo atrás", "há pouco tempo", "ontem", "anteontem",...)
- ♦ **passado caducado ou remoto**: situação/evidência que ocorreu num passado bastante distante para que não haja mais repercussões dela no presente e que, freqüentemente, representam fatos cujo realizador já morreu ou não está mais na região ("o mês passado", "o ano passado", "outrora",...). Os passados "recente/vigente" e "caducado/remoto" têm, na prática, uma separação temporal extremamente difícil de definir.

Note bem que o tempo indicado refere-se concomitantemente à evidência sensorial e a situação verbal com as modalidades vista, sentida ou reportativa ("eu vejo/ vi recentemente ou remotamente que...", etc.) enquanto se refere unicamente à situação verbal (e não à evidência sensorial) com a modalidade dedutiva ("eu deduzo agora que X faz/fez algo recentemente ou remotamente").

As marcas de **pessoa/gênero/número** referem-se sempre ao sujeito da situação verbal. Como na maioria das línguas da família tukana, o sistema formal é quadripartido:

- ♦ a **3ª pessoa animada feminina singular (3+fsg)** refere-se a um sujeito de situação verbal animado, singular e de sexo feminino [em português: "mulher", "Maria", etc.; "ela", para uma mulher ou um animal fêmea]
- ♦ a **3ª pessoa animada não-feminina singular (3-fsg)** refere-se a um sujeito animado, singular, de sexo masculino (homem, animal macho) ou de sexo indeterminado (**animal** enquanto espécie) [em português: "homem", "Pedro", "papagaio", "jabuti", "onça", "mosca", etc.; "ele", "ela" para um ser humano ou animal]. Alguns elementos da natureza e outros ("sol/lua", "trovão", "instrumento musical",...) são também considerados estruturalmente como animados não-femininos (cf. 8.).
- ♦ a **3ª pessoa animada plural (3pl)** refere-se a um sujeito de situação verbal animado e plural, qualquer que seja o seu sexo [em português: "homens", "mulheres", "papagaios", "onças", "sol e lua", "instrumentos musicais", etc.; "eles", "elas" para um ser humano ou animal].
- ♦ o rótulo "**outras pessoas**" abrange os sujeitos de outras pessoas ("eu", "tu", "você", "nós", "vocês") ou os sujeitos inanimados (singular ou plural) como os vegetais, os objetos, os nomes abstratos, etc. ["vegetal banana", "casa",

"pedra", etc.]. Usa-se também, às vezes, como impessoal com alguns sujeitos interrogativos animados ("quem?", "quais seres animados?") e na construção passiva (cf. 7.3.).

Como veremos nos subcapítulos seguintes, a categoria "pessoa/gênero/número" interage com as categorias "modalidade" e "tempo/aspecto", provocando várias mudanças relevantes no significado geral destas duas últimas categorias.

5.1. A modalidade vista

5.1.1. As formas associadas à modalidade vista aparecem na primeira linha de casinhas do quadro geral. Note que:

♦ no presente visto/outras pessoas, o sufixo é -ʔ: indica uma laringalização da parte final da vogal terminal do radical verbal, com tom superbaixo. Exemplos com **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:

apê /apê-ʔ/ [ã ʔ p ẽ ʔ] (eu) *brinco*, (tu) *brincas*, (nós) *brincamos*,
(vocês) *brincam*

apó /apó-ʔ/ [ã ʔ p õ ʔ] (eu) *conserto*, (tu) *consertas*, (nós) *consertamos*,
(vocês) *consertam*

♦ todos os sufixos do passado recente começam com **-a-** tanto na modalidade vista quanto nas outras modalidades:

Caso este sufixo for adjacente à raiz verbal, ele forma um tom de contorno (ascendente) com a vogal terminal da raiz:

apeámi /apê-a-bĩ/ [ã ʔ p ẽ ẽ ẽ] (vi que ele) *brincou*
apoámi /apó-a-bĩ/ [ã ʔ p õ ẽ ẽ] (vi que ele) *consertou*

Caso este sufixo não for adjacente à raiz verbal (separado dele por outro sufixo verbal), as raízes de melodia alta conservam regularmente a sua estrutura tonal. Com o verbo de melodia alta **apê** *brincar* e o sufixo negativo **-tĩ**:

apêtiãmi /apê-ti-a-bĩ/ [ã ʔ p ẽ ẽ ẽ] (vi que ele) *não brincou*
enquanto as raízes de melodia ascendente deslocam regularmente o seu tom. Com o verbo de melodia ascendente **apó** *consertar*:

apotiãmi /apó-ti-a-bĩ/ [ã ʔ p õ ẽ ẽ] (vi que ele) *não consertou*

♦ os outros sufixos obedecem regularmente à regra geral de deslocamento tonal, segundo a raiz verbal é de melodia alta ou ascendente (sândi tonal, cf. 3.4.):

apêmi /apê-bĩ/ (veja que ele) *brinca*
apomi /apó-bĩ/ (veja que ele) *conserta*

5.1.2. A modalidade vista tem o sentido geral de situação **vista pelo locutor**. Caso o locutor for o próprio sujeito/objeto da situação (ou, seja, enunciados cujo sujeito ou objeto está na **1ª pessoa**), o falante expressa assim - não somente que ele vê o que ele faz ou o que é feito nele (o que é evidente!) - mas, sobretudo, que ele está **diretamente implicado** na situação e que se responsabiliza por ela. Na **1ª pessoa**, a modalidade vista opõe-se então à modalidade sentida, e exemplos desta oposição serão dados quando estudaremos a modalidade sentida (cf. 5.2.).

Exemplos de modalidade vista no presente, passado recente e passado caducado com o verbo **apê** *brincar* usado na 3ª pessoa animada do plural:

(61) **apêma** /apê-bã/ (veja que eles/elas) *brincam*

(62) **apeáma** /apê-a-bã/ (vi num passado recente que eles/elas)
brincavam: brincam, brincavam/brincaram

(63) **apêwã** /apê-wã/ (vi num passado remoto que eles/elas)
brincavam/brincaram

As formas estudadas não fazem nenhuma distinção entre perfeito e imperfeito: nos exemplos (62,63), a escolha de tradução: "brincavam" ou "brincaram" depende, em grande parte, do contexto (no entanto, vários sufixos e verbos dependentes expressam o conceito de duração ou de costume; serão estudados ulteriormente, cf. 6.4. e 7.2-5.). Esta falta de distinção perfeito/imperfeito vale para todas as modalidades.

Como já o salientamos, o tempo escolhido refere-se sempre e simultaneamente à situação verbal e à evidência vista. Em consequência disso, as formas presentes serão sempre traduzidas em português por um presente (61), enquanto as formas passadas (recente ou caducada) implicarão, na tradução portuguesa, uma escolha temporal que dependerá - em grande parte - do contexto e do semantismo do verbo. Por exemplo, (62) pode ser completado, dando (62'):

(62') **yamiákã** **apeáma**
/yãbĩ-akã¹ apê - a-bã /
ontem *brincar-p.rec.vist.3pl*
(vi que eles/elas) *brincavam/brincaram ontem*

Em (62'), o locutor os viu *brincar* ontem e - pela natureza da ação de *brincar* - nada lhe permite supor que ainda estão *brincando* atualmente: logo, a tradução exige uma forma passada. No entanto, (62) poderia ser traduzido por uma forma presente se o locutor os tivesse visto *brincar* alguns minutos antes de proferir o seu enunciado, o que teria podido implicar que ainda agora estão *brincando*. Outro exemplo:

- (64) **no'opí Péduru niiáti?** - **bu'erópi niiámi**
 /dō'ō-pi Pédudu dīi - a -ti bu'ê - dó -pi dīi - a-bī /
 onde -foc Pedro estar-p.rec.vist-int estudar-nom.lugar-foc estar -p.rec.vist
 onde está Pedro? - está na escola (lit. lugar de estudo)

onde a tradução adotada exige o contexto seguinte: a pessoa que responde viu o Pedro ocupado a estudar na escola alguns momentos antes. Uma tradução literal seria simplesmente: "vi (num passado recente) que estava na escola". Note que a pergunta contém também uma forma passada, o interrogador sabendo que o interrogado passou alguns momentos antes num lugar onde ele teria podido encontrar o Pedro.

Mesma tradução "presente" acontece freqüentemente com a modalidade vista no passado caducado. Por exemplo:

- (65) **marí bi'aátihi maa e'satiwi**
 /bādī bi'á - atihī + bāa e'sá-ti - wī /
 nós fechar-nom.inan.sg.fut+igarapé estreito-p.cad.vist.outras pessoas
 o igarapé que nós vamos fechar (com armadilha) é estreito

Literalmente, (65) significa: "vi outrora que o igarapé que vamos fechar era estreito". Com o semantismo do verbo **e'sa-tí** *estar estreito*, o contexto obviamente não mudou de outrora para hoje: o igarapé era e é ainda estreito.

Outros exemplos de modalidade vista no passado que podem ser traduzidos por um presente:

- (66) **yaa maká ā'ri yaa maka pi'to niūwi**
 /yaa+ bāka ā'dí+yaa+ bāka + pi'to dīi - wī /
 poss+povoado este +poss+povoado+perto estar-p.cad.vist.outras pessoas
 o meu povoado é perto do povoado deste homem (há tempo que vi que era perto, e isso não mudou)

- (67) **a'tiro di'pókātiwi a'té kití**
 /a'ti-do di'pō-kā-ti- wī a'té kití /
 assim começar -p.cad.vist.outras pessoas esta história
 esta história começa assim (desde há tempo eu soube que começava assim)

Com **koô** *ela*, **wamé** /wābél/ *nome*, **Baría** *Maria* e **niū** /dīi/ *ser*, compare também:

- (68) **koô wamé Baría niūmo** *o nome dela é Maria (Maria está em presente frente do locutor)*
koô wamé Baría niūámo *o nome dela é Maria (Maria não está em frente do locutor, mas foi vista há passado recente pouco tempo)*

- koô wamé Baría niūwō** *o nome dela é Maria (Maria não está em passado caducado frente do locutor, mas foi vista naquele tempo antes de ela viajar); ou: o nome dela era Maria (foi vista antes de ela morrer)*

Em outras palavras, é a tradução que, levando em conta o contexto e o semantismo do verbo, dá uma impressão de situação verbal presente com formas passadas. A evidência sensorial, porém, teve **sempre** lugar no passado.

No entanto, com **sujeito** ou **objeto** na **1ª** ou **2ª** **pessoas**, as formas passadas (recente ou caducada) **nunca** serão traduzidas em português, por razões lógicas evidentes, por formas presentes:

- (69) **yi'ĩ apecápi**
 /yi'ĩ apê - a-pi /
 eu brincar-p.rec.vist.outras pessoas
 eu brinquei (lit. vi que brinquei; logo, não estou brincando mais, senão, teria usado uma forma vista presente)
- (70) **āyā yi'ĩre kū'riámi**
 /āyā yi'ĩ- de kū'dí - a-bī /
 jararaca eu -ref morder-p.rec.vist.3-fsg
 uma jararaca me mordeu

5.1.3. Além de ser empregada nos enunciados vistos pelo locutor, a modalidade vista usa-se também para expor verdades gerais, como:

- (71) **muhi-pūu opā siti niūmi**
 /būhī-pūu opā + siti dīi- bī /
 sol autófora+circular ser-pres.vist.3-fsg
 o sol é redondo (dito de dia ou de noite, mesmo sem vê-lo presentemente)

Neste caso, a expressão das situações atemporais ou habituais faz-se geralmente da maneira seguinte: as formas de modalidade vista aparecem sufixadas ao verbo copulativo **niū** /dīi/ *ser*, o predicado sendo formado por um verbo nominalizado na forma habitual (para uma lista dos sufixos nominalizadores, cf.11). Por exemplo:

- (72) **a'tó kārigí niiápi**
 /a'tó kādí - gí dīi- a-pi /
 aqui dormir-nom.-fsg ser-p.rec.vist.outras pessoas
 (eu) durmo aqui (eu costumo dormir aqui e não em outro lugar; dito como resposta a quem perguntou onde costuma dormir o interrogado)

- (73) **wa'ire ba'agó niiápi**
/wa'i-de ba'á - gó dīi- a-pi /
peixe-ref comer-nom.+fsg ser-p.rec.vist.outras pessoas
(eu) como peixe (costume de todos os dias do locutor feminino)
- (74) **ni'karerā numiā isâretisará niiáma**
/dī'ká-de-dā dūbī -a isâ-de ti'sâ - râ dīi- a-bã /
algumas mulher-pl nós-ref gostar-nom.pl ser-p.rec.vist.3pl
há algumas mulheres que gostam de nós
- (75) **a'toré upíti waro akôro peharó niiápi**
/a'tó-de upíti+ wado akô-do pehá- dó dīi- a-pi /
aqui-ref muito+ verdadeiro chuva cair-nom.lugar ser-p.rec.vist.outras pessoas
aqui chove realmente muito
- (76) **koô ni'kó ohâ masigo niîmo**
/koô dī'kó ohâ + bāsi- gó dīi- bõ /
ela única escrever+saber-nom.+fsg ser-pres.vist.3+fsg
ela é a única a saber escrever (o locutor tem a pessoa em frente dele e escrevendo)

Se a situação verbal habitual ou atemporal descrita pelo verbo nominalizado é presentemente vista, o locutor usa uma forma vista presente afixada ao verbo copulativo (76).

Senão, ele usa uma forma vista geralmente no passado recente, a situação atemporal ou habitual sendo então freqüentemente reproduzida no tempo (72, 73, 74, 75).

Pode usar também uma forma vista no passado caducado caso a situação atemporal ou habitual for vista há tanto tempo que o locutor não tem certeza que se reproduz freqüentemente, a não ser que o semantismo do verbo não deixa dúvida sobre o caráter atemporal da situação:

- (77) **Baría āyugó niîwō**
/Badía āyú - gó dīi- wō /
Maria bonita-nom.+fsg ser-p.cad.vist.3+fsg
Maria é bonita (verifiquei isso há muito tempo atrás, antes de ela viajar)

Compare com:

- (77') **Baría āyugó niîmo** Maria é bonita (ela está em frente de mim)
(77'') **Baría āyugó niîámo** Maria é bonita (verifiquei isso há pouco tempo atrás)

5.2. A modalidade sentida

5.2.1. As formas associadas à modalidade sentida aparecem na segunda linha de casinhas do quadro geral. Todos estes sufixos seguem a regra geral de deslocamento tonal, fora o sufixo do passado recente **-a...** (regra descrita em 5.1.) e o sufixo transparente **-sa**. O sufixo **-sa** é irregular: é tonalmente **transparente**, deixando passar o tom de uma raiz verbal de melodia ascendente (mas não de uma raiz verbal de melodia alta) para o sufixo seguinte. Com **apó consertar** e **apê brincar**:

aposamí /apó-sa-bĩ/ (ouço que ele) conserta
apêsami /apê-sa-bĩ/ (ouço que ele) brinca

Além disso, com a forma sentida/presente/outras pessoas: **-sa'**, as raízes verbais de melodia alta tornam-se automaticamente de melodia ascendente:

apê brincar ⇒ **apésa'** /apê-sa-'/ (ouço que você) brinca
ti'sâ gostar de ⇒ **ti'sása'** /ti'sâ-sa-'/ gosto de (você,...)

enquanto as raízes verbais de melodia ascendente não mudam tonalmente:

apó consertar ⇒ **apósa'** /apó-sa-'/ (ouço que você) conserta
iá querer ⇒ **iásá'** /iá-sa-'/ quero (isso,...)

5.2.2. A **modalidade sentida** tem o sentido geral de situação não vista, mas **sentida, percebida** pelo locutor. A situação não é vista:

- ♦ ou por causa de um obstáculo que interfere com a visão (parede, escuridão, gravação que só me permite escutar a voz, ou - simplesmente - porque o locutor está de costas)
- ♦ ou por o verbo ser um verbo de emoção ou de sensação.

A modalidade sentida expressa que o locutor sente/sentiu a situação por outro sentido que o visual (sentido da audição, do olfato, do tato ou do gosto). Usa-se **unicamente** quando o locutor não vê/viu a situação: caso ele a ver e a sentir simultaneamente, a escolha de sufixos vistos é obrigatória (em outras palavras, a modalidade vista é hierarquicamente mais alta).

O funcionamento dos sufixos sentidos pode ser levemente diferente quando o sujeito/objeto da situação verbal é a 1ª pessoa (do singular ou do plural). Examinaremos separadamente as duas possibilidades.

5.2.3. Com um **sujeito verbal que não seja a 1ª pessoa**, o locutor emprega as formas sentidas para expressar que sente (formas presentes) ou sentiu (formas passadas recentes ou caducas) a situação. Exemplos de situações ouvidas no presente:

- (78) **kārčkē' uusamí**
/kādēkē' uú - sa-tĩ /
galo falar-pres.sent.3-fsg
(ouço que) o galo canta (não o vejo porque estou em casa)
- (79) **wäpíhí' bisísa'**
/wí í-píh í' bisí- sa-' /
avião soar-pres.sent.outras pessoas
(ouço) o avião soar (ouço-o mas não o vejo)
- (80) **pīrô bisísami**
/ pīdô bisí- sa-bĩ /
lombriga soar-pres.sent.3-fsg
a lombriga soa (ouço-a fazer barulho na barriga)

Exemplos de situações ouvidas no passado recente:

- (81) **apéasô**
/ apê - a-sô /
brincar-p.rec.sent.3fsg
(ouvi-a) brincar (não a vi mas escutei a voz dela e o barulho típico das brincadeiras)
- (82) **wi'mará oharópi di'tatiásã**
/wī'bá-dã ohá-dó-pi di'tá-ti - a-sã /
crianças cerrado-foc fazer barulho-p.rec.sent.3pl
(ouvi) as crianças fazerem barulho no cerrado (ouvi as vozes delas sem vê-las)
- (83) **naäre bisíshé wã'koási**
/dãa-de bisí- sehé wã'kó - a-si /
eles-ref soar-nom.inan.pl acordar-p.rec.sent.outras pessoas
o barulho (o soar) os acordou (não os vi acordar; só ouvi o barulho típico que fazem as pessoas quando acordam)

Exemplos de situações ouvidas no passado caducado:

- (84) **apêkātio**
/ apê - kã-tio /
brincar-p.cad.sent.3fsg
(ouvi-a) brincar naquele tempo
- (85) **naã mi'ire paākātia**
/dãã bĩ'i- de paã - kã-tia /
eles tu -ref bater-p.cad.sent.3pl
(ouvi) eles baterem em ti naquele tempo (não vi a briga, só escutei as pancadas)

Exemplos de situações sentidas pelo olfato, gosto ou tato:

- (86) **ba'asché akã yi'riasa'**
/ ba'ã - sehé akã +yi'dia- sa' /
comer-nom.inan.pl salgado+muito-pres.sent.outras pessoas
a comida está muito salgada (evidência pelo gosto: provei a comida)
- (87) **nu'miã i'mĩtihi yi'riasama**
/dũ'bĩ- a i'bi-tihi+yi'dia- sa-bã /
moça-pl cheiroso+ muito-pres.sent.3pl
sinto o bom cheiro das moças (lit. sinto pelo olfato que as moças estão muito cheirosas)
- (88) **yi'ire wi'magi yiaási**
/yi'i- de wĩ'bá-gi yĩá - a-sĩ /
eu -ref menino queimar com tição-p.rec.sent.3-fsg
o menino me queimou com tição (lit. senti pelo tato que o menino...)
- (89) **sĩ'i me'rakĩhi yi'ire notekãti**
/ sĩ'i + bē'da-kĩhi yi'i-de dōté - kã-tĩ /
aquele+companheiro eu-ref dar um pisão-p.cad.sent.3-fsg
o companheiro daquele me deu um pisão naquele tempo (senti o pisão)
- (90) **ãhu-pěã marĩre nu'rĩrã' weesamá**
/ãhũ-pěã bãdĩ- de dũ'dĩ- dã' weé - sa-bã /
borrachudos nós -ref picar-impl.ms v.aux.-pres.sent.3pl
os borrachudos estão nos picando

Como os sufixos da modalidade vista, os da modalidade sentida não fazem diferença, no passado, entre o perfeito eo imperfeito (cf.5.1.). O tempo escolhido nas formas sentidas refere-se simultaneamente à situação verbal e à evidência sentida. No entanto, com as formas passadas, teremos freqüentemente uma tradução no presente quando a situação sentida pelo locutor no passado ainda tem relevância no presente (isso depende do contexto ou do semantismo do verbo). Com sujeito/objeto na 1ª/2ª pessoas, uma forma passada porém nunca será traduzida por uma forma presente em português (para uma discussão e exemplos na modalidade vista, cf.5.1.).

Os sufixos sentidos expressam também situações atemporais ou habituais sentidas, no mesmo tipo de construção descrita em 5.1.: a forma sentida aparece então sufixada ao verbo copulativo **nií/dĩi/ser** enquanto o predicado é formado com um verbo nominalizado na forma habitual:

- (91) **maatá waro, i'yâ eha-ti-gi niiási**
/maatá+wado i'yâ+ eha - ti- gi dĩi- a-si /
cedo +verdadeiro ver+ atingir-neg-nom.-fsg ser-p.rec.sent.outras pessoas
muíto cedo, não consigo enxergar direito [lit. muito cedo, costume não atingir (as coisas) pela vista]

5.2.4. Além dos sufixos acima apresentados, a língua possui outro mecanismo que expressa conceitos idênticos. Trata-se de uma construção analítica, formada com o verbo sufixado pelas formas implicativas/mesmo sujeito (cf. capítulo 10) e o verbo auxiliar **akôro** ou **akâro** *perceber-se* usado com formas modais vistas. Exemplos de situações ouvidas (92,93), cheiradas (94) ou provadas (95):

- (92) **marí diakĩhi buú a'tigi' akôromi**
/bādĩ+dia-kĩhi buú a'ti- gi' akôdo - bĩ /
nós +direção cutia vir -impl.ms perceber-se-pres.vist
ouve-se a cutia vir na nossa direção
- (93) **diâyi poógi' weégi' akôromi**
/diâyi poó - gi' weé - gi' akôdo - bĩ /
cachorro ser batido-impl.ms v.aux.-impl.ms perceber-se-pres.vist
ouve-se o cachorro estar sendo batido
- (94) **ba'asché i'mĩtihio'ro' akôro'**
/ba'á - sehé i'ti-tihi - o' - do' akôdo - ' /
comer-nom.inan.pl cheiroso-prop-impl.ms perceber-se-pres.vist
sente-se o bom cheiro da comida propagar-se

- (95) **wa'iki sisô'ka di'iro i'siâro' akôro'**
/wa'i-ki sisô- 'ka di'i-do i'siâ - do' akôdo - ' /
caça moquear-nom.inan.sg.perf carne gostoso-impl.ms perceber-se-pres.vist
a carne moqueada de caça tem gosto agradável

Note, no exemplo (93), o uso do sufixo implicativo **-gi'** duas vezes. a construção analítica com **akôro** justapondo-se à construção analítica com o verbo auxiliar **weé** (construção que indica o desenvolvimento do processo, cf.10.5.).

5.2.5. Com um **sujeito verbal na 1ª pessoa**, o uso dos sufixos sentidos indica que o locutor/sujeito da situação verbal, de uma maneira ou de outra, **não está ou não se considera implicado no enunciado**. Os sufixos sentidos opõem-se então aos sufixos vistos, estes últimos indicando uma implicação ou uma responsabilidade maior do locutor. Compare:

- (96) **bapá bopeápi**
/bapá bopê - a-pi /
prato quebrar-p.rec.vist
quebrei o prato (de própria vontade, porque estava com raiva)

- (97) **apêtiapi**
/ apê - ti - a-pi /
brincar-neg-p.rec.vist
não brinquei (porque não queria)

com:

- (96') **bapá bopeási** *quebrei o prato sem querer (não o vi na beira da mesa)*
- (97') **apêtiasi** *não brinquei (porque estava doente, não me chamaram,...)*

Portanto, os sufixos sentidos com um sujeito de 1ª pessoa podem ser traduzidos por: "sem querer", "involuntariamente", "despropositadamente", "indevidamente", etc. É também a modalidade da desculpa. Outros exemplos:

- (98) **yi'ĩ ye'mêro kũ'rikã'sa'**
/yi'ĩ yê'bê-do kũ'di-kã- sa-' /
eu língua morder-ass-pres.sent.outras pessoas
eu me mordo a língua sem querer!

- (99) **pũgipi birĩ dihaa'asi**
/pũ-gi- pi bidĩ+ diha - a' - a-si /
rede -foc cair+baixar-C>-p.rec.sent.outras pessoas
caí da rede despropositadamente

- (100) **mi'ĩre doógi', koóre wa'ĩ o'oási**
/b'ĩ-ĩ-de doó - gi' koó- de wa'ĩ o'ó- a-si /
tu -ref pensar erradamente-impl.ms ela-ref peixe dar-p.rec.sent.outras pessoas
pensando que era você, dei-lhe (a ela) o peixe

- (101) **semê pekâ yee muikâti**
/sêbê pekâ+yee+ bûi - kã-ti /
paca atirar +errar-p.cad.sent.outras pessoas
errei sem querer no tiro da paca

5.2.6. Com um **sujeito na 1ª pessoa**, os sufixos de modalidade sentida são também privilegiadamente usadas com todos os **verbos de sensação ou de emoção** (situações sentidas e não vistas pelo locutor). Como verbos usados frequentemente com a modalidade sentida: **pūrĩ** *doer*, **do'āti** *estar doente*, **bihâ-weti** *estar triste*, **e'katĩ** *estar alegre*, **uâ** *estar zangado*, **uĩ** *ter medo*, **ĩá** *querer*, **tĩ'sá** *gostar de*, **yabĩ** *não gostar de*, **masĩ** *saber*, **tĩ'ó yã'a** *sentir*, **tĩ'yâ**, **nĩ** *(no sentido de) achar*, **ycó** *duvidar*, **kê'ê** *sonhar com*, **wākũ** *lembrar*, **akobohó** *esquecer*, **pahá** *ter dó de*, assim como "estar com fome", "estar com sede", "estar com sono", "estar com preguiça", "estar morrendo", etc. Como exemplos:

- (102) **pa'ĩ weresché tĩ'ógi' a'pe-pūriá wa'aasi**
/pa'ĩ wedê-sché tĩ'ó-gi' a'pe-pūri-a+ wa'a - a-si /
padre sermão ouvir-impl.ms irritar-se+ingressivo-p.rec.sent.outras pessoas
ouvindo o sermão do padre, irritei-me (senti uma irritação)

- (103) **koó ctaká yĩ' e'katiási**
/koó etá - ká yĩ' e'ka-tĩ - a-si /
ela chegar-impl.cs eu estar alegre-p.rec.sent.outras pessoas
quando ela chegou, eu me alegrei (senti alegria)

- (104) **yĩ' do'atigi' weésa'**
/yĩ' do'āti - gi' weé - sa-' /
eu estar doente-impl.ms v.aux.-pres.sent.outras pessoas
eu estou doente (lit. sinto-me doente)

- (105) **mi'ĩre upíti wākũkãti**
/b'ĩ-ĩ-de upíti wākũ - kã-ti /
tu -ref muito lembrar-p.cad.sent.outras pessoas
tinha muita saudade de você (senti muita lembrança de ti naquele tempo)

- (106) **yĩ' ihá boági' weésa'**
/yĩ' ihá boá - gi' weé - sa-' /
eu fome apodrecer-impl.ms v.aux.-pres.sent.outras pessoas
eu estou com fome (sinto-me "apodrecer" de fome)

- (107) **yĩ're upĩka pūriá'**
/yĩ'-de upi-ka pui- sa-' /
eu-ref dente doer-pres.sent.outras pessoas
dói-me o dente (lit. a mim sinto que o dente dói)

Note bem que se trata sempre da sensação do locutor enquanto sujeito da situação verbal; no entanto, a sensação de um sujeito que não seja o locutor não pode ser formalizada da mesma maneira. Por exemplo, a modalidade sentida torna-se possível em (104) por ser o locutor a pessoa doente. Caso for diferente, como em: (104') "Pedro" está doente, a modalidade utilizada será a vista (pela aparência física de Pedro) ou outra, o locutor não podendo sentir a doença de Pedro:

- (104') **Péduru do'atigi' weemí** *Pedro está doente*

5.2.7. As **formas sentidas no tempo presente** podem ter outro sentido: o de modalidade de **cálculo dedutivo** ("eu tenho toda certeza que...", "deve...", como no sentido epistêmico forte do verbo inglês **must**). Como exemplos:

- (108) **marisamĩ**
/ bādĩ - sa-bĩ /
não estar-pres.sent.3-fsg
com toda certeza, não está (na casa)

- (109) **su'tiré koégo' weesamó**
/su'tĩ-de koé - go' weé - sa-bõ /
roupas-ref lavar-impl.ms v.aux.-pres.sent.3+fsg
ouço que ela está lavando roupas; deve estar lavando roupas

Este exemplo pode ter dois significados diferentes:

- ela está lavando roupas: ouço da casa o barulho que ela faz.
- com toda certeza, ela está lavando roupas: ela foi mandada por mim ou outra pessoa; ou: o sabão e o pacote de roupas sujas não se encontram mais dentro da casa, e é sempre ela que iava as roupas.

Com os sufixos sentidos, esta significação dedutiva só aparece nas formas presentes.

5.2.8. Outro uso especial das **formas sentidas no presente**: no sentido de **incerteza** ou **dúvida**. Este sentido aparece numa construção original e repetitiva:

o verbo que expressa a situação duvidosa e incerta é repetido, na sua 1ª aparição contruindo-se com sufixos implicativos/mesmo sujeito e, na sua 2ª aparição, com o sufixo sentido **-sa**. Por exemplo:

(110) **masítisa' no'opí nūigi' nūisamo**
/ bāsí- ti- sa-' dō'ó-pi dīi - go' dīi - sa-bō /
saber-neg-pres.sent onde-foc estar-impl.ms estar-pres.sent.3+fsg
não sei onde (ela) está

(111) **masīgi' masi boosa'**
/bāsí- gi' bāsí+ boo - sa-' /
saber-impl.ms saber+potencial-pres.sent.outras pessoas
sabe lá se eu sei!

5.2.9. As formas sentidas no presente empregam-se freqüentemente também:

1. Para formar o **futuro de predição** (cf.6.9.).
2. Para formar o **permissivo** com o sufixo interrogativo **-ri**. Por exemplo:

(112) **sāhá'sari?**
/sāhá - a'- sa -di/
entrar-C>-pres.sent-int
posso entrar?

(113) **no'ó a'teré kūūsari?**
/dō'ó a'té - de kūū - sa -di/
onde estas coisas-ref deixar-pres.sent-int
onde posso deixar estas coisas?

3. Como **imperativo de distância** quando sufixado ao verbo dependente **ni'i** /dī'i/ *continuar a (fazer algo), (fazer algo) ainda*. Este imperativo é muito usado para pedir a alguém que faça algo a distância. Por exemplo:

(114) **apê ni'isa**
/ apê + dī'i - sa /
brincar+ainda-pres.sent
vá brincar!

5.2.10. A forma **-si obrigação** é, sem dúvida, uma reminiscência de formas arcaicas da modalidade sentida no passado caducado, o **significado epistêmico** desaparecendo e transformando-se em **sentido deontico** (necessidade e dever). A mesma forma impessoal usa-se independentemente da pessoa. Podemos traduzi-la por: "devemos...", "tem que...". Por exemplo:

(115) **ihá boági', ba'ási**
/ ihá boâ - gi' ba'â - si /
fome apodrecer-impl.ms comer-p.cad.sent
estando com fome (lit. apodrecendo de fome), tem que comer

(116) **da'raká da'rasí**
/ da'dá - ká da'dá - si /
trabalhar-impl.cs trabalhar-p.cad.sent
no trabalho, tem que trabalhar

(117) **āyuró bu'ési**
/āyú-do bu'ê - si /
bem estudar-p.cad.sent
tem que estudar bem

(118) **yā'áro weetisi**
/yā'á-do weé - ti - si /
mal fazer-neg-p.cad.sent
não tem que fazer mal

5.3. A modalidade dedutiva

5.3.1. As formas dedutivas aparecem na terceira linha de casinhas do quadro geral. Os sufixos do passado caducado obedecem à regra geral de deslocamento tonal. Os sufixos que começam por **-a...** seguem a regra exposta em 3.4. e 5.1. O sufixo **-pa** aparece somente na interrogação caducada. Como **-sa**, **-pa** é tonalmente **transparente** (cf.3.4. e 5.2.). Por exemplo:

kūū deixar ⇒ **naâ kūū-pa-ri?** *eles deixaram-no (outrora)?*
duhí aterrissar ⇒ **duhi-pa-rí?** *aterrissaram (outrora)?*

5.3.2. As formas com a **modalidade dedutiva** usam-se quando o locutor não viu nem sentiu a situação verbal mas tem **uma prova** (rastros,...) que tal situação realizou-se. Por conseguinte, esta modalidade **não pode ser usada quando tiver evidência visual ou outra**; é hierarquicamente mais baixa.

À diferença das outras modalidades, a dedução é sempre feita quando o locutor fala ("eu deduzo agora que..."); o tempo indicado pelas casinhas (passado recente ou caducado) é sempre o tempo da situação verbal ("eu deduzo agora que X aconteceu recentemente ou remotamente"). Como se pode ver no quadro, **não existem formas dedutivas no presente**, as formas sentidas no presente

- com um sentido de cálculo dedutivo - substituindo-as. O fato de não ter formas dedutivas no presente parece ter um fundamento lógico: numa situação presente, o locutor não pode ter uma prova outra que sensorial dela.

Exemplos de modalidade dedutiva no **passado recente**:

(119) **koô utiápô**

/koô uti - a-pô /

ela chorar-p.rec.ded.3+fsg

(deduzo que ela) chorou (prova: marcas de lágrimas no rosto)(120) **naâ yahaápâ**

/dãã yahá - a-pâ /

eles roubar-p.rec.ded.3pl

eles roubaram (prova: o meu dinheiro desapareceu)(121) **pamô maki du'tiá wa'aapî**

/pâbô + baki du'ti-a+ wa'a - a-pî /

tatu +filhote fugir +ingressivo-p.rec.ded.3-fsg

o filhote de tatu fugiu (prova: eu o tinha deixado na caixa e não está mais)(122) **wekî a'tó maháa'apî**

/wekî a'tó báhá- a' - a-pî /

anta aqui subir-C>-p.rec.ded.3-fsg

uma anta subiu aqui (prova: os rastros dela)(123) **su'tirore po'peá pe'e mahâmiapî**

/su'ti-do- de po'peá+ pe'e báhâmi- a-pî /

roupa-sg-ref dentro+câmbio virar -p.rec.ded.3-fsg

pôs a roupa de avesso (prova: as costuras que aparecem à vista)

Outras situações que, geralmente, pedem sufixos dedutivos (situações que -lembramos - não foram vistas ou sentidas; senão, outra modalidade mais adequada seria exigida):

- "perdi o papel" (prova: não está mais aqui)
- "esqueceu o terçado" (prova: não está com ele)
- "choveu a noite" (prova: de manhã, o chão está molhado; porém, não vi nem escutei nada durante a noite)
- "o gato comeu o pássaro" (prova: penas do animal espalhadas no chão)
- "choveu rio acima" (prova: o rio está subindo aqui)
- "o rato roeu todos os nossos umaris" (prova: o aspecto das frutas)
- "meu pai me escreveu" (prova: a carta dele)

- "minha mãe esteve na roça" (prova: fogo ainda aceso na roça)
- "ela passou puçangas neste moço" (prova: o efeito das substâncias mágicas)
- "a minha canoa foi de bubuia" (prova: não está mais no porto)
- "as pedras apareceram no rio" (prova: a presença delas)
- "a onça arranhou o moço" (prova: as marcas no corpo)

Certos verbos de processo - como: **boâ apodrecer**, **piá azedar**, **mu'yú envelhecer**, **nu'ri quebrar**, **dohá transformar-se**, **ihê queimar**, **wêri morrer**, **akoá dissolver-se**, etc. - pedem também sufixos dedutivos quando o processo não foi acompanhado pelos sentidos, o resultado final visto sendo a única e irrefutável prova do que aconteceu. Neste caso, o verbo é de regra seguido pelo verbo dependente **wa'a ingressivo** (cf.7.5.). Por exemplo:

(124) **ohô tō'o butiá wa'aapâ**

/ ohô + tō'o buti-a+wa'a- a-pâ /

banana+cacho amadurecer-p.rec.ded.outras pessoas

o cacho de bananas amadureceu (não vi o processo mas tenho a prova do processo: o cacho está maduro)(125) **kârêkê' yêkâgi ô'a nu'riá wa'aapô**

/kâdêkê' yêkâ-gi+ ô'a dū'di-a+wa'a- a-pô /

galinha perna+osso quebrar -p.rec.ded.3+fsg

a galinha quebrou o osso (prova: o osso está quebrado)(126) **ba'asché piá wa'aapâ**

/ba'â-sehé piá+wa'a- a-pâ /

comida azedar -p.rec.ded.outras pessoas

a comida azedou, estragou (prova: a aparência e o cheiro dela)

Exemplos de modalidade dedutiva no **passado caducado**:

(127) **marî yêki-simiá naâ marîre a'té di'tari kûpâ**

/bâdî yêki-simí-a dãã bādî-de a'té+di'ta-di kû - pã /

nós avós eles nós-ref estas+terra-pl deixar-p.cad.ded.3pl

nossos avós deixaram para nós estas terras (embora ninguém se lembre daquele tempo, a prova está no fato que, agora, possuímos estas terras)(128) **dohaschére marî maatá moopâ**

/dohá - sehé -de bādî bāá-ta bōó - pã /

assoprar-nom.inan.pl-ref nós logo não ter-p.cad.ded.outras pessoas

desde o princípio, nós não tivemos assopros (maléficos) [não temos nada na atualidade que comprove que usávamos antigamente assopros]

Uso especial da modalidade dedutiva/passado caducado é feito nas lendas e mitos, quando o narrador tem uma prova atual do que aconteceu em outros tempos.

5.3.2. Além dos sufixos dedutivos, a língua possui **outro mecanismo** para expressar o mesmo conceito: o de situação não evidenciada pelos sentidos mas deduzida por uma prova que assinou a sua realização. Neste tipo de construção, o verbo referindo-se à situação deduzida é nominalizado (com **sufixos nominalizadores** nas suas **formas perfectivas**, cf. capítulo 11) e serve de predicado a um enunciado copulativo com o verbo **niî/dĩî/**. O verbo copulativo **niî** leva geralmente sufixos de modalidade vista. Este mecanismo com nominalização é tão produtivo como a construção com sufixos dedutivos. O funcionamento dos dois é o mesmo quando o enunciado for feito em frente da prova; contudo, quando o enunciado for contado depois para os outros, sem ter mais a prova em frente dos olhos, prefere-se a construção com nominalização. Alguns exemplos:

(129) **yaa wesé ma'a wi'ô'karā niîama**
/yaá+wese+ bā'a wi'ô - 'kadā dīî- a-bā /
poss+ roça+caminho obstruir-nom.pl.perf ser-p.rec.vist.3pl
obstruíram o caminho da minha roça (prova: os paus no caminho)

(130) **yeeré wi'ipí akobohókā'ki niîapi**
/yeé-de wi'i- pi ako-bohó-kā'- 'ki dīî- a-pi /
poss-rel casa-foc esquecer-ass- nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist.outras pessoas
esqueci as minhas coisas em casa! (prova: não estão comigo)

(131) **po'êro diâ sumútohore āhuá weekā'karo niîapi**
/po'ê-do diâ sūbú-toho-de āhú-a +wee -kā'- 'kado dīî- a-pi /
enchente rio beira -ref desgastar+extrair-ass-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a enxurrada desgastou a margem do rio! (prova: a erosão visível)

Em todos estes exemplos, os sufixos do verbo copulativo **niî** têm formas de modalidade vista no passado recente. Usa-se também sufixos de modalidade vista no passado caducado quando a situação for temporalmente distante:

(132) **īsā pako meho nimā me'ra wērī'ko niîwō**
/īsā+pako+bēho dībā +bē'da wēdī - 'ko dīî- wō /
nós+mãe+det veneno+com morrer-nom.+fsg.perf ser-p.cad.vist.3+fsg
nossa finada mãe morreu envenenada (com veneno) [prova: os efeitos típicos do veneno]

5.4. A modalidade reportativa

5.4.1. No passado recente, as formas de **modalidade reportativa** começam pelo sufixo **-a...** e, tonalmente, comportam-se como foi descrito em 5.1. Com **apê brincar** e **apó consertar**:

apeápo' ouvi dizer que ela brincou/brincava
apoápo' ouvi dizer que ela consertou/consertava

No passado caducado, as formas começam por um sufixo laringalizado que bloqueia o deslocamento tonal da melodia da raiz verbal (cf.3.4.):

apêpo' ouvi dizer que, naquele tempo, ela brincou/brincava
apópo' ouvi dizer que, naquele tempo, ela consertou/consertava

Com as formas "outras pessoas", há uma certa variação dialetal, devida à regra de assimilação **ass1** (cf.2.6.): **-pa'ro** /-pa'do/ ou **-po'ro** /-po'do/; **-a-pa'ro** /-a-pa'do/ ou **-a-po'ro** /-a-po'do/.

5.4.2. A **modalidade reportativa** indica que a situação não foi vista ou sentida pelo locutor mas por outra pessoa que informou o locutor (frequentemente, a pessoa que informa o locutor é aquela mesmo que efetuou a situação). É uma **informação de segunda mão**, traduzível por: "ouvi dizer que...", "diz(em) que...".

Nunca deve ser usada se o locutor vê/viu ou sente/sentiu a situação: é hierarquicamente inferior às modalidades vistas e sentidas. No entanto, é hierarquicamente superior à modalidade dedutiva. Para mostrar isso, consideremos o exemplo seguinte: "o gato comeu o pássaro". Supomos que o locutor não viu nem ouviu a situação, mas que - simplesmente - viu as penas do pássaro espalhadas no chão com o gato perto delas. Supomos também que alguém viu a tragédia e a contou ao locutor. Este usará então uma forma reportativa e não dedutiva, a evidência vista da pessoa que assistiu à cena valendo mais que a simples dedução do locutor. Temos então a hierarquia geral seguinte para o conjunto de modalidades, a modalidade vista (à esquerda) sendo a privilegiada:

Maior grau de conhecimento/implicação Menor grau de conhecimento/implicação
 ⇐ **mod.vista** ⇐ **mod.sentida** ⇐ **mod.reportativa** ⇐ **mod.dedutiva**

Exemplos de modalidade reportativa:

(133) **utiápo'**

/ utí - a-po' /

chorar-p.rec.rep.3+fsg

(ouvi dizer que ela) chorou (diz ela mesmo ou outra pessoa que ela) chorou

(134) **yi'ŋ utiápa'ro**

/yi'ŋ utí - a-pa'do /

eu chorar-p.rec.rep.outras pessoas

dizem que chorei (não lembro porque estava bêbado)

(135) **ba'á sī'rigi' wecápi'**

/ba'á + sī'di - gi' weé - a-pi' /

comer+querer-impl.ms v.aux.-p.rec.rep.3-fsg

(diz ele mesmo que) está querendo comer

(136) **yamí deko yi'ŋ bahuápa'ro**

/yābī+deko yi'ŋ bahuá- pa'do /

noite +meio eu nascer-p.cad.rep.outras pessoas

dizem que eu nasci à meia-noite

(137) **diporópi ūhuri wekîre wēhékā'pi'**

/ dipó-do -pi ūhudi wekî- de wēhé-kā- pi' /

antigamente-foc jabuti anta -ref matar-ass-p.cad.rep.3-fsg

dizem que, antigamente, o jabuti matou a anta! (lenda)

A forma escolhida pode ser no passado recente (133,134,135) ou no passado caducado (136,137). Não existe forma presente por o locutor sempre reportar alguma situação que já lhe foi contada; em outras palavras, é sempre: "ouvi dizer que..." e nunca: "ouço dizer que...". Embora a situação esteja sempre conceptualmente no passado, a tradução em português pode ter uma forma presente, como no exemplo (135): "está querendo comer", para dizer: ele me disse, alguns segundos atrás, que queria comer e suponho que o querer dele não mudou".

A modalidade reportativa é muito usada para reportar os conhecimentos dos outros ou para fuxicar, e - no passado caducado - é a modalidade privilegiada nas lendas, nos mitos e em todas as histórias contadas por outras pessoas. Em particular, substituí elegantemente o discurso direto ("ele diz: ..."), também muito produtivo em ye'pā-masa.

5.4.3. As formas reportativas são também muito usadas para reportar situações que serão realizadas no futuro:

(138) **yamiákā da'raákihi niíapa'ro**

/yābī-akā da'dá - a-kihi dīi- a-pa'do /

amanhã trabalhar-nom.-fsg.fut ser-p.rec.rep.outras pessoas
dizem que vou trabalhar amanhã

(139) **a'ti wi'ikōho wa'û me'ra wēriákoho niūpo'**

/a'ti+wi'i-kōho wa'û +bē'da wēdī- a-koho dīi- po' /

esta+casa-de/+fsg coqueluche+com morrer-nom.+fsg.fut ser-p.cad.rep.3+fsg
há tempo que dizem que a moradora desta casa vai morrer de coqueluche

Neste caso, uma construção copulativa é utilizada, a modalidade reportativa sufixando-se no verbo **niū** e o verbo que expressa a situação sendo nominalizado com **sufixos nominalizadores** nas suas **formas futuras** (cf. capítulo 11).

5.5. Algumas notas sobre as formas interrogativas

Os sufixos interrogativos são **-ti** (mod. vista no presente ou no passado recente) e **-ri** /-di/ (mod. vista no passado caducado e outras modalidades). O emprego destes sufixos é **obrigatório**, qualquer que seja o tipo de pergunta [pergunta sim/não (140) ou pergunta com palavra interrogativa (141)]:

(140) **āyutí mi'ŋ?**

/ āyú - ti bī'ŋ /

estar bem-pres.vist.int tu
você está bem?

(141) **no'ó wa'āti mi'ŋ?**

/dō'ó wa'ā- ti bī'ŋ /

onde ir -pres.vist.int tu
aonde você vai?

As perguntas que exigem uma resposta do tipo sim/não (140) são acompanhadas por uma entonação ascendente.

Note que os sufixos interrogativos não levam informação sobre a pessoa, o gênero ou o número do sujeito:

(140') **āyutí?** (você, ele, ela) está bem? (vocês, eles, elas) estão bem?

Eles, porém, precisam a modalidade e o tempo/aspecto. Precisam a modalidade porque o interrogador conjectura o conhecimento do interrogado, assumindo que o interrogado vê/viu, sente/sentiu/ ou deduz a situação [cf. exemplo (64)]. Muitas vezes, são falsas perguntas que repetem no interrogativo o que acaba de dizer o interlocutor, a fim de estimular a conversação. No entanto, não existem formas interrogativas para a modalidade reportativa.

5.6. Os sufixos imperativos

Além dos sufixos de modalidade, alguns sufixos têm também a propriedade de fechar o verbo a qualquer sufixação ulterior. Semanticamente, expressam a vontade do locutor (ordem, exortação, prevenção, permissão, advertência, etc.). São:

① O sufixo **-ya** imperativo geral da 2ª sg/pl. Com **apê** brincar e **sĩ'ri** beber:

apêya! /apê-ya/ brinque!, brinquem!
sĩ'riyá! /sĩ'dí-ya/ beba-o!, bebam-no!

O verbo **a'ti** vir tem duas formas imperativas, a primeira sendo regular mas pouco usada:

a'tiya! venha!
a'tiá! venha!

Caso o sufixo **-ya** for sufixado depois do sufixo centrípeto **-ti** ou **-ti**, toma geralmente a forma irregular **-a**:

(142) **sāhátia!**
 /sāhá - ti - a /
 entrar-C<-imp
 venha(m) entrando!

A proibição correspondente (imperativo negativo) constrói-se com o conjunto de sufixos **-ti-kā'-ya** (**-ti** negativo, **-kā'** assertivo, **-ya** imperativo):

apêtikā'ya! /apê-ti-kā'-ya/ não brinque(m)!
sĩ'ritikā'ya! /sĩ'dí-ti-kā'-ya/ não o beba(m)!
sāhátitikāya! /sāhá-ti-ti-kā'-ya/ não venha(m) entrando!

O uso do assertivo **-kā'** é obrigatório na proibição, a não ser a construção paratática:

(143) **yi'ŕre akô yeeti, wêri bataa'ya!**

/yi'ŕ- de akô+yee -ti, wêdî + bataa' -ya/
 eu -ref dar remédio-neg morrer+imprecar-imp
 que(você) não me dê remédio e que morra! (desejo que você morra,
 já que não quer me tratar)

(parataxe equivalente a: **yi'ŕre akô yeetikā'ya!, wêri bataa'ya!**)

② O sufixo **-rā** /-dā/ imperativo da 1ª pl/inclusivo tem um sentido exortativo:

apêrā! /apê-dā/ brincamos!, vamos brincar!
sĩ'rirā! /sĩ'sí-dā/ bebamos!, vamos beber!

O uso do sufixo assertivo **-kā'** é igualmente obrigatório na proibição:
apêtikā'rā! /apê-ti-kā'-dā/ não vamos brincar!

Este sufixo usa-se freqüentemente com as interjeições exortativas: **mâa!** exortação estática (sem movimento) e **te'á!** exortação dinâmica (com movimento), como nos exemplos:

(144) **mâa, ohârā!**

/bãa ohâ -dā/
 exortação escrever-imp
 eia, escrevamos! (aqui: sem locomoção para realizar a ação)

(145) **te'á, u'ará!**

/te'á u'á -dā/
 exortação tomar banho-imp
 vamos tomar banho! (lá: com locomoção para realizar a ação)

③ O conjunto dos sufixos **-a-pa** imperativo de prevenção da 2ª sg/pl marca um conselho para que não aconteça no futuro algo desagradável e/ou um convite a uma atenção mental contínua. Podemos traduzi-lo por "cuide(m) em...!". Por exemplo:

(146) **ape masá tiro ehâgi', āyuró wecápa!**

/apê+bãsa+tido ehâ - gi' āyú-dó weé -a-pa/
 outro+povo+perto chegar-impl.ms bem fazer-imp
 chegando (na casa de) outro povo, comporte-se bem! (cuide em
 fazer bem!)

(147) **ĩ'yaápa siseré i'ta peóri!**

/ĩ'yá-a-pa sisé -de i'ta + peo - di/
olhar-imp aquelas coisas-ref pisar+pôr em cima-adv
cuidado para não pisar em cima daquelas coisas! (lit. cuide em olhar para aquelas coisas senão vai pisar em cima delas!)

(148) **āyuró ti'oápa!**

/āyú-dó ti'ó -a-pa/
bem escutar-imp
preste(m) atenção! (cuide(m) em escutar bem!)

O sufixo de prevenção **-a-pa**, começando por **a**, tem o comportamento tonal descrito em 5.1. Tendo uma estrutura bimoraica, deve ser bimorfêmico.

A forma negativa associada é **-ti-kā'-a-pa**:

apêtikā'apa! /apê-ti-kā-a-pa/ *cuide em não brincar!, não vai brincar!*

Esta forma negativa usa, como os outros imperativos acima, o sufixo negativo **-ti** e o assertivo **-kā'**.

Existe outra maneira de formar o negativo, nominalizando o verbo com sufixos nominalizadores nas suas formas futuras (cf. capítulo 11) e sufixando **-a-pa** ao nome dependente **mehe** /bêhe/ *não*, dando **mehapa**:

apeákíhi mehapa! /apê-a-kíhi+bêhe-a-pa/ *não vai brincar! (interpelado)*

apeákoho mehapa! /apê-a-koho+bêhe-a-pa/ *não vai brincar! (interpelada)*

apeárâha mehapa! /apê-a-dâha+bêhe-a-pa/ *não vão brincar! (interpelados/as)*

Mesmo sentido negativo sem o nome dependente **meha**:

apeákíhipa! /apê-a-kíhi-pa/ *não vai brincar! (interpelado)*

④ O conjunto dos sufixos **-a-to** imperativo da 3ª sg/pl usa-se para transmitir ordens indiretamente:

(149) **naâ basaáto!**

/dââ basâ -a-to/
eles dançar-imp
que eles dance(m)!

(150) **yukîsi apoáto!**

/yukî-si apó -a-to/
canoa consertar-imp
que (ele, ela, eles, elas) conserte(m) a canoa!

(151) **mi'ĩre a'tiáto niíami**

/bĩ'ĩ-de a'ti-a-to dĩi - a-bĩ /
tu-ref vir-imp dizer-p.rec.vist.3-fsg
(ele) disse que tu tens que vir (lit. disse em relação a ti: que ele venha!)

Mesma construção com os sufixos negativo **-ti** e assertivo **-kā'** na proibição: **naâ basâtikā'ato!** /dââ basâ-ti-kā'-a-to/ *que eles não dance(m)!*

O uso do sufixo imperativo indireto **-ato** é frequentíssimo numa construção com o verbo **niĩ** /dĩi/ *dizer*: **-a-to** sufixa-se ao verbo expressando a situação enquanto **niĩ** *dizer* vai seguindo com sufixos implicativos/mesmo sujeito, o conjunto significando: "dizendo, pensando: que ele(s)/ela(s) faça(m) tal coisa" e utilizando-se como oração subordinada final ("para que ..."), com sujeito não idêntico ao sujeito da oração principal:

(152) **pekâwi yê'eápi kĩĩre yesê wêheáto niĩgi'**

/pekâ-wi yê'ê - a-pi kĩĩ-de yesê wêhe-a-to dĩi - gi' /
espingarda pegar-p.rec.vist ele-ref porco matar-imp dizer-impl.ms
peguei a espingarda para ele matar o porco (pensando a respeito dele: que ele mate o porco!)

(153) **wekó wüsehê ta'aápi du'titikā'ato niĩgi'**

/wekó wi í-sehé ta'â- a-pi du'ti- ti - kâ'-a-to dĩi - gi' /
papagaio asas cortar-p.rec.vist fugir-neg-ass-imp dizer-impl.ms
 cortei as asas do papagaio para que não fuja (dizendo: que ele não fuja!)

(154) **wi'magóre ufítikā'ato niĩgi' mumí o'oápi**

/wĩ'bá-go-de ufí - ti- kâ'-a-to dĩi - gi' búbí o'ô- a-pi /
menina -ref chorar-neg-ass-imp dizer-impl.ms bombom dar-p.rec.vist
dei um bombom à menina para que ela não chore (pensando: que ela não chore!)

⑤ O sufixo **-ma** /-bã/ imperativo permissivo da 1ª sg/pl exclusivo serve para pedir licença para fazer algo:

apêma! /apê-bã/ *deixe-me brincar!, deixe-nos brincar!*

Com o verbo dependente **ni'ĩ** /dĩi/ *continuar a (fazer algo)*, (fazer algo) ainda:

apê ni'ima! /apê-dĩi-bã/ *deixe-me brincar ainda!*

O negativo associado: **-ti-kā'-ma** é pouco usado.

Este permissivo tem um sentido análogo ao do sufixo de modalidade **-sa**, usado com interrogativo (cf. 5.2.).

⑥ Outros sufixos que funcionam como imperativo:

♦ o sufixo **-rē-gi** (interpelado), **-rē-go** (interpelada), **-rē-rā** (interpelados/as) ou simplesmente **-rē** /-dē/. Parece ser única-mente usado com o verbo **ī'yā** *ver* e o verbo dependente **yā'a** *experimentar (um fazer)*, para expressar uma comprovação:

ī'yārēgi! /ī'yā-dē-gi/ *veja só!*

♦ o sufixo **-a'sā** parece funcionar como imperativo impulsivo, violento, ou para dar uma ordem cheia de raiva (ordem dada por um adulto a um menino). Com **apê** *brincar* e **weé** *fazer*:

apêa'sā! /apê-a'sā/ *brinque!!*

weéa'sā! /weé-a'sā/ *faça-o!!*

Com o assertivo **-kā'**, obtemos a combinação **-kā'-a'sā** que funciona como um imperativo de rogo e de cortesia.

⑦ O sufixo **-ri** /-di/ *advertência* usa-se para chamar a atenção do interpelado sobre o perigo que o ameaça se não agir como se deve. Podemos traduzi-lo por: "para não ...", "senão ...". Exemplos:

(155) **āyuró dihátia, mi'īpi birīri!**

/āyú-dó dihá - ti - a bī'ī-pi bidī - di /

bem descer-C<-imp tu-foc cair-adv

venha descendo bem (da árvore), senão você vai cair!

(156) **makó, yumúku orēya, teepí ihê wā'ari!**

/bākó yūbúku odê - ya teé -pi ihê + wā'a - di /

filha mingau mexer-imp ana -foc queimar+grudar-adv

filha, mexa o mingau para que aquilo não grude queimando!

(157) **imēyaro pi'átia, mi'īre wātí yē'eri!**

/ībī-ya-dó pi'á - ti - a bī'ī-de wātí yē'ê - di /

depressa sair do mato-C<-imp tu-ref duende pegar-adv

venha saindo depressa do mato, senão o duende vai te pegar!

Como os exemplos precedentes o mostram, o verbo sufixado por **-ri** faz geralmente parte de uma oração subordinada a um verbo principal, o qual - sob forma imperativa - indica como o interpelado tem que agir para que não aconteça o que está indicado na subordinada [cf. também o exemplo (147)]. O sufixo focalizador **-pi** marca geralmente o sujeito do verbo em **-ri**, provavelmente para focalizar o sujeito como o ser realmente ameaçado, ou melhor, para marcar

o que aconteceria inevitavelmente se a advertência não for levada a sério: "aja assim, senão então ..." (155,156).

Este sufixo de advertência é também de uso extremamente freqüente para formar orações subordinadas finais, o verbo sufixado por **-ri** sendo seguido pelo verbo **nū** *dizer, pensar*, este último sufixado pelas formas implicativas/mesmo sujeito. O conjunto pode ser traduzido por: "pensando de X: senão (X) ...". Exemplo:

(158) **marīre tī'ori nūrā', sōhá a'mēri ūru-sāama**

/bādī-de tī'ó - di dīi - dā' sōhá ā'bē-di ūdu-sāá - bā /

nós-ref ouvir-adv dizer-impl.ms aqueles entre si cochichar-pres.vist para nós não ouvirmos, aqueles cochicham entre si [pensando de nós: senão (eles) ouvem, aqueles...]

O sufixo de advertência não é incompatível com o negativo **-ti**:

(159) **tu'titikā'ya, koōpi ba'ātiri!**

/tu'ti - ti - kā'-ya koō-pi ba'ā - ti - ri /

xingar-neg-ass-imp ela-foc comer-neg-adv

não xingue, senão ela não come!

5.7. As formas enfáticas

Quando o discurso é enfatizado (exclamação, alerta, urgência,...), os sufixos que acabamos de estudar sofrem leves mudanças fonéticas. Com **nū** *estar*, **ba'ā** *comer* e **du'ti** *fugir*, compare:

nūmo /dī-bō/ *(ela) está* com: **nūbo!!** *(ela) está!!*

nūma /dī-bā/ *(eles) estão* com: **nūba!!** [nī:bə] *(eles) estão!!*

du'tiāpi *(ele) fugiu* com: **du'tiāpi** [dūtīāpi] *fugiu!!*

ba'āma! /ba'ā-bā/ *posso comer!* com: **ba'āba!!** [m̄bābā] *deixe-me comer!!*

ba'aākihi mehapa! *não vai comer!* com: **ba'aākihi mehapa!!** [...ə] *idem!!*

Em regra geral, a vogal final - quando for nasalizada - perde toda ou parte da sua nasalização, e tem realizações fonéticas mais centrais:

a → [ə]

i → [i]

O mesmo mecanismo fonético encontra-se com as interjeições (cf. capítulo 13)

5.8. A segmentação dos sufixos epistêmicos

As formas que expressam a modalidade epistêmica, o tempo/aspecto e o gênero/número/pessoa não têm uma segmentação evidente:

A morfologia verbal não evidencia subclasses bem diferenciadas, a existência de uma subclasse de **verbos de estado** [cf. artigo (8°) em 4.5.] justificando-se apenas por ter um comportamento levemente diferente na construção analítica com o verbo auxiliar **weé** (cf. capítulo 10). Os verbos de estado correspondem, na maioria das vezes, aos **adjetivos** da língua portuguesa.

As combinações entre sufixos são numerosas; no entanto, a língua evita a combinação de mais de 5 ou 6 sufixos com o mesmo radical verbal, como em:

- (160) **dikî wa'tero tuú we'o'kâa'tikâ'ya!**
 / dikî +wa'te-do tuú + we'o -'kâ-a' -ti -kâ'-ya/
 manivas+ entre empurrar+abrir passagem- ? - C>-neg-ass-imp
não passe entre as manivas apartando-as!

Os sufixos de modalidade epistêmica, de tempo/aspecto, de gênero/número/pessoa, de interrogação e os sufixos imperativos (posições 8, 9 e 10 dos quadros acima) fecham a sufixação verbal. Foram estudados no capítulo precedente.

Os outros sufixos (posições 1-7) expressam as categorias semânticas seguintes: movimento e direção (1-2), modalidade assertiva (3), negativo (4), aspecto durativo (5), modalidade frustrativa (6) e de incerteza (7).

6.1. O negativo

6.1.1. Para negar o que foi previamente dito, o locutor usa o sufixo verbal **-ti** (homófono do sufixo interrogativo no presente ou passado recente visto):

- (161) **apêtimi**
 / apê - ti - bî /
 brincar-neg-pres.vist.3-fsg
(ele) não brinca

- (162) **tî'ó yē'tisa'**
 /tî'ó+yē'e- ti - sa-'/
 entender -neg-pres.sent
não entendo

Usa-se frequentemente também com os verbos nominalizados. Exemplos com sufixo implicativo/ms (163) e com nominalizadores (164):

- (163) **apêtigo' weeámo**
 / apê - ti - go' weé - a-bõ /
 brincar-neg-impl.ms v.aux.-p.rec.vist.3+fsg
estava sem brincar

- (164) **da'ratigo**
 / da'dá - ti - gó /
 trabalhar-neg-nom.+fsg
a mulher que não trabalha

6.2.2. No **presente visto/outras pessoas** e no **presente visto interrogativo** (todas as pessoas), o verbo dependente **we'e** não substitui obrigatoriamente o sufixo **-ti**:

- (165) **ĩsâ wa'á we'e'**
 /ĩsâ wa'â+we'e- ' /
 nós ir + não-pres.vist outras pessoas
nós não vamos

- (165') **yi'ĩ kārī we'e'**
 /yi'ĩ kādi+we'e- ' /
 eu dormir+não-pres.vist.outras pessoas
eu não durmo

- (166) **kārī we'eti misá?**
 / kādī +we'e- ti bĩsâ /
 dormir+ não -pres.vist.int vocês
vocês não dormem?

O verbo dependente **we'e** não é tonalmente irregular: transforma as raízes verbais de melodia alta em raízes de melodia ascendente; contudo, as raízes de melodia ascendente ficam inalteradas. Com **werê** /wedê/ **avisar**, **apê brincar** e **apó consertar** (e supondo um sujeito na 1ª pessoa):

- | | | | |
|-----------------------|-----------------|-------------------|---------------------|
| werê' /wedê-'/ | <i>aviso</i> | weré we'e' | <i>não aviso</i> |
| apê' /apê-'/ | <i>brinco</i> | apé we'e' | <i>não brinco</i> |
| apó' /apó'/ | <i>conserto</i> | apó we'e' | <i>não conserto</i> |

O morfema negativo **we'e** é interpretado como verbo dependente e não como sufixo, pela impossibilidade de ser nasalmente contaminado por uma raiz nasal:

- (165') **kārī we'e'** [k à ĩ ũ ɛ̃] e não: [k à ĩ ũ ɛ̃]

Isto levanta o problema seguinte: o morfema negativo **ti** é um sufixo ou, como **we'e**, um verbo dependente? Teríamos:

- (161) **apêtimi** /apê-ti-bî/ ou: **apê tiimi** /apê+tii-bî/ *não brinca* ?

Nenhum argumento estrutural nos permitindo decidir, continuaremos a considerar **ti** como um sufixo, seguindo assim a visão tradicional da lingüística regional.

6.2.3. O futuro negativo forma-se geralmente com uma combinação especial de sufixos (-so-me), embora o "sufixo" -**ti** seja também empregado (cf.6.9.) neste caso.

A palavra **ncê** /dêê/ enfatiza qualquer enunciado negativo, dando o sentido de "nem, nenhum, nunca, nada":

(167) **ncê iatísa'**

/dêê iá - ti - sa' /

querer-neg-pres.sent.outras pessoas

não quero nada

(o leitor achará numerosos exemplos com **ncê** no dicionário)

O negativo nominal **mehe** é um morfema dependente cujo funcionamento será descrito em 9.16.

6.2.4. A língua dos ye'pá-masa não possui palavras equivalentes a "sim" e a "não". Recorre-se então, às vezes, à interjeição **ñ!** *exato!* que, servindo de confirmação, pode ser traduzida - segundo o caso - por "sim" ou por "não":

(168) **ba'aátí? - ñ!**

/ba'á - a - ti ñ /

comer-p.rec.vist-int exato

(você) comeu? - sim!

(169) **yesê wēhetiásari? - ñ!**

/yesê wēhé- ti - a-sa -ri ñ /

porco matar-neg-p.rec.sent-int exato

não matou o porco? - não!

Outra maneira extremamente comum para resolver o problema consiste em repetir o verbo da pergunta com um sufixo negativo:

(170) **wa'átí mi'í? - wa'á we'e'**

/wa'á- ti b'í wa'á+we'e- ' /

ir -pres.vist.int tu ir + não-pres.vist

você vai? - não (vou)

6.2.5. Assinalemos para concluir a existência de dois verbos² "negativos":

māri /bādí/ não estar, estar ausente

moó /bódó/ não ter, não possuir

cuja semântica é pouco compatível com o sufixo negativo -**ti**.

6.2. O assertivo

O sufixo verbal -**kā'** *assertivo* é de uso extremamente comum. Serve geralmente de modalidade exclamativa para expressar a surpresa. Podemos traduzi-lo por: "não é que...!", "oh!", "sim!" ou, simplesmente, por um ponto de exclamação. Com o verbo **basâ** *dançar*, compare:

basâmo /basâ-bô/ (ela) dança (dito em frente da evidência visual)

basâkâ'mo! /basâ-kâ'-bô/ oh, (ela) dança! (dito em frente da evidência visual, enquanto todos pensavam que ela não sabia dançar)

Portanto, usa-se cada vez que acontece algo estranho ou inesperado, ou para salientar uma desobediência:

(171) **wesé tāmāgí' kñ basi ditêkā'ami!**

/wesé tādá- bī - gí' kñ+ basi ditê -kā'- a-bī /

roça roçar-frust-impl.ms ele+próprio cortar-ass-p.rec.vist.3-fsg

roçando, não é que ele se cortou!

(172) **mi'í tērē-pi'i weékā'api!**

/b'í' tēdē-pi'i weé -kā'- a-pi/

tu paineiro fazer-ass-p.rec.vist

puxa, você fez um paineiro! (eu pensava que você não sabia fazer)

(173) **ma'ú, Péduru apêkā'mi!**

/bā'ú Pédudu apê -kā'- bī /

mãe Pedro brincar-ass-pres.vist.3-fsg

mãe, Pedro brinca! (você tinha proibido)

(174) **keoró bu'êkā' boosamo!**

/keó-do bu'ê -kā'+ boo - sa-bō /

certo ensinar-ass+potencial-pres.sent.3+fsg

(ela) ensinaria certo sim! (réplica aos que pensam que ela não sabe ensinar)

Usa-se também como enfático com os verbos dependentes **pe'o** (*fazer*) *tudo*, **nu'ku** (*fazer algo*) *continuamente*, etc.:

(175) **wa'ire ba'á pe'okā'amo**

/wa'í- de ba'á +pe'o- kā'- a-bō /

peixe-ref comer+tudo-ass-p.rec.vist.3+fsg

(ela) comeu todo o peixe

- (176) **do'âti nu'kukâ'mi**
 / do'âti + dũ'ku - kâ' - bĩ /
 estar doente+continuamente-ass-pres.vist.3-fsg
 (ele) continua doente

Pode ser usado com o sufixo negativo **-ti**, e já vimos que a combinação **-ti-kâ'** é obrigatória com os sufixos do imperativo (imperativo negativo, cf.5.6.).

Com os sufixos imperativos, mas sem o negativo **-ti**, o assertivo **kâ'** tem um uso igualmente muito produtivo. Com **kārĩ** dormir, **duhĩ** estar sentado e **apê** brincar, compare:

- kāriyá!** /kādĩ-ya/ *durma!*
kārikā'ya! /kādĩ-kā'-ya/ *durma sim! (o interpelado não quer dormir)*
duhĩya! /duhĩ-ya/ *sente-se!*
duhĩkā'ya! /duhĩ-kā'-ya/ *fique sentado (sossegado)! (o interpelado não está sentado sossegadamente ou quer se levantar)*
apêya! *brinque!*
apêkā'ya! *brinque sim! (o interpelado não quer brincar por ser a sua bola feia)*

6.3. O frustrativo

O sufixo verbal **-mi** frustrativo expressa que a situação verbal realiza-se ou realizou-se sem dar o resultado esperado. Podemos traduzi-lo por: "sem resultado", "em vão", "para nada", "fiquei frustrado (fazendo algo) ..." ou "...mas". Por exemplo:

- (177) **mi'ĩre ko'têmiapi**
 /bĩ'ĩ- de ko'tê - bĩ - a-pĩ /
 tu -ref esperar-frust-p.rec.vist
 (eu) te esperei em vão (eu te esperei mas: você não veio)
- (178) **mi'ĩre a'mâmiamio**
 /bĩ'ĩ- de ã'bã - bĩ - a-bõ /
 tu -ref procurar-frust-p.rec.vist.3+fsg
 (ela) te procurou para nada (ela te procurou mas: não te achou)
- (179) **da'ramiâma**
 /da'dá - bĩ - a-bã /
 trabalhar-frust-p.rec.vist.3pl
 trabalharam sem resultado (trabalharam mas: não foram pagos)

- (180) **bu'êmiati?**
 / bu'ê - bĩ - a-ti /
 estudar-frust-p.rec.vist-int
 puxa, (você) estudou?! (nem parece, só tem notas baixas!)
- (181) **apêmi'ki wioá wa'ami**
 / apê - bĩ - 'ki wio-a+ wa'a - bĩ /
 brincar-frust-nom.-fsg.perf sério+ingressivo-pres.vist.3-fsg
 aquele que estava brincando tornou-se sério (brincava mas não se divertiu)
- O frustrativo combina-se frequentemente com os sufixos implicativos (cf. capítulo 10). Talvez seja o uso mais comum dele nas conversações diárias. Entra então - com os sufixos implicativos/mesmo sujeito ou câmbio de sujeito - numa construção equivalente às orações concessivas ("mesmo que A, B") ou antitéticas ("A, porém não B"):
- (182) **na'ĩ-tĩ'amikā, mi'ĩre ĩ'yâ masiapi**
 / dā'ĩ-tĩ'a - bĩ - kā bĩ'ĩ-de ĩ'yâ+bãsi - a-pĩ /
 estar escuro-frust-impl.cs tu-ref reconhecer-p.rec.vist
 apesar de ser escuro, reconheci-te (é escuro mas eu te reconheci)
- (183) **yahatímikā yi'ĩre diô'karā niíama**
 / yahá- ti - bĩ - kā yĩ'ĩ-de diô - 'ka-dã dĩĩ- a-bã /
 roubar-neg-frust-impl.cs eu-ref acusar-nom.pl.perf ser-p.rec.vist
 (eles) me acusaram, mesmo que não tivesse roubado (não roubei mas fui acusado)
- (184) **yi'ĩ pako bo'teâ ba'âmigo' ã'ká wa'amo**
 /yi'ĩ+pako bo'tê-a ba'ã - bĩ- go' ã'ká + wa'a - bõ /
 eu+mãe aracu comer-frust-impl.ms engasgar-se+ingressivo-pres.vist.3+fsg
 minha mãe engasgou-se comendo o aracu (come o aracu mas não deu um bom resultado)
- (185) **po'ká duârã a'timirã', miriã wa'aasi**
 /po'ká duã -dã a'ti- bĩ - dã' bĩdĩ-a+ wa'a - a-sĩ /
 farinha vender-pl vir-frust-impl.ms alagar+ingressivo-p.rec.sent
 vindo para vender farinha, alagamos (vimos para vender mas perdemos a farinha)

Às vezes, a situação frustrada nem se realiza completamente; pode ser interrompida, abortada, defeituosa (184, 185) ou - simplesmente - impedida por outra (186, 187):

(186) **diāyi yi'ŕe kū'rîmikātî...**

/ diāyi yi'ŕe-de kū'dî - bî - kâ-tî /
cachorro eu-ref morder-frust-p.cad.sent.3-fsg
o cachorro ia me morder... (mas eu trepei de repente num pau)

(187) **kâ'ró ditêmiasi**

/kâ'dó ditê - bî - a-si /
pouco cortar-frust-p.rec.sent
quase me cortei... (mas consegui evitar o acidente)

6.4. O durativo

O sufixo verbal **-kū** durativo indica que a situação se repete ou se repetia sempre. Este tipo de frequentativo/continuativo convém particularmente bem para as situações acontecidas num passado caducado; podemos traduzi-lo por "frequentemente", "continuamente", "habitualmente" ou por um imperfeito:

(188) **diporópire a'ti nukú-paro pūũro ôhé'kūpa'ro**

/ dipó-do - pi -de a'ti+nuku-pado pūũ-do ôhé -'kū - pa'do /
antigamente-foc-ref esta + praia muito desgastar-se- dur -p.cad.rep.
dizem que, antigamente, esta praia se desgastava muito

(189) **bikí to'âti paâ'kūpi'**

/bikí to'â-ti paâ -'kū - pi' /
velho trocano tocar- dur -p.cad.rep.3-fsg
dizem que o velho tocava o trocano

(190) **Yusé masá āyú'kūwî**

/Yusé bāsá āyú -'kū - wî /
José gente ser bôm- dur -p.cad.vist.3-fsg
José era gente boa (morreu,...)

A não ser no passado caducado, o emprego do durativo é muito limitado:

(191) **apê'kūmi**

/ apê -'kū - bî /
brincar- dur -pres.vist.3-fsg
(ele) brinca demoradamente (com calma)

Com o centrípeto **-ti** (cf.6.6.), obtemos a combinação: **-kū-ti-kū** (a forma durativa é repetida; a laringalização do último sufixo não é audível). Esta combinação expressa que uma situação vinha se desenvolvendo num passado remoto:

(192) **naâ sahâtiro wesêri paâ'kū'tikūpā maha**

/dââ sahâ-ti-dó wesê-di paâ -'kū-ti-kū- pā + bāha /
eles com vagar roça-pl derrubar-dur-C<-dur-p.cad.ded.3pl+ afinal
e afinal, eles (os ancestrais) vinham derrubando roças (mitologia)

6.5. A incerteza

O sufixo verbal **-sa¹** incerteza é pouco usado. Expressa a incerteza ou a dúvida do locutor em frente da situação. Os sufixos **-sa¹** e **-sa** modalidade sentida (sufixo estudado em 5.2.) são homófonos. No entanto, o seu comportamento tonal é diferente: enquanto **-sa** é tonalmente transparente (cf.5.2.), **-sa¹** é regular. Pode ser traduzido por: "talvez", "pode ser que...", "não sei se...". Com **apó** consertar:

apo-sá¹-sa-mi *pode ser que (ele) esteja consertando*

Usa-se com qualquer sufixo modal, embora seja mais comum com a modalidade sentida; emprega-se também com o futuro de predição; é incompatível com os sufixos interrogativos:

(193) **da'rági' weesari? - ũûba', da'rági'ta weesásami**

/ da'dá - gi' weé - sa-di
trabalhar-impl.ms v.aux.-pres.sent-int
ũûba' da'dá - gi' -ta weé -sá¹ - sa-bî /
não sei trabalhar-impl.ms-esp v.aux-inc-pres.sent.3-fsg
(ele) está trabalhando? - não sei, talvez esteja trabalhando

(194) **mi'ŕe teeré werê tohasaapi**

/bî'ŕe-de teé-de wedê +toha- sá¹- a-pi /
tu-ref ana-ref contar+ já - inc -p.rec.vist.outras pessoas
não sei se já te contei aquilo

No futuro (aqui, o conjunto de sufixos **-gi-sa-mi**, cf.6.9.), compare:

apêgisami /apê-gi-sa-bî/ *(ele) brincará*
apêgisasami /apê-gi-sá¹-sa-bî/ *não sei se (ele) brincará*

O leitor poderá comparar o funcionamento de **-sa¹** com a construção repetitiva em **-sa** [cf.5.2. e exemplos (110,111)], esta última tendo quase o mesmo sentido que a construção em **-sa¹** e sendo muita mais usada.

6.6. O centrípeto e o centrífugo

Os sufixos verbais **-ti** *centrípeto* e **-a'** *centrífugo*³ indicam, respectivamente, que a situação realiza-se dirigindo-se para o falante ou afastando-se dele. Estes sufixos empregam-se com todo tipo de verbos: os de movimento orientado ("voltar", "subir", "descer", "entrar", "sair", "atravessar",...) ou os sem movimento orientado ("chorar", "brincar", "andar", "correr", "carregar", "quebrar", "dizer",...). As construções são um pouco diferentes nos dois casos.

6.6.1. Vejamos, primeiro, o caso dos verbos sem movimento orientado. Com **apê** *brincar*, compare:

apêmi	/apê-bĩ/	(ele) brinca
apê'timi	/apê-'tĩ-bĩ/	(ele) vem brincando
apê'kã'timi	/apê-'kã-'tĩ-bĩ/	(ele) vem brincando
apê'kãa'mi	/apê-'kã-a'-bĩ/	(ele) vai brincando

Como se vê pelos exemplos acima, o sufixo **-kã'** *sem rumo preciso, seguindo* pode acompanhar o centrípeto **-ti**, sem grande mudança de significação. No entanto, a presença de **-kã'** é quase sempre necessária com o centrífugo **-a'**, dando a combinação centrífuga **-kã-a'**.

Outros exemplos:

(195) **diâyire wehê'timi**

/diâyĩ -de wehê-'tĩ - bĩ /
cachorro-ref puxar-C<-pres.vist.3-fsg
(ele) vem puxando o cachorro

(196) **wekĩ marĩ tiro pe'e duũ siti'kã'timi**

/wekĩ bãdĩ+ tido+ pe'e duũ+siti-'kã-'tĩ - bĩ /
boi nós+perto+câmbio retroceder- -C<-pres.vist.3-fsg
o boi vem de ré em nossa direção

(197) **ahũro yoó'kãa'ya!**

/ahũ-do yoó -'kã- a' -ya/
saco ter na mão- -C>-imp
leve o saco na mão! (lit. vá tendo o saco na mão!)

(198) **mimĩ a'tó durũ maha'kãa'gi' akôromi**

/bĩbĩ a'tó dudũ + bãha -'kã-a'- gi' akô-do - bĩ /
beija-flor aqui bater asas+de repente- -C>-impl.ms ouvir-se-pres.vist
ouve-se o beija-flor passar de repente aqui batendo as asas

Com verbos de processo, o centrípeto (**-kã'**)**-ti** pode levar um sentido incoativo, descrevendo o começo do processo ou da transformação (centrípeto "temporal"):

(199) **ohô butĩ'kã'tiro' weé'**

/ohô butĩ -'kã-'tĩ - do' weé - ' /
banana maduro- -C<-impl.ms v.aux.-pres.vist.outras pessoas
a banana está começando a amadurecer ("vem amadurecendo")

(200) **ni'kã nĩmi niũ'tiro,...**

/dĩ'kã+dĩbĩ dĩ- 'tĩ - dó /
um +dia ser-C<-nom.lugar
no começo de um dia,... (lit. um dia começando a estar)

6.6.2. Os verbos de movimento orientado levam quase sempre os sufixos centrípeto ou centrífugo (ou o equivalente deles: os verbos dependentes **eta** *atingir/centrípeto* ou **cha** *atingir/centrífugo*). Com eles, o sufixo **-kã'** não pode ser usado (salvo o último verbo na lista abaixo), e a laringalização do centrípeto desaparece (**-ti** → **-ti**). Os principais verbos orientados são:

tohá-ti vir voltando	tohá-a' ir voltando
mahá-ti vir subindo (caminho)	mahá-a' ir subindo
mihá-ti vir trepando	mihá-a' ir trepando
bu'á-ti vir descendo (caminho)	bu'á-a' ir descendo
dihá-ti vir descendo (árvore)	dihá-a' ir descendo
pê'á-ti vir atravessando	pê'á-a' ir atravessando
sãhá-ti vir entrando	sãhá-a' ir entrando
wihá-ti vir saindo	wihá-a' ir saindo
miĩ-ti, miĩ-'kã'-ti trazer	miã-a' levar

Por exemplo:

(201) **yukĩgĩpi niũ'ki dihátimi**

/yukĩ-gĩ-pĩ dĩ- 'ki dĩhá -tĩ - bĩ /
árvore -foc estar-nom.-fsg.perf descer-C<-pres.vist.3-fsg
(ele) vem descendo da árvore (lit. quem estava na árvore vem descendo)

(202) **misã mipĩ mihãa'ya!**

/bĩsã bĩpĩ bĩhã -a' -ya /
vocês açai trepar-C>-imp
vocês, trepem no açazeiro! (o locutor está no chão)

6.6.3. Com o centripeto, o imperativo **-ya** torna-se geralmente **-a**:

sāhátia! /sāhá-ti-a/	venha entrando!
wihátia! /wihá-ti-a/	venha saindo!
miítia! /bī-ti-a/	traga-o!
omá correr	omá'kā'tia! /ōbá-'kā-'ti-a/ venha correndo!

Os sufixos centripeto e centrífugo são compatíveis com o sufixo negativo **-ti**. Com o verbo **apê** brincar:

apêmi /apê-bī/	(ele) brinca
apêtimi /apê-ti-bī/	(ele) não brinca [ã ă p é: t i m ì]
apê'timi /apê-'ti-bī/	(ele) vem brincando [ã ă p ẽ ẽ t i m ì]
apê'titimi /apê-'ti-ti-bī/	(ele) não vem brincando

6.7. O propagativo

O sufixo verbal **-o'** *propagativo* é provavelmente uma forma abreviada do verbo **o'oo'** *enviar, mandar, fazer partir*⁴. Indica que a situação verbal é enviada, propagada até um certo ponto. Podemos sempre traduzi-lo por: "fazer ir, enviar, mandar, propagar (uma situação para algum lugar)". Alguns exemplos:

(203) **poêwa bisio' yoarópi**
/poê-wa bisí - o' - ' yoá - dó - pi /
cachoeira soar-prop-pres.vist longe-nom.lugar-foc
a cachoeira propaga o seu barulho ao longe

(204) **mi'ĩ makire apêye noho sêrio'ya!**
/bĩ'ĩ+bāki-de apê-ye+dōho sēdī - o' - ya /
tu +filho-ref algo pedir-prop-imp
mande o teu pedido (de algo) a teu filho! [que eu vou viajar para onde ele está e transmitirei (a ele) o teu pedido]

(205) **wiôgi misâre wesé wee dutio'ami**
/wiô-gi bīsâ -de wesé weé + duti - o' - a-bī /
chefe vocês-ref roça fazer+ordenar-prop-p.rec.vist.3-fsg
o chefe mandou vocês fazerem uma roça (lit. enviou a ordem de fazer roça para vocês)

(206) **Káru yahasehére ni'káo'wĩ**
/Kádu yahá - sehé -de dĩ'ká - o' - wĩ /
Carlos roubar-nom.inan.pl-ref começar-prop-p.cad.vist.3-fsg
Carlos começou o costume de roubar (lit. propagou o seu início de roubos para outras pessoas: ele começou a roubar, os outros continuaram)

(207) **mi'ĩre e'katío'ami**

/bĩ'ĩ- de e'ká-ti- o' - a-bī /
tu -ref alegre -prop-p.rec.vist.3-fsg
enviou-te votos de felicidades (lit. enviou para você alegria)

Emprega-se muito o sufixo propagativo com todas as atividades manuais que precisam de uma propagação espacial para ser realizadas. A partir de **wa'mé** *enrolar*, obteremos: **wa'mé-o'** *ir enrolando (corda,...)*. Outros exemplos:

(208) **tĩ'rêo'ya!**
/tĩ'dê - o' - ya/
rasgar-prop-imp
vá rasgando!

(209) **yêkâgi yũu'ya!**

/yêkâ-gi yũu - o' - ya/
perna estender-prop-imp
estenda a perna! (lit. vá estendendo a perna!)

O propagativo é quase de regra com os verbos de atividade formados a partir de verbos de movimento sufixados pelos causativos **-o**, **-rê'** ou **-rô'**:

wihá sair	wirô-o' fazer sair
dihá descer	dihó-o' /dihá-o-o'/ fazer descer, abaixar
bu'á descer (caminho)	bu'úrê'(-o') fazer descer

Às vezes, o propagativo muda sensivelmente o significado do radical:

doké atirar em (algo)	dokéo' atirar (algo)
ĩ'yâ ver, olhar	ĩ'yáo', ĩ'yôo' ver de longe, avistar
sĩ'á emitir luz	sĩ'áo', sũ'oo' alumiar, focar
wehê puxar (agente em movimento)	wehêo' puxar (agente imóvel)
tuáa' empurrar (agente em movimento)	tuóo' empurrar (agente imóvel)
miáa' levar	miáa'o', mióo' levar a um certo ponto, deslocar

O sufixo propagativo é incompatível com os sufixos centripeto e centrífugo.

6.8. Os sufixos de gênero e número

Os sufixos de gênero/número/pessoa: **-gi**, **-go**, **-rã**, **-ro** da classe 10 fecham o verbo na modalidade reportativa (cf. quadro geral do capítulo 5). Os mesmos

sufixos empregam-se em várias construções (analíticas ou não) e no futuro (cf. 6.9.). Nestas construções, os sufixos não fazem mais referência à pessoa:

-gi -fsg/an **-go** +fsg/an **-rã** /-dã/ pl/an **-ro** /-do/ inan

6.8.1. A primeira construção com a qual se usam estes sufixos é analítica. Indica um **movimento efetuado na finalidade, no propósito de fazer algo**: o verbo que expressa a situação a ser realizada no fim do movimento leva estes sufixos de gênero/número, e é seguido por um **verbo de movimento orientado** sufixado por qualquer forma de modalidade ou de imperativo. Os verbos de movimento orientado mais usados neste tipo de construção são: **wa'á** ir, **a'ti** vir, **etá** chegar, atingir (centrípeto) e **chá** chegar, atingir (centrífugo). Com o verbo **ba'á** comer:

ba'á-gi wa'á-mi (ele) vai (para) comer [pres.vist.3-fsg]

ba'á-gi a'ti-mi (ele) vem comer [pres.vist.3-fsg]

ba'á-go etá-mo (ela) chega para comer [pres.vist.3+fsg]

ba'á-gi cha-á-pi (eu, homem) fui comer (lit. cheguei lá para comer, dito no regresso) [p.rec.vist.outras pessoas]

ba'á-go cha-á-pi (eu, mulher) fui comer [p.rec.vist.outras pessoas]

ba'á-gi wa'á-' (eu, homem) vou comer [pres.vist.outras pessoas]

isá ba'á-rã wa'á-' nós vamos comer [pres.vist.outras pessoas]

ba'á-gi wa'á-ya! vá comer! (interpelado masculino) [-ya imperativo]

ba'á-gi a'ti-á! venha comer! (interpelado masculino) [-a imperativo]

Note que os 2 verbos da construção (verbo indicando a situação a realizar e verbo de movimento) formam, cada um, uma unidade tonal, cada verbo guardando o seu tom próprio.

Estes sufixos são, tonalmente, regulares: capturam o tom das raízes verbais de melodia ascendente. Com **apó** consertar:

apo-gi a'ti-á! venha consertá-lo!

São tonalmente diferentes dos sufixos implicativos/mesmo sujeito:

-gi' **-go'** **-rã'** **-ro'**

que estudaremos no capítulo 10; e dos sufixos nominalizadores:

-gi **-gó** **-rá** **-ró**

que estudaremos no capítulo 11.

Exemplo com inanimado:

(210) **yukísi châro wa'á'**

/yukí-si châ -do wa'á- /

canoa chegar-inan ir -pres.vist.outras pessoas

a canoa vai chegar

Outro exemplo:

(211) **no'ó chaáti mi'í?** - **u'agí chaápi**

/dô'ó ehâ - a -ti b'í'í u'á - gi châ - a-pi /

onde chegar-p.rec.vist-int tu tomar banho- -fsg chegar-p.rec.vist.
aonde você foi? - fui tomar banho

(lit. você chegou onde? - cheguei para tomar banho)

Esta construção não se limita aos quatro verbos de movimento acima. Pode ser usada com qualquer verbo de movimento orientado (cf. lista em 6.6.):

(212) **ô'rerá wiháa'wā**

/ô'dé -dã wihá- a' - wā /

urinar- pl sair -C>-p.cad.vist.3pl

sairam para urinar

6.8.2. Este jogo de sufixos de gênero/número aparece também numa construção sintética. Sufixados depois de qualquer forma de modalidade, eles expressam que o sujeito realiza/realizou a situação por própria iniciativa sua e sem a responsabilidade do locutor ou de outras pessoas:

(213) **koô apêmo**

/koô apê - bō - go /

ela brincar-pres.vist.3+fsg - +fsg

ela brinca por própria iniciativa

Caso o locutor for também o sujeito da situação verbal, a construção expressa que ele a realiza/realizou sem depender de ninguém:

(214) **yi'í apê'gi**

/yi'í apê - ' - gi /

eu brincar-pres.vist.outras pessoas- -fsg

eu brinco por conta própria

Outro exemplo:

(215) **apêrã mi'íre yabirã niisamarã**

/apê-dã b'í'í-de yabí - dá dīi- sa-bã - dã /

outros tu -ref não gostar-nom.pl ser-pres.sent.3pl- pl

pode ser que outros não gostam de você (se você continua deste jeito)

6.9. Os futuros

Existem duas construções bastante semelhantes para expressar futuros. Ambas fazem uso dos sufixos de gênero/número estudados em 6.8.

6.9.1. O futuro de predição forma-se com a combinação de 3 sufixos:

- ♦ um sufixo apropriado de gênero/número: **-gi, -go, -rã, -ro.**
- ♦ uma forma de modalidade sentida no presente: **-sa-mi** 3-fsg, **-sa-mo** 3+fsg, **-sa -ma** 3pl, **-sa-** outras pessoas, **-sa-ri** forma interrogativa.

Expressa uma predição ou uma conjectura futura na 1ª pessoa, ou qualquer tipo de futuro (predição ou intenção) nas outras pessoas. Com **apê** brincar e **apó** consertar:

yiʔ apê-gi-sa-ʔ eu (homem) brincarei (se eles me deixarem)

yiʔ apê-go-sa-ʔ eu (mulher) brincarei

isã apê-rã-sa-ʔ nós brincaremos

apê-gi-sa-mi (ele) brincarà

apê-go-sa-mo (ela) brincarà

apê-rã-sa-ma (eles, elas) brincarão

apê-gi-sa-ri? (você, ele) brincarà?

apê-go-sa-ri? (você, ela) brincarà?

apê-rã-sa-ri? (vocês, eles, elas) brincarão?

apo-gi-sa-mi (ele) consertarà

apo-go-sa-ʔ (eu, mulher) consertarei, (você, mulher) consertarà

apo-rã-sa-ʔ (nós) consertaremos, (vocês) consertarão

Exemplo com inanimado:

mutúru da'ra-ró-sa-ʔ o motor funcionará

[**mutúru** /bütúdu/ motor, **da'rá** /da'dá/ funcionar]

O futuro negativo pode ser formado com o sufixo **-ti** negativo:

apê-ti-gi-sa-mi (ele) não brincarà

apê-ti-gi-sa-ri? (ele, você) não vai brincar?

Esta construção não é muito usada (exceto com as formas interrogativas, como no último exemplo).

O futuro negativo forma-se muito mais freqüentemente com a combinação:

-so-me /-so-bê/ futuro negativo para qualquer pessoa, gênero ou número:

apê-so-me não brincarei, não brincarás, não brincarà, não brincaremos, não brincarão

apo-so-mé não consertarei, não consertarás,...

Note que o 1º sufixo: **-so**, como o sufixo **-sa** (cf.5.2.), é tonalmente transparente, deixando passar o tom ascendente da raiz verbal para o 2º sufixo: **-me** (como no último exemplo). Isso sugere que o 1º sufixo **-so** deriva do formador de futuro **-sa**, o 2º sufixo **-me** sendo uma marca negativa (cf. em 9.16. um negativo formalmente semelhante: **mehe** negativo nominal).

A formação do futuro com uma combinação de 3 sufixos (gênero/número +modalidade+pessoa/gênero/número): **-gi-sa-mi**, etc. mostra uma semelhança formal com todas as construções analíticas da língua que não pode ser obra do acaso. Uma dessas construções analíticas, com os verbos de movimento orientado, foi descrita em 6.8. Semanticamente, expressa que um movimento é efetuado a fim de realizar uma ação ("ele vem comer"), ou - melhor - que a situação realiza-se depois de um certo movimento ("ele come depois de vir"). Esta realização posterior a um movimento assemelha-se, semanticamente, a um futuro. Todos esses fatos estruturais e nocionais sugerem que a combinação de 3 sufixos no futuro origina-se, diacronicamente, de uma construção analítica:

apêgi saami /apê-gi saa-bí/ → **apêgi saami** /apê-gi+saa-bí/

→ **apêgisami** /apê-gi-sa-bí/ (ele) brincarà

um hipotético verbo **saá** futuro perdendo o seu tom próprio (o que nunca acontece na construção analítica com verbos de movimento).

6.9.2. O futuro de intenção usa-se somente com a 1ª pessoa do singular ou do plural exclusiva (**yiʔ** eu, **isã** nós exclusivo). Expressa a intenção do locutor. Forma-se com a combinação de três sufixos:

- ♦ um sufixo de gênero/número animado: **-gi** -fsg, **-go** +fsg, **-rã** pl.
- ♦ o sufixo **-ti** (de origem desconhecida).
- ♦ o sufixo **-ʔ** (ou o sufixo **-ti** para as formas interrogativas)

Por exemplo:

(yamiákã) apê-gi-ti-ʔ amanhã vou brincar [yamiákã/yãbi-akã/ amanhã]

(yamiákã) apê-go-ti-ʔ amanhã vou brincar (mulher falando)

(yamiákã) apê-rã-ti-ʔ amanhã (nós, mas não você) vamos brincar

(yamiákã) apê-gi-ti-ti? amanhã (você) vai brincar?

Com as outras pessoas, para expressar a intenção, usa-se o futuro de predição.

O negativo em **-ti** é extremamente raro:

apê-ti-gi-ti não vou brincar

Prefere-se utilizar o futuro negativo em **-so-me**.

6.9.3. O futuro de intenção entra na formação de um terceiro tipo de futuro: o **futuro imediato**. Podemos traduzi-lo por: "a ponto de", "prestes a", "pronto a". Constrói-se combinando:

- ♦ os 2 primeiros sufixos do futuro de intenção: **-gi-ti**, **-go-ti**, **-rã-ti**, **-ro-ti**
- ♦ e o sufixo implicativo/mesmo sujeito correspondente: **-gi'**, **-go'**, **-rã'**, **-ro'** formando assim os três sufixos do futuro imediato: **-gi-ti-gi'**, **-go-ti-go'**, **-rã-ti-rã'**, **-ro-ti-ro'**.

Com **apê** *brincar* e **da'rá** *Ida'dál trabalhar; funcionar*:

apê-gi-ti-gi' a ponto de brincar (masculino singular)

apê-go-ti-go' a ponto de brincar (feminino singular)

apê-rã-ti-rã' a ponto de brincar (plural)

da'ra-ró-ti-ro' a ponto de funcionar

As formas resultantes não constituem orações independentes. Usam-se como orações subordinadas:

(216) **biâti ba'â wã'kaapa'rã, peêrure sî'rirátirã'**

/ biâ -ti ba'â +wã'ka- a-pa'-dã peêdu -de sî'di - dâ-ti-dã' /
pimenta-fpan comer+ cedo -p.rec.rep.3pl caxiri-ref beber-futuro imediato
de manhã cedo, dizem que eles comeram quinhampira (panela de pimenta), prestes a tomar caxiri

ou, freqüentemente, em construção analítica com o verbo auxiliar **weé**:

apê-gi-ti-gi' wee-mí (ele) está a ponto de brincar

apê-go-ti-go' wee-mó (ela) está a ponto de brincar

apê-rã-ti-rã' wee-má (elas, elas) estão a ponto de brincar

apê-gi-ti-gi' wee-wí (ele) esteve/estava a ponto de brincar (num passado remoto)

O último exemplo e o exemplo (216) mostram que o futuro imediato é um futuro imediato relativo (relativo ao tempo indicado pelo verbo principal, que pode ser passado, presente ou futuro).

NOTAS

1. Muitas línguas do alto Rio Negro usam esta palavra (baré, warekena, língua geral, além de várias línguas tukano). Isso sugere que **neê** poderia ser um empréstimo do português **nem** (cf. Aikhenvald, 1996a, 12.4.).

2. Estes dois verbos derivam provavelmente da mesma raiz /bãá-/:

mâri /bãá-di/ não estar

moó /bãá-ol/ não ter ("fazer" não estar)

com =**di** voz média e -**o** causativo (cf. 14.1-2.). /bãá-o/ torna-se /bôô/ conforme a regra de assimilação **ass1** e a regra de estrutura bimoraica **bim** (cf.2.6.).

3. Estes sufixos derivam, respectivamente, dos verbos **a'ti** *vir* e **wa'â** *ir*.

4. O verbo **o'ôo'** *enviar, mandar* deriva provavelmente do verbo **wa'â** *ir*, do sufixo **-a'** *ingressivo* (forma abreviada) e do sufixo =**o** *causativo*:

wa'âa' *partir, ir embora*

wa'â-a'=o *fazer partir*

dando **o'ôo'o** conforme as regras **ass1**, **bim** e supressão de **w** (cf.2.6.), e simplificando, **o'ôo'**.

VERBOS DEPENDENTES

Os **verbos dependentes** foram definidos em 4.2. São verbos que, fonologicamente, são **átonos** e, morfologicamente, seguem um verbo que lhes serve de **complemento**. Portanto, a ordem é sempre:

V.(IN)DEPENDENTE + V.DEPENDENTE

O verbo que precede um verbo dependente pode ser independente ou dependente. Este último caso acontece numa série de verbos dependentes:

v.indep. + v.dep.ⁿ + v.dep.ⁿ⁻¹ + ... + v.dep.² + v.dep.¹

Cada verbo dependente sendo completado pelo verbo complemento que o precede, até alcançar - neste movimento de direita para a esquerda - o verbo independente. Este, não sendo completável, fecha definitivamente o ciclo no começo da locução verbal.

Com n=1 (v.indep.+v.dep.), já vimos - em 4.2. - os exemplos (11,12,14) com os verbos dependentes **mii** /bĩi/ *tirar (fazendo algo)* e **bi'a** *fechar (fazendo algo)*:

(11') **dotê mii** /dotê+bĩi/ *tirar bicando*

(12') **oho mií** /ohó+bĩi/ *tirar mergulhando*

(14') **wehê bi'a** /wehê+bi'a/ *fechar puxando*

Nota-se que, em (12'), o verbo dependente **mii**, apesar de ser fonologicamente átono, capturou o tom ascendente da raiz verbal **ohó**.

Exemplo com n=3:

(217) **pisána kasáwa bu'ipi bu'pu mihá peha chami**

/pisána kasá-wa+ bu'i -pi bu'pú+bíha+peha + eha - bí /
gato jirau+em cima-foc pular+subir+em cima+ ir até -pres.vist.3-fsg
o gato pulou em cima do jirau (lit. o gato foi até se colocar em
cima do jirau subindo pulando)

Neste exemplo, o verbo dependente nº1 **cha** ir até (fazer algo) é completado pelo verbo **pehá** colocar-se em cima de, dando: **pehá+cha** ir até colocar-se em cima de (algo); por sua vez, o verbo dependente nº2 **peha** colocar-se em cima (fazendo algo) é completado pelo verbo **mihâ** subir, dando: **mihâ+peha** colocar-se em cima subindo; por sua vez, o verbo dependente nº3 **miha** subir (fazendo algo) é completado pelo verbo **bu'pú** pular, dando: **bu'pu+mihâ** /bu'pú+bíha/ subir pulando; o verbo independente **bu'pú**, não sendo completado, fecha à esquerda a locução verbal. Nota-se que, apesar dos 3 verbos dependentes serem átonos, o verbo independente de melodia ascendente **bu'pú** segue a regra geral de deslocamento tonal e "entrega" o seu tom ao primeiro verbo dependente que o segue (aqui, **miha**).

As séries de 2 ou 3 verbos dependentes são freqüentes na língua ye'pá-masa. No entanto, as séries de mais de 3 verbos dependentes são raras.

Neste capítulo, examinaremos atentamente todas as características dos verbos dependentes e os critérios que permitem separá-los dos sufixos e das construções analíticas (7.1.), antes de apresentar uma lista representativa de verbos dependentes e o tipo de relação semântica que eles mantêm com o verbo (in)dependente que os precede (7.2.). Trataremos separadamente de alguns verbos dependentes (7.3-7.) por eles terem desenvolvido um semantismo que os aproximam das "categorias gramaticais" (voz, aspecto, etc.). A apresentação de algumas irregularidades tonais terminam o capítulo.

7.1. As características dos verbos dependentes

7.1.1. Os verbos dependentes e os sufixos verbais possuem as mesmas características básicas: são átonos e precedidos por um verbo. No entanto, os vários argumentos apresentados em 4.4. permitem manter uma distinção fundamental entre verbo dependente e sufixos. Com efeito, vimos que:

1. Os sufixos são foneticamente mais ligados à raiz verbal que os verbos dependentes, já que:

- ♦ a contaminação nasal realiza-se entre uma raiz intrinsecamente nasal e seu sufixo, e não entre um verbo e o verbo dependente que o segue.
- ♦ morfemas começando pelo fonema /g/ ou pelo fone [r] são sufixos e nunca verbos dependentes.

Por exemplo, **-ya** imperativo, **-gi** -fsg e **-ro** /-do/ inan são sufixos por serem todos contaminados por uma raiz verbal intrinsecamente nasal. Além disso, o segundo morfema começa por /g/ e o terceiro, por [r].

Pelo contrário, **+yuu** (fazer algo) na espera, **+di'a** [d̥i'ã] completamente e **+no'o** /+dõ'o/ passivo são verbos dependentes por nunca serem contaminados por uma raiz verbal intrinsecamente nasal e pelo fato que os dois últimos começam, respectivamente, pelos fones [d] e [n], e não por [r].

2. Os verbos dependentes formam uma classe de morfemas extensa: são centenas (cf. uma amostra representativa em 7.2.) e, semanticamente, tão "ricos" de sentido como as raízes.

3. Muitos verbos dependentes podem ser igualmente usados como verbos dependentes, com ou sem mudança de sentido (10,11,12,13,14,15). A mudança de sentido atribuiu-se a uma certa polissemia dos lexemas e/ou a processos metafóricos extremamente produtivos na língua; esta mudança não deve servir de critério para transformar um verbo dependente em sufixo. De fato, os processos metafóricos ou polissêmicos permitem a criação de numerosos idiomatismos. Por exemplo, com o verbo independente **tuú** empurrar e o verbo dependente **peo** colocar em cima (fazendo algo), teremos:

tuu peó /tuú+peo/ colocar empurrando

tuu peó /tuú+peo/ passar a culpa a

e, com mudança tonal:

tuú peo /tuú+peo/ ter na cabeça (panela,...)

4. Os sufixos de tempo/modalidade/gênero aparecem sempre depois do verbo dependente, tendo uma relação semântica mais estreita com o verbo dependente do que com o verbo independente [com o sufixo **-ti** negativo, cf. exemplo (30) e sua interpretação].

5. O tamanho fonológico dos sufixos é mais reduzido que o dos verbos dependentes. Enquanto os verbos dependentes têm sempre uma estrutura bimoraica (**nu'ku** (fazer algo) sempre, **maha** (fazer algo) de repente, **bosa** (fazer algo) para o benefício de, etc.), os sufixos são sempre monossilábicos. Isso sugere que os sufixos apareceram, diacronicamente, por redução e erosão de verbos dependentes. Por exemplo:

-a' centrifugo < +wa'a ir

-'ti centripeto < +a'ti vir

- o' *propagativo* < +o'oo' *enviar*
 -'kū *durativo* < +nu'ku (*fazer algo*) *sempre*
 -a' forma abreviada de +wa'a *ingressivo*

Esta gramaticalização (verbo dependente → sufixo verbal) ainda não chegou a termo para alguns verbos dependentes como: **ape** *divertir-se em (fazer algo)*, **eta** *ir até (fazer algo, centripeto)* e **eha** *ir até (fazer algo, centrifugo)*, o processo de desgaste fonológico continuando a se realizar. Escutam-se as duas pronúncias:

- baa+apé** ou **baa-pé** *divertir-se em nadar* [**baá nadar**]
boka+etá ou **boka-tá** *topar (ir até encontrar, centripeto)*
boka+ehá ou **boka-há** *topar (centrifugo)* [**boká encontrar**]

O fato que o processo de gramaticalização ainda é dinâmico sugere que a diferença entre verbo dependente e sufixo é **irrelevante** e que seria talvez melhor considerar a maioria dos sufixos verbais estudados no capítulo precedente (**-ti** *negativo*, **-mi** *frustrativo*, ...) como verdadeiros verbos dependentes:

- +**tií** *negar-se a (fazer algo)*
 +**mií** /+bīl/ *ficar frustrado (fazendo algo)*

7.1.2. Os verbos dependentes distinguem-se também das construções analíticas pelo fato que estas últimas não têm unidade tonal, o verbo "auxiliar" guardando o seu tom próprio. Uma destas construções analíticas (com verbo de movimento orientado, cf.6.8.) é ilustrada pelo exemplo (218) que o leitor comparará com o exemplo (219):

- (218) **ba'ági sãháa'mi**
 /ba'á - gi sãhá - a' - bī /
 comer- -fsg entrar-C>-pres.vist.3-fsg
(ele) entra para comer

- (219) **ba'á sãhaa'mi**
 /ba'á +sãha - a' - bī /
 comer+entrar-C>-pres.vist.3-fsg
(ele) entra comendo

Em (218), os dois verbos **ba'á** *comer* e **sãhá** *entrar* conservam cada um o seu tom próprio: a construção não tem unidade tonal. No entanto, em (219), **sãha** *entrar (fazendo algo)* tornou-se verbo dependente e perdeu o seu tom próprio: a construção tem unidade tonal.

7.1.3. Os sufixos de tempo/modalidade/gênero sempre aparecem depois do

verbo dependente, e nunca entre o verbo independente e o verbo dependente, nem entre dois verbos dependentes numa série de verbos dependentes. Mesmo **posição final depois do último verbo dependente** com os outros sufixos verbais. Por exemplo, com o sufixo verbal **-ti** *centripeto*, compare **mií-ti-mi** *(ele) traz* com:

- (220) **mií pē'atimi**
 / bīí + pē'a - tī - bī /
 trazer+atravessar-C<-pres.vist.3-fsg
(ele) vem atravessando trazendo-o

onde o centripeto **-ti** sufixou-se depois do verbo dependente **pē'a** *atravessar (fazendo algo)* e não depois de **mií**.

No entanto, os sufixos verbais **-ti** *negativo* e **-kã'** *assertivo* - embora apareçam também geralmente em posição final depois do último verbo dependente - encontram-se às vezes depois do verbo independente ou de um verbo dependente intermediário. Isso acontece com certos verbos dependentes e provém do semantismo deles (cf. exemplo 30).

7.1.4. Numa construção com verbos dependentes, todos os verbos têm o **mesmo sujeito**. Por exemplo, em:

- (12') **oho mií tirar mergulhando**

o sujeito das ações de "tirar" e de "mergulhar" é o mesmo.

Em (217), temos uma série de quatro verbos: **bu'pú** *pular*, **miha** *subir*, **peha** *colocar-se em cima* e **eha** *ir até*, expressando ações realizadas pelo mesmo sujeito: é o gato que pula, sobe, coloca-se em cima do jirau e o alcança.

Os sufixos de tempo/modalidade/gênero aparecendo depois do último verbo dependente referem-se a este sujeito comum.

7.1.5. Neste tipo de construção, cada verbo pode ter uma orientação diferente dos outros no eixo da transitividade: algum pode ser intransitivo enquanto outro é transitivo ou bitransitivo. As construções tornam-se extremamente complexas quando os verbos da mesma construção são todos transitivos, mas com objeto diferente. Examinaremos por partes o caso mais simples, a construção com um só verbo dependente, ou seja: v.indep. + v.dep. Neste caso, temos quatro possibilidades:

1. v.indep. e v.dep. ambos intransitivos.

Neste caso, nenhum dos dois verbos tem um objeto direto. Por exemplo:

- (221) **aâ wií sihámi**
 / aâ wi í+ siha -bī/
 gavião voar+deslocar-se-pres.vist
o gavião desloca-se voando

2. v.indep. intransitivo e v.dep. transitivo.

Neste caso, o verbo dependente tem um objeto direto (explícito ou não). Quando for explícito, precede ou segue a construção inteira (que nunca pode ser cortada por um nome, a incorporação nominal sendo proibida na língua ye'pâ-masa), o sufixo nominal **-re** /-de/ referencial sendo facultativo com os objetos inanimados (marca especificadora) e obrigatório com os pronomes pessoais e os nomes próprios objetos (o uso pormenorizado deste sufixo nominal será descrito em 8.12.). Por exemplo:

- (12) **ĩtâga oho miimi**
/ĩtâ-ga ohó + bĩ - bĩ /
pedra mergulhar+tirar-pres.vist
(ele) tira pedra mergulhando

- (222) **koôre du'tí ĩ'yaya!**
/koô-de du'tí + ĩ'ya - ya/
ela-ref esconder-se+olhar-imp
espie-a! (lit. olhe para ela escondido!)

3. v.indep.transitivo e v.dep. intransitivo.

Neste caso, o objeto direto refere-se ao verbo independente. Quando for explícito, o sufixo nominal **-re** aparece facultativamente nas condições explicadas acima. Por exemplo:

- (223) **numiô wi'magóre kâmo kâhimo!**
/dũbĩ-o wĩ'bá-go-de kâbó + kâhi - bõ /
mulher menina-ref fazer dormir+estar deitado-pres.vist.3+fsg
a mulher está deitada fazendo dormir a menina

4. v.indep. e v.dep. ambos transitivos.

O objeto direto dos verbos pode ser o mesmo para todos (referindo-se igualmente aos dois verbos) ou diferente para cada verbo.

⇒ Quando o **objeto direto for o mesmo** e quando for explicitado, o sufixo nominal **-re** aparece facultativamente nas condições explicadas acima:

- (224) **yesearé pihĩ neeya!**
/ yesê -a- de pihĩ + dêe -ya/
porco-pl-ref chamar+juntar-imp
junte os porcos chamando-os!
- (225) **kopêre di'tâ me'ra doké bi'ami**
/kopê-de di'tâ+bê'da doké + bi'a - bĩ /
buraco-ref terra+com atirar em+fechar-pres.vist
(ele) fecha o buraco atirando terra nele

Neste último exemplo, note que **doké** atirar em (algo) e **bi'a** fechar (algo, fazendo algo) têm o mesmo objeto direto (ênfático pelo sufixo **-re**): **kopê** buraco, e o mesmo complemento periférico de instrumento: **di'tâ** terra.

- (226) **yôkâre wahâro me'ra kometipi waa sâáya!**
/ yôkâ -de wahâ-do+bê'da kôbê-ti- pi waa+ sâa -ya/
manicuera-ref cuja +com panela-foc tirar+meter-imp
tire a manicuera com a cuja e ponha-a na panela!

Neste exemplo, **yôkâ** manicuera é o objeto direto comum dos verbos **waá** tirar (líquido) e **sâa** meter (fazendo algo); é especificado pelo sufixo **-re**. O complemento periférico de instrumento **wahâro** cuja refere-se ao verbo **waá** tirar enquanto o complemento periférico de lugar **kometĩ** panela refere-se ao verbo **sâa** meter. Uma tradução literal seria: "a respeito da manicuera, meta-a na panela tirando-a com a cuja!".

- (227) **a'teparíre akó waa sâa mu'muo pe'okâ'ya!**
/a'té - pa-di -de akó waa+ sâa +bũ'bu-o + pe'o - kâ' -ya/
estas-fpan/pl-ref água tirar+meter+ encher de+completamente-ass-imp
tire água e encha completamente estas panelas!

Neste exemplo com 1 verbo independente (**waá**) e 3 verbos dependentes (**sâa**, **mu'muo**, **pe'o**), todos transitivos, a formulação é a mesma: **akó** água é o objeto direto dos verbos **waá** tirar, **sâa** meter (fazendo algo), **mu'muo** encher de (fazendo algo) e **pe'o** (fazer algo) completamente; a marca **-re** não aparece pelo fato que o objeto direto não é tão especificado como **a'teparĩ** estas panelas, que é o complemento periférico de lugar do verbo **sâa** meter e, no mesmo tempo, o complemento de objeto indireto do verbo **mu'muo** encher de. Uma tradução literal seria: "encha completamente de água as panelas metendo-a nelas tirando-a (com cuja de outra vasilha)!". Nota-se que os complementos marcados com **-re**, assim como os complementos periféricos, podem referir-se a um ou vários verbos da série. No entanto, o objeto direto não marcado refere-se sempre a todos os verbos da série de verbos dependentes.

Podemos agora enunciar a regra geral seguinte: da mesma maneira que **todos os verbos** de uma construção de verbos dependentes em série têm o **mesmo sujeito**, o **objeto direto não marcado explícito** refere-se a **todos os verbos transitivos da série**.

⇒ Quando o **objeto direto não for o mesmo** para todos os verbos transitivos da construção, como consequência da regra que acabamos de enunciar, os complementos de objeto direto levam sempre marcas funcionais:

(228) **su'tiré ĩtâga me'ra peô di'oya!**

/su'tí - de ĩtâ-ga+bê'da peô + di'o -ya/
roupas-ref pedra+ com colocar+pressionar-imp
pressiona as roupas colocando pedra em cima delas!

Neste exemplo, **ĩtâga** *pedra* é o objeto do verbo **peô** *colocar* (algo) e é o complemento periférico de instrumento do verbo **di'o** *pressionar* (fazendo algo) enquanto **su'tí** *roupas* é o objeto de **di'o** *pressionar* e o complemento periférico de lugar de **peô** *colocar*; os objetos dos verbos sendo diferentes, uma marca funcional é obrigatória para cada um. Uma tradução literal seria: "a respeito de roupas, pressione-as com (uma) pedra colocando-a (a pedra) em cima delas!".

(229) **ãhû bati pamôga dokekihí me'ra tã'â peoya!**

/ãhû+ bati -de pãbô-ga doké-kihí+bê'da tã'â + peo -ya/
beijus+balaio-ref mão de pilão +com pôr peso em cima+colocar-imp
ponha peso em cima do balaio de beijus que está colocado (em cima do jirau,...) com a mão de pilão!

Neste exemplo, **ãhû+bati** *balaio de beijus* e **pamôga dokekihí** *mão de pilão* são, respectivamente, o objeto e o complemento de instrumento do verbo **tã'â** *pôr peso em cima* de enquanto **pamôga dokekihí** *mão de pilão* é o objeto do verbo **peo** *colocar*, o complemento de lugar (jirau,...) não sendo explicitado. Uma tradução literal seria: a respeito do balaio de beijus, coloque-a (a mão de pilão em cima do jirau onde está o balaio)"pondo peso em cima dele (o balaio) com a mão de pilão!"

Como se pode ver pelos dois últimos exemplos, o fato que os argumentos verbais, numa construção em série, são às vezes diferentes contribui para aumentar a complexidade da língua. No entanto, exemplos tão complicados como (229) são raros.

7.2. Uma lista de verbos dependentes

A amostra seguinte de verbos dependentes dá uma boa idéia do semantismo contido neles:

- ape** *divertir-se* (em fazer algo) [230]
apo *ajeitar* (um fazer)
ba'a *comer* (fazendo algo), (fazer algo) *para comer*
bi'a *fechar* (fazendo algo); (fazer algo) *em toda parte* (omnilocativo) [14,15,225]
bipe *espremer* (fazendo algo)
bu'c *aprender* (a fazer algo)

- keo** *imitar* (um fazer)
kô'a *livrar-se de* (fazendo algo)
koc *limpar* (fazendo algo)
ko'te *fazer companhia* (fazendo algo)
ma'a /bã'al/ *procurar* (fazendo algo)
mii /bī/ *tirar* (fazendo algo) [11,12]
mito /bīto/ *fragmentar* (fazendo algo)
more /bōde/ *misturar* (fazendo algo)
mui /būi/ *fracassar* (num fazer)
mu'si /bū'si/ *acertar* (um fazer)
nee /dēe/ *juntar* (fazendo algo) [224]
niri /dīdi/ *acompanhar* (um fazer) [232]
no'a /dō'a/ *quebrar* (fazendo algo)
o'o *dar* (fazendo algo) [233]
paa *bater* (fazendo algo)
pa'a *ir/vir flutuar* (fazendo algo)
po'o *fazer flutuar* (fazendo algo)
peha *ir/vir colocar-se em cima* (fazendo algo) [217]
peo *colocar em cima* (fazendo algo) [229,234]
poo-tōo *confrontar-se com* (fazendo algo)
pu'a *cravar* (fazendo algo)
sãa *meter* (fazendo algo) [226,227]
sōroo' /sōdo-o'/ *introduzir* (fazendo algo)
sī'o *escorregar* (fazendo algo)
siru /sīdu/ *deslizar* (fazendo algo)
site *espalhar* (fazendo algo) [235]
su'a *enfiar* (fazendo algo)
ta'a *dividir* (fazendo algo)
tī'a *esmagar* (fazendo algo)
tī're /tī'de/ *rasgar* (fazendo algo)
tō'o *ser pego em flagrante* (fazendo algo)
wā'a *aderir* (fazendo algo)
ō'o *fazer aderir* (fazendo algo)
wee *extrair* (fazendo algo)
wēhe *matar* (fazendo algo) [238]
we'o *transvasar* (fazendo algo); (fazer algo) *antecipadamente*
wīha *avivar o fogo* (fazendo algo)
wīroo' /wīdo-o'/ *fazer algo* *para fora*
bi'pe *cravar* (fazendo algo)
di'o *pressionar* (fazendo algo) [228]

- kare** /kade/ mexer com alguém (fazendo algo)
mari /bādi/ ficar admirado (fazendo algo) [231]
moroo' /bōdo-o'/ (fazer algo) para cima
soo fingir de (fazer algo) [236]
tamo /tābol/ ajudar a (fazer algo) [237]
tare /tade/ espalhar (fazendo algo)
yā'a experimentar (um fazer) [239]
yō'o mostrar como (fazer) [240]

Os dez últimos verbos da segunda coluna são verbos obrigatoriamente dependentes, enquanto todos os outros têm uso dependente ou independente (ou seja: com ou sem um complemento verbal). Demos alguns exemplos quando empregados como verbos dependentes:

- (230) **waha apēmi**
 /wahá+ ape - bī /
 remar+divertir-se em-pres.vist
(ele) se diverte em remar
- (231) **peēru sī'ri mari, ya'a yiriá wa'aami**
 /peēdu sī'dí + bādi ya'a+yidi-a + wa'a - a-bī /
 caxiri beber+admirado entreabrir a boca+ingressivo-p.rec.vist
(ele) surpreendeu-se quando tomou caxiri e fez uma careta mostrando os dentes
- (232) **yi'ĩ basaróre basâ niriya!**
 /yi'ĩ basâ - dó -de basâ + dīdi -ya/
 eu cantar-nom.lugar-ref cantar+acompanhar-imp
acompanhe! cantando o meu canto!
- (233) **mi'ĩ ba'arí di'irore kā'ró ā'riré suâ o'oya!**
 /bī'ĩ ba'â - dí + di'i -do -de kā'dó ā'dí-de suâ +o'o-ya/
 tu comer-nom.inan.sg+carne- sg-ref pouco este-ref beliscar+dar-imp
dê para este, tirando com os dedos, um pouco do pedaço de carne que você está comendo!
- (234) **bikāwire kasāwa bu'i wee peóya!**
 /bīkâ-wi-de kasâ-wa+ bu'i weé + peo -ya/
 matapi -ref jirau +em cima fazer+colocar-imp
faça o matapi e coloque-o sobre o jirau!

- (235) **di'tāre wi'i doká wee sitéya!**
 /di'tā-de wi'i+doka weé + site -ya/
 terra-ref casa+baixo fazer+espalhar-imp
espalhe (lit. espalhe fazendo) a terra no piso da casa!
- (236) **ā'ri nī soogi' weemí**
 /ā'dí dīi + soo - gi' weé - bī /
 este dizer+fingir-impl/ms v.aux.-pres.vist
este está mentindo (lit. fingindo de dizer)
- (237) **yi'ĩ mi'ĩre wi'i wee tamó'**
 /yi'ĩ bī'ĩ-de wi'i weé + tābo - ' /
 eu tu-ref casa fazer+ajudar-pres.vist
eu te ajudo a fazer casa
- (238) **wā'rōpīre biê wēheya!**
 /wā'dō-pī-de biê +wēhe -ya/
 mutum -ref flechar+matar-imp
mate o mutum flechando-o!
- (239) **wa'ĩ ba'â yā'aya!**
 /wa'ĩ ba'â + yā'a -ya/
 peixe comer+experimentar-imp
prove o peixe! (lit. experimente de comer o peixe!)
- (240) **noá mi'ĩre uúkū yō'ori?**
 /dōá bī'ĩ-de uú-kū+ yō'o - di /
 quem tu -ref falar+mostrar como-p.cad.vist.int
quem te ensinou a falar?

7.1.6. O leitor achará numerosos exemplos do funcionamento dos verbos dependentes no dicionário. Como se vê pelos exemplos acima, na relação: **v.indep.+v.dep.** (sintaticamente, **complemento+completado**), o verbo independente **especifica a maneira** de realizar a situação expressada pelo verbo dependente: "X realiza tal situação (v.dep.) fazendo de tal maneira (v.indep.)". Semanticamente, o verbo independente especifica o verbo dependente da mesma maneira que o nome dependente qualifica o nome independente (cf.9.2.).

As situações expressas pelo verbo dependente e pelo verbo independente são freqüentemente simultâneas, mas não sempre. No exemplo (234), o agente fará primeiro o matapi e, depois, o colocará sobre o jirau.

Os verbos dependentes são numerosos (várias centenas); é uma classe praticamente aberta, visto que todo verbo tendo a possibilidade semântica de ser completado pode tornar-se dependente. Particularmente, todos os verbos de ação manual formados com o sufixo causativo =o precisam de complemento e, por conseguinte, constroem-se como verbos dependentes. São centenas desses verbos. Por exemplo:

- ya'pî** *estar liso* → **ya'pio** /ya'pi=o/ *alisar (fazendo algo)*
ka'bî *estar mole* → **ka'bio** /ka'bi=o/ *amolecer (fazendo algo)*
mu'mû *estar cheio* → **mu'muo** /bû'bu=o/ *encher (fazendo algo)* [227]
 [cf. também o exemplo (27)]

A construção com verbos dependentes é extremamente produtiva nas narrações e nas conversações diárias. Tirando a média, esta construção em série aparece em 30% dos enunciados verbais.

7.1.7. Os verbos de movimento ou de posição usam-se freqüentemente como verbos dependentes. Neste caso, o verbo independente que os complementa indica a ação simultaneamente feita durante o movimento ou a posição. Por exemplo:

- (241) **ba'â sihami**
 /ba'â +siha - bî /
 comer+andar-pres.vist
 (ele) anda comendo

Constroem-se freqüentemente como verbos dependentes: **sihâ** andar, **basâ** dançar, **pa'sâ** flutuar, **kâhî** estar deitado na rede, **kûyá** estar deitado no chão, **duhî** estar sentado, **pesâ** estar colocado em cima, **tohá** voltar, **sâhá** entrar e todos os verbos de movimento orientado (cf. exemplos 219, 220, 221, 223).

7.1.8. Os verbos dependentes podem também expressar categorias gramaticais como a modalidade, o tempo, o aspecto ou todo campo semântico traduzível em português por advérbios. Apesar da tradução que pode enganar, são sempre verbos que exigem complemento.

Como expressão:

① Do aspecto/tempo, temos:

- ni'i** /dî'i/ (fazer algo) ainda, continuar (fazendo algo) [16]
toha já (fazer algo) [17, 242]
wa'a ingressivo (cf. 7.5.)
boka conseguir (fazer algo)

- ni'ka** /dî'ka/ começar a (fazer algo) [incoativo]
wâ'koo' /wâ'ko-o'/ reiniciar (um fazer)
mi'ta /bî'ta/ (fazer algo) em primeiro lugar
tio (fazer algo) pela última vez
du'u parar de (fazer algo) [interruptivo]
tu'a+cha(+ni'ko) acabar de (fazer algo) [terminativo]
pe'o (fazer algo) completamente [243]
pe'ti todos (fazem/fizeram/farão) [sempre com sujeito plural, 244]
nu'ku /dû'ku/ (fazer algo) continuamente, sempre (fazer)
miha /bîha/ (fazer algo) repetidamente
poo acostumar-se a (fazer algo)
wia costumar (fazer algo) [245]
bo'rea /bo'de-a/ (fazer algo) a noite inteira [246]
na'io /dâ'i-o/ (fazer algo) ao entardecer
wâ'ka (fazer algo) de manhã cedo

Por exemplo:

- (242) **yukâgi yi'î paâ dihoo'kihi da'ri toha'**
 /yukî-gi yi'î paâ + diho-o' - kihî da'dí + toha- ' /
 árvore eu derrubar+fazer descer-nom.fret abalar-se+ já -pres.vist
 a árvore que estou derrubando já está se abalando
- (243) **wa'îre ba'â pe'oami**
 /wa'î-de ba'â + pe'o - a-bî /
 peixe-ref comer+completamente-p.rec.vist.3-fsg
 (ele) comeu todo o peixe
- (244) **wa'î ba'â pe'tiama**
 /wa'î ba'â +pe'ti - a-bâ /
 peixe comer+todos-p.rec.vist.3pl
 todos comeram peixe
- (245) **peêru sî'ri wiáwî**
 /peêdu sî'dí + wia - wî /
 caxiri beber+costumar-p.cad.vist
 (ele) costuma tomar caxiri
- (246) **da'rá bo'reamo**
 /da'dá + bo'dea - bô /
 trabalhar+amanhecer-pres.vist.
 (ela) trabalhou a noite inteira (lit. amanhece trabalhando)

② Da modalidade:

- boo** potencial (cf.7.4.)
ti'sa parece que, achar que [247]
sī'ri /sī'di/ querer (fazer algo) [248]
masi /bāsi/ saber, poder (fazer algo) [249]
duti mandar, ordenar (fazer algo) [250]
yoko'a marca de surpresa [251]

Por exemplo:

- (247) **a'tigo koô makiré eká ti'satimo**
 /a'ti-go koô bāki-de eká + ti'sa - ti - bō/
 esta ela filho-ref alimentar+parece que-neg-pres.vist.
parece que esta mulher não alimenta o filho dela

- (248) **ba'â sī'risa'**
 /ba'â + sī'di - sa-' /
 comer+querer-pres.sent
quero comer

- (249) **baa masisa'**
 /baá + bāsi - sa-' /
 nadar+saber-pres.sent
sei nadar

- (250) **koôre da'ra dutiya!**
 /koô-de da'dá + duti - ya/
 ela -ref trabalhar+ordenar-imp
mande-a trabalhar!

- (251) **bu'ê yoko'ami!**
 /bu'ê + yoko'a - bī /
 estudar+surpresa-pres.vist
puxa, como (ele) estuda!

③ De redução/aumento de valência:

- no'o** /dō'o/ passivo (cf.7.3.)
bosa, basa benéfativo [252]
duti mandar (fazer algo) [250]

Como exemplo:

- (252) **Pédurure da'ra bosámi**
 /Pédudu-de da'dá + bosa - bī /
 Pedro -ref trabalhar+benéfativo-pres.vist
(ele) trabalha para o Pedro

④ Do espaço:

- eta** ir até (fazer algo, centripeto) [253]
cha ir até (fazer algo, centrifugo) [253']
kūu+siha (fazer algo) para cá e para lá
sitia (fazer algo) circularmente
baha+ke'a rodear (fazendo algo)

Por exemplo:

- (253) **toha+etámi** (253') **toha chámi**
 /t ohá+ eta - bī / /tohá+ cha - bī /
 voltar+atingir-pres.vist voltar+atingir-pres.vist
chega de volta (centripeto) chega de volta (centrifugo)

⑤ Da maneira:

- miya** /bīya/ (fazer algo) rapidamente, apressar-se (em fazer algo)
maha /bāha/ (fazer algo) de repente [254]
kehe (fazer algo) num instante [255]
desu (fazer algo) constantemente
doha (fazer algo) definitivamente
tutua /tutu-al/ (fazer algo) energicamente
wāri /wādi/ (fazer algo) gulosamente
bataa' marca de imprecisão [256]

Como exemplos:

- (254) **wā'ká ni'ka mahaami**
 /wā'ká+dī'ka+ bāha - a-bī /
 levantar-se +de repente-p.rec.vist
levantou-se de repente

- (255) **tuu kehéo'amo**
 /tuú + kehe - o' - bō /
 empurrar+num instante-prop-pres.vist.3+fsq
(ela) deu um empurrão (lit. mandou o empurrar dela de uma vez)

- (256) **wērī bataa'ya!**
/wēdī + bata-a' -ya/
morrer+imprecação-imp
que morra!

⑥ Da ênfase ou do grau de comparação:

butia' muito, intensamente

pūri /pūdi/ muito, intensamente

dī'a (estar) completamente (num estado)

yī'ria /yī'di-a/ (fazer algo) demais [257]

nemo /dēbol/ (fazer) mais; ser mais que [258]

yī'ri(o) (estar) mais (num estado) que (comparativo de superioridade) [259]

dīha (estar) menos (num estado) que (comparativo de inferioridade) [260]

kure /kudel/ quase (fazer algo)

yā'ku estar um pouco mais (num estado)

Como exemplos:

- (257) **ba'ā yī'riami** (258) **po'ká ia nemósa'**
/ba'ā + yī'di-a - bī / /po'ká iá + dēbo- sa-' /
comer+demais-p.rec.vist. farinha querer+mais-pres.sent
(ele) come demais quero mais farinha

- (259) **Péduru Yūúure butí yī'riomi**
/Pédudu Yūúu-de butí + yī'di-o - bī /
Pedro João -ref branco+ mais -pres.vist
Pedro é mais branco do que João

- (260) **Péduru Yūúure butí dīhami**
/Pédudu Yūúu-de butí + dīha - bī /
Pedro João -ref branco+menos-pres.vist
Pedro é menos branco do que João

7.3. O passivo no'o

Conforme opera ou não uma redução de valência, o verbo dependente no'o /dō'o/ passivo permite duas construções diferentes:

1. Serve primeiro de **voz passiva**. Neste caso, o complemento de agente pode ser ou não explicitado. Quando for explicitado, leva frequentemente a marca nominal **-re referencial** (quando for referencial, específico e determinado). Como exemplos:

- (261) **dī'ti wi'magire bopê no'o'karo niíapi**
/dī'ti-wi'ba-gi-de bope + dō'o - 'ka-do dīi- a-pi /
panela menino-ref quebrar+passivo-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a panela foi quebrada pelo menino

- (262) **yī'ĩ pakire ĩ'yâ no'o'ki niíami**
/yī'ĩ+paki-de ĩ'yâ + dō'o - 'ki dīi- a-bī /
eu+ pai -ref ver +passivo-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist.3-fsg
(ele) foi visto por meu pai

- (263) **uúkūshe nií no'orosa'**
/uú-kū- sehé dīi + dō'o -do-sa-' /
falar -nom.inan.pl dizer+passivo-futuro
a palavra será dita

Caso a construção ativa correspondente tiver complementos de objeto direto e indireto, é geralmente o complemento de objeto indireto que se torna o sujeito da passiva (promoção do objeto indireto à função sujeito). Compare:

- (264) **Péduru Yūúure nimâ tīâ'ki niíami**
/Pédudu Yūúu-de dībâ tīâ - 'ki dīi- a-bī /
Pedro João -ref veneno dar de beber-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist
Pedro deu de beber veneno a João

com a construção passiva (promoção do objeto indireto) mais comum:

- (264') **Yūúu nimâ tīâ no'o'ki niíami (Pédurure)**
/Yūúu dībâ tīâ + dō'o - 'ki dīi- a-bī /
João veneno dar de beber+passivo-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist
João foi "dado de beber" veneno (por Pedro)

e com a construção passiva correta, mas pouco elegante e rara (promoção do objeto direto):

- (264'') **niímâ Yūúure tīâ no'o'karo niíapi**
/dībâ Yūúu-de tīâ + dō'o - 'kado dīi- a-pi /
veneno João-ref dar de beber+passivo-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
o veneno foi dado a João

Neste caso, o sujeito da construção ativa correspondente - quando for explicitado - deve aparecer no fim do enunciado para evitar uma ambigüidade, um enunciado como: **niímâ Yūúure Pédurure tīâ no'o'karo niíapi** significando: "o veneno foi dado a João e a Pedro", e não: "o veneno foi dado a João por Pedro".

2. Note a existência de uma dezena de **formas passivas sintéticas**. Inexplicadamente, estas formas parecem conter o sufixo derivacional =o **causativo**. Em geral, não há diferença de significado entre as formas analíticas

(na esquerda) e as formas sintéticas (na direita). Quando tiver uma leve diferença de sentido, a 2ª aceção indicada (depois do ponto-e-vírgula) corresponde ao sentido da forma sintética:

ba'â no'o <i>ser comido; ser inteiramente devorado</i>	bo'ó
paâ no'o <i>ser batido, apanhar de</i>	poó
kêê no'o <i>ser batido, apanhar de</i>	kêó
yê'ê no'o <i>ser pego</i>	yê'ó
kũ'rĩ no'o <i>ser mordido</i>	kõ'ó
toâ no'o <i>ser picado</i>	toó
ma'í no'o <i>ser sovinado</i>	ma'ió
wêhé no'o <i>ser morto; ser atingido</i>	wêhó
teé no'o <i>dar preguiça</i>	teó
yabí no'o <i>dar repulsão</i>	yabíó

Como exemplo:

- (265) **ta'âroki pîrôre bo'omí**
 /ta'â-do-ki pîdô -de bo'ó - bĩ /
 sapo cobra-ref ser devorado-pres.vist
o sapo é devorado pela cobra

3. O passivo pode ser usado com qualquer sufixo verbal de modalidade/tempo/gênero. Para formar o passivo negativo, usa-se:

♦ o sufixo verbal **-ti** *negativo* (ou o verbo dependente defectivo **we'e** *não*, cf. 6.1.), sufixado normalmente depois da forma passiva **no'o**, ou entre ela e o verbo independente.

♦ ou, mais freqüentemente, uma construção analítica formada com o verbo expressando a situação e o verbo auxiliar negativo **marí**/bãdí/*não estar*. O primeiro verbo desta construção analítica leva sempre o sufixo **-ya** (cujo funcionamento não é bem claro; note que um dos sufixos imperativos tem a mesma forma, cf. 5.5.) enquanto o verbo auxiliar **marí** é seguido pelo sufixo de modalidade apropriado. O verbo dependente **no'o** pode aparecer no 1º verbo da construção, nos dois verbos (verbo expressando a situação e verbo auxiliar **marí**) ou em nenhum deles.

Exemplo com **wa'ĩ** *peixe*, **ba'â** *comer* e o sufixo verbal **-mi** /-bĩ/
pres.vist.3-fsg:

- wa'ĩ ba'â+no'o-mi** *o peixe é comido*
wa'ĩ ba'â+no'o-ti-mi *o peixe não é comido*
wa'ĩ ba'â-ti+no'o-mi *o peixe não é comido*

wa'ĩ ba'â+no'o-ya marí+no'o-mi *o peixe não é comido*

wa'ĩ ba'â+no'o-ya marí-mí *o peixe não é comido*

wa'ĩ ba'â-ya marí-mí *o peixe não é comido*

Não vemos diferença de significado entre as cinco formas acima, todas expressando o passivo negativo. As duas últimas são as mais usadas.

O exemplo seguinte usa o passivo negativo numa construção de verbos em série (**ba'â+duti** *mandar comer*):

(266) **naâ biâre ba'â duti no'oya mariâma**

/dãã biâ -de ba'â + duti + dõ'õ -ya bãdí - a-bã /

eles pimenta-ref comer+mandar+passivo-? não estar-p.rec.vist.3pl
eles foram proibidos (lit. não foram mandados) de comer pimenta

Compare (266) com a construção ativa correspondente (**-ti** *negativo*):

(266') **naâre biâ ba'â dutitimi** *(ele) os proibiu (lit. não os mandou) de comer pimenta*

4. Além deste uso como voz passiva, o verbo dependente **no'o** serve também de **construção impessoal**. Por exemplo, em:

(267) **yamîre akôro pehaká âyuró kâri no'owi**

/yãbî-de akô-do pehâ- ká

noite-ref chuva cair -impl/cs

âyú-dó kãdí + dõ'õ - wi /

bem dormir+passivo-p.cad.vist.outras pessoas

dorme-se bem à noite quando chove (lit. quando a chuva cai)

Nesta construção impessoal em **no'o**, o verbo **não tem sujeito** explícito nem implícito. Apresenta-se sempre com um sufixo de modalidade/tempo/gênero em "outras pessoas" (usada aqui como forma impessoal). Corresponde geralmente a fatos habituais e podemos traduzi-los em português por uma forma reflexiva (como em: "luta-se para viver", "não se vive sem dinheiro",...) ou com a expressão "a gente".

Este uso impessoal de **no'o** é muito mais produtivo que o uso dele como voz passiva. Emprega-se com todos os verbos, transitivos ou intransitivos (como no último exemplo). O negativo forma-se com o sufixo **-ti** ou com o verbo auxiliar **marí**, nas mesmas condições descritas acima.

Sendo a expressão de um fato habitual, constrói-se freqüentemente com o sufixo modal **-wi** *p.cad.vist.outras pessoas*:

- (268) **Diá-Posapire, pīrôre ba'â no'oya mariwí, wa'ire ba'â no'owi**
 /Diá-Posa- pi -de pīdô-de ba'â + dô'o -ya bādī- wi /
 Uaupés-foc-ref cobra-ref comer+passivo-? não-p.cad.vist
 wa'ī-de ba'â+ dô'o - wi /
 peixe-ref comer+passivo-p.cad.vist
No Uaupés, não se come cobras, come-se peixes

- (269) **Manáopi sihâ no'owi**
 /Bádáo -pi sihâ + dô'o - wi /
 Manaus-foc passear+passivo-p.cad.vist
passeia-se em Manaus

- (270) **marí siharó, apêrâ boká no'owi**
 /bādī sihâ - dó apê-dâ boká + dô'o - wi /
 nós andar-nom.lugar outros encontrar+passivo-p.cad.vist
por onde nós andamos, encontra-se gente diferente (lit. outras pessoas)

- (271) **yoarópi niirâ', a'mêri i'yâ no'oya mariwí**
 /yoâ -dó -pi dīi - dâ' a'bê-di i'yâ+ dô'o -ya bādī- wi /
 longc-foc-ref estar-impl/ms recíproco ver+passivo-? não-p.cad.vist
estando longe, a gente não se vê (não se vê um ao outro)

A construção impessoal pode ser também usada com sufixo de modalidade vista no presente, quando expressa uma situação presente:

- (272) **a'tí wi'i(re) duâ no'o'**
 /a'tí+wi'i(- de) duâ + dô'o - ' /
 esta+casa(-ref) vender+passivo-pres.vist
vende-se esta casa

Usa-se freqüentemente com o sufixo de modalidade sentida no passado caducado **-si** quando expressa uma necessidade ou um dever (cf.5.2.):

- (273) **osoá ba'â no'oya marisí**
 / osô -a ba'â + dô'o -ya bādī- si /
 morcego-pl comer+passivo-? não -p.cad.sent
não se deve comer morcegos

Em resumo, **no'o** permite duas construções diferentes:

- como **passivo**, o verbo concorda com o sujeito e o complemento de agente leva geralmente a marca **-re referencial** quando for explicitado.

- como **construção impessoal**, não há sujeito e o verbo leva um sufixo de modalidade geralmente vista nas "outras pessoas" (forma impessoal).

Em ambos os casos, trata-se de um apagamento do sujeito ou da sua demissão a uma função periférica.

Por exemplo, compare:

- (274) **koô i'yâ no'oya marimó**
 /koô i'yâ + dô'o -ya bādī-bō/
 ela ver+passivo-? não-pres.vist
ela não é vista
 (voz passiva)

com:

- (274') **koôre i'yâ no'oya marí'** *ninguém a vê* (construção impessoal)

Compare também a construção impessoal de (273) com:

- (273') **osoá ba'â no'oya marimá** *os morcegos não são comidos*
 (voz passiva)

Quando as duas construções correspondem formalmente, pode haver ambigüidade:

- (275) **po'ká ba'â no'owi**
 /po'ká ba'â + dô'o - wi /
 farinha comer+passivo-pres.vist.outras pessoas
a farinha foi comida (no passado remoto por alguém: passiva)
 ou: *come-se farinha (fato habitual)*

7.4. O potencial boo

O verbo dependente **boo potencial** indica que a situação vai se realizar, seria ou teria sido realizada se certas condições exigidas para a sua realização (explícitas ou não) também se realizarem, fossem ou tivessem sido realizadas. É a modalidade da possibilidade, da hipótese e da virtualidade. Podemos traduzi-lo por: "possivelmente", "ser capaz de" ou por um condicional:

- (276) **koô wee boó'karore do'ósa'**
 /koô weé+ boo - 'ka-do - de do'ô - sa-' /
 ela fazer+potencial-nom.lugar.perf-ref perturbar-pres.sent
perturbo-a a respeito do que ela ia fazer

7.4.1. No seu uso mais produtivo, **boo** aparece com o verbo da oração principal, a condição necessária para que seja realizada a oração principal aparecendo numa oração subordinada condicional formada com um dos sufixos implicativos (mesmo sujeito ou sujeito diferente, cf. 10.2.):

- (277) **yi'ĩ ba'ashé niiká ba'â toha booapã**
/yi'ĩ ba'â-sehé dīi- ká ba'â+toha+ **boo** - a-pã /
eu comida ser-impl.cs comer+já+potencial-p.rec.ded.outras pessoas
eu já teria comido se houvesse comida (lit. a comida sendo, já teria comido)

Neste caso, **boo** aparece quase sempre sufixado por formas na **modalidade dedutiva** (ou a construção correspondente com o verbo nominalizado e o verbo copulativo **niĩ**, cf. 5.3.) ou na **modalidade sentida** com significação dedutiva. A escolha destes sufixos dedutivos explica-se facilmente pelo semantismo do potencial **boo**, a oração subordinada condicional sendo a prova de uma situação encarada como simples hipótese. Segundo a situação é uma simples hipótese ou é contrária à realidade, os sufixos dedutivos ou sentidos serão diferentes:

1. **Simple hipótese** ("se tal condição A se realizar, então a situação B também se realizará"): uso das formas na modalidade sentida e no tempo/aspecto presente (278,279).
2. **Contrário ao fato ou irreal** ("se A, então B, mas na realidade nem A nem B"):
 - **irreal do presente ou do passado recente**: uso das formas na modalidade dedutiva (ou a construção equivalente com verbo nominalizado) ou sentida no tempo/aspecto presente ou passado recente (277,280).
 - **irreal do passado remoto**: uso das formas na modalidade dedutiva (ou a construção equivalente com verbo nominalizado) no tempo/aspecto passado caducado (281,281').

Por exemplo:

- (278) **mi'ĩ nimá si'rigi' wēri boosa'**
/bi'ĩ dībā si'di- gi' wēdi+ **boo** - sa-'/
você veneno tomar-impl.ms morrer+potencial-pres.sent
você morrerá se tomar veneno
- (279) **akôro pehaká pūūgi puū boosa'**
/akô-do pehá- ká pūū-gi puū + **boo** - sa-'/
chuva cair-impl.cs rede molhar-se+potencial-pres.vist
se chover, a rede vai molhar-se

- (280) **misâ ba'ashé kiórã' ba'â booapã**
/bīsā ba'â-sehé kió- dā' ba'â + **boo** - a-pã /
você comida ter-impl.ms comer+potencial-p.rec.ded
você comeriam se tivessem comida

- (281) **yi'ĩ imé nūgo' pūūro sihá boopã**
/yi'ĩ ībī- dīi- go' pūū-do sihá+ **boo** - pã /
eu homem ser-impl.ms muito viajar+potencial-p.cad.ded
eu teria viajado muito se fosse homem (mulher falando)

- (281') **yi'ĩ imé nūgo' pūūro sihá boo'ko niūwi**
/yi'ĩ ībī dīi- go' pūū-do sihá + **boo** - 'ko dīi- wi /
eu homem ser-impl.ms muito viajar+potencial-nom.+fsg.perf ser-p.cad.vist
eu teria viajado muito se fosse homem (mulher falando)

7.4.2. Com sufixos nominalizadores de lugar (cf. capítulo 11), **boo** pode indicar que uma situação não se realiza por ser substituída por outra. Neste caso, o conjunto significa: "em vez de...", "no lugar de...". Por exemplo:

- (282) **ba'â booro maa, apēmi**
/ba'â + **boo** - dó + bāa apē - bī /
comer+potencial-nom.lugar+contraste brincar-pres.vist
(ele) brinca em vez de comer"

- (283) **Yūūu a'ti boo'karore Péduru a'tiāmi**
/Yūūu a'ti+ **boo** - 'ka-do -de Péduru a'ti- a-bī /
João vir+potencial-nom.lugar.perf-ref Pedro vir -p.rec.vist
Pedro veio no lugar de João

7.4.3. O verbo dependente **boo** é incompatível com o sufixo verbal **-mi** /-bī/ **frustrativo** por razões semânticas evidentes.

7.5. O ingressivo wa'a

7.5.1. O verbo dependente **wa'a** *ingressivo* indica a entrada numa situação, considerada como iniciada a sua fase inicial. Podemos traduzir por: "acabar (fazendo algo)", "pôr-se a (fazer algo)". Por exemplo:

- (284) **a'me kēérãre yē'ēmi'ki a'me kēá wa'ami**
/ā'bé+kēe- dá -de yē'ē - bī - 'ki ā'bé+kēe-a+ **wa'a** - bī /
brigar -nom.pl-ref agarrar-frust-nom.-fsg.perf brigar+ingressivo-pres.vist
quem estava apartando (lit. agarrando) os brigantes acaba brigando

(285) **mutúru dohó'kaga āyuró da'rá wa'a' taha**

/bütúdu dohó - 'ka-ga āyú-dó da'dá + wa'a - ' + taha /
 motor estragado-nom.frol.perf bem funcionar+ingressivo-pres.vist+de novo
 o motor que estava estragado põe-se a funcionar bem de novo

O ingressivo pode ser utilizado com qualquer verbo independente e qualquer sufixo verbal (visto ou não; presente, passado ou futuro). Alguns exemplos:

wa'â ir	wa'â wa'a partir, ir embora (pôr-se a ir)
ī'yâ ver	ī'yâ wa'a acabar vendo, enxergar (depois de uma fase de cegueira,...)
wiî voar	wiâ wa'a levantar voo
kâri dormir	kâriâ wa'a adormecer, cair no sono
apê brincar	apêâ wa'a acabar brincando, tornar-se jogador
masî saber	masiâ wa'a acabar sabendo, tornar-se sabido

Note que o verbo independente que precede o ingressivo leva sempre o sufixo **-a**. Não entendemos claramente o significado deste sufixo que, apesar de ter a mesma forma que o sufixo do passado recente/perdurativo (cf.5.8.), tem um comportamento tonal diferente. Com efeito, o verbo independente (primário ou secundário) ao qual foi sufixado **-a** forma um novo radical verbal que está sempre **em harmonia tonal** com a melodia tonal do verbo independente de origem: se a melodia do verbo independente de origem for ascendente, a do radical verbal formado pela adjunção do sufixo **-a** será também ascendente; se for alta, também o será a melodia do novo radical (cf. os três últimos exemplos). Caso o verbo independente já terminar pela vogal **a** (como em **wa'â** ir, **ī'yâ** ver, etc.), omitiremos o sufixo **-a** para não complicar a grafia e por ser este sufixo considerado como derivacional, operando um reajustamento para a estrutura bimoraica sempre que for possível.

7.5.2. O ingressivo é de uso muito produtivo com os verbos de estado. Com eles, expressa a entrada no estado. Com **butî** estar maduro e **ohô** banana:

butiâ wa'a /butî-a+ <u>wa'a</u> /	acabar estando maduro
ohô butiâ wa'a /ohô butî-a+ <u>wa'a</u> -'/	a banana amadureceu (visto agora)
ohô butiâ wa'aapi /ohô butî-a+ <u>wa'a</u> -api/	a banana amadureu (passado recente)
ohô butiâ wa'arosa /ohô butî-a+ <u>wa'a</u> -do-sa-'/	a banana acabará madura (futuro)

Com **asî** estar quente e **akó** água, e em construção analítica (cf. capítulo 10):
akó asiro' weé' /akó asî-do' weé-'/ a água está esquentando
akó asiâ wa'aro' weé' /akó asî-a+wa'a-do' weé-'/ a água está ficando quente

Outros exemplos com a modalidade vista:

sô'â estar vermelho	sô'â wa'ami (ele) envermelheceu
yîi estar preto	yîâ wa'a enegreceu (céu,...)
tutuâ estar forte	tutuâ wa'ami (ele) ficou forte
âyú estar bom	âyúâ wa'ami (ele) melhorou
uî ter medo	uiâ wa'ami ficou com medo (agora)
wêri morrer	wêriâ wa'ami morreu (visto agora)
wêriâ wa'agi' weemî	está na ânsia da morte (constr. analítica)

Quando só se vê o resultado do processo, usa-se a modalidade dedutiva (cf. exemplos 124, 125, 126).

O ingressivo é compatível com o centrífugo:

(286) **numiôre miâa' wa'ami**
 /dûbî-o-de bîá - a' + wa'a - bî /
 mulher-ref levar-C>+ingressivo-pres.vist
 (ele) acabou levando a mulher

Note-se que, na pronúncia de todos os dias, **wa'a** é freqüentemente abreviado em **a'**, dando, por exemplo:

(284') **a'me kēérāre yē'ēmi'ki a'me kēāa'mi**
 (286') **numiôre miâa'a'mi**

7.6. Os verbos dependentes **tîha** e **yuu**

Com sufixos implicativos, os verbos dependentes **tîha** (fazer algo) gradualmente, aos poucos e **yuu** (fazer algo) na espera de mudam de sentido: expressam, respectivamente, a **mancira** pela qual se realiza a situação da oração principal ou a sua **razão**, a sua **causa**.

Exemplos sem sufixos implicativos:

(287) **diâ weti tîhá'**
 /diâ wetî+ tîha - ' /
 rio secar+gradualmente-pres.vist
 o rio seca aos poucos

(288) **kē'râ yuuya!**

/kē'dâ+ yuu -ya/
capinar+esperar-imp
capine na (minha,...) espera!

Exemplos com sufixos implicativos:

(289) **a'tí sī'ire su'su tihági' miáa'ya!**

/a'ti+ sī'i -de su'sú + tīha - gi' bīa - a' -ya/
este+embrulho-ref colocar debaixo do sovaco+mancira-impl.ms levar-C->-imp
vã levando este embrulho debaixo do sovaco!

(290) **āyu yuúgi' masaré e'katí no'omi**

/āyú+ yuu - gi' bāsá -de e'ká-ti +dō'o - bī /
bom+causa-impl.ms pessoas-ref agradecer+passivo-pres.vist
por ser bom, é bem querido das pessoas (lit. é agradecido pelas pessoas)

7.7. O verbo dependente taa

Ignoramos o funcionamento exato deste morfema. No nosso corpus, entra na construção de complemento de certos verbos (**āyú ser bom, basió ser possível, ser fácil**):

(291) **wa'i ba'â taa āyumi**

/wa'i ba'â +taa+ āyu - bī /
peixe comer+ ? +ser bom-pres.vist
peixe é bom de comer

(292) **a'toré wesé wee taá basió nī'**

/a'tó -de wesé weé+taa basió dī- ' /
aqui-ref roça fazer+ ? possível ser-pres.vist
aqui é possível fazer roça

O fato que nenhum sufixo nominal pode aparecer depois de **taa** parece mostrar que este morfema não é um nominalizador. Nas construções onde este verbo dependente (ou sufixo verbal?) aparece, o verbo complemento forma freqüentemente uma unidade tonal com o verbo que ele completa (como **āyú ser bom**, no exemplo 291). Uma extensão do corpus e uma pesquisa aprofundada tornar-se-ia necessária para resolver todos os problemas levantados pela construção em **taa**.

7.8. Algumas observações tonais

7.8.1. Os verbos dependentes têm o mesmo comportamento tonal que os sufixos verbais: são fonologicamente átonos. Por exemplo, com o verbo dependente **masi** /bāsi/ *saber (fazer algo)* e o verbo independente de melodia alta **ohâ** *escrever*, teremos:

ohâ masimi /ohâ+bāsi-bī/ *(ele) sabe escrever*

Caso o verbo independente for de melodia ascendente, o seu tom é automaticamente capturado pelo primeiro verbo dependente que o segue (se este verbo dependente não for laringalizado). Com o verbo independente **baá** *nadar*:

baa masimi /baá+bāsi-bī/ *(ele) sabe nadar*

Neste último exemplo, o verbo dependente **masi** capturou o tom fonológico do verbo independente de melodia ascendente **baá**. Este tom capturado **desloca-se sempre na segunda mora** do verbo dependente (aqui, na vogal **i** de **masi**).

Caso houver uma série de verbos dependentes, as regras são as mesmas: se o verbo independente for de melodia ascendente, é sempre o 1º verbo dependente que captura o tom fonológico do verbo independente; se o verbo independente for de melodia alta, ele guarda o seu tom próprio, os verbos dependentes a seguir sendo todos fonologicamente átonos.

Exemplo com o verbo independente de melodia alta **ohâ** *escrever*, os verbos dependentes **siha** *andar (fazendo algo)* e **masi** *saber (fazer algo)*:

ohâ siha masimi /ohâ+siha+bāsi-bī/ *(ele) sabe andar escrevendo*

Exemplo com o verbo independente de melodia ascendente **sī'ri** *beber* e os mesmos verbos dependentes:

sī'ri sihá masimi /sī'dí+siha+bāsi-bī/ *(ele) sabe andar bebendo*

7.8.2. Os verbos dependentes laringalizados, sem exceção alguma, bloqueiam o deslocamento tonal: o tom próprio do verbo independente fica nele, qualquer que seja a sua melodia. Com o verbo dependente **bi'a** *fechar (fazendo algo)* e os verbos independentes **wehê** *puxar* e **tuú** *empurrar*:

wehê bi'ami /wehê+bi'a-bī/ *(ele) fecha puxando*

tuú bi'ami /tuú+bi'a-bī/ *(ele) fecha empurrando*

7.8.3. Com os verbos dependentes, as irregularidades tonais são extremamente raras. Dois verbos dependentes bloqueiam o deslocamento tonal do verbo independente associado, apesar de não ser audivelmente laringalizados. Estes dois verbos dependentes tonalmente irregulares são:

toha já *(fazer algo)*

kūu siha /kūu+siha/ *(fazer algo) para cá e para lá*

Exemplos com os verbos independentes **wehê** *puxar* e **tuú** *empurrar*:
wehê tohaami /wehê+toha-a-bĩ/ (*ele*) *já puxou*
tuú tohaami /tuú+toha-a-bĩ/ (*ele*) *já empurrou*

Os verbos **bataa'** *imprecação* e **butia'** *muito* bloqueiam também o deslocamento tonal, apesar da sua laringalização não aparecer diretamente na sua raiz, mas no sufixo **-a'** de significado desconhecido. Contudo, esta laringalização é, foneticamente, difícil de localizar.

Capítulo 8

MORFOLOGIA NOMINAL

Os **nomes** são lexemas primários ou secundários estruturalmente definidos por **sufixos apropriados** (gênero/forma/número, diminutivo, aumentativo e marcadores de função sintática ou semântica). O estudo destes sufixos é o objeto do capítulo.

Os nomes primários (ou raízes) têm sempre uma estrutura bimoraica: **akê** *macaco*, **imí** *macho, homem*, **akó** *líquido, água*, **wi'i** *casa*, etc. A maioria dos nomes primários são lexemas livres (podem ocorrer isoladamente), como nos exemplos acima. Alguns nunca ocorrem sem um sufixo apropriado. São termos que designam certos animais e seres humanos, ou certas partes do corpo. Por exemplo:

- ♦ **uti-** *caba, marimondo* não pode ocorrer sem sufixo: **utiâ** /utí-a/ *cabas* (pl), **utiâwĩ** /utí-a-wĩ/ *caba* (sg), etc.
- ♦ **ye'me-** /yẽ'be/ *língua* nunca ocorre sem sufixo: **ye'mêro** /yẽ'bê-do/ *língua* (sg), **ye'mêri** /yẽ'bê-di/ *línguas* (pl), etc.

Semanticamente, os nomes são termos que designam os animais e os vegetais, os seres humanos ou sobrenaturais, os termos de parentesco, os elementos da natureza, os objetos, as partes do corpo, as doenças e outras entidades ("fome", "sono",...). Com os nomes, encontram-se também os nomes próprios e os empréstimos, o que confere a esta classe um caráter aberto.

O item 8.1. propõe uma classificação nominal que evidencia 3 classes nominais: **animados**, **inanimados contáveis** e **inanimados não-contáveis**. Conforme a classe nominal, os sufixos de gênero/forma/número serão diferentes.

O item 8.2. indica a posição dos sufixos nominais. Os sufixos de gênero/forma/número são estudados em 8.3-7 (os sufixos associados à classe dos animados em 8.3-4; os da classe dos inanimados contáveis em 8.5. e dos inanimados não-contáveis em 8.6-7). Os aumentativos e o diminutivo são tratados em 8.8-9 enquanto 8.10-13 descrevem os marcadores de função.

8.1. As classes nominais

Todo nome suscita uma concordância gramatical cuja expressão formal depende dos traços inerentemente ligados a este nome. Estes traços inerentes são [animado] e [contável] (a não-relevância dos traços [feminino] e [masculino], e o seu caráter não-inerente serão tratados no fim deste subcapítulo).

Estes 2 traços inerentes evidenciam 3 classes nominais: a classe dos **nomes animados**, a classe dos **nomes inanimados contáveis** e a classe dos **nomes inanimados não-contáveis**.

Esta repartição dos nomes em 3 classes nominais justifica-se por um certo número de propriedades estruturais que se manifestam pela referência nominal (anafórica, demonstrativa, possessiva,...), pela concordância gramatical e por sufixos nominais de gênero/forma/número diferentes conforme a classe nominal. Exemplificaremos esta repartição em 3 classes com o animado **akê macaco**, o inanimado contável **wi'i casa** e o inanimado não-contável **akó líquido**:

♦ referência nominal:

kîi ele (anafórico de macaco), **ã'ri** este (macaco), **yagi** o meu (macaco), etc.
tii ela (anafórico de casa), **a'ti** esta (casa), **yaá** a minha (casa), etc.
teé ele (anafórico de líquido), **a'té** este (líquido), **yeé** o meu (líquido), etc.

♦ concordância gramatical:

Esta concordância ou harmonia de flexão efetua-se no interior da locução nominal ou entre a locução nominal sujeito e o verbo. Exemplo com **âyú** ser bom, bonito e **nîi /dîi/** ser:

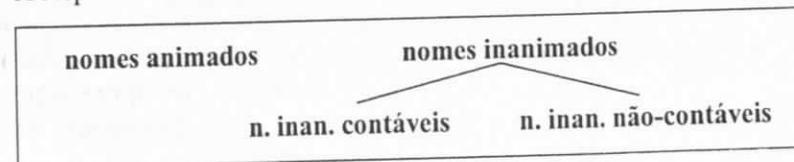
akê âyu-gí nîi-mi o macaco é bonito **akê âyu-gí** macaco bonito
wi'i âyu-rí wi'i nîi-? a casa é bonita **âyurí wi'i** casa bonita
akó âyu-sché nîi-? o líquido é bom **akó âyu-sché** líquido bom

♦ sufixos de gênero/forma/número apropriados:

ake-á macacos
wi'-sêri casas

(**akó líquido** não tem plural)

A respeito destas classes nominais, propomos a hierarquia¹ seguinte:



cada classe nominal tendo seus sufixos próprios.

8.1.1. Os **nomes animados** são estruturalmente definidos por seus sufixos próprios de gênero/número: **-a plural**, **-wî singular** e alguns sufixos menos produtivos (**-gî masculino singular**, **-go feminino singular**, **-rã/-dã plural**, etc.) e/ou pelo tipo de referência e concordância nominal (entre o sujeito e o verbo, ou dentro da locução nominal).

Semanticamente, são termos que designam os animais, os nomes próprios, os seres humanos ou sobrenaturais, incluindo: **muhi-pûu** /bûhî+pûu/ sol, lua², **bipô** trovão, relâmpago, **yôko**³ estrela, **miri** /bîdî/ instrumento musical, **pîkô** cárie dentária, e mais dois ou três termos.

Exemplos mostrando a mesma concordância sujeito-verbo com o verbo **nîi /dîi/** ser:

akê nîimi é um macaco

Péduru nîimi é Pedro

kumû nîimi é um xamã (kumû /kûbû/ xamã)

muhi-pûu nîimi é o sol (ou a lua)

Poderíamos argumentar a existência de duas subclasses: nomes animados masculinos e nomes animados femininos a partir do fato que a concordância sujeito-verbo tem marcas diferentes conforme o nome referente ser feminino ou não (por exemplo, os sufixos de modalidade vista no presente: **-mo /-bô/ feminino singular** e **-mi /-bî/ não-feminino singular**).

No entanto, todos os animais - assim como "sol/lua", "instrumento musical",...- acarretam uma marca do não-feminino no verbo (neste caso: **-mi**, no presente visto). Os nomes que acarretam a marca do feminino no verbo levam sempre um sufixo que indica o seu gênero. Por exemplo, **numio /aubi-o/ fêmea**, mulher leva o sufixo **-o feminino singular** (compare com o plural: **numiã /dûbî-a/ fêmeas**, mulheres que leva o sufixo **-a plural**). Em outras palavras, a raiz **numi** não tem nenhum traço inerente feminino, é o sufixo **-o** em **numiô** que acrescentou o traço [feminino].

Na falta de **algum lexema primário** que acarrete uma concordância com marca do feminino no verbo **sem a ajuda de algum sufixo nominal feminino**, não podemos considerar o traço [feminino] como intrinsecamente ligado ao nome (já que a concordância entre a raiz nominal sujeito e o verbo acarreta sempre um sufixo nominal não-feminino, se não aparecer algum sufixo nominal feminino como **-(g)o**). Em conseqüência, refutaremos - neste trabalho - a existência de duas subclasses nominais (feminino e masculino, ou: feminino e não-feminino).

No entanto, os nomes próprios de empréstimo têm um traço inerente [+feminino] ou [-feminino], evidenciados pela concordância sujeito-verbo:

Péduru niĩmi /Pédu du dī-bī/ é Pedro

Baría niĩmo /Badía dī-bō/ é Maria

Os nomes pessoais não-possessivos **yiĩ** eu e **miĩ** /bīĩ/ tu são nomes animados⁴ sem traço inerente [+feminino] ou [-feminino], embora acarretem uma concordância em relação com o sexo do falante:

yiĩ āyugí niĩ' eu sou bonito

yiĩ āyugó niĩ' eu sou bonita

8.1.2. Os **nomes inanimados contáveis** são estruturalmente definidos pelo sufixo do plural **-ri** /-di/ e/ou pelo tipo de referência e concordância nominal. Semanticamente, são termos que designam:

- ♦ seres inanimados e objetos do mundo físico ("casa", "porta", "povoado", "roça", "caminho", "rio", "paraná", "terra", "noite", "floresta", "raiz", "galho", "prato", "cesta", "balaio", "verão", etc).
- ♦ certas partes do corpo ("coxa", "corpo", "osso", etc.).
- ♦ empréstimos: **papéra** papel, etc.

Constitui uma lista limitada, completada pelos nomes dependentes ("dia", "cacho", "caixa", "feixe", "fio", "fogo", "caroço", "touceira", "caldo", "pedaço", "lâmina", "grupo", "montículo", "parede", "unha", "carne", etc., cf. capítulo 9). Os nomes emprestados são igualmente, na maioria dos casos, nomes dependentes (**ora hora**, **semara semana**, etc.).

8.1.3. Os **nomes inanimados não-contáveis** são estruturalmente definidos por seus sufixos próprios de gênero/forma: **-ro** /-do/ *locativo/partitivo*, **-ga** *forma roliça*, **-gi** *forma retilínea*, **-wi** *forma tubular e oca*, etc., e/ou pelo tipo de referência e concordância nominal.

Semanticamente, são termos que designam **entidades consideradas como abstratas, não-contáveis, contínuas, maciças e informes**. Como nomes

inanimados não-contáveis primários, temos:

♦ "líquido", "metal", "fumaça", "farinha", "pedra", "vento", "caxiri", "remédio", "mingau", "breu", "puçangas", "isca", "nome", "pertences", "armas", "fome", "sono", "ferida", "festim", etc.

♦ todos os vegetais: **taã** *vegetal capim*, **mi'rô** /bī'dô/ *vegetal tabaco*, **ohô** *vegetal banana*, etc.

♦ certas partes do corpo ou partes ontológicas (parte de um todo): "excremento", "sangue", "parte traseira", "parte abdominal", "cabeça", "espinho", "cinzas", "carvão", etc.

♦ as doenças: "catarro", "leishmaniose", etc.

Ao contrário dos nomes contáveis, os nomes não-contáveis **não podem ser acompanhados diretamente por sufixos de plural ou por numerais**. Por exemplo, os nomes não-contáveis **mi'rô** /bī'dô/ *vegetal tabaco* ou **ohô** *vegetal banana* designam entidades abstratas e sem forma precisa. Em conseqüência, eles não têm plural direto e, com o numeral **ni'ká** *um*, as locuções:

***ni'ká mi'ro** *um vegetal tabaco*

***ni'ká oho** *um vegetal banana*

são locuções mal formadas.

No entanto, os nomes não-contáveis **podem ser indiretamente contados ou pluralizados** uma vez que o locativo **-ro** /-do/, um sufixo de forma ou um nome dependente os atualiza, **conferindo-lhes alguma forma precisa**. Por exemplo:

mi'rô *vegetal tabaco* → **mi'rôro** *charuto* **ni'ká mi'roro** *um charuto*

ohô *vegetal banana* → **ohô paro** *fruta banana*

ohô parori *frutas bananas* **ni'ká paro** *uma fruta banana*

→ **ohô yôo** *bananeira, pé de bananas*

ohô yôori *bananeiras* **ni'ká yôo** *uma bananeira*

(com o locativo **-ro** e os nomes dependentes **paro** /+padol/ *fruta em forma de vagem de* e **yôo** *palmeira de*).

8.1.4. Alguns nomes inanimados não têm comportamento estrutural bem definido: podemos fazê-los membros de uma quarta classe nominal, a **classe ambivalente dos nomes inanimados contáveis/não-contáveis**.

Possuem certos sufixos próprios dos nomes contáveis e outros próprios dos nomes não-contáveis. Encontramos nesta classe vários raízes presas que indicam uma parte do corpo ou uma parte de um todo. Por exemplo:

kapê- parte ocular **kapê(g)a** olho (sg) **kapêri, kapepagá** olhos (pl)
(com o sufixo de forma roliça **-(g)a**, ou **-pa-gá** no plural, próprio dos nomes não-contáveis e o sufixo do plural **-ri** /-di/, próprio dos nomes contáveis)

ye'mê- /yê'bê/ língua **ye'mêro** língua (sg) **ye'mêri** línguas (pl)
(com o sufixo locativo **-ro** /-do/ próprio dos nomes não-contáveis e o sufixo do plural **-ri**, próprio dos nomes contáveis)

o'ô- flor **o'ôro** flor (sg) **o'ôri** flores (pl)

Encontramos também algumas raízes livres nesta classe ambivalente: **īri** /īdī/ serra, **yukí** madeira, etc. Por exemplo:

īripagí, īrīri serras (1ª forma: com os sufixos de forma retilínea **-pa-gí**, próprios dos nomes não-contáveis; 2ª forma: com o sufixo do plural **-ri**, próprio dos nomes contáveis).

8.2. Os sufixos nominais

O quadro seguinte mostra as classes de posição dos sufixos nominais. Os elementos de uma mesma classe de posição são incompatíveis entre eles:

RADICAL NOMINAL	1	2	3
	Gênero/Forma/Número	Singulativo	Aumentativo
	-a plural/an		
	-(g)ī masculino		
	-(g)o feminino		
	-rā /-dā/ plural/an		
	-ri /-di/ plural/inan		
	-ro /-do/ locativo		
	-ga frol -gī fret		
	-ti fpan -wi ftub		
	-wa fab -ra f lago		
		-wī, -gī	-rohó /-dohó/ (-f) -koho (+f)

4	5	6	7
Diminutivo	Focalizador	Referencial	Especificador
	-pi	-re /-de/	-ta
-akā	Destaque		
		-a'	

8.3. O plural animado -a e o singulativo -wī/-gī

8.3.1. A maioria dos nomes animados não têm marca do singular: a raiz (nome primário) ou o radical (nome secundário) livre refere-se então ao **singular** enquanto o **plural** forma-se com o sufixo **-a**:

wekó papagaio	wekoá /wekó-a/ papagaios
yōsó japim	yōsoá /yōsó-a/ japins
bu'ú tucunaré	bu'uá /bu'ú-a/ tucunarés
akê macaco	akeá /akê-a/ macacos
buú cutia	buuá /buú-a/ cutias
bi'ī rato	bi'ia /bi'ī-a/ ratos
emô /ēbô/ macaco guariba	emoá /ēbô-a/ guaribas
wāfi duende	wātiá /wāfi-a/ duendes
diá-yo'o /diá+yo'o/ ariranha	diá-yo'oa /diá+yo'o-a/ ariranhass
poreró /podé=do/ gafanhoto	poreroá /podé=do-a/ gafanhotos
muhí-pūu /būhí+pūu/ sol, lua	muhí-pūua /būhí+pūu-a/ sol e lua

O comportamento das raízes e radicais nominais (derivados) de melodia ascendente é o mesmo; o novo radical formado pela adjução do sufixo plural **-a** é também de melodia ascendente:

wekó papagaio	wekoá [v è è k ò á] papagaios
poreró gafanhoto	poreroá [p ò [è r ò á] gafanhotos

Os radicais nominais (nomes secundários formados por derivação) que não são de melodia ascendente conservam a sua estrutura tonal:

diá-yo'o ["díájò] ariranha	diá-yo'oa ["díájòá] ariranhass
-----------------------------------	---------------------------------------

Não existem radicais verbais ou nominais formados por derivação que sejam de melodia alta (cf. capítulo 14).

8.3.2. O comportamento tonal das raízes nominais de melodia alta é mais complexo. Permite dividir as raízes nominais em duas classes:

CLASSE I é formada pelas raízes de melodia alta que se tornam de melodia ascendente com a adjução do sufixo plural **-a**:

akê [ããkê] macaco	akeá [ããkêá] macacos
semê /sêbê/ [sêmê] paca	seméá [sêmêá] pacas

CLASSE II é formada pelas raízes de melodia alta que conservam a sua melodia alta com a adjução do sufixo plural **-a**:

bikô ["bükò] tamanduá-bandeira	bikoá ["bükòá] tamanduás-bandeira
doê ["dóê] traíra	doeá ["dóeá] traíras

Pertencem a classe I: **akê** macaco, **wa'û** macaco zogue-zogue, **yesê** porco, **osô** morcego, **wekê** anta, **mitê** /bîrê/ carapanã, **dasê** tucano, **semê** /sêbê/ paca, **kumû** /kûbû/ xamã, **buû** cutia, **bi'î** piranha, etc.

Pertencem a classe II: **bikô** tamanduá-bandeira, **wâtî** duende, **wa'tô** cuandu, **ã'kî** escolopendra, **ãpî** caranguejo, **têhê** carrapato, **yehê** garça, **doê** traira, **emô** /êbô/ macaco guariba, **mimî** /bîbî/ beija-flor, **wîrî** /wîdî/ preguiça, etc.

O dicionário precisa o padrão tonal do plural em **-a** para cada animado. Certos nomes mudam de classe segundo o falante. Por exemplo:

pamô /pâbô/ tatu **pamoá**, **pamoá** tatus (segundo o dialeto)

No entanto, as diferenças dialetais - neste ponto - parecem mínimas. Neste caso, um estudo comparativo com as outras línguas da família tukano tornar-se-ia muito útil para ver se esta divisão entre nomes de classe I e II se encontra em outra língua parente e para melhor entender a tonogênese.

8.3.3. As raízes de nomes animados que terminam pelo fonema **a** são "invariáveis": têm a mesma forma para o singular e o plural. Isso se explica pela regra de reestruturação bimoraica (regra **bim**, cf.2.6) e pelas regras tonais próprias ao sufixo plural **-a** que acabamos de apresentar:

petá tocandira /petá-a/ → /petáá/ → **petá** tocandiras
(adição de **-a** a uma raiz de melodia ascendente & bim)

âyâ jararaca /âyâ-a/ → /âyââ/ → **âyâ** jararacas
(todas as raízes de melodia alta terminando por **a** e classe II & bim)

8.3.4. O sufixo singulativo **-wî** indica, para certos animados que vivem geralmente em grupos, a passagem na categoria da unidade. Forma-se a partir de uma forma no plural:

uti- caba **utiâ** /utî-a/ cabas (pl) **utiâwî** /utî-a-wî/ uma das cabas

No exemplo acima, o singulativo **-wî** aparece sufixado sempre depois do plural **-a**, e não existe outro sufixo, indicando o singular ou a unidade, que possa ser diretamente ligado à raiz nominal (em outras palavras, não há outro meio de formar o singular com este tipo de nomes).

Os animados compatíveis com o sufixo singulativo designam insetos, vermes, minhocas, peixes e outros pequenos animais. As raízes são geralmente presas, a marca obrigatória do plural sendo **-a** ou **-râ** /-dã/ (cf.8.4.):

butu- cupim **butuâ** /butû-a/ cupins (pl)
butuâwî /butû-a-wî/ um dos cupins
moâ- /-bôa/ mosca sp. **moârâ** /bôâ-dã/ moscas (pl)
moârâwî /bôâ-dã-wî/ uma das moscas

Às vezes, a raiz ou o radical nominal é livre e indica já a pluralidade (raízes freqüentemente terminando por **a**):

omâ /ôbâ/ jias sp. **omâwî** jia (sg)
bia-pôrá /biá+pôda/ saúvas **bia-pôráwî** saúva (sg)
wa'î peixes (genérico) **wa'îwî** peixe (sg)

Às vezes, o radical livre indica o singular, a sua forma tornando-se sinônima da forma com o singulativo (formada a partir do plural):

pîkorô /pîkô=do/ larva sp.(sg) **pîkoroá** /pîkô=do-a/ larvas sp. (pl)
pîkoroáwî /pîkô=do-a-wî/ larva sp.(sg)
bierô /bié=do/ formiga sp.(sg) **bieroá** /bié=do-a/ formigas sp. (pl)
bieroáwî /bié=do-a-wî/ formiga sp. (sg)

As raízes presas que admitem o sufixo singulativo **-wî**, precedido pelo sufixo plural **-a**, pertencem a classe II:

uti- caba **utiâwî** uma caba
iki- mandi (peixe sp.) **ikiâwî** um mandi

assim como: **butu**- cupim, **beko**- larva sp., **tu'bi**- peixe sp., etc.

ou a classe I (a não ser raízes presas de melodia ascendente):

dasi- camarão **dasiâwî** um camarão
kasi- barata **kasiâwî** uma barata

assim como: **emo**- /êbô/ formiga sp., **ãhu**- minhoca, **i'i**- piolho, etc.

Na pronúncia informal (pronúncia das conversações diárias), o conjunto **-a-wî** é simplificado em **-î**:

utiâwî uma caba (estilo formal) → **utîî** uma caba (pronúncia comum)
dasiâwî um camarão (estilo formal) → **dasîî** um camarão (pronúncia comum)

O sufixo **-gî** parece ter o mesmo sentido que o sufixo **-wî**, o uso de um ou de outro dependendo do locutor e do item nominal usado.

8.4. Os outros sufixos de gênero/número animado

8.4.1. Os sufixos nominais **-gî** (ou, com apagamento de **g**: **-î**) masculino singular, **-go** (ou, com apagamento de **g**: **-o**) feminino singular e **-râ** /-dã/ plural aparecem com certos termos animados designando animais, seres humanos, grupos indígenas ou termos de parentesco. As raízes são freqüentemente presas:

masî /bâsá-gî/ pessoa (msg) **masó** /bâsá-go/ pessoa (fsg) **masá** /bâsá/ pessoas (pl)

pekâsîhi /pekâ+masa-gi/ *não-indio* **pekâsôho** *não-india* **pekâsâha** *não-índios*
seêi /seê-gi/ *macaco barrigudo* **seêrã** /see-dã/ *macacos barrigudos*
 (com assimilação regressiva, -i msg > [i], cf.2.6.)

numiô /dûbî-gol/ *fêmea* **numiã** /dûbî-a/ *fêmeas*
imí /ĩb í-gi/ *macho* **imiã** /ĩb í-a/ *machos*
wirâgi /wĩdã-gi/ *desana (msg)* **wirâgo** /wĩdã-gol/ *desana (fsg)* **wirã** *desanas*
pakí /paká-gi/ *pai* **pakó** /paká-gol/ *mãe*
makí /bãkã-gi/ *filho* **makó** /bãkã-gol/ *filha*
wa'iki /wa'ĩ+biki/ *animal de caça* **wa'ikirã** *animais de caça*
ta'aroki /ta'ã=do+biki/ *sapo cururu* **ta'arokirã**, **ta'arokia** *sapos cururus*

8.4.2. Os sufixos **-gi** e **-go** são pouco usados para diferenciar o sexo de um animal. Prefere-se recorrer aos nomes **imí** *macho* ou **numiô** /dûbî-gol/ *fêmea*. Exemplo com **semê** /sêbê/ *paca*:

semê imí *paca macho*
semê numiô *paca fêmea*

O leitor comparará os sufixos nominais **-gi** masculino singular e **-go** feminino singular com os sufixos verbais de modalidade (por exemplo, modalidade vista no presente) **-mi** /-bĩ/ 3-fsg e **-mo** /-bõ/ 3+fsg. A marca de concordância **-mi** refere-se a um sujeito de sexo masculino ou indeterminado (animal enquanto espécie) enquanto a marca **-mo** refere-se a um sujeito de sexo feminino: em outros termos, o sufixo **-mi** é o termo não marcado da oposição. No entanto, os sufixos **-gi** e **-go** são ambos marcados para o gênero e o número. Acarretam, respectivamente, **-mi** e **-mo**, enquanto a recíproca é falsa, **-mi** não acarretando automaticamente um ser de sexo masculino.

8.4.3. Vários morfemas aparecem com o plural dos termos de parentesco (**-sa**, **kê'ra** /kê'da/). O uso destes morfemas é limitado a estes termos:

pakí /paká-gi/ *pai* **paki-simiã** /paká-gi-sa-imi-a/ *pais*
pakó /paká-gol/ *mãe* **pako-sánunia** /paká-go-sa-dûbi-a/ *mães*
basúki *primo cruzado* **basúki kê'ra** /basû-ki+kê'da/ *primos cruzados*

(para um estudo exaustivo do plural dos termos de parentesco, cf. anexo do dicionário).

8.4.4. Assinalamos, para terminar, algumas formas irregulares no plural:

yaí *onça* **yaíwa** *onças*
ma'mí /bã'bã-gi/ *moço* **ma'mâpiha** /bã'bã+piha/ *moços*
makí /bãkã-gi/ *filho* **põ'rá** /põ'dál/ *filhos*

8.5. O plural inanimado -ri

O sufixo nominal **-ri** /-di/ *plural* marca o plural dos nomes inanimados contáveis, a raiz ou o radical livre indicando o singular:

makâ /bãkã/ <i>povoado</i>	makâri /bãkã-di/ <i>povoados</i>
maã /bãã/ <i>riacho</i>	maãri /bãã-di/ <i>riachos</i>
po'té <i>cabeceira</i>	po'terí /po'té-di/ <i>cabeceiras</i>
yamí /yãbĩ/ <i>noite</i>	yamíri /yãbĩ-di/ <i>noites</i>
dipî <i>galho</i>	dipîri /dipî-di/ <i>galhos</i>
isô <i>coxa</i>	isôri /isô-di/ <i>coxas</i>
õ'ã <i>osso</i>	õ'ãri /õ'ã-di/ <i>ossos</i>

Certos nomes inanimados apresentam uma irregularidade tonal. São nomes **sem melodia tonal fixa**: enquanto a raiz livre é de melodia ascendente, torna-se de melodia alta quando leva a marca do plural **-ri**. Por exemplo:

wesé <i>roça</i>	wesêri <i>roças</i>
sopé <i>porta</i>	sopêri <i>portas</i>
bapá <i>prato</i>	bapâri <i>pratos</i>

Dois ou três nomes inanimados contáveis têm um plural irregular:

wi'í <i>casa</i>	wi'sêri <i>casas</i>
pi'ĩ <i>aturá (cesta)</i>	pi'sêri <i>aturás</i>

8.6. O locativo -ro

O sufixo nominal **-ro** /-do/ *locativo* tem uma polissemia desenvolvida que torna difícil achar o seu sema central. No entanto, a partir do seu uso com verbos nominalizados (cf.11.6.), argumentaremos - neste trabalho - para um significado básico de **locativo** ("lugar onde..."). Além de ser largamente usado com verbos nominalizados, o locativo serve também de sufixo para numerosos **nomes inanimados não-contáveis**:

1. Como **partitivo**, indica a parte de um todo. Com **-ro**, o conteúdo designado pelo nome inanimado não-contável não se refere mais à sua totalidade, mas somente a uma parte dele:

di'í <i>carne</i>	di'iró /di'í-do/ <i>pedaço de carne</i>
mi'rô /bĩ'dô/ <i>tabaco</i>	mi'rôro /bĩ'dô-do/ <i>charuto</i>
wĩ'rô /wĩ'dól/ <i>vento</i>	wĩ'rôro /wĩ'dô-do/ <i>rajada de vento</i>
akó <i>água</i>	akôro /akô-do/ <i>chuva</i>
kamí /kãbĩ/ <i>feridas</i>	kamíro /kãbĩ-do/ <i>uma ferida</i>

2. Com certas partes do corpo ou partes de um todo, **-ro** é a marca do singular (ou do partitivo) enquanto **-ri** é a marca da pluralidade:

ye'mê- /yê'bel/ <i>língua</i>	ye'mêro <i>língua (sg)</i>	ye'mêri <i>línguas (pl)</i>
kuti- <i>peito</i>	kutiro <i>peito (sg)</i>	kutiri <i>peitos (pl)</i>
piko- <i>cauda</i>	pikôro <i>cauda (sg)</i>	pikôri <i>caudas (pl)</i>
o'o- <i>flor</i>	o'ôro <i>flor (sg)</i>	o'ôri <i>flores (pl)</i>
nití- <i>escama</i>	nitôro <i>escama (sg)</i>	nitôri <i>escamas (pl)</i>
kase- <i>pele</i>	kasêro <i>pele (unidade)</i>	
	kasêri <i>peles (vários pedaços, várias peles)</i>	
sa'po- <i>espuma</i>	sa'pôro <i>parcela de espuma</i>	
	sa'pôri <i>superfície coberta de espuma</i>	

Nota-se que certas partes que usam o sufixo **-ro** como marca do singular têm uma forma proeminente e/ou oblonga (como: "língua", "cauda", "orelha", "chifre"). O mesmo sufixo **-ro** encontra-se talvez no nome dependente **paro** /padol/ *forma de vagem* (se for interpretado como um composto: /paa-dol/, com /paa/ *forma plana* e /-dol/); este nome dependente caracteriza certas frutas alongadas como a banana, o milho ou a espiga de milho. "No entanto, se o significado central de **-ro** fosse o de "ser alongado e proeminente" e não de um locativo a sentido singular, não entenderíamos por que, no plural, este sufixo cairia, dando: **-ri** em vez de: **-ro-ri**.

3. Para uma dúzia de nomes, a raiz livre indica o plural enquanto **-ro** é a marca do singular. Estes nomes são termos que designam objetos manufaturados:

atá <i>forros (pl)</i>	atâro <i>forno (sg)</i>
i'í <i>pentes</i>	i'iro <i>pente</i>
ahú <i>sacos</i>	ahûro <i>saco</i>
aká <i>caixas</i>	akâro <i>caixa</i>
su'tí <i>roupas</i>	su'tiro <i>roupa</i>
wêri /wêdî/ <i>abanos</i>	wêriro /wêdî-dol/ <i>abano</i>
kumú /kûbû/ <i>bancos</i>	kumûro /kûbû-dol/ <i>banco</i>
êó <i>espelho</i>	êôro <i>espelhos</i>
sô'kó <i>ralos</i>	sô'kôro <i>ralo</i>
wahá <i>cuias</i>	wahâro <i>cuia</i>

Com estes termos, o sufixo **-ro** expressa obviamente uma singularidade. Em conseqüência, a partir do significado central de "locativo", propomos a orientação polissêmica seguinte para este sufixo:

locativo → lugar/parte → partitivo → parte (do corpo) → singular

O leitor atento terá notado que os termos designando objetos manufaturados **não têm uma melodia tonal fixa**: a sua raiz livre é de melodia ascendente enquanto a sua forma plural (com **-ro**) é de melodia alta. Esta maneira de ver as coisas justifica-se na medida em que a existência de lexemas com melodia instável é comprovada pelo léxico (cf. no dicionário os verbos **doké** *atirar* e **omá** /ôbá/ *correr*).

Outra maneira de explicar esta irregularidade tonal consistiria em considerar estas raízes presas e em postular a presença de um sufixo suprasegmental: **plural**. Por exemplo:

atâ-forno **atá** /atâ-_/ *forros (pl)* **atâro** /atâ-dol/ *forno (sg)*

Na falta de argumentos capazes de justificar melhor a existência de um sufixo suprasegmental marca do plural, ficaremos na nossa primeira posição: a de lexemas com melodia tonal instável.

8.7. Os sufixos de "forma"

O quadro seguinte reúne os seis jogos de sufixos de "forma" para o singular e para o plural:

	SINGULAR	PLURAL
Forma roliça (frol)	-ga	-pa-gá
Forma de panela (fpan)	-ti	-pa-rí /-pa-dí/
Forma retilínea (fret)	-gi	-pa-gí
Forma tubular e oca (ftub)	-wi	-pa-wí
Forma de abóbada (fab)	-wa	-pa-wá
Forma de lago	-ra /-da/	-pa-rá /-pa-dá/

Estes sufixos nominais permitem a atualização dos nomes inanimados não-contáveis. Com eles, os não-contáveis (chamados também de abstratos ou informes) tomam uma forma precisa e podem ser assim pluralizados ou contados. Por exemplo, com o nome não-contável, abstrato **ûyû** *vegetal abacate* e o numeral **ni'ká** /dî'ká/ *um*:

ûyûga /ûyû-ga/ *(fruta de) abacate (lit. ser roliço de vegetal abacate)*

ûyûpagá /ûyû-pa-ga/ *frutas de abacate, abacates*

ûyûgi /ûyû-gi/ *pé de abacate, abacateiro (lit. ser retilíneo de vegetal abacate)*

ûyûpagí /ûyû-pa-gi/ *pés de abacate, abacateiros*

ni'kága (ûyûga) *uma fruta (abacate) [lit. uma fruta, (fruta de vegetal abacate)]*

Outro exemplo com o sufixo **-ga** forma roliça e o nome não-contável **ĩrê** /ĩdê/ vegetal pupunha:

ĩrêga (fruta) pupunha (lit. um roliço de vegetal pupunha)

O leitor não se deixará enganar pela tradução e pela palavra "forma". Como veremos no fim deste subcapítulo, os **sufixos de "forma"** comportam-se estruturalmente como todos os **nomes dependentes**.

No conjunto NOME NÃO-CONTÁVEL - SUF.FORMA, temos o mesmo tipo de relação que encontraremos na locução N.INDEP.+N.DEP., ou seja, a relação: **complemento+completado**.

Da mesma maneira que temos, com os nomes dependentes **tõ'o** cacho de e **yõo** palmeira de:

ĩrê tõe um cacho de vegetal pupunha

ĩrê yõe uma palmeira de vegetal pupunha

temos também:

ĩrê-ga um roliço de vegetal pupunha (ou seja: uma fruta pupunha)

e os sufixos de "forma" seriam melhor traduzidos por:

-ga (ser) roliço de	-wi tubo oco de
-ri panela de	-wa abóbada de
-gi (ser) retilíneo de	-ra lago de

Estes sufixos de "forma" **não denotam nenhuma característica ou propriedade inerente à entidade** à qual se refere o nome não-contável: um vegetal pupunha não tem a priori uma forma roliça ou retilínea, simplesmente por serem os não-contáveis nomes que designam entidades sem forma. Não operam nenhuma classificação nominal. Em consequência, os sufixos de "forma" merecem ainda menos - ao nosso ver - a apelação de classificadores.

8.7.1. O sufixo nominal **-ga** forma roliça refere-se a entidades designando a maioria das frutas ou tubérculos mais ou menos arredondados ou cilíndricos (pupunha, abacate, pimenta, abiu, cúbio, biribá, abacaxi, buriti, cará, batata-doce, taioba, etc.), assim como seres ou partes do corpo desta forma:

ikí vegetal inajá	ikíga /ikí-ga/ fruta inajá
sērā /sēdál/ vegetal abacaxi	sērāgá /sēdā-ga/ fruta abacaxi
biā vegetal pimenta	biāga /biā-ga/ pimenta
kii mandioca	kii-gá /kii-ga/ tubérculo de mandioca
komé /kōbê/ metal	komēga /kōbē-ga/ machado de metal
butu- cupim	butuāga /butu-a-ga/ ninho de cupim
ĩtā mineral	ĩtāga /ĩtā-ga/ pedra
potā órgão pungente (esporão,...)	potāga /potā-ga/ espinho

paa- abdome	paāga /paā-ga/ barriga
sii- parte traseira	siīga /siī-ga/ nádegas
kape- olho, cílio, pálpebra,...	kapê(g)a /kapê-ga/ olho
ē'ke- nariz, narina,...	ē'kê(g)a /ē'kê-ga/ nariz
dipo- cabeça, cume	dipô(g)a /dipô-ga/ cabeça (órgão)

No estilo informal (conversações diárias), **-ga** simplifica-se em **a** (apagamento de **g**, cf. 2.6.). Esta simplificação é de regra com as partes do corpo: **kapêa** olho, a forma **kapêga** sendo já tida como ridícula para a maioria dos falantes. Neste caso, o sufixo **-ga** perdeu o seu significado original e tornou-se uma simples marca de singular que não desencadeia mais a coesão de concordância exigida por **-ga** na locução nominal.

Por exemplo, com o demonstrativo **a'ti** este:

a'ti-ga kii-gá este tubérculo de mandioca
(**a'ti** concorda com **kii-gá**)

mas:

a'ti kapêa /a'ti+kape-ga/ este olho
a'te kapéri /a'té+kape-di/ estes olhos

onde **a'ti** não concorda com **kapêa**, que se comporta então como qualquer nome inanimado contável (compare com o nome contável **maká** /bākâ/ povoado: **a'ti maká** este povoado, **a'te makári** estes povoados).

8.7.2. O sufixo nominal **-ti** forma de panela refere-se principalmente às panelas, o nome ao qual ele se sufixa indicando o conteúdo ou o continente da panela:

komé /kōbê/ metal	kometí /kōbê-ti/ panela de metal
biā pimenta	biātí /biā-ti/ "quinhampira" (panela de pimenta)
peêru /peê-du/ caxiri	peêrutí /peê-du-ti/ panela de caxiri

8.7.3. O sufixo nominal **-gi** forma retilínea refere-se a todo tipo de árvores ou arbustos (que não sejam palmeiras e bananeiras) e a objetos geralmente compridos e/ou retos:

yukí madeira	yukígi /yukí-gi/ pau
ũyũ vegetal abacate	ũyũgi /ũyũ-gi/ abacateiro
mi'rô /bĩ'dô/ vegetal tabaco	mi'rôgi /bĩ'dô-gi/ pé de tabaco
ãrĩ /ãdĩ/ vegetal cana	ãrĩgi /ãdĩ-gi/ pé de cana
pũú rede de dormir (conjunto com corda,...)	pũúgi /pũú-gi/ rede de dormir
nuri- /dũdi/ órgão sexual masculino	nurīgi /dũdĩ-gi/ pênis

8.7.4. O sufixo nominal **-wi** forma tubular designa seres mais ou menos tubulares e com oco (espingarda, zarabatana, embarcação, cocho, etc.):

pekâ lenha, fogo	pekâwi /pekâ-wi/ arma de fogo (espingarda,...)
bupú palmeira sp.	bupuwi /bupú-wi/ zarabatana feita com esta palmeira
komê /kôbê/ metal	komewi /kôbê-wi/ bote de alumínio
peêru /peê-du/ caxiri	peêruwi /peê-du-wi/ cocho de caxiri

8.7.5. O sufixo nominal **-wa** forma de abóbada designa os seres que têm mais ou menos uma forma de abóbada ou de extensão arqueada (peneira, montão, ninho de formigas, cachoeira, tipiti, jirau, etc.):

si'o- peneira	si'ôwa /si'ô-wa/ peneira
pûrî /pûdí/ folhas	pûrîwa /pûdí-wa/ montão de folhas
merê /bêdê/ vegetal ingá	merêwa /bêdê-wa/ pé de ingá
meká /bêkál/ formiga sp.	mekawá /bêká-wa/ formigueiro de meká

8.7.6. O sufixo nominal **-ra** forma de lago entra principalmente na toponímia:

dita- poça, poço, lago	ditâra /ditâ-ra/ lago
doê traira (peixe sp.)	Doêra /doê-ra/ Lago-da-Traira (toponímia)

8.7.7. O plural forma-se com:

- ♦ o sufixo **-pa** [considerações comparativas sugerem que este sufixo é uma forma abreviada da autófora **opâ** ser em geral de tal forma (pro-forma nominal)]
- ♦ seguido pelo sufixo de "forma" adequado: **-ga, -ri /-di/, -gi, -wi, -wa, -ra.**

Por exemplo:

ûyûga abacate	ûyupagá abacates
ûyûgi abacateiro	ûyupagi abacates
kiigá tubérculo de mandioca	kiiipagá tubérculos de mandioca
biâti panela de pimenta	biaparí panelas de pimenta
peêruwi cocho de caxiri	peêrupawi cochos de caxiri
poêwa cachoeira	poepawá cachoeiras
ditâra lago	ditapará lagos

O comportamento tonal das formas plurais pede comentários:

- ♦ enquanto os sufixos de "forma" são tonalmente regulares, obedecendo à regra geral de deslocamento tonal, o sufixo **-pa** é tonalmente transparente (cf.5.2.): como o sufixo de modalidade sentida **-sa**, ele deixa passar o tom de qualquer raiz nominal para o sufixo seguinte (**-ga, -gi, etc.**). É sempre fonologicamente átono.

- ♦ as raízes nominais (primárias, de estrutura bimoraica) sempre perdem o seu tom próprio; é o sufixo final que se torna acentuado, dando a palavra uma melodia ascendente.

- ♦ os radicais nominais (morfemas secundários, formados com derivação) guardam a sua melodia, os sufixos finais permanecendo átonos (cf. exemplo: **peêruwi** / **peêrupawi**).

Como explicar estes fatos? Podemos rever as duas interpretações dadas em 8.6. e compará-las:

- ♦ a primeira solução consistiria em fazer de todos os lexemas nominais acima raízes de melodia tonal instável: melodia alta ou ascendente no singular, e sempre ascendente no plural:

ûyû/ûyû vegetal abacate **ûyûga** /ûyû-ga/ abacate **ûyupagá** /ûyû-pa-ga/ abacates
kii mandioca **kiiigá** /kii-ga/ o tubérculo **kiiipagá** /kii-pa-ga/ os tubérculos

Esta interpretação não é satisfatória, na medida em que exige que todas as raízes sejam tonalmente instáveis, e não só algumas como em 8.6.

- ♦ a segunda solução consistiria em postular a existência de um sufixo suprassgmental (tom alto) indicador da pluralidade, o que faria do plural a combinação de três sufixos: **-pa-ga, -pa-gi, etc.** Esta interpretação nos parece mais natural. No entanto, não sabemos se este tom alto constitui realmente um sufixo, uma marca separada indicando o plural, ou se ele faz parte do sufixo **-pa**: neste caso, teríamos: **-pa-ga, -pa-gi, etc.**, a presença de um tom flutuante alto no sufixo **-pa** indicando talvez diacronicamente o apagamento segmental de uma parte de sufixo (**opâ** → **-pa**).

8.7.8. Os sufixos de "forma" têm o mesmo comportamento semântico e sintático (complemento+completado) que os nomes dependentes. Isso sugere que estes morfemas são antigos nomes dependentes que, por gramaticalização, ligaram-se mais à raiz nominal e tornaram-se sufixos. Com efeito, são todos foneticamente ligados à raiz nominal (cf. uma lista de critérios em 7.1.): são contaminados por uma raiz nominal intrinsecamente nasal e/ou começam por /g/ (o sufixo **-ti** não é nasalmente contaminado, nem começa por /g/, mas possui um alomorfe que começa pelo fone [r]).

Às vezes, é difícil fazer a separação entre "sufixo de forma" e "nome dependente". Como ilustração, compararemos o sufixo de forma **-wi** forma tubular e oca com o nome dependente homófono⁵ **wii** oco. Este aparece no exemplo seguinte com o nome **yukí** madeira sufixado pela forma **-gi** forma retilínea:

yukîgi /yukî-gi/ pau

yukîgi wii /yukî-gi+wii/ oco de pau

O nome dependente **wii** *oco*, embora se pareça semanticamente e formalmente com o sufixo de "forma" homófono, não é um sufixo de forma por não ser contaminado por um radical nasal (por exemplo, em **āyurí wii** *oco bonito*, a contaminação nasal pára na sílaba **ri**) e por ter, como todos os nomes dependentes, um plural em **-ri** /-di/ e não em **-pa**: **wii-ri** *ocos*. Além disso, o sufixo homófono **-wi** tem um campo semântico mais estreito.

Este exemplo mostra um processo de gramaticalização:
nome dependente → sufixo de forma
ainda vivo, e como ele se realiza por modificação fonética e restrição semântica.

8.8. Os aumentativos

8.8.1. Os aumentativos **-rohó** /-doho/ *animado não feminino/inanimado* e **-koho** *animado feminino* são associados aos seres de grande tamanho:

Pédururoho /Pédudu-doho/ *Pedro grande* **Bariakoho** /Badia-koho/ *Maria grande*
pakirohó /paki-doho/ *pai grande* **pakokohó** /pakó-koho/ *mãe grande*
buurohó /buu-doho/ *cutia grande*
wekorohó /wekó-doho/ *papagaio grande*
wi'irohó /wi'i-doho/ *casa grande*

O aumentativo só pode ser sufixado aos nomes não-contáveis se estes últimos têm sido previamente atualizados por um sufixo de forma ou por um nome dependente:

īrê *vegetal pupunha*
īrêga *fruta pupunha* **īrêgarohó** *fruta pupunha grande*
īrê tō'o *cacho de pupunhas* **īrê tō'orohó** *cacho grande de pupunhas*
su'tí *roupas (pl)* **su'tiro** *roupa (sg)* **su'tirorohó** *roupa grande*

Os aumentativos só podem ser usados com **formas nominais no singular**. No plural, recorre-se ao verbo **paka** *ser grande* que, uma vez nominalizado, indica uma pluralidade de seres de grande tamanho:

buuá pakará *cutias grandes* **su'tí pakashé** *roupas grandes*

Os aumentativos, quando usados com seres animados e -especialmente- humanos, têm uma forte conotação afetiva.

8.8.2. O sufixo **-koho** é tonalmente regular: obedece à regra de deslocamento tonal. Pelo contrário, o sufixo **-rohó** apresenta as irregularidades seguintes:

♦ apesar de começar pelo fone [r], os radicais intrinsecamente nasais nunca o contaminam:

umurohó /übú-doho/ *japu grande* [ũmũ̀r̥h̥]`

♦ captura o tom de qualquer raiz nominal (lexema de estrutura bimoraica):

wekó *papagaio* **wekorohó** *papagaio grande*
buû *cutia* **buurohó** *cutia grande*

Interpretaremos este fenômeno como já o fizemos com o plural dos sufixos de forma (cf.8.7.) e postularemos a existência de um tom flutuante:

-rohó /-`doho/

o tom alto flutuante podendo corresponder, diacronicamente, ao desaparecimento de um ou vários fonemas segmentais que impediam a contaminação nasal. Isso levaria a uma reconstituição do tipo: *C_{surda}V₁hV₂ro que se encontra, por exemplo, em:

***pahiro grande, muito** > -`roho

8.9. O diminutivo -akã

O sufixo nominal **-akã** *diminutivo* é associado aos seres de pequena dimensão:

Péduruakã *Pedrinho* **Bariaakã** *Mariazinha*
wekoakã *papagaiozinho* **wekoakã** *papagaiozinhos*
wi'iakã *casinha* **wi'seriakã** *casinhas*
īrêgakã *pupunha pequena* **īrepagaakã** *pupunhas pequenas*

Como se vê pelos exemplos acima, **-akã** pode ser sufixado a nomes singulares ou plurais, animados ou não. O sufixo diminutivo vem logo depois da marca do plural (como no exemplo: **weko-a-akã** *papagaiozinhos*, com **wekó** *papagaio* e **-a** *plural/animado*).

Caso o nome for inanimado não-contável, precisa ser previamente atualizado por um sufixo de forma (**-ga** e **-pa-ga**, nos dois últimos exemplos) ou um nome dependente antes de receber a marca do diminutivo.

O diminutivo é freqüentemente usado com os "pronomes" pessoais:

yi'î *eu* **yi'iakã** *euzinho*
koô *ela* **kooakã** *elazinha*

com demonstrativos:

a'tó *aqui* **a'toakã** *bem aqui*

ou com verbos nominalizados:

sahâtiro /sohâ-ti-dól/ *devagar* **sahâtiroakâ** *devagarzinho*
yoaró /yoâ-dól/ *longe* **yoaroakâ** *um pouco longe*

Neste caso, o diminutivo tem freqüentemente um valor intensivo (com **a'tó**, **sahâtiro**, etc.). Outro exemplo do uso de **-akâ** como intensivo:

pi'tó *perto* **pi'toakâ** *pertinho (muito perto)*

Como os aumentativos, o diminutivo leva freqüentemente uma conotação afetiva.

Tonalmente, o sufixo diminutivo **-akâ** comporta-se como o sufixo verbal **-a**, que é a marca do passado recente/perdurativo (cf. discussão detalhada em 5.1.): a 1ª vogal do sufixo **-akâ** (ou seja: **a**) forma um tom de contorno ascendente com a última vogal de uma raiz verbal de melodia alta (caso estas duas vogais forem adjacentes), ou de qualquer raiz ou radical ascendente:

buû *cutia* **buuakâ** *cutiazinha*
wekî *anta* **wekiakâ** *antinha*
wekó *papagaio* **wekoakâ** *papagaiozinho*
poreró /podê=dol/ *gafanhoto* **poreroakâ** *gafanhotozinho*

8.10. O focalizador **-pi**

O sufixo nominal **-pi** *focalizador* tem um funcionamento delicado. Aparece geralmente com os complementos nucleares ou periféricos que especificam o **cuadro espaço-temporal** da situação, focalizando-os como um ponto no espaço ou no tempo, ou enfatizando-os. Pode ser também sufixado ao sujeito do verbo.

8.10.1. Sufixado a um **complemento espacial**, o focalizador **-pi** expressa - segundo o semantismo do verbo - o lugar em cujo interior (**inessivo**), o lugar até onde (**alcance**) ou o lugar a partir de onde (**ponto de partida**) se realiza a situação verbal. Podemos traduzi-lo por: "dentro de", "até", "a partir de", "desde". O complemento espacial pode ser nuclear (argumento do verbo) ou não. Nos exemplos (293, 294, 295, 296, 297), o complemento espacial é nuclear; no exemplo (298), ele é periférico:

(293) **kârêkê' dieri wahâropi sâaâmi**
 /kâdêkê'+ die-di wahâ-do-pi sââ - a-bĩ /
 galinha +ovo-pl cuia -sg-foc pôr dentro-p.rec.vist
(ele) colocou os ovos de galinha dentro da cuia

(294) **pa'i tirópi a'teré mii miháa'ya!**
 /pa'í + tido - pi a'té -de bĩí +bĩha- a' - ya/
 padre+perto-foc estas coisas-ref levar+subir-C>-imp
suba (a escada) levando estas coisas até o padre!

(295) **diâpi nukû-pori ôrêmi**
 /diâ-pi dũkû-podi ôdê - bĩ /
 rio-foc areia tirar-pres.vist
(ele) tira areia do rio

(296) **kasâwa bu'ipi wa'ĩ ba'pâritirâ miiâpi**
 /kasâ-wa+ bu'í -pi wa'ĩ ba'pâ-di-ti- dâ bĩí - a-pi /
 jirau +cima-foc peixe quatro -nom.pl tirar-p.rec.vist
tirei quatro peixes de cima do jirau

(297) **masá siû yôapi wa'mf'tima**
 /bâsá siû + yôa -pi wâ'bĩ-'ti - bã /
 pessoas aquela+ponta-foc subir-C<-pres.vist
as pessoas vêm subindo daquela ponta

(298) **a'topí wi'mará apeká i'yâo'giti'**
 /a'tó-pi wĩ'bá-dá apê - ká i'yâ - o' -gi-ti-'/
 aqui-foc crianças brincar-impl.cs ver-prop- fut
daqui, vou avistar as crianças brincarem

Como inessivo, compare:

(299) **wesé yi'riâmi**
 /wesé yi'dí-a-bĩ/
 roça passar-p.rec.vist
passou pela roça (perto dela, sem a atravessar)

com:

(299') **wesepi yi'riâmi** *passou pela roça (atravessando-a)*

Compare também:

(300) **aâ i'miâro dihâtiami**
 / aâ i'bi-á-do dihâ - ti - a-bĩ /
 gavião alto descer-C<-p.rec.vist
o gavião desceu alto

(300') **aâ i'miâropi dihâtiami** *o gavião desceu do alto*

(301) **yoaró wa'aâmi** *foi longe (yoa-ró longe, wa'â ir)*

(301') **yoarópi wa'aâmi** *foi ao longe*

- (302) **a'tó a'tiá!** *venha aqui!* (**a'tó** aqui, **a'ti** vir)
 (302') **a'topí a'tiá!** *venha até aqui!*

Os exemplos acima mostram que o focalizador - por não ser obrigatório com um complemento espacial - não funciona exatamente como um locativo ou um direcional. No entanto, é obrigatório em (293,295) pelo fato que o semantismo dos verbos destes exemplos implicam que a situação realiza-se dentro ou a partir de dentro do complemento espacial (interioridade ou ponto inicial inerente).

Outro exemplo de complemento espacial construído sem o focalizador, porque o semantismo verbal não implica nenhuma interioridade inerente (os complementos são sublinhados):

- (303) **a'tó nií'ki wesé wa'ágisami**
 /a'tó dī - 'ki wesé wa'á-gi-sa-bī/
 aqui estar-nom.-fsg.perf roça ir - fut
daqui, (ele) irá à roça (lit. quem estava aqui irá à roça)

O focalizador é muito usado com os verbos nominalizados indicando um lugar. Neste caso, o sufixo **-ro** locativo, lugar (cf.8.6. e 11.6.) precede o sufixo **-pi** focalizador.

- (304) **na'i-ti'aropi duhíwi**
 /dā'i-ti'a - - do - pi duhí - wi /
 estar escuro-nom.lugar-foc estar sentado-p.cad.vist
estivemos sentados num lugar escuro

8.10.2. Sufixado a um **complemento temporal**, o focalizador **-pi** expressa o alcance de uma localização temporal ou um ponto temporal enfatizado. Podemos traduzi-lo por: "somente", "bem". Compare:

- (305) **yamiákā apêrā!** *vamos brincar amanhã!* (**yamiákā** /yābī-akā/
amanhã, apê brincar, -rā /-dā/ imperativo)
 (305') **yamiákāpi apêrā!** *vamos brincar somente amanhã!* (*alcançando*
amanhã)

- (306) **be'ró** /bē'dól/ *depois*
 (306') **be'ropí** *bem depois*

Outros exemplos de alcance temporal:

- (307) **ni'kaápi marí a'teré weé'**
 /dī'kaá-pi bādī a'té-de weé - ' /
 hoje -foc nós isto-ref fazer-pres.vist
é somente hoje que nós fazemos isto

- (308) **ba'â tu'a ehagi'pi wa'âya!**
 /ba'â +tu'a+eha- gi' -pi wa'â-ya/
 comer+ acabar -impl.ms-foc ir -imp
vá logo depois de comer! (lit. bem acabando de comer, vá!)

- (309) **irê sō'akápi pahiró peêru da'rêgiti'**
 /īdē sō'â - kâ -pi pahī - dó peêru da'dê-gi-ti-'/
 pupunha maduro-impl.cs-foc grande-nom.lugar caxiri fazer - fut
farei um caxiri grande somente quando as pupunhas amadurecerem

8.10.3. O focalizador utiliza-se também com o complemento de uma construção copulativa ou com o sujeito:

1. Com o complemento nominalizado de uma construção copulativa, **-pi** indica o alcance de uma situação:

- (310) **wi'magí sihagípi niíami**
 /wī'bá-gí sihâ - gí -pi dī- a-bī /
 criança andar-nom.-fsg-foc ser-p.rec.vist
a criança já anda (chegou na idade de andar)
 (compare com: **wi'magí sihagí niíami** a criança anda)

2. Com o sujeito, indica geralmente um afastamento espacial. Compare:

- (311) **sikó numiô ba'âmo** *aquela mulher come* (**sikó** aquela, **numiô** /
 dūbī-o/ mulher, **ba'â** comer)
 (311') **sikopí ba'âmo** *aquela mais longe come*

- (312) **a'tigo ba'âmo** *esta come* (**a'tigo** esta)
 (312') **a'tigopi ba'âmo** *esta (perto do falante mas longe do ouvinte) come*

Com um verbo nominalizado no passado e na função sujeito, indica o ponto de partida temporal, o início da situação expressada pelo verbo nominalizado:

- (313) **yamika' da'rá'kipi da'rági' weé' yuhûpi**
 /yābī-ka' da'dá- 'ki -pi
 ontem trabalhar-nom.-fsg.perf-foc
 da'dá - gi' weé - ' yuhû-pi/
 trabalhar-impl.ms v.aux.-pres.vist ainda
eu trabalho desde ontem (lit.eu que comecei a trabalhar ontem
ainda estou trabalhando)

Com o sufixo verbal **-ri** /-di/ *advertência*, expressa talvez o alcance da situação (cf. exemplos em 5.6.).

8.11. O especificador **ta**

O sufixo nominal **-ta** *especificador* é muito usado. Expressa que a entidade à qual se refere o nome é identificada, especificada. É a marca da identificação. Podemos traduzi-lo por: "mesmo", "precisamente", "especificamente", "exatamente", "X, e não outra coisa". Exemplos na função sujeito:

(314) **Péduruta niimi**

/Pédudu-ta dīi- bī /

Pedro -esp ser-pres.vist

É Pedro mesmo (e não outra pessoa)

(315) **yukîsire mi'ita weerí baa?**

/yukî=si- de bī'i-ta weé - di + baa /

canoa -ref tu -esp fazer-p.cad.vist+evidência

será que você mesmo (e não outra pessoa) fez a canoa?

Exemplos na função objeto:

(316) **semêreta ba'âgi' weé'**

/sêbê-de-ta ba'â - gi' weé - ' /

paca-ref-esp comer-impl.ms v.aux.-pres.vist.outras pessoas

estou comendo paca mesmo (e não outra coisa)

(317) **teetá miitia!**

/teé -ta mií-ti- a /

aquilo-esp trazer-imp

traga aquilo mesmo (do que você está falando, e não outra coisa)!

Outros exemplos:

tohôta assim mesmo (tohô assim)

tootá aí mesmo (toó aí, em tal lugar)

a'totá aqui mesmo (a'tó aqui)

ni'kâroakâta agora mesmo (ni'kâroakâ agora)

ni'kâropita só agora mesmo (ni'kâro agora, -pi focalizador)

Compare também:

tiikése aquela quantidade, tal quantidade

tiikéseta só aquela quantidade

O sufixo especificador **-ta** emprega-se freqüentemente na construção analítica em **weé** ou depois dos sufixos implicativos (cf. capítulo 10) para indicar a simultaneidade de duas situações:

(318) **ba'âgi'ta weé'**

/ba'â - gi' -ta weé - ' /

comer-impl.ms-esp v.aux.-pres.vist

estou comendo mesmo (não estou fazendo outra coisa)

(compare com o exemplo 315)

(319) **utígi'ta ba'âmi**

/utí - gi' -ta ba'â - bī /

chorar-impl.ms-esp comer-pres.vist

come chorando mesmo

O especificador é também muito usado na comparação em **noho** /dôho/ ou **-roho** /-doho/:

(320) **imí weerórohota uúkūmi**

/ĩbí weé - ' - do -doho -ta uú=kū- bī /

homem fazer-nom.lugar-como-esp falar -pres.vist

(ele) fala exatamente como homem

Enfim, o especificador entra em várias expressões idiomáticas:

♦ sufixa-se a **mehá** *velho, usado*, dando-lhe geralmente o significado de "o mesmo", "como antes":

(321) **ba'asché mehatá niiápi**

/ba'â-sché bēhá-ta dīi- a-pi /

comida mesmo ser-p.rec.vist

a comida é a mesma

♦ sufixa-se ao numeral **ni'ká** *um*, dando-lhe geralmente o significado de "sozinho":

(322) **ni'kitá wa'âya!**

/dī'kí-ta wa'â-ya /

um -esp ir -imp

vá sozinho!

♦ sufixa-se quase sempre ao nome dependente **mehe** /bêhe/ *não* (negativo nominal, cf. 9.16.) para reforçá-lo.

8.12. O referencial **-re**

O sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial* é, sem dúvida, o "ponto

nevrálgico" de toda a morfologia nominal. Por causa do seu funcionamento extremamente complexo e por ser muito usado, suscitou-se numerosos estudos em torno dele.

Kinch (1977, pp.129-175) estuda pormenorizadamente as funções de **-re** em yuruti (língua da família tukano) com substantivos referindo-se a pacientes e a beneficiários, a complementos de lugar e de tempo. Conclui que este "enganador e incômodo afixo **-re**" (p.153) indica, em geral, as perspectivas não-temáticas.

Para Wheeler (1987, p.127), o elemento nominal marcado por **-re** funciona - em siona (tukano ocidental) - como complemento direto ou indireto. Com o lugar de destino, expressa o desenfoque (desenfaturação).

No seu estudo das línguas tukano do Piraparaná, Gomez-Imbert (1988, p.45) considera que **-re** é a marca do objeto (O¹ e O²) e, às vezes, dos circunstâncias nocionais, espaciais e temporais.

Para Cook e Criswell (1993, p.48), o sufixo **-re** em koreguaje (tukano ocidental) é a marca do complemento específico; serve também para assinalar a importância posterior de um substantivo inanimado ou de um nome de lugar no desenvolvimento da narração.

Na língua tukano que estudamos (ye'pâ-masa), Brüzzi (1966, p.346-348) considera que a primeira função de **-re** é indicar o objeto direto ou indireto, não sendo sempre de uso obrigatório, enquanto West (1980, p.99) nota que este sufixo serve para enfatizar os "advérbios de lugar", aparecendo também com os complementos diretos ou indiretos. Num trabalho posterior escrito pelo mesmo autor, **-re** é descrito como marca especificadora (Welch e West, 1985).

Estes estudos mostram a dificuldade em definir o significado deste morfema que, possivelmente, varia de uma para outra língua da mesma família tukano. A função básica de **-re** seria sintática, semântica ou pragmática?

Neste trabalho, sugerimos que as funções básicas do sufixo **-re** seriam de ordem semântica e sintática, como marcador de **complemento referencial (determinado)**. Note-se que o elemento nominal marcado por este sufixo **nunca funciona como sujeito** da oração.

O sufixo **-re** acompanha freqüentemente os constituintes nominais nucleares não sujeito do enunciado. O seu uso obedece então à regras complexas que podemos resumir na escala de individuação seguinte:

Escala de individuação

n.próprio > pron.pessoal > an.hum > an.n-hum > inan.cont.sg > inan.cont.pl > inan.n-cont

O sufixo **-re** é a **marca do(s) complemento(s) [constituente(s) nominal(is) não sujeito] quando este(s) se apresentar(em) numa posição**

bastante alta na escala de individuação. A posição mais alta encontra-se na esquerda da escala e é ocupada pelos nomes próprios, seguido pelos "pronomes" pessoais ("eu", "tu", "...), anafóricos, demonstrativos ou possessivos, os nomes animados humanos, os nomes animados não-humanos, os inanimados contáveis no singular e no plural (incluindo os nomes dependentes), e - na posição mais baixa da escala - os inanimados não-contáveis. Em poucas palavras, a escala de individuação segue as classes nominais evidenciadas em 8.1. O sufixo **-re** acompanha os **complementos individuados** enquanto os **complementos genéricos** o recusam. É a marca do **referencial** e do **determinado**. Por exemplo, compare:

(323) **Pédurure paâgi' weé'**

/Pédudu-de paâ - gi' weé - ' /

Peduru-ref bater-impl.ms v.aux.-pres.vist.outras pessoas
estou batendo em Pedro

(324) **ohô ba'âya!**

/ ohô ba'â - ya/

vegetal banana comer-imp
coma banana!

Em (323), o objeto "Pedro" é um nome próprio. Em consequência, ocupa a posição mais alta da escala e a marca **-re** é obrigatória.

Em (324), o objeto "vegetal banana" é um nome não-contável. Expressa um objeto não-individuado e muito mais genérico que a tradução enganadora sugere (não é: "come a banana!", nem: "come uma banana!", mais: "seja comedor de (uma parte do vegetal) banana!"). Ocupando a posição mais baixa da escala, a marca **-re** não lhe pode ser geralmente sufixada. No entanto, os nomes não-contáveis - uma vez atualizados por um sufixo de forma ou um nome dependente (cf.8.1,8.7.) - podem levar esta marca. Com o nome dependente **paro /pado/ ser oblongo em forma de vagem**:

(324') **ohô parore ba'âya! /ohô+pado-de ba'â-ya/ coma a banana! coma uma banana! (lit. coma um ser oblongo do vegetal banana!)**

Outro exemplo com o nome inanimado contável **wi'í casa** e o verbo **weé** fazer:

(325) **wi'iré weé' /wi'í-de weé-' /faço uma casa, faço a casa (objeto individuado)**

(325') **wi'í weé' /wi'í weé-' /sou fazedor de casa (objeto genérico)**

Estas considerações gerais sendo feitas, vejamos agora os principais usos do sufixo **-re**.

8.12.1. Se o enunciado tem **dois complementos nucleares**, O² é geralmente mais individualizado que O¹. Neste caso, a marca **-re** acompanha O².

Exemplos com O² animado:

(326) **numiôre su'tí o'óami**

/dūbī-o-de su'tí o'ô- a-bī /
mulher-ref roupas dar-p.rec.vist
(ele) deu roupas à mulher

(327) **mi'ĩ yêkore po'ká sêrigisa'**

/bī'ĩ+yêko-de po'ká sēdī -gi-sa-'/
tu + avó -ref farinha pedir-imp
vã pedir farinha a tua avó!

(328) **ncê noaré yã'áro weetikā'ya!**

/dēē dōā-de yã'á-do weé - ti - kã'-ya/
ninguém-ref mal fazer-neg-ass-imp
não faça mal a ninguém!

(329) **numiô sī'iré i'mîtihiſhe wa'reámo**

/dūbī-o sī'í -de ī'bi-tihi - sehé wa'dê - a-bō /
mulher aquele-ref perfumado-nom.inan.pl passar-p.rec.vist
a mulher passou perfume naquele

Nestes quatro exemplos, O² desempenha uma função de destinatário ou beneficiário, e a marca **-re** é obrigatória. Note que O¹ não leva o sufixo **-re** por ser um objeto genérico ("dar roupas", "fazer mal", "pedir farinha", "passar perfume"). A ordem: O¹ + V é bastante fixa enquanto O² ocupa uma posição mais livre (antes ou depois de O¹ + V, conforme a ênfase).

Caso O¹ for também objeto individualizado, a marca referencial o acompanha, de modo que **mais de um elemento nominal do enunciado pode levar a marca -re**:

(330) **mi'ĩ ba'arí di'irore kã'ró ā'rírē suā o'oya!**

/bī'ĩ ba'á- dí + di'í - do -de kã'dó ā'dí-de suā +o'o-ya/
tu comer-nom.inan.sg+carne-locativo-ref um pouco este-ref arrancar+dar-imp
dê para este, arrancando (com os dedos), um pouco do pedaço da carne que você está comendo!

Neste exemplo, O¹ é bastante individualizado para levar o sufixo **-re**: é "o pedaço de carne que você está comendo".

Exemplos com O² inanimado:

(331) **ba'aschére moâ sãâ nemoya!**

/ba'á-sehé-de bōâ sãâ +dēbo-ya/
comida -ref sal colocar+mais-imp
adicione sal à comida!

(332) **petâre tohō weetikā'ya!**

/petâ-de tohō weé - ti - kã'-ya/
porto-ref assim fazer-neg-ass-imp
não faça assim ao porto! (por exemplo: não suje o embarcadouro!)

Nestes exemplos, O² é obrigatoriamente marcado por **-re**.

Em casos pouco frequentes, O¹ é marcado por **-re** enquanto O² não o é:

(333) **naâ niki o'ôya teeré!**

/dāā+ dīki o'ô-ya teé -de/
eles+um/um dar-imp aquelas coisas-ref
dê aquelas coisas a cada um deles! (lit. a eles, um por um)

Neste exemplo, O¹ é o anafórico **teé** coisas já mencionadas: sendo muito individualizado, leva a marca **-re**; enquanto O², apesar de ser animado e "pronomo pessoal, tornou-se genérico com o nome dependente distributivo **niki um por um**.

8.12.2. O sufixo referencial **-re** é muito usado nas construções possessivas inalienáveis:

(334) **yi'ĩre upika pūrisa'**

/yi'ĩ-de upi-ka pūdi- sa - ' /
eu-ref dente doer-pres.sent.outras pessoas
meu dente dói (lit. a mim, o dente dói)

Mesmo uso obrigatório na função translativa:

(335) **yi'ĩ ma'mîre wa'ĩ wehegí weeróroho yē'cápi**

/yi'ĩ bā'bi-de wa'ĩ wehé- gí weé- dó -doho yē'ē - a-pi /
eu moço-ref peixe pescar-nom.-fsg fazer-nom.lugar-como pegar-p.rec.vist
eu tomei (no trabalho) o moço como pescador

O sufixo referencial é também usado com o complemento de agente (cf. 3.3.) e com o complemento comparativo (cf. exemplos 259,260). Com os verbos dependentes, cf. 7.1.

8.12.3. O referencial nunca se usa com O¹ inanimado quantificado ("um X", "dois X", ..., "quantos X?"). Por exemplo:

- (336) **ni'ká wi'i da'rêgi' weemí**
 /dĩ'ká+wi'i da'dê- gi' weé - bĩ /
 uma +casa fazer-impl.ms v.aux.-pres.vist
 (ele) está fazendo uma casa (lit. está fazendo casa em número 1)

e nunca:

- (336') ***ni'ká wi'ire da'rêgi' weemí** (ele) está fazendo uma casa

a não ser o objeto inanimado utilizado como O²:

- (336'') **ni'ká wi'ire butirí wi'i da'rêgi' weemí** (ele) está fazendo uma casa de branca (lit. está fazendo casa branca a respeito de uma casa) [**butirí wi'i** casa branca funciona como O¹ genérico]

Mesmo emprego com os animados quantificados:

- (337) **diikérā pō'rā kiotí?**
 /dii-ke-dā pō'dā kió- ti /
 quantos filhos ter-pres.vist.int
 quantos filhos (você) tem? (lit. tem filhos em quantos números?)

e não:

- (337') ***diikérā pō'rārē kiotí?**

mas:

- (337'') **Yoakí pō'rārē diikérā kiotí?** quantos filhos de Joaquim (você) tem? (lit. a respeito dos filhos de Joaquim, quantos você tem?)

Compare também:

- (338) **i'tiārā wēheápi** (338') **i'tiārāre wēheápi**
 /i'ti-a-dā wēhé- a-pi / /i'ti-a-dā-re wēhé- a-pi /
 três matar-p.rec.vist três -ref matar-p.rec.vist
 matei três (porcos,...) matei três deles

i'tiārā três é O¹ em (338) enquanto é O² em (338'): "matei (porcos) a respeito de três", o O¹ de (338') - ou seja "porcos" - sendo subentendido. O¹ pode ser explicitado, dando:

- (338'') **i'tiārāre yeséá wēheápi** matei três dos porcos [**yeséá** porcos]

que o leitor comparará com:

- (338''') **i'tiārā yeséá wēheápi** matei três porcos

onde a locução apositiva (cf. 16.5.) **i'tiārā yeséá** três porcos desempenha o papel de O¹.

8.12.4. Em todos esses empregos com o objeto (direto ou indireto), **-re** tem um funcionamento bastante similar à preposição **a** do espanhol.

Com efeito, este último morfema é frequentemente usado para assinalar o objeto animado **referencial**. Repetimos o exemplo dado por Palmer (1994, p.37):

- (α) **busco una criada** (qualquer uma para trabalhar, não uma mulher particular)

- (β) **busco a una criada** (uma criada determinada: perdida,...)

Em (β), o dativo indica um animado determinado (específico e identificável). Compare, em ye'pâ-masa, com:

- (α₁) **numi-ô₁ a'mâ-gi' weé'₂** *estou procurando₂ uma mulher₁ (qualquer uma)*

- (β₁) **sō'ô nũ-'ko-re₁ a'mâ-gi' weé'₂** *estou procurando₂ aquela₁ (de que falamos)*

Veja também (333), onde o nome distributivo **niki** um por um torna o objeto indireto não-referencial, o que impede este último de levar a marca **-re**.

Em resumo, **-re** aparece no complemento como marca da referencialidade (ser determinado e identificável). No entanto, à diferença das línguas que utilizam as mesmas marcas de definitude ou de referencialidade para qualquer função do nome, em ye'pâ-masa, há um contraste nitido entre o sujeito e o complemento: o sujeito sempre desprovido de qualquer marca deve ser entendido como referencial enquanto o caráter referencial do complemento deve ser explicitamente marcado.

8.12.5. O elemento nominal marcado por **-re** pode também funcionar como periférico de lugar/tempo:

- (339) **a'toré, no'opí kārígí niiátí?**

/a'tó-de dō'ó-pi kādí - gi dīi- a -ti/
 aqui-ref onde-foc dormir-nom.-fsg ser-p.rec.vist-int

aqui, onde (você) costuma dormir? (aqui nesta cidade, em que casa dorme?)

que o leitor poderá comparar com:

- (339') **a'tó kārígí niiápi** *costumo dormir aqui*

Neste caso, a marca **-re** enfatiza o lugar/tempo, dando-lhe uma saliência discursiva ("advancement of topic" ou topicalização). No entanto, pode ser sempre traduzida, nestes casos como em todos os exemplos que já vimos, por: "a respeito de", "relativamente a", "em relação a", "com referência a": isso sugere que **-re** indica ainda uma situação **dirigida para o nome** e que este "avanço do tópico" é uma função derivada da função básica, que é de **marcar o complemento referencial e determinado**.

Outro exemplo com a anáfora local **toó**:

(340) **toopíre, peêru sī'riwí**

/ toó -pi -de peêdu sī'dí - wí /
tal lugar-foc-ref caxiri beber-p.cad.vist
lá (no lugar mencionado), tomei caxiri

Note, neste exemplo, o uso simultâneo do focalizador **-pi** e do referencial **-re** no mesmo elemento nominal. Esta combinação de sufixos **-pi-re** é extremamente produtiva com os demonstrativos e a anáfora local.

Exemplo com um elemento nominal que tem uma função temporal:

(341) **ni'kaáre, bu'êrā!**

/dī'ká-a-de bu'ê -dā /
hoje -ref estudar-imp
hoje, vamos estudar!
[cf. também os exemplos (684, 684_a, 685, 685_a) em 16.2.]

Alguns outros exemplos do emprego de **-re** com complemento:

(342) **numiôre uúkūama**

/dūbī-o-de uú-kū- a-bā /
mulher-ref falar -p.rec.vist
falaram sobre a mulher

(343) **yahá'kere mi'ĩ yē'e nohó masísari?**

/yahá - 'ke -de bī'ĩ yē'é+dôho bāsī - sa -dī/
roubar-nom.inan.pl.perf-ref tu o quê saber-pres.sent-int
o que você sabe a respeito do roubo?

Ambos exemplos podem ser igualmente interpretados como objetos altamente individuados ou como elementos discursivos periféricos salientados.

Em resumo, **-re** em relação a, em referência a, a respeito de, quanto a é:

♦ a marca dos complementos periféricos (tempo/lugar), geralmente quando topicalizados.

♦ a marca do objeto referencial e determinado (alta posição na escala de individuação ou específico). O objeto indireto leva geralmente esta marca por ser de regra altamente referencializado.

8.12.6. Como se vê, os problemas levantados pelo funcionamento do "referencial" **-re** são múltiplos. Qual é o sema central deste sufixo que pode ser igualmente interpretado como complemento periférico ("com referência a", "a respeito de"), topicalização (avanço do tópico ou saliência discursiva) ou marca de individuação dos objetos? De qualquer forma, **-re** não pode ser simplesmente definido como marca do objeto direto, já que este, como o sujeito, não é marcado.

É justamente este conceito de "objeto" que deveria ser aprofundado antes de tentar resolver o problema. **-re** não estabelece nenhuma divisão entre argumento nuclear não-sujeito e periférico. O uso de **-re** com elementos nominais que desempenham uma função espaço-temporal enfatizada o mostra.

O problema levantado por **-re** nos convida, antes de tudo, a tentar reformular o conceito de transitividade que nos apresenta a língua dos ye'pâ-masa.

8.13. O destaque **-a'**

O sufixo nominal **-a'** *destaque* é uma marca de clarificação. Utiliza-se unicamente com os nomes em função de sujeito, especialmente com os "pronomes pessoais", para clarificar a sua identificação. O nome sufixado por **-a'** aparece muitas vezes no fim do enunciado ou está sozinho, numa pergunta:

(344) **ba'aámo koôa'**

/ba'á - a-bō koô- a' /
comer-p.rec.vist eu -dest
comeu, *ela*

(345) **-de'ró weégi' weeáti? -yi'ĩa'?**

/de'dó weé - gi' weé - a - ti yi'ĩ- a' /
como fazer-impl.ms v.aux.-p.rec.vist-int eu-dest
- o que estava fazendo? - eu?

Para dar mais ênfase à clarificação ou para se vangloriar, o sufixo de destaque **-a'** pode ser seguido por uma marca de gênero/número (cf.6.8.):

yi'ĩa'gi /yi'ĩ-a'-gi/ *eu!* (masculino)

yi'ĩa'go /yi'ĩ-a'-gol/ *eu!* (feminino)

maría'rā /bādī-a'-dā/ *nós!*

naâa'rā /dāâ-a'-dā/ *eles!, elas!*

Emprega-se também com sufixos implicativos/mesmo sujeito:

(346) **toopíre wa'ági'a', yukîsi duuyá!**

/ toó -pi -de wa'á- gi' -a' yukî=si duú -ya/
tal lugar-foc-ref ir -impl.ms-dest canoa comprar-imp
se (você) vai lá, compre uma canoa!

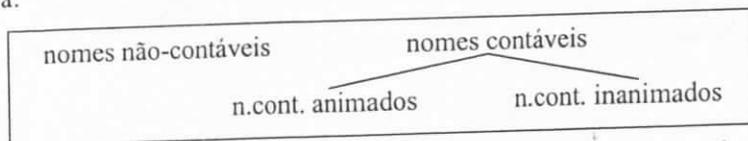
Neste caso, o funcionamento de **-a'** parece ser contrastivo ("se você fizer tal coisa, caso fizer tal coisa, então realize tal outra!").

Com **maha** /bāha/ *afinal*, cf. 13.2.

O sufixo de destaque **-a'** é incompatível com o sufixo especificador **-ta** e o focalizador **-pi**. Sendo uma marca própria do sujeito, é também incompatível com o referencial **-re**.

NOTAS

1. Podemos encarar outra ordem hierárquica para os traços [animado] e [contável] e considerar o traço [contável] como dominante. Isso daria outra hierarquia:



No entanto, esta hierarquia não nos parece satisfatória por duas razões principais:

- a concordância gramatical mostra que as marcas de concordância têm um máximo de diferenças formais entre animados e inanimados, e não entre contáveis e não-contáveis (cf. exemplo acima, opondo as marcas de referência ou concordância entre, de um lado, **akê macaco** e, de outro lado, **wi'i casa** e **akó líquido**).

- existe uma classe ambivalente de nomes inanimados que levam sufixos de nomes contáveis para o plural e sufixos de nomes não-contáveis para o singular. No entanto, não existe uma classe ambivalente de nomes contáveis levando marcas de nomes animados e inanimados segundo a categoria nocional.

2. O mesmo termo, na língua ye'pá-masa, designa o sol ou a lua. Quando desejar diferenciar os dois astros (para melhor clareza ou a fins didáticas), usa-se expressões como: **yamí muhi-pūu** /yābî+būhi+pūu/ *lua (lit. astro da noite)*, **imâkoho muhi-pūu** /îbî-koho+būhi+pūu/ *sol (lit. astro do dia)*.

3. A palavra "estrela" é um caso de nome pertencendo a mais de uma classe. Segundo o sufixo escolhido, pode ser:

- animado: **yōkoáwî niîmi** *é uma estrela*

- ou, mais freqüentemente, inanimado: **yōkoága niî'** *é uma estrela*

4. Note que a concordância sujeito-verbo acarreta um sufixo verbal - no exemplo abaixo, **₂' pres.vist.outras pessoas** - que aproxima estes "pronomes" dos inanimados.

5. Note que as grafias diferentes (**-wi / wii**) não correspondem a nenhuma diferença de pronúncia entre os dois morfemas. É uma mera convenção gráfica adotada para evidenciar a estrutura bimoraica dos lexemas.

Capítulo 9

NOMES DEPENDENTES

Os **nomes dependentes** constituem uma subclasse de lexemas nominais **fonologicamente átonos** que seguem um **nome** (ou um verbo nominalizado) que lhes serve de **complemento**. A relação expressa por este tipo de construção é sempre:

COMPLEMENTO + COMPLETADO

O nome que precede o nome dependente pode ser independente ou dependente dentro de uma série de nomes dependentes:

n.indep. + n.dep.ⁿ + n.dep.ⁿ⁻¹ + ... + n.dep.² + n.dep.¹

cada nome dependente sendo completado pelo nome complemento que o precede, até alcançar - neste movimento de direita para a esquerda - o nome independente que fecha definitivamente o ciclo por não ser completável.

Os nomes dependentes podem ser completados por qualquer tipo de nome: inanimado contável, inanimado não-contável, animado ou verbo nominalizado.

Com o nome inanimado contável **wi'i casa** (pl. **wi'sêri**) e o nome dependente **kaa linha de**:

wi'sêri kaa /wi'sê-di+kaa/ *linha de casas*

Com o nome inanimado não-contável **ohô vegetal banana** e o nome dependente **tō'o cacho de**:

ohô tō'o /ohô+tō'o/ *cacho de bananas*

Com o nome animado **masí /bāsa-gi/ pessoa (masculino)** e o nome

dependente **doto** feixe de:

masi dotó /bāsá-gi+dotol/ *pessoa magra como um feixe (lit. um "feixe de pessoa", depreciativo)*

Com o verbo **āyú** *ser bonito*, o sufixo nominalizador **-ri** /-di/ *inanimado singular* e os nomes dependentes **paro** /padol/ *fruta oblonga de* e **tō'o** *cacho de*:

āyuri paro /āyú'-di+padol/ *fruta oblonga bonita (banana, ingá,...)*

āyuri tō'o /āyú'-di+tō'ol/ *cacho bonito*

O plural dos nomes dependentes é geralmente o dos nomes inanimados contáveis: o sufixo **-ri** /-di/ (cf.8.5.). Por exemplo:

paro /padol/ *fruta oblonga de* **parori** /pado-di/ *frutas oblongas de*
tō'o *cacho de* **tō'ori** /tō'o-di/ *cachos de*

āyusehé parori /āyú'-sehe+pado-di/ *frutas oblongas bonitas*

āyusehé tō'ori /āyú'-sehe+tō'o-di/ *cachos bonitos*

āyusehé parori tō'o /āyú'-sehe+pado-di+tō'ol/ *cacho de frutas oblongas bonitas*

āyusehé parori tō'ori /āyú'-sehe+pado-di+tō'o-di/ *cachos de frutas oblongas bonitas*

(-sehé /-sehe/ *nominalização/ inanimado plural*)

As construções com 1 ou 2 nomes dependentes (como nos dois últimos exemplos) são freqüentes. No entanto, séries com $n \geq 3$ são raras.

O que chamamos **nome dependente** é geralmente conhecido como **classificador** nos estudos recentes sobre a família linguística tukano. Num artigo excelente sobre a língua tuyuka (família tukano oriental), Barnes (1990, pp.273-292) analisa um sistema de mais de 90 "classificadores", justificando esta apelação por eles "denotarem alguma característica saliente da entidade à qual o nome associado se refere". São considerados sufixos por formarem uma unidade tonal com a raiz ou o radical nominal. Seguindo a análise semântica proposta por Allan (1977, pp.285-311), estes numerosos "classificadores" são, por sua vez, classificados em 10 categorias semânticas (forma, coleção, botânica, anatomia, geografia,...). Depois de ter notado que um jogo de nomes funciona como verdadeiros classificadores, o autor observa que estes "classificadores" aparecem sufixados a nomes, demonstrativos e anafórico, numerais, possessivos e verbos nominalizados. Conclui o artigo notando que, no nível discursivo, eles desempenham um papel anafórico.

Neste capítulo, examinaremos atentamente todas as propriedades formais (9.1.) e semânticas (9.2.) dos nomes dependentes, refutando a denominação de classificador.

Como os mais de 90 "classificadores" do tuyuka são formalmente muito próximos dos "nomes dependentes" que apresentamos para a língua ye'pâ-masa, o excelente artigo de Barnes nos servirá de referência para defender contrastivamente a nossa tese. Terminaremos com a descrição de uma quinzena de "posposições" (9.3-17.) cujo comportamento estrutural os assemelha a nomes dependentes.

9.1. As propriedades formais dos nomes dependentes

9.1.1. Como os sufixos nominais (cf.8.2-13), os nomes dependentes são fonologicamente átonos e precedidos por um nome. No entanto, argumentaremos para uma diferença fundamental entre nome dependente e sufixo nominal, na base das considerações seguintes (cf.4.4.):

1. A "afinidade fonética" entre nome independente e nome dependente não é tão grande como entre nome e seu(s) sufixo(s). Em outras palavras, não são tão ligados ao morfema que os precede. Entre outros critérios:

- ♦ a contaminação nasal realiza-se entre raiz/radical nominal intrinsecamente nasal e seu(s) sufixo(s) enquanto não é permitida entre nome independente e dependente.

- ♦ a diferença dos sufixos, os nomes dependentes nunca começam pelo fonema /g/ ou pelo fone [r].

Por exemplo, **-re** /-de/ [re] *referencial* e **-akā** *diminutivo* são sufixos por serem sempre contaminados por um radical nominal nasal. Além disso, **-re** começa pelo fone [r].

Pelo contrário, **+daa** *fi de*, **+nimi** /dībi/ *dia de*, **+yuri** /yudi/ *torto*, **+wii** *pontudo* e **e'tu** *com base alargada* são nomes dependentes por nunca serem contaminados por um nome intrinsecamente nasal e por começar (nos dois primeiros exemplos) pelos fones [d] e [n], e não por [r].

Ao nosso ver, não se deve considerar a unidade tonal como um critério caído do céu para definir a palavra fonológica. A existência de palavras fonologicamente átonas não é o atributo exclusivo da língua ye'pâ-masa (cf. **de**, **com**, etc. em português e os verbos auxiliares **can**, **may**, etc. em inglês). Admitindo a existência de morfemas fonologicamente átonos, a unidade tonal só pode servir para nos indicar o tipo de relação mantida entre estes e o que os precede.

Reconhecemos que certos nomes dependentes do ye'pâ-masa tornaram-se, talvez, sufixos em tuyuka ou em outra língua tukano (por um processo de gramaticalização que os ligou foneticamente ao nome independente, como aconteceu diacronicamente com os sufixos de forma **-ga**, **-gi**, etc. em ye'pâ-masa,

cf.8.7). O essencial, porém, não está nos conceitos de nomes ou verbos dependentes, de sufixos ou de classificadores, mas no fato estrutural que **todo morfema completado é fonologicamente átono e morfologicamente precedido pelo seu complemento**. Isso deveria ser uma constante nas línguas desta família.

2. Os nomes dependentes formam uma classe de morfemas extensa (mais de 350 recolhidos no dicionário) e aberta (pelos empréstimos: **ora hora**, **semara semana**, etc.), o que não é uma característica de sufixos nominais.

3. Apesar de serem formas geralmente ligadas a outras, podem ser proferidos e conceitualizados isoladamente pelos falantes da língua. Por exemplo, o nome dependente **nimi** /dĩbi/ *dia de* aparece sempre com um complemento:

akô nimi /akô+dĩbi/ *dia de chuva*

siñ nimi /siñ+dĩbi/ *aquele dia*

mas, proferido sozinho e em tom baixo, o seu significado é imediatamente identificado. Muitos nomes dependentes, apesar de aparecer quase sempre com um complemento, podem também aparecer sem ele. Exemplo com **pehe** *caroço* no enunciado pouco comum, mas correto:

pehe niñ' /pehe dĩ- ' / *é um caroço* [niñ ser]

Isso não acontece com os sufixos, que são sempre formas ligadas e sem possibilidade de ser conceitualizado isoladamente pelo falante.

Em conseqüência, os nomes dependentes não são formas inteiramente livres, nem formas inteiramente ligadas como os sufixos: são **formas liberáveis**.

4. Os sufixos aparecem depois de uma raiz que fornece o "significado básico" da palavra. Por exemplo, com a raiz nominal **akê** *macaco* e o sufixo nominal **-a plural**:

akéa /akê-a/ *macacos*

Nada disso com os nomes dependentes. Por exemplo, em **ohô tō'o** /ohô+tō'o/ *cacho de bananas*, como poderíamos afirmar que o "significado básico" se encontra em **ohô** *vegetal banana* e não em **tō'o** *cacho de*? Portanto, não se pode determinar se **tō'o** é o sufixo de **ohô** ou se, pelo contrário, **ohô** é um prefixo de **tō'o**.

Dizer que a raiz é o morfema que leva o tom seria esquecer que as raízes de melodia ascendente entregam **sempre** o seu tom próprio ao sufixo ou ao nome dependente, quando estes últimos não forem laringalizados (regra de deslocamento tonal, cf.3.4.). Exemplo com o nome de melodia alta **pekâ** *lenha*, o nome de melodia ascendente **masí** *pessoa* e o nome dependente **doto** *feixe de*:

pekâ doto /pekâ+doto/ *feixe de lenha*

masí dotó /básá-gi+doto/ *pessoa magra como um feixe, "feixe de pessoa"*

5. Todos os nomes inanimados contáveis podem ser usados independentemente ou dependentemente. Vejam os exemplos (18,19) em 4.2. com **wi'i** *casa*, assim como:

(347) **yaá wi'i niñ'**

/yaá+wi'i dĩ- ' /

poss+casa ser-pres.vist.outras pessoas

é minha casa

Outros têm uma semântica que exige sempre um complemento (**doto** *feixe de*, **tō'o** *cacho de*, etc.): é a única diferença entre nomes dependentes e independentes.

Além disso, a morfologia dos nomes obrigatoriamente dependentes é a mesma que a dos nomes facultativamente independentes. Por exemplo, compare a comportamento morfológico do nome inanimado **makâ** /bākâ/ *povoado* com o dos nomes dependentes **doto** *feixe de* e **tō'o** *cacho de*:

makâri /bākâ-di/ *povoados* (-ri /-di/ plural)

dotori /doto-di/ *feixes de*

tō'ori /tō'o-di/ *cachos de*

āyurí maka /āyú-di+bāka/ *povoado bonito* (**āyú** *ser bonito*, **-rī** *nom.inan.sg*)

āyurí doto /āyú-di+doto/ *feixe bonito*

āyurí tō'o /āyú-di+tō'o/ *cacho bonito*

(cf. exemplos 28, 29 e a discussão que segue)

Isso mostra que os nomes dependentes são morfologicamente nomes como todos os outros. Têm o mesmo jogo de sufixos nominais (plural, aumentativo, diminutivo, referencial, etc.). Por exemplo:

tō'o *cacho de*

tō'oakâ *cachinho de*

tō'oroho *cacho grande de*

tō'opi *no cacho de*

(-akâ *diminutivo*, -rohó *aumentativo*, -pi *focalizador*)

Em conseqüência, no lugar de dizer que "existe um jogo de nomes funcionando como classificadores", não seria mais correto afirmar que os "classificadores" constitui um jogo de verdadeiros nomes?

6. O tamanho fonológico dos sufixos é menor que o dos nomes dependentes (cf.4.4./8° e 7.1./5°).

9.1.2. Como já o salientamos, a morfologia dos nomes dependentes é a mesma que a dos outros nomes. O aumentativo, o diminutivo e as marcas de função semântica ou sintática aparecem sempre sufixadas ao último nome dependente, e nunca antes dele. Exemplo com o nome independente **ohô** *vegetal banana*, o nome

dependente **paro** /pado/ *fruta oblonga de e* e o sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial*:

- (348) **ohô parorê suâya!**
/ ohô +pado -de suâ -ya/
banana+fruta -ref arrancar-imp
arranque uma banana!

e nunca:

- (348') ***ohôre paro suâya!** *arranque uma banana!*

A grande maioria dos nomes dependentes formam uma subclasse de nomes inanimados contáveis. Isso se explica facilmente na medida em que os inanimados contáveis precisam freqüentemente de um complemento. Neste caso, os **nomes dependentes formam o seu plural com o sufixo -ri** /-di/ *plural*.

Exemplo com o nome independente **âhû** *beijus* e o nome dependente **turi** /tudi/ *pilha de*:

âhû turi /âhû+tudi/ *pilha de beijus* **âhu turiri** /âhu+tudi-di/ *pilhas de beijus*

Exemplo com o nome independente **ma'â** *caminho* e o nome dependente **yawi** *torto*:

ma'â yawi /bâ'â+yawi/ *caminho torto* ("torto de caminho")
ma'âri yawiri /bâ'â-di+yawi-di/ *caminhos tortos* ("tortos de caminhos")

Nota-se que a marca do plural **-ri** deve ser repetido no nome dependente e no nome independente (como no último exemplo) quando o semantismo da relação complemento+completado o exige, ou - seja - em relações do tipo:

cabeça de cachorro → cabeças de cachorros (parte única de um tudo)
coitado do menino → coitados dos meninos
(mas: nós de árvore, olhos de cachorro)

Quando o nome independente for inanimado não-contável, a marca do plural aparece unicamente no nome dependente:

ohô tō'o /ohô+tō'o/ *cacho de bananas* (lit. *cacho do vegetal "banana"*)
ohô tō'ori /ohô+tō'o-di/ *cachos de bananas* (lit. *cachos do vegetal "banana"*)

Às vezes, o semantismo do nome dependente exige um nome independente no plural. Exemplo com o nome independente **makâ** /bâkâ/ *povoado* e **kaa** *linha de*:

makâri kaa /bâkâ-di+kaa/ *linha de povoados*
makâri kaari /bâkâ-di+kaa-di/ *linhas de povoados*

No próximo subcapítulo, veremos que, com os sufixos **-Ø** *singular* e **-ri** *plural*, a relação complemento+completado não expressa semanticamente uma relação do tipo: parte+tudo mas sempre: entidade+qualificação da entidade. No

entanto, com o sufixo **-ro** *partitivo* (no plural: **-ri**), a relação é sempre do tipo: parte+tudo. Daremos exemplos com o jogo de sufixos: parte sg / parte pl → **-ro** / **-ri**.

Com o nome independente **wa'ï** *peixe* e o nome dependente **mara** /bâda/ *em migalhas, esmigalhado*:

wa'ï mara /wa'ï+bâda/ *peixe esmigalhado, "esmigalhado de peixe"*
wa'ï mararo /wa'ï+bâda-do/ *migalha, fragmento de peixe*

Com os nomes independentes **pûrî** /pûdî/ *folha, folhas* (palavra invariável) e **pamô** /pâbô/ *tatu*, e o nome dependente **pe'to** *convexo*:

pûrî pe'to /pûdî pe'to/ *folha em forma convexa, "convexa de folha"*
pûrî pe'tori /pûdî+pe'to-di/ *folhas convexas, "convexas de folhas"*
pamô pe'toro /pâbô+pe'to-do/ *casco de tatu*
pamô pe'tori /pâbô-a+pe'to-di/ *cascos de tatus*

Com o nome independente **nukûkâ** /dûkû-kâ/ *chão* e o nome dependente **pa'ti** *em forma de depressão*:

nukûkâ pa'ti /dûkû-kâ+pa'ti/ *chão com depressão*
nukûkâ pa'tiro /dûkû-kâ+pa'ti-do/ *depressão no chão*

Com os nomes independentes **yehê** *garça* e **pûrî** /pûdî/ *folha*, e o nome dependente **yâko** *de pescoço comprido*:

yehê yâko /yehê+yâko/ *garça de pescoço comprido*
pûrî yâkoro /pûdî+yâko-do/ *peciolo da folha* (lit. *parte comprida como pescoço da folha*)

Alguns nomes dependentes comportam-se morfológicamente como os nomes inanimados não-contáveis: sg / pl → **-(g)a** / **-pa-ga**

Exemplo com o nome independente **yukîgi** *pau* (pl. **yukîpagî**) e o nome dependente **kuu-** *nó de*:

yukîgi kuua /yukî-gi+kuu-a/ *nó de árvore*
yukîgi kuupaga /yukî-gi+kuu-pa-ga/ *nós de árvore*

Raramente, os nomes dependentes comportam-se morfológicamente como os nomes animados. Por exemplo, **bahi** *parente (masculino)*, **bahio** *parenta (feminino)*, **bahirã** *parentes*. Com **marî** /bâdî/ *nós*:

marî bahi *nosso parente*
marî bahio *nosssa parenta*
marî bahirã *nostros parentes*

Assinalamos, por terminar, alguns nomes dependentes invariáveis, como: **tero** /tedo/ *tempo de*, **si'ru** /si'du/ *canalha de*, **ba'pa** *companheiro de*, **bu'iri** /bu'i-di/ *culpa de*. Alguns exemplos:

(349) **yaa terópire**,...

/yaá+ tedo - pi -de/
poss+tempo-foc-ref
no meu tempo,...

(350) **ã'rã si'ru**

/ã'dá+si'du/
estes+canalha
estas canalhas, as canalhas destes

(351) **marí bu'iri**

/bãdî+bu'i-di/
nós + culpa
nossa culpa

[cf. também em 4.5. o exemplo (36)]

9.1.3. Como foi observado por Barnes (1990, p.273), os nomes dependentes podem ser completados por nomes, demonstrativos ou anafórico, numerais, possessivos, interrogativos e verbos nominalizados (exatamente como qualquer nome independente inanimado contável). Com o nome dependente **tõ'o** *cacho de* e:

♦ o nome não-contável **ohô** *vegetal banana*:

ohô tõ'o /ohô+tõ'o/ *cacho de bananas, vegetal banana em forma de cacho*

♦ o demonstrativo **a'ti** *este* e o anafórico **tií** *já citado*:

a'ti tõ'o /a'ti+tõ'o/ *este cacho (lit cacho daqui, este em forma de cacho)*

tií tõ'o /tií+tõ'o/ *aquele cacho já mencionado*

♦ o numeral **i'tiá** *três*:

i'tiá tõ'o /i'ti-a+tõ'o/ *três cachos*

♦ o possessivo **yaá** *possessão de*:

yaá tõ'o /yaá+tõ'o/ *meu cacho*

♦ o interrogativo seletivo **dií** *qual*:

dií tõ'o? /dií+tõ'o/ *qual cacho?*

♦ o verbo **yoâ** *ser comprido*, nominalizado por **-ri/-di/** *inanimado singular*:
yoari tõ'o /yoâ-di+tõ'o/ *cacho comprido (lit. cacho de coisa comprida, coisa comprida em forma de cacho)*

O leitor poderá substituir o nome dependente **tõ'o** *cacho* pelo nome

independente inanimado contável **wi'i** *casa*, obtendo assim uma série de enunciados paralelos e igualmente corretos: "esta casa", "aquela casa", "três casas", etc. As relações semânticas desenvolvidas por estas construções serão discutidas em 9.2. e nos capítulos 11 e 12.

9.1.4. Apesar de ter um comportamento estrutural que é o atributo dos nomes (sufixos nominais **-ri**, **-re**, **-pi**, etc.), os nomes dependentes levantam um problema. Com efeito, 95% destes lexemas podem funcionar como **nome dependente** ou como **verbo de estado**. Por exemplo, o morfema **yuri** /yudi/ *em forma torta* funciona como nome dependente em:

ma'ã yuri /bã'ã+yudi/ *caminho torto (ma'ã caminho)*

ma'ãri yuriri /bã'ã-di+yudi-di/ *caminhos tortos*

já que a sua morfologia (**-ri plural**,...) é nominal.

No entanto, o morfema **yurí** /yudí/ *estar torto* funciona como verbo:

(352) **a'tigo yurimó**

/a'ti-go yudí - bõ /

esta ser torto-pres.vist.3+fsg

esta (mulher) é torta

podendo ser sufixado por qualquer tipo de marca verbal (modalidade/tempo/pessoa, negativo, frustrativo, etc.).

Outros exemplos:

pehe *semente, em forma de semente* **pehé** *estar em forma de semente*

daa *linha flexível*

daá *estar em forma de linha flexível*

ti'ri /ti'di/ *parede, declive*

ti'ri /ti'di/ *estar em forma de declive*

Em resumo, a classe de lexemas que estudamos é formada em maioria de morfemas duplos: uma forma fonologicamente átona comportando-se como um nome (nome dependente) e uma forma de melodia ascendente que é um verbo (de estado). Esta classe de lexemas seria então melhor definida como a **classe ambivalente de nomes dependentes e verbos de estado**. No entanto, nota-se que:

♦ esses lexemas são mais empregados como nomes dependentes de que como verbos de estado.

♦ como verbos de estado, o nosso corpus revela que todos são de melodia ascendente. Isso sugere que o verbo poderia derivar do nome dependente. Por exemplo:

yuri /yudi/ *em forma torta* → **yurí** /yudí- / *estar torto*

com um sufixo suprassgmental (tom alto) denominal.

Como se vê, o problema de denominação ainda não está resolvido. Por outro lado, não devemos esquecer a intuição dos falantes nativos que, em geral,

assimilam estes lexemas aos adjetivos qualificativos da língua portuguesa. Seguindo esta orientação, certos pesquisadores como Brüzzi denominaram os nossos "nomes dependentes" de "adjetivos" (1966, pp.50-51). De qualquer modo, todos os fatos que acabamos de apresentar afastam definitivamente estes morfemas do "mundo" dos classificadores.

9.2. As propriedades semânticas dos nomes dependentes

9.2.1. São centenas de nomes dependentes que expressam todos uma relação complemento+completado. Sem a presença do sufixo nominal **-ro/-do/locativo**, *partitivo*, *parte*, esta relação nunca é uma relação do tipo parte+tudo (como em "orelha do cachorro", ou "semente do abacate"). É sempre uma relação do tipo:

Entidade + Qualificação da Entidade

Em conseqüência, a construção **n.indep.+n.dep.** leva a significação seguinte: a entidade à qual se refere o nome independente tem a forma da entidade à qual se refere o nome dependente. Este tipo de relação complementar pode ser ilustrada pelos exemplos seguintes:

♦ com **ma'â** /bã'â/ *caminho* e **yuri** /yudi/ *em forma (de) torto*:

ma'â yuri /bã'â+yudi/ *caminho em forma torta*, ou melhor: *torto de caminho*

♦ com **ohô** *vegetal banana* e **tô'o** *cacho de*, *em forma de cacho*:

ohô tô'o /ohô+tô'o/ *cacho de bananas, vegetal banana em forma de cacho*

♦ com **üyü** *vegetal abacate* e **pehe** *caroço de*, *em forma de caroço*:

üyü pehe /üyü+pehe/ *caroço de abacate, vegetal abacate em forma de caroço*

♦ com **wi'sêri** /wi'sê-di/ *casas* e **kaa** *linha de*, *em forma alinhada*:

wi'sêri kaa /wi'sê-di+kaa/ *linha de casas, casas alinhadas*

♦ com **wa'ï** *peixe* e **koo** *caldo de*:

wa'ï koo /wa'ï+koo/ *caldo de peixe, peixe em caldo*

Como se vê pelos exemplos acima, as traduções são extremamente enganadoras. Por exemplo, a tradução "caroço de abacate" para **üyü pehe** implicaria uma relação parte+tudo que não é expressa por esta construção. A tradução: "vegetal abacate em forma de caroço" dá melhor idéia do tipo de relação expressa pela construção: "vegetal abacate" é um nome inanimado não-contável, abstrato e sem forma, qualificado pelo nome dependente "em forma de caroço". Uma tradução ainda mais fiel seria: "o caroço de vegetal abacate", como se diz: "o coitado do menino", "este idiota de João", "o trambolho do rapaz",...

A tradução por um adjetivo é igualmente enganadora porque não

corresponde à realidade estrutural. Compare:

ma'â yawi *caminho torto* ou *torto de caminho*

ma'âri yawiri *caminhos tortos* ou *tortos de caminhos*

wi'sêri kaa *casas alinhadas* ou *linha de casas*

wi'sêri kaari *linhas de casas*

Enquanto o 1º par de exemplos sugere uma relação "nome+adjetivo" (pela concordância entre os dois termos), o 2º par mostra que esta concordância é de outra natureza, como na relação "complemento do nome+nome".

Com o sufixo **-ro /-do/ parte de (locativo)**, a relação de complementaridade não é mais: entidade+qualificação da entidade, mas **parte+tudo**. Como ilustrações do emprego do sufixo **-ro** na relação parte+tudo, o leitor poderá examinar atentamente os exemplos do subcapítulo precedente com os nomes dependentes **mara** /bãda/ *esmigalhado*, **pe'to** *convexo*, **pa'ti** *em forma de depressão* e **yâko** *de pescoço comprido*.

Outros exemplos com **sere** /sede/ *em forma extensa, em forma de mancha*:
ditâra sere /ditâ-da+sede/ *lago extenso, extensão de lago* (**ditâra** *lago*)
ihî'ka serero /ihî-'ka+sede-do/ *mancha de queimadura* (**ihî-'ka** *queimadura*)

Com **tu'ku** *em forma angulosa*:

diâ tu'ku /diâ+tu'ku/ *rio de curva acentuada* (**diâ** *rio*)

diâ tu'kuro /diâ+tu'ku-do/ *curva do rio*

Certos nomes dependentes, designando sempre uma parte do tudo, aparecem obrigatoriamente com o sufixo **-ro**. Por exemplo, **ko'ro** /ko'do/ *parte côncava de*, **se'ro** /se'do/ *fragmento de*, etc.

9.2.2. A relação complementar sendo uma **relação qualificativa**, o semantismo dos nomes dependentes corresponde bastante bem ao dos **adjetivos qualificativos** da língua portuguesa. Indicam todo tipo de propriedades físicas (forma, dimensão, configuração, consistência, cor, etc.):

âhu, mara /bãda/ *esmigalhado*

âri /âdi/ *em forma de torçal*

âsi *franzido*

baa *em cesto*

be'to *em forma de roda*

beu *beijudo*

boka, doto *em forma de feixe*

bi'bi *enorme*

bire /bide/ *ondulado*

biya *turvo*

bohe *esbranquiçado*

bubi *encarado*

butu *encolhido*

daa *em forma de fio*

dere /dede/ cheio de arranhões
 di'a puro
 dika em forma de toro
 doaro /doa-do/ bonito
 do'be cheio de pontinhos
 duri /dudi/ em desordem
 ehe de consistência grossa
 kaa alinhado
 ka'ba de consistência viscosa
 kai em forma de aranha
 ka'ka fissurado
 kā'ko engomado
 kari muito magro
 kase chato, fino
 kawē, yuri torto
 ki'i crespo
 kī'i entupido (nariz)
 kiī inclinado
 kohe em forma de falha
 ko'ro /ko'do/ parte côncava de
 koyo de pescoço comprido
 kuhi em forma de fatia
 ku'mi /kū'bi/ amassado
 kura /kuda/ em grupo
 mesa /bēsa/ amontoado
 moo em punhado
 mo'o /bō'o/ corcundo
 mo'te /bō'te/ vesgo
 neo /dēo/ desviado para o lado
 nuhi /dūhi/ enrolado sobre si
 paa plano
 pa'a em fileira
 pa'ma /pā'ba/ em conexão
 pa'ta em forma de paralelepípedo
 pa'ti em forma de depressão
 pe'to convexo
 pi'a grudado
 pi'e pegajoso

pīhi em forma de lâmina
 pōe saliente
 pōre /pōde/ em forma de aresta
 puti em forma de rolo
 sa'ba lamacento
 sã'pi cônico
 sa'si eriçado
 sa'wi em forma de pico
 sere extenso
 sē're /sē'de/ bifurcado
 se'ro /se'do/ fragmento de
 sii em pedaço
 si'ti amassado
 sī'i embrulhado
 sirī /sidi/ preto
 siti circular
 sūi pequeno
 su'ri /su'di/ emaranhado
 taa encharcado
 tēhe em forma de arco
 ti'bi entrelaçado
 ti'mi /tī'bi/ pequeno e torcido
 ti'pa dobrado
 tiri do mesmo tamanho
 tibi espesso, grosso
 ti'ri /ti'di/ em forma de parede
 tu'ku anguloso
 turi /tudi/ empilhado
 turu /tudu/ curto
 wai com risco
 wāpe flexível
 wa'te desprovido de cabelo
 wege de boca larga
 wii pontudo
 ya'mo /yā'bo/ esponjoso
 ya'ri /ya'di/ brilhante
 yapu em forma de ovo
 yawi sinuoso

yibi esférico
 yihi estrangulado
 yi'ti listrado

yōoa /yōo-ga/ ponta de terra de
 yo'yo com protusão
 yuga arqueado

O leitor achará numerosos exemplos de todos esses nomes dependentes no dicionário. Certos nomes dependentes (sobretudo, termos de botânica) como:

boa, tii- reunião de vegetais
 bu'a elevação de terreno de
 ī'ki penca de
 kee nervura mediana de
 koo caldo de
 kuu- nó de
 me'e fogo de
 pa'mo /pā'bo/ moita de

paro /pado/ fruta alongada de
 pehe semente de
 sati touceira de
 seero /see-do/ unha de
 tō'o cacho de
 waka haste de
 wāpo perigalho de
 yōo palmeira de

têm o mesmo comportamento semântico **entidade+qualificação da entidade** que os nomes da lista precedente: nunca indicam uma relação do tipo parte+tudo, a não ser sufixado por **-ro** ou **-ga**. Contrariamente ao que sugere a tradução ("caroço de abacate", "penca de bananas", "fogo de lenha", etc.), a língua ye'pâ-masa expressa: "vegetal abacate encaroçado" ou "caroço de abstração abacate", "vegetal banana em forma de penca", "elementos de ignição em forma de chama", etc.

Citaremos para terminar:

bu'iri /bu'i-di/ culpa de
 nimi /dībi/ dia de
 pee buraco de

tero /tedo/ tempo de
 si'ru /si'du/ canalha de
 yā'a danado de

Nota-se que certos nomes, expressando geralmente um arranjo espacial, podem ser empregados como nomes independentes ou, mais freqüentemente, como nomes dependentes. Por exemplo:

bu'ī parte de cima, em cima de
 dokā parte de baixo, em baixo de
 dekō meio, metade (de)
 siró /sidó/ parte traseira (fundo, base,...) (de)

yapá extremidade (de)
 pi'tó perto (de)
 be'ró /be'dó/ depois (de)
 diporo /dipo-do/ antes (de)

Por exemplo:

(353) yukîgi doka
 /yukî-gi+ doka /
 árvore +em baixo de
 em baixo da árvore

9.2.3. Os nomes dependentes usam-se freqüentemente com os nomes independentes animados humanos para qualificar a forma que eles têm. Neste caso, o humano é qualificado com uma forma tirada dos inanimados, o que lhe confere muitas vezes um valor depreciativo ou pejorativo. Exemplo com **masí** *pessoa* (pl. **masá**) e o nome dependente **puti** *em forma de rolo, barrigudo*:

masí puti /bāsá-gi+puti/ *pessoa barriguda*, ou melhor: *rolo de pessoa*
masa putiri /bāsá+puti-di/ *pessoas barrigudas, rolos de pessoas*

Note que a **marca do plural do nome dependente permanece sempre à dos inanimados** (sufixo -ri), mesmo que o nome independente associado seja animado.

Exemplo com o nome dependente **pu'u** *de nádegas secas*:

masí pu'u /bāsá-gi+pu'u/ *pessoa de nádegas secas*

Exemplo com o nome dependente **ni'o** /dī'o/ *sem nenhuma abertura* (*porta bem fechada*,...):

masí ni'o /bāsá-gi+dī'o/ *pessoa que anda como fechando o ânus para não defecar*

9.2.4. A autófora **opâ** *entidade genérica* (cf. 12.5.) toma freqüentemente o lugar de **qualquer nome independente** quando não se quer ou não se pode especificar a entidade qualificada:

(354) **a'té opâ daari niï'**

/ a'té opâ +daa-di dīi- ' /

estas coisas autófora+ fio -pl ser-pres.vist.outras pessoas

estas coisas têm formas de fio (lit. *estas coisas são seres em forma de fio*, ou melhor: *estas coisas são fios de seres*)

(355) **opâ kī'i niikā'mi ēhō sāhāgi'!**

/ opâ + kī'i dīi-kā'- bī ēhō sāhā - gi' /

autófora+entupido ser-ass-pres.vist gripe pegar-impl.ms

(ele) está com nariz entupido porque pegou gripe! (lit. *pegando gripe, ele é um ser entupido, um entupido de ser*)

9.2.5. O funcionamento dos nomes dependentes é claro: numa relação complementar com o nome independente que os precede, servem sempre para **qualificar** (e não para **caracterizar** inerentemente) a entidade à qual o nome independente associado se refere. Apesar das dificuldades próprias da tradução, a construção portuguesa do tipo: "o coitado do menino", "o barrigudo do velho", o "torto do caminho" (para dizer: "menino coitado", "velho barrigudo", "caminho torto") se aproxima bastante bem da construção que descrevemos em ye'pâ-masa.

Não são classificadores porque não denotam nenhuma característica inerente da entidade à qual o nome independente associado se refere. Denotam unicamente uma qualidade daquela entidade. Em conseqüência, não podem operar **nenhuma repartição de nomes em classes nominais**, o que é a propriedade fundamental dos classificadores.

Por exemplo, ao nome dependente **yuri** /yudi/ *em forma torta, torto de*, é associado um número infinito de nomes que possuem esta qualidade: "caminho torto", "riacho torto", "boca torta", "pessoa torta", "o torto de Pedro", "a torta de Maria", etc. Ao nome dependente **puti** *em forma de rolo, barrigudo de*, é igualmente associada outra infinidade de nomes: "panela barriguda", "embrulho barrigudo", "rolo de palmas caraná", "barriga em forma de rolo", "o barrigudo do Pedro", "a barriguda da Maria", etc.

No sentido inverso, a um nome independente, são associados tantos nomes dependentes quantas maneiras de ele ser qualificado.

Portanto, cada "classificador" formaria uma classe que possuiria uma infinidade de membros, e - no mesmo tempo - cada membro pertenceria a várias classes no mesmo tempo. Em conseqüência, os nomes independentes não são divididos em classes cujos membros poderiam ser enumerados e, de todos os lados, a divisão em classes nominais fracassa.

A concordância efetua-se conforme as três classes nominais evidenciadas em 8.1.: animados, inanimados contáveis e inanimados não-contáveis, e nunca conforme os nomes dependentes. Por exemplo, o inanimado não-contável **ohô** *vegetal banana* acarreta o sistema de concordância próprio aos nomes inanimados não-contáveis. De outro lado, a locução nominal **ohô paro** *fruta do vegetal banana* acarreta o sistema de concordância próprio à cabeça da locução nominal, ou seja: o nome dependente **paro** *fruta de*. Este tipo de concordância é mais do que trivial, e todos sabem que se diz: "um vegetal banana bonito", "este vegetal" enquanto se deve dizer: "uma fruta bonita", esta fruta", etc. Em ye'pâ-masa como em português, a concordância efetua-se com a cabeça da locução nominal.

Quanto ao uso anafórico dos "classificadores" descrito por Barnes (1990, pp.289-290), notamos o mesmo fenômeno em todas as línguas que conhecemos. Por exemplo, se uma história começar por: "havia um cacho de bananas no chão", um princípio de economia bastante universal simplificará a locução nominal "cacho de bananas", reduzindo-a à sua cabeça (aqui, o nome dependente "cacho"): "quando vi este cacho"..., "aquele cacho"..., "dê-me este cacho!"..., Ao nosso ver, isso não é digno de interesse. No entanto, note que a língua possui uma anáfora própria (o morfema **tii**) que estudaremos no capítulo 12.

9.3. Alguns nomes dependentes "gramaticalizados"

Alguns morfemas fortemente "gramaticalizados" são também interpretados como nomes dependentes. Comportam-se como verdadeiras posições. São:

me'ra /bē'da/ com	pe'e câmbio
kē'ra /kē'da/ também	pūrikā /pūdi-kā/ no entanto
basi próprio	marikā /bādi-kā/ pois
di'akīhi unicamente, apenas	waro /wado/ verdadeiro
se'saro /se'sado/ unicamente	tiro /tido/ perto de
niki /dīki/ um/um	mehe /bēhe/ não
maa /bāa/ contraste	meha /bēha/ detrimental
noho /dōho/ como	kā'a igual a (cf. 12.9.)

Apesar de não levarem a marca do plural **-ri** como os outros nomes dependentes, não foram considerados sufixos nominais pelas razões seguintes:

♦ os sufixos referencial **-re** e especificador **-ta** aparecem sempre depois e nunca antes destes morfemas.

♦ **waro** não pode ser contaminado por um radical nominal intrinsecamente nasal. (cf. 9.1.).

♦ **di'akīhi** começa pelo fone [d] (cf. 9.1.).

♦ **noho** e **niki** começam pelo fone [n] (cf. 9.1.).

♦ a partir de **me'ra com**, forma-se **me'rakīhi** *companheiro*, **me'rakōho** *companheira* e **me'rakāharā** *companheiros*, com os sufixos de derivação tipicamente nominais **-kīhi**, **-kōho** e **-kāharā** *proveniência* (cf. 14.3.): isso sugere uma origem nominal para **me'ra**.

♦ **marikā** e **pūrikā** parecem-se formalmente com verbos nominalizados (**māri** /mādi/ *não estar*, **pūri** /pūdi/ *verbo enfático* e **-kā** *implicativo/câmbio de sujeito*). **se'saro** parece-se com o verbo **se'sā** *abranger*, nominalizado pelo sufixo **-ró** /-do/ *nom.lugar*.

♦ **kē'ra**, **basi**, **tiro**, **mehe** e **meha** têm um tamanho fonológico grande demais para ser sufixos.

♦ **maa** e **pe'e** poderiam ser interpretados como sufixos ou como nomes dependentes. Usando o "metacritério" exposto em 4.4./9°, consideraremos-los como nomes dependentes.

Nota-se que, usando o mesmo metacritério, a marca nominal **-pi** *focalizador* deveria ser também interpretada como nome dependente e não como sufixo nominal (como foi considerada em 8.10.).

A maioria destas "posposições" são tonalmente regulares. Com uma raiz nominal de melodia ascendente, obedecem à regra de deslocamento tonal quando não forem laringalizados. As poucas irregularidades serão mencionadas na descrição separada de cada um destes morfemas.

9.4. O instrumental me'ra

O morfema **me'ra** /bē'da/ *com* funciona basicamente como instrumental [instrumento, transporte,...(356,357,358,359,360)] ou como comitativo (361):

(356) **di'pīhi me'ra diteámo**
/di'í-pīhi+bē'da ditē - a - bō /
faca + com cortar-p.rec.vist.3+fsg
(*ela*) o cortou com faca

(357) **yukīsi me'ra wa'aámi**
/yukī=si+bē'da wa'á- a - bī /
canoa + com ir -p.rec.vist.3-fsg
(*ele*) foi de canoa

(358) **akô me'ra āyuá wa'aami**
/ akô +bē'da āyú-a+ wa'a - a-bī /
remédio+ com bom +ingressivo-p.rec.vist.3-fsg
(*ele*) melhorou graças ao remédio

(359) **mari yee me'ra uúkūrā!**
/bādí+ yee+bē'da uú=kū-dā/
nós +poss+com falar -imp
vamos falar nossa língua! (*lit. com a nossa possessão*)

(360) **biâgi piráro' weeápi asisché me'ra**
/ biâ -gi pidá - do' weé - a-pi así - sehé +bē'da/
pimenta-fret murchar-impl.ms v.aux.-p.rec.vist ser quente-nom.inan.pl+com
a pimenteira está murchando por causa do calor

(361) **koô me'ra etaámi**
/koô+bē'da etâ - a-bī /
ela +com chegar-p.rec.vist.3-fsg
(*ele*) chegou com ela

A palavra **me'ra** é também muito usado com verbos nominalizados por-
ró nom.lugar (cf.11.6.), dando uma construção que se aproxima dos advérbios
de maneira da língua portuguesa:

- (362) **numiô ayuró me'ra uúkūamo**
/dūbī-o āyú- -do +bē'da uú=kū- a-bō /
mulher bom-nom.lugar+com falar -p.rec.vist.3+fsg
a mulher falou suavemente (lit. com maneira boa)

O leitor achará outros exemplos do emprego de **me'ra** no dicionário.

9.5. O aditivo kē'ra

O morfema **kē'ra** /kē'da/ também funciona como aditivo:

- (363) **mi'í kē'rare paāgiti'**
/bī'í+ kē'da -de paā -gi-ti-'/
tu +também-ref bater- fut
vou bater em você também

- (364) **Péduru kē'ra ba'á sī'rimi**
/Pedudu+kē'da ba'á + sī'di - bī /
Pedro + com comer+querer-pres.vist.3-fsg
Pedro também quer comer

kē'ra é também usado como plural de certos termos de parentesco (cf.
anexo do dicionário).

kē'ra apresenta uma irregularidade tonal: transforma a melodia alta dos
"pronomes" pessoais em melodia ascendente (como no exemplo 363). Por exemplo:

- koô** *ela* **koó kē'ra** /koô+kē'da/ *ela também*
naâ /dāâ/ *elas, elas* **naá kē'ra** /dāâ+kē'da/ *elas, elas também*
marí /bādí/ *nós* **marí kē'ra** /bādí+kē'da/ *nós também*

No entanto, esta irregularidade pode ser interpretada como instabilidade
tonal das raízes pessoais (e anafóricas):

- yi'í** / **yi'í** *eu* **koô** / **koó** *ela* **īsá** / **īsá** *nós, etc.*

9.6. O reflexivo basi

O reflexivo **basi**, **basi** ou **basu** *próprio* funciona como a palavra inglesa
self ou latina **ipse**. O elemento nominal que **basi** acompanha pode funcionar como
sujeito ou como objeto. Podemos traduzi-lo por: "por si", "em (própria) pessoa":

- (365) **sope basi pāriápi**
/sopé+basi pādī-a- pi /
porta+próprio abrir-se-p.rec.vist.outras pessoas
a porta abriu-se por si mesmo

- (366) **yi'í basita a'toré da'reápi**
/yi'í+ basi -ta a'tó-de da'dê - a-pi /
eu +próprio-esp isto-ref fabricar-p.rec.vist.outras pessoas
eu em própria pessoa mesmo (e não outro) fabriquei isto

Funciona também como reflexivo:

- (367) **kīī basi wēheámi**
/kīī+ basi wēhé - a-bī /
ele+próprio matar-p.rec.vist.3-fsg
(ele) se matou (ou, conforme o contexto: *ele em própria pessoa o matou*)

- (368) **semê basi pīkôro ba'âmi**
/sēbê+ basi pīkô-do ba'â - bī /
paca+própria cauda comer-pres.vist.3-fsg
a paca se come a cauda

9.7. Os restritivos di'akīhi e se'saro

Os morfemas **di'akīhi**, **di'ta** *somente* (*unicamente, apenas*) e **se'saro**
/se'sa-do/ *somente* (*unicamente, exclusivamente*) têm um significado restritivo:

- (369) **wa'í ni'kí di'akīhi ba'aápi**
/wa'í dī'k í+di'a-kīhi ba'â - a - pi /
peixe um + apenas comer-p.rec.vist.
comi apenas um peixe

- (370) **wi'magó me'ra di'akīhi a'tiámi**
/wī'bá-gó+bē'da+di'a-kīhi a'ti- a-bī /
menina + com +somente vir-p.rec.vist.3-fsg
(ele) veio somente com a menina

- (371) **koô se'saro wa'aámo**
/koô+ se'sá-do wa'â- a-bō /
ela + somente ir -p.rec.vist.3+fsg
somente ela foi

9.8. O distributivo **niki**

O distributivo **niki**/diki/ *um por um* exige, pelo seu semantismo particular, que o nome ao qual ele se refere seja um plural:

(372) **imia niki su'ti yē'cáma**

/ĩbí -a+ diki su'ti yē'ê - a-bã /
homem-pl+um/um roupas receber-p.rec.vist.3pl
cada homem recebeu roupas (lit. os homens, um por um, receberam roupas)

(373) **yamĩri niki utigó niíamo**

/yābĩ-ri+ diki uti - gó dī- a-bõ /
noite-pl+um/um chorar-nom.+fsg ser-p.rec.vist.3+fsg
(ela) costuma chorar todas as noites

(374) **mi'ĩ iá'ke niki po'ká kiogísa'**

/bĩ'ĩ iá - 'ke + diki po'ká kió-gi-sa-? /
tu querer-nom.inan.pl.perf+um/um farinha ter- fut
(você) terá toda a farinha que você quer

9.9. O contraste **maa**

9.9.1. O morfema **maa** /bãa/ *contraste* é muito usado. Expressa que, para a entidade à qual se refere o elemento nominal associado a **maa**, em contraste com as outras entidades, tal situação é verificada. Podemos traduzi-lo por: "**para X, em contraste com** as outras entidades, tal situação é verificada". Por exemplo:

(375) **o'ôtikā'ya, naá maa!**

/o'ô- ti -kã'- ya dāā+ bãa /
dar-neg-ass-imp eles+contraste
não dê (isso) para eles! (mas dê-o para outras pessoas!)

(376) **Péduru, yi'ĩ maa, yahasehé pihagi niĩmi**

/Pédudu yi'ĩ+ bãa /
Pedro eu +contraste
yahá - sehé +piha- gí dī- bĩ /
roubar-nom.inan.pl+verb-nom.-fsg ser-pres.vist.3-fsg
para mim, Pedro é um ladrão (é o meu ver, os outros podem pensar outra coisa de Pedro)

(377) **koó maa mehêkã ko'têmiapi**

/koô+ bãa bēhê-kã ko'tê - bĩ - a-pi /
ela +contraste diferente esperar-frust-p.rec.vist.outras pessoas
(eu) esperava outra coisa dela (dela, esperava um comportamento diferente)

(378) **ni'kaá maa u'asomé**

/dĩ'ká-a+ bãa u'á -so-bē /
hoje +contraste tomar banho-fut.neg
hoje, não vou tomar banho (em contraste com os outros dias)

(379) **ĩsá maa ā'ri yeēmi**

/ĩsá+ bãa ā'dí yeē - bĩ /
nós+contraste este ser brincalhão-pres.vist
do nosso grupo, este é o brincalhão

(380) **teé maa yi'tisomé**

/teé+ bãa yi'ti -so-bē /
ana+contraste responder-fut.neg
desta aí (desta calúnia), não vou responder

O contraste pode efetuar-se entre pessoas (375,376,377,379), entre coisas concretas ou abstratas (380), entre tempos (378) ou lugares:

(381) **toó maa chātiwi**

/toó+ bãa ehâ - ti - wi /
ana+contraste chegar-neg-p.cad.vist.outras pessoas
naquele lugar que mencionamos, não cheguei (mas em outros, sim)

Este morfema contrastivo tem um uso muito produtivo com o sufixo **-ká** *implicativo/câmbio sujeito* (cf. capítulo 10). Neste caso, a combinação **-ká maa** indica a condição necessária para que a situação a qual se refere o verbo da oração principal se realize. Por exemplo:

(382) **akôro pehâtikã, maa wa'âgiti'**

/akô-do pehâ- ti - ká + bãa wa'â-gi-ti-? /
chuva cair-neg-impl.cs+contraste ir - fut
irei se não chover

(383) **yi'ĩ ĩ'yaká maa,...**

/yi'ĩ ĩ'yâ- ká + bãa /
eu ver -impl.cs+contraste
ao meu ver,... (lit. eu vendo,...)

O contraste **maa**, como o sufixo referencial **-re** (cf. 8.12.), **nunca aparece com um elemento nominal em função sujeito.**

O contraste **maa** é incompatível com os sufixos nominais **-re referencial** e **-ta especificador**, com **kē'ra** também, **waro** verdadeiro e **pūrikā** no entanto. É compatível com **me'ra** com e **pe'e** câmbio:

(384) **Péduru me'ra maa tohō niikā'ro' weewí!**

/Pédudu+bē'da+ bāa tohō dīi-kā'- do' weé - wī /
Pedro + com + contraste assim ser-ass-impl.ms v.aux.-p.cad.vist
é assim (mesmo) com Pedro!

(385) **yi'ĩ pako pe'e maa wa'ĩkōho maki niĩ'**

/yi'ĩ+pako+ pe'e + bāa wa'ĩ-kōho +bāki dīi- ' /
eu + mãe+câmbio+contraste mulher piratapuia+filho ser-pres.vist
por parte de minha mãe, sou filho de mulher piratapuia (o falante
tinha acabado de dizer que era filho de homem ye'pā-masi)

9.9.2. O contraste **maa** é tonalmente irregular: à maneira dos sufixos e lexemas dependentes laringalizados, nunca captura o tom flutuante do nome de melodia ascendente que o precede (cf. exemplos 380, 381). Em outras palavras, é sempre fonologicamente átono. Além disso, transforma a melodia alta dos "pronomes pessoais" em melodia ascendente (cf. exemplos 375, 376, 377, 379), comportando-se assim como o aditivo **kē'ra** (cf. 9.5.).

9.10. A comparação noho

A comparação **noho/dōho/ tipo, como, igual** a serve para introduzir uma comparação:

(386) **a'te nohó niĩ'**

/ a'té +dōho dīi- ' /
estas coisas+como ser-pres.vist outras pessoas
é igual a estas coisas

(387) **yi'ĩre tee nohó marí'**

/yi'ĩ-de teé+dōho bādí - ' /
eu-ref ana+como não estar-pres.vist.outras pessoas
eu não tenho daquelas coisas (lit. para mim, coisas como aquelas
coisas não estão)

(388) **koô yē'e nohóre ba'āti?**

/koô yē'é +dōho-de ba'á - ti /
ela que ser+ tipo -ref comer-pres.vist.int
que tipo de comida ela come? (lit. tipo que ser ela come?)

(389) **marí nohore āpí doke miháwī**

/bādí+dōho-de āpí doké+ bīha - wī /
nós+como-ref alguém jogar+repetidamente-p.cad.vist.3-fsg
sempre há alguém que joga (pedra) em gente como nós

(390) **pīrō nohore ba'á no'oya mariwí**

/pīdō+dōho-de ba'á + dō'o-ya bādí- wī /
cobra+ tipo -ref comer+passivo-? não -p.cad.vist. outras pessoas
não se come animal tipo cobra

O morfema de comparação **noho** é muito usado:

♦ com os interrogativos **yē'é?** *que ser inanimado?*, **yamí?** *que ser animado?*, **dīi...?** *qual...?*, etc. [cf. (388)]

♦ com os demonstrativos e o anafórico, nos exemplos (386,387) e:

(391) **a'ti nohó wí'i**

/a'tí+dōho+wi'i/
este+como +casa
casa deste tipo

♦ com um sufixo nominalizador:

(392) **mi'ĩ āyuró da'ragí noho niĩgi',...**

/bĩ'ĩ āyú-dó da'dá - gí +dōho dīi- gi' /
tu bem trabalhar-nom.-fsg+tipo ser-impl.ms
se você fosse do tipo bom trabalhador (do tipo que trabalha bem),...

(393) **ba'aró noho maa, apêmi**

/ba'á - dó +dōho+ bāa apê - bī /
comer-nom.lugar+como+contraste brincar-pres.vist.3-fsg
(ele) brinca em vez de comer

♦ em certas expressões, como: **ni'kâro noho** de igual maneira, **apêye noho** alguma coisa, etc.

♦ para formar o comparativo de igualdade ou para formular uma comparação entre duas entidades:

(394) **Péduru Páuru weeróroho butími**

/Pédudu Páudu weé - dó -dōho butí - bī /
Pedro Paulo fazer-nom.lugar-come ser branco-pres.vist
Pedro é (tão) branco como Paulo

(395) **yamá weeróroho omá'kã'ami**
/yãbã weé - dó - doho õbã - 'kã - a' - a-bĩ /
veado fazer-nom.lugar-como correr- -C>-p.rec.vist
(ele) foi correndo como um veado

(396) **a'té opê weeró noho niĩ'**
/a'té opê weé - dó + dõho dĩĩ - ' /
isto breu fazer-nom.lugar+como ser-pres.vist
isto é (escuro) como breu

(397) **yamiákã weegíti' koô weé'karorohota**
/yãbĩ-akã weé - gi-ti - ' koô weé - 'ka-do - doho- ta/
amanhã fazer- fut ela fazer-nom.lugar.perf-como-esp
vou fazer amanhã exatamente como ela fez

Nestes casos, **noho** perde freqüentemente a sua nasalização quando se sufixa a um verbo nominalizado por **-ró nom.lugar** (ou **-'ka-ro** no passado), dando então a forma **-roho**, que - como o sufixo aumentativo que lhe é homófono (cf.8.8.) - não pode ser contaminada por uma raiz nasal. O uso de **noho** [nõhõ] ou **-roho** [rõhõ] depende do locutor. O verbo nominalizado é geralmente **weé** fazer, os exemplos precedentes sendo melhor traduzidos por: "como faz Paulo", "como faz um veado", "como faz o breu", etc. O uso do especificador **-ta** nas comparações é comentado em 8.11.

No lugar de **weé**, pode ser usado qualquer outro verbo nominalizado apropriado:

(398) **yiĩ niiróroho niĩya!**
/yiĩ dĩĩ - dó - doho dĩĩ - ya/
eu dizer-nom.lugar-como dizer-imp
diga como eu (digo)!

(399) **meká da'rarórohota marĩ da'raró iá'**
/bẽká da'dá - dó - doho-ta bãdí da'dá- dó iá - ' /
maniuara trabalhar-nom.lugar-como-esp nós trabalhar-nom.lugar querer-pres.vist
nós devemos trabalhar como (trabalham) as formigas maniuaras
(a respeito da expressão do "dever" com o verbo **iá** querer, cf. 11.6.)

9.11. O câmbio de referência pe'e

O câmbio de referência **pe'e câmbio** tem um funcionamento delicado. Em geral, expressa um contraste ou uma mudança de referência entre nomes

que têm a mesma função gramatical (sujeito, objeto, complemento de lugar,...). Nenhuma das traduções seguintes: "por outra parte", "de outro lado", "em câmbio", "quanto a", "e" nos parece inteiramente satisfatória.

Exemplos do uso de **pe'e câmbio** com sujeito:

(400) **ã'ri masí uumí, si'í pe'e uutími**
/ã'dí bãsã-gi uú - bĩ si'í + pe'e uú - ti - bĩ /
este homem falar-pres.vist aquele+câmbio falar-neg-pres.vist
este homem fala, e aquele não (fala)

(401) **miĩ pe'e a'tiá!**
/bĩĩ+ pe'e a'ti - a /
tu +câmbio vir-imp
venha, você! (e não o teu companheiro)

(402) **Péduru pe'e?**
/Pédudu+ pe'e /
Pedro +câmbio
e Pedro? (depois do interlocutor ter explicado o que fez Paulo)

Exemplos de **pe'e câmbio** com objeto:

(403) **yẽ'e nohó pe'ere iagísari baa?... ohô pe'ere?... meré pe'ere?**
/yẽ'ẽ+dõho+ pe'e -de iá -gi-sa-di+ baa ohô +pe'e -de bẽdẽ + pe'e -de/
o que?+como+câmbio-ref querer-fut-int+dúvida banana+câmbio-ref ingã+câmbio+ref
o que será que vou querer?... banana?... ingã?

(404) **yiĩ pe'ere iayá, ã'ria' yã'agí bahúkã'mi!**
/yiĩ+ pe'e -de iá -ya ã'dí -a' yã'ã- gi bahun -kã- bĩ /
eu+câmbio-ref querer-imp este-dest feio-nom.-fsg aparecer-ass-pres.vist
goste de mim (em vez de gostar deste), que este tem aparência feia!

Exemplos de **pe'e** com complemento de lugar:

(405) **sõ'ó pe'e basã'kã'ya!**
/sõ'ó+ pe'e basã - 'kã - a'-ya/
lá +câmbio dançar- -C>-imp
vá/vão dançando para lá! (e não para outra direção!)

(406) **a'ti ma'a wa'ã boo'ki, a'ti ma'a pe'e wa'ãya!**
/a'ti+ bã'a wa'ã+ boo - 'ki a'ti+ bã'a + pe'e wa'ã-ya/
este+caminho ir+potencial-nom.-fsg.perf este+caminho+câmbio ir-imp
em vez de ir por este caminho, vá por este!
[cf. também exemplo (385) com o contraste **maa**]

O morfema **pe'e** aparece também frequentemente numa construção que restringe o dito do verbo precedente. Neste caso, **pe'e** acompanha um verbo marcado por sufixos implicativos/mesmo sujeito:

- (407) **ā'ri wi'magí bu'eámi, bu'êgi' pe'e... mehô masítiami**
/ā'dí wī'bá-gi bu'ê - a-bī bu'ê - gi' + pe'e bēhō bāsī - ti - a-bī /
este menino estudar-p.rec.vist estudar-impl.ms+câmbio antes saber-neg-p.rec.vist
este menino, por estudar, ele estuda, mas... não sabe (lit. este menino estuda, mas estudando...não sabe)

9.12. A palavra adversativa **pūrikā**

A palavra adversativa **pūrikā**/pūdikā/ *no entanto* (talvez de: **pūri**/pūdi/ verbo enfático + **-ká impl.cs**) expressa também uma idéia de contraste entre duas orações, sempre traduzível por "contrariamente ao que se pensa, se diz ou se espera", "contra todas as expectativas", "pelo contrário", ou - muitas vezes - por "porém", "no entanto":

- (408) **marí pūrikā iri yapá miha chákā'rā!**
/bādī+ pūdikā īd í+yapa bīhá+ eha -ká'-dā/
nós +no entanto serra+topo subir+ir até-ass-imp
nós, porém, vamos chegar sim até o topo da serra subindo!
(contrariamente aos outros que fracassaram)

- (409) **a'tigo pūrikā koô makoré eká tí'satimo**
/ a'tí-do + pūdikā koô bākó-de eká + tí'sa - ti - bō /
esta mulher+no entanto ela filha-ref alimentar+parece que-neg-pres.vist
parece que esta mulher, tão incrível que pareça, não alimenta a filha dela

- (410) **pa'í akô kioámi; tee pūrikā āyusehé niíápi**
/pa'í akô kió- a-bī teé+ pūdikā āyú- sehé dīi- a-pi /
pai remédio ter-p.rec.vist ana+no entanto bom-nom.inan.pl ser-p.rec.vist
o pai tem remédios; aqueles sim são bons (contrariamente aos remédios do hospital)

- (411) **yi'í pūrikā neê bopétiasi**
/yi'í+ pūdikā dēē bopê - ti - a-si /
eu+no entanto nem quebrar-neg-p.rec.sent
eu, contrariamente ao que vocês estão dizendo, nem o quebrei

- (412) **sō'kôro pūrikā īsā weetisa'**
/sō'kô-do+ pūdikā īsā weé- ti - sa - ' /
ralo +no entanto nós fazer-neg-pres.sent
no entanto, nós não fazemos ralos (depois de ter enumerado tudo o que os falantes sabem fazer:bancos, remos,...)

O elemento nominal que precede **pūrikā** pode ter qualquer função gramatical (sujeito, objeto, complemento de lugar,...).

A palavra adversativa **pūrikā** é de uso muito produtivo com a anáfora **toó** ou **tii**, dando as expressões **toó pūrikā** ou **tii pūrikā** *então*:

- (413) - **yi'í ihá boâgo' weé'sa' - tii pūrikā, wa'í wehegi' wa'ágití'**
/yi'í ihá boâ -go' weé - sa-' tii-ta+pūdikā wa'í wehé - gi' wa'á-gi-ti-'/
eu fome morrer-impl.ms v.aux.-pres.sent então peixe pescar -fsg ir - fut
- eu estou morrendo de fome - então, vou pescar (peixe) (marido respondendo à esposa)

- (414) - **wa'í niiti - nií we'e'! - toó pūrikā, ba'á we'e'**
/wa'í dīi- ti dīi+we'e- ' toó+pūdikā ba'á+we'e- ' /
peixe ser-pres.vist.int ser + neg -pres.vist então comer+ neg-pres.vist
- é peixe? - não (é)! - então, não como

9.13. A palavra dependente **marikā**

Não temos certeza de como funciona a palavra dependente **marikā** / bādikā/ pois (talvez: **marí** /bādī/ *não estar* + **-ká impl.cs**). Na maioria dos exemplos do nosso corpus, parece ter um valor **justificativo**, a oração com **marikā** justificando a idéia contida em outra oração. Podemos tentar traduzi-la por "pois", "que", "afinal", "por exemplo", "diga-se a propósito", "não é que":

- (415) **te'á, apêrā, sī'í marikā apêmi!**
/ te'á apê -dā sī'í +bādikā apê - bī /
vamos! brincar-imp aquele+ pois brincar-pres.vist
vamos brincar, que aquele brinca!

- (416) **bu'êya, yi'í maki marikā āyuró bu'eámi!**
/ bu'ê -ya yi'í+bāki +bādikā āyú-dó bu'ê - a-bī /
estudar-imp eu+filho+ pois bem estudar-p.rec.vist
estude, que meu filho estuda bem!

- (417) **da'rá ni'isa!, sī'i marikā da'rági'ta apêye noho kiomi**
 /da'dá + dī'i-sa sī'i+ bādikā da'dá - gi' -ta apê-ye+dōho kió-bī /
 trabalhar+imp.distância aquele+pois trabalhar-impl.ms-esp coisas ter-pres.vist
vá trabalhar!, aquele, por exemplo, tem coisas por ele trabalhar

- (418) **"...", niwā naā marikā**
 /dīi - wā dāā+bādikā/
 dizer-p.cad.vist eles+ pois
 "...", *eles dizem também (o falante lembra o que os outros disseram de fazer, para justificar o que ele mesmo está fazendo)*

9.14. A palavra dependente waro

A palavra dependente **waro/wado/** ou **waaro/waado/** verdadeiro é muito usada. Como **-ta** especificador, funciona como palavra identificadora. No entanto, à diferença deste sufixo, **waro** insiste no tipo mais autêntico do conceito expresso pelo nome associado. Podemos traduzi-la por "realmente", "de verdade", "autêntico", "legítimo":

- (419) **Péduru waro niū'ki niíami**
 /Pédudu+ wado dīi - 'ki dīi- a-bī /
 Pedro+verdadeiro estar-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist
era Pedro de verdade

- (420) **wahâ-pīhi waro niū'**
 /wahâ-pīhi+ wado dīi- ' /
 remo +verdadeiro ser-pres.vist
é um remo de verdade, é um remo autêntico

- (421) **noa waáro tohō wecāti?**
 /dōá+ waado tohō weé - a -ti /
 quem+verdadeiro assim fazer-p.rec.vist-int
quem realmente fez assim?

Usa-se freqüentemente nas perguntas quando se quer saber algo sobre alguém ou algo (localização,...):

- (422) **Péduru, mi'ñ paki waro?**
 /Pédudu bīñ+paki+ wado /
 Pedro tu + pai+verdadeiro
Pedro, cadê teu pai?

- (423) **misâ waro, āyutí a'toré?**
 /bīsâ + wado āyú - ti a'tó-de/
 vocês +verdadeiro estar bem-pres.vist.int aqui-ref
e vocês, estão bem por aqui?

A palavra **waro** aparece também em numerosas expressões enfáticas, com ou sem o sufixo nominal **-ta** especificador:

- neê waro** /dêê+wado/ *no começo*
pūūro waro /pūū-do+wado/ *muito mesmo* [pūūro muito]
maatá waro /bāā=ta+wado/ *muito cedo na vida* [maatá imediatamente]
pehe waró /pehé+wado/ *muito mesmo* [pehé muito]
keoró warota /keó-dó+wado-ta/ *com a mais pura verdade* [keoró com exatidão]

9.15. A palavra dependente tiro

Exemplos com a palavra dependente **tiro** /tido/ perto de:

- (424) **diāyi wi'i tiró kārimí**
 /diāyi wi'i+tido kādí - bī /
 cachorro casa+perto dormir-pres.vist
o cachorro dorme perto da casa

- (425) **Péduru tiro peêru sī'rirá a'tíma**
 /Pédudu+ tido peêdu sī'dí-dā a'tí- bā /
 Pedro+perto caxiri beber-pl vir -pres.vist.3pl
(eles) vêm beber caxiri em casa de Pedro (lit. perto de Pedro)

9.16. O negativo nominal mehe

O negativo nominal **mehe** /bêhe/ não é geralmente seguido pelo sufixo especificador **-ta**, que reforça a negação:

- (426) **ā'rí doê meheta niūmi**
 /ā'dí doê +bêhe-ta dīi- bī /
 este traira+não-esp ser-pres.vist
este nao e traira

- (427) **do'átigi' meheta weesari?**
 /do'a=ti- gi' +bêhe-ta weé - sa -di/
 doente -impl.ms+não-esp v.aux.-pres.sent-int
voçê não está doente?

Este negativo nominal é muito usado na construção analítica (427) e em várias expressões. Por exemplo:

sahâtiro meheta /sohâ-ti-dó+bêhe-ta/ *com muita força (lit. não suavemente)*

[**sahâtiro suavemente**]

kâ'ro mehéta /kâ'dó+bêhe-ta/ *demais (lit. não pouco)* [**kâ'ró pouco**]

9.17. O detrimental meha¹

O detrimental tem várias formas:

meha /bêha/ *inan.pl* **meharo** /bêha-do/ *inan.sg*
mihi /bêha-gi/ *an.-fsg* **meho** /bêha-go/ *an.+fsg* **meharâ** /bêha-dâ/ *an.pl*

Esta palavra dependente expressa que o elemento nominal associado é morto, doente, acidentado ou - para um ser inanimado - simplesmente deteriorado:

Péduru mihi /Pédu-du+bêha-gi/ *o finado Pedro, o coitado do Pedro*

Baria meho /Badía+bêha-go/ *a finada Maria*

weko mihi /wekó+bêha-gi/ *o coitado do papagaio* [**wekó papagaio**]

naâ meharâ /dââ+bêha-dâ/ *elas, os finados* [**naâ** /dââ/ *elas, elas*]

Outro exemplo:

(428) **yi'ŋ pako maki yaa makáre, wi'sêri meha di'ta niiápi**

/yi'ŋ+pako+bâka-gi yaá+ bâka -de wi'sê-di+bêha+di'ta dŋi - a-pi /
 eu + primo poss+povoado-ref casa -pl + det +somente estar-p.rec.vist
no povoado de meu primo, só há casas deterioradas

O detrimental é também de emprego muito produtivo como depreciativo:

(429) **i'yaápa, mi'ŋ mihi!**

/i'yâ-a-pa bŋi'ŋ+bêha-gi/
 olhar-imp tu + det
cuide disso, seu molenga! (lit. cuide em olhar...)

(430) **yi'ŋ kô'â'ko meho niŋmo, mi'ŋ nimo!**

/yi'ŋ+ kô'â - 'ko +bêha-go dŋi- bô bŋi'ŋ+dŋbo /
 eu +largar-nom.+fsg.perf+ det ser-pres.vist tu +esposa
é aquela mulher que larguei, tua esposa! (irônico e depreciativo)

NOTA

1. cf. **mehá** velho, usado.

Capítulo 10

DEVERBAIS (I)

Neste capítulo, estudaremos um sistema de sufixos deverbais (sufixos que permitem formar nomes a partir de verbos) expressando que a situação à qual se refere o verbo sufixado por eles **implica** a situação à qual se refere o verbo da oração principal (cf.4.5/13°). Conforme os sujeitos das orações implicativa e principal serem ou não idênticos, estes **sufixos implicativos** têm formas diferentes. Por exemplo, compare:

(431) **a'toré da'rági' duú'**

/a'tó-de da'dá - gi' duú - ' /
 isto-ref trabalhar-impl.ms comprar-pres.vist
compro isto porque trabalho

(432) **akôro pehaká wa'âtiapi**

/akô-do pehá- ká wa'â- ti - a-pi /
 chuva cair-impl.cs ir -neg-p.rec.vist
não fui por causa da chuva (lit. porque a chuva caiu)

Em (431), os controladores de referencialidade (sujeitos) das orações implicativa ("trabalho") e principal ("compro") são idênticos: por eu trabalhar, eu compro. Portanto, emprega-se o **sufixo implicativo/mesmo sujeito -gi'**. Em (432), os controladores de referencialidade das orações implicativa ("a chuva caiu") e principal ("não fui") são diferentes: por a chuva ter caído, eu não fui. Portanto, emprega-se o **sufixo implicativo/câmbio de sujeito -ká**.

Estes sufixos implicativos sensíveis formalmente à conservação ou ao câmbio de sujeito entre as orações ("switch-reference") entram em construções muito produtivas e variadas, traduzíveis freqüentemente por um gerúndio:

(431) trabalhando, compro isso"

(432) "chovendo, não fui"

No entanto, os sufixos implicativos não levam necessariamente um significado de simultaneidade como o gerúndio da língua portuguesa. A relação lógica é sempre de causa a efeito.

A oração implicativa pode preceder ou seguir a oração principal. O verbo da oração implicativa não faz distinção de tempo e modalidade.

Estudaremos as formas implicativas e as suas particularidades tonais em 10.1. enquanto passaremos em revista o funcionamento destes sufixos em 10.2. Outros empregos especialmente importantes dos sufixos implicativos (causativo, construção analítica, etc.) serão descritos em 10.3-5.

10.1. As formas

Conforme a identidade ou a não-identidade dos sujeitos de uma oração e da sua oração implicativa associada, temos os sufixos implicativos seguintes:

Mesmo sujeito: -gi' -fsg/an -go' +fsg/an -rã' /-dã' / pl/an -ro' /-do' / inan

Sujeito diferente: -ká

As formas do quadro acima exigem vários esclarecimentos:

1. As formas **implicativas/mesmo sujeito** são laringalizadas. São tonalmente regulares: nunca capturam o tom das raízes verbais ascendentes, bloqueando o deslocamento tonal (cf.3.4.). Por exemplo:

da'rá /da'dá/ trabalhar → da'rági' trabalhando (não-feminino singular)
 → da'rágo' trabalhando (feminino singular)
 → da'rará' trabalhando (plural/animado)
 → da'ráro' funcionando (inanimado: motor, ...)

Estes sufixos são formas laringalizadas dos sufixos de gênero/número estudados em 6.8., o que sugere a segmentação seguinte:

- ' -gi' -fsg/an - ' -go' +fsg/an - ' -rã' /-'dã' / pl/an - ' -ro' /-'do' / inan

Esta segmentação justifica-se pela regra seguinte: quando um lexema começando por uma vogal laringalizada (precedida ou não por uma consoante sonora) torna-se dependente ou sufixo, esta vogal inicial laringalizada (junto com a consoante sonora que a precede) apaga-se sem que a sua laringalização desapareça. Esta laringalização propaga-se para a 2ª vogal do morfema se não

houver uma consoante surda (como no último dos exemplos a seguir) para bloquear o deslocamento:

ĩ'yá ver > yã'a experimentar (um fazer)
 a'mâ /ã'bâ/ procurar > ma'a /bã'a/ procurar (fazendo algo)
 wa'á ir > -a' centrifugo
 nu'ku /dũ'ku/ (fazer) sempre > -'kũ durativo

(nos 2 primeiros exemplos, a 2ª mora do lexema foi repetida como consequência da regra geral de reajustamento bimoraico).

O que sugere as formas reconstruídas seguintes:

*-(C_{sonora})V'-gi' *-(C_{sonora})V'-go' *-(C_{sonora})V'-rã' *-(C_{sonora})V'-ro'

com:

-gi, -go, -rã, -ro: sufixos de gênero e número;

e o morfema *-(C_{sonora})V' cuja forma exata é desconhecida, apesar de ser provavelmente um morfema enfático (talvez o sufixo causativo -rē' /-dē' / (cf.14.1.), o verbo dependente ni'ĩ /dĩ'ĩ/ continuar a (fazer algo), ou o verbo dependente yi'ri /yĩ'dĩ/ (fazer algo) demais).

2. A forma única **implicativa/câmbio de sujeito** é -ká. É tonalmente irregular: captura o tom de qualquer raiz verbal, ascendente ou alta, quando for adjacente a esta. Por exemplo:

uĩ ter medo → uiká /uĩ-ká/ tendo medo
 da'rá /da'dá/ trabalhar → da'raká /da'dá-ká/ trabalhando

Quando não for adjacente à raiz verbal, ou com qualquer radical verbal, o comportamento tonal de -ká é regular. Com o sufixo verbal negativo -ti:

uítikā /uĩ-ti-kā/ não tendo medo
 da'ratikā /da'dá-ti-kā/ não trabalhando

Isso sugere que o sufixo implicativo -ká deve ser também segmentado em:

- kã < *-V₁-kã

onde o morfema -V₁ seria o deverbais básico da língua ye'pâ-masa (o sufixo -a, cf. 11.2.) e o morfema -kã teria um significado implicativo.

3. Todos os sufixos implicativos são sufixos nominalizadores: transformam um verbo em nome. Isto parece comprovado pelo fato de que podem ser seguidos por alguns sufixos tipicamente nominais (-ta especificador, -pi focalizador, -re referencial) ou por certos nomes dependentes (maa contraste, etc.). Exemplos deste tipo de sufixação serão dados nos subcapítulos seguintes.

10.2. O funcionamento dos implicativos

Os sufixos implicativos expressam sempre uma relação lógica implicativa. O quadro seguinte, tirado do trabalho de Wisemann & Mattos (1980, p.135), resume perfeitamente o funcionamento dos implicativos:

RELAÇÕES LÓGICAS IMPLICATIVAS

1. Expectativa
 - **razão, causa:** não A, visto que B; A, conseqüentemente B
 - **propósito:** A, a fim de que B (subordinadas finais)
2. **Condição** se A, então B
3. **Contrafato** se A, então B, mas na realidade nem A nem B
4. Contra-expectativa
 - **antitética:** A, porém não B
 - **concessiva:** mesmo que A, B; mesmo que A, ainda não B

10.2.1. Os sufixos implicativos expressam normalmente a **causa** ou a **razão**. Daremos alguns exemplos deste emprego extremamente produtivo. Com o mesmo sujeito:

- (433) **wa'ĩ mi'ĩ o'õo'karãre yē'êgo', e'katiá wa'aamo**
 /wa'ĩ bĩ'ĩ o'õ-o'- 'ka-dã -de yē'ê- go' e'ka=tí-a+ wa'a - a-bõ /
 peixes tu mandar-nom.pl.perf-ref receber-impl.ms ficar alegre+ingressivo-p.rec.vist
recebendo os peixes que você mandou, (ela) ficou alegre
- (434) **ke'ará' a'me kēáama**
 / ke'á - dā' ā'bé+kēe- a-bã /
 estar bêbado-impl.ms brigar -p.rec.vist.3pl
brigaram porque estavam bêbados
- (435) **mutúru da'ráro' así busu'**
 /būtúdu da'dá - do' así+busu- ' /
 motor funcionar-impl.ms esquentar-pres.vist.outras pessoas
funcionando, o motor esquentava
- (436) **diáyi wa'iki di'i ba'á yi'rigi' do'átiami**
 / diáyi wa'ĩ=ki+ di'ĩ ba'á + yi'di - gi' do'á=ti- a-bĩ /
 cachorro caça +carne comer+demais-impl.ms adoecer-p.rec.vist
o cachorro comeu tanta carne de animal de caça que adoeceu (lit. comendo demais carne, adoeceu)

- (437) **yē'e nohó weetigi' kari-butia wa'asa'**
 /yē'ê+dõho weé- ti - gi kadí-butí-a+ wa'a - sa-'/
 alguma coisa fazer-neg-impl.ms estar cansado+ingressivo-pres.sent
estou cansado de não fazer nada (lit. não fazendo alguma coisa,...)

- (438) **wi'magi' pakó paá'ki niigi' utími**
 /wĩ'bá-gi paká-go paá- 'ki dīi- gi' utí - bĩ /
 menino mãe bater-nom.-fsg.perf ser-impl.ms chorar-pres.vist
o menino chora porque a mãe bateu nele (lit. o menino, ele sendo que a mãe bateu, chora)

Note o uso do sufixo negativo com o implicativo **-gi'** no exemplo (437). Com sujeitos diferentes:

- (439) **yēkãgi' pūriká akô sī'riami**
 /yēkã-gi pūdĩ- kã akô sī'di - a-bĩ /
 perna doer-impl.cs remédio tomar-p.rec.vist
(ele) tomou remédio para a perna (lit. porque doía a perna)

- (440) **kari-boókã kãritiámi**
 /kadí-boo - kã kãdí - ti - a-bĩ /
 incomodar-impl.cs dormir-neg-p.rec.vist
(ele) não dormiu por causa do incômodo (lit. (X) incomodando(-o), ele...)

- (441) **ĩsã chaká masá amūkãri paaáma**
 /ĩsã ehã - kã bāsá ābū=kã-di paá - a-bã /
 nós chegar-impl.cs pessoas mão -pl bater-p.rec.vist.3pl
quando nós chegamos, as pessoas bateram palmas

- (442) **ā'ri nūmi kã mariká yi'ĩ wēri' boo'ki**
 /ā'di dīi- bĩ kã bādĩ - kã yi'ĩ wēdi + boo - 'ki /
 este ser-pres.vist ele não estar-impl.cs eu morrer+potencial-nom.-fsg.perf
este é o homem sem o qual teria morrido (lit. é este, ele não estando, eu estaria morto)

O uso de sufixos implicativos em cadeia é muito comum:

- (443) **koô tohó niiká tí'ógi',...**
 /koô tohó dīi - kã tí'ó - gi' /
 ela assim dizer-impl.cs ouvir-impl.ms
ouvindo ela dizer assim, (ele)...

(444) **marí maki wereká ti'otikā r'yâgi' paâ no'o'**

/bādī+bāka-gi wedē - ká ti'ó - ti - ká r'yâ- gi' paâ + dō'o - ' /
 nós+ filho aconselhar-impl.cs escutar-neg-impl.cs ver-impl.ms bater+passivo-pres.vist
 a gente bate em nosso filho quando vemos que não escuta os nossos
 conselhos (lit. batemos em nosso filho (nós) vendo (ele) não
 escutando (nós) aconselhando)

10.2.2. Os sufixos implicativos expressam o **propósito** numa construção copulativa com um verbo nominalizado na forma futura (cf. capítulo 11) ou com um verbo seguido pelos sufixos imperativos **-a-to** ou **-ri** (cf. 5.6④ e 5.6⑦). Este tipo de construção é um dos equivalentes das subordinadas finais da língua portuguesa (cf. também a construção analítica com os verbos de movimento orientado em 6.8.). O sufixo implicativo acompanha a cópula verbal **nīi** /dīi/ser. Com um verbo nominalizado no futuro, obtemos então uma construção esquematizada pela fórmula seguinte:

VERBO-nom.fut NII-impl.

(445) **dikîre yaaákoho nūgo' kopêre se'ê'ko nūwō**

/dikî-de yaá - a-koho dīi- go' kopê-de se'ê- 'ko dīi-wō /
 maniva-ref.enterrar-nom.+fsg.fut ser-impl.ms buraco-ref.cavar-nom.+fsg.perf ser-p.cad.vist
 (ela) tinha cavado um buraco para enterrar a maniva (lit. ela sendo
 quem enterrará a maniva)

(446) **yi'î pekâwi yē'epi kîî yesê wēheákîhi niiká**

/yi'î pekâ-wi yē'ê- a-pi kîî yesê wēhé- a-kîhi dīi- ká /
 eu espingarda pegar-p.rec.vist ele porco matar-nom.-fsg.fut ser-impl.cs
 eu peguei a espingarda para que ele mate o porco (lit. ele sendo
 quem matará...)

(447) **u'ará wa'aaráha nūgi' mi'îre ko'teápi**

/ u'á -dá wa'á- a-dáha dīi- gi' bîî-de ko'tê - a-pi /
 tomar banho-pl ir -nom.pl.fut ser-impl.ms tu-ref esperar-p.rec.vist
 (eu) te esperei para (nós) irmos tomar banho (lit. eu/nós sendo
 que iremos tomar banho...)

Note a construção do exemplo (447): como em muitas línguas que usam mecanismos de switch-reference (Austin, 1981, p.316), em ye'pâ-masa, usa-se um sufixo implicativo/mesmo sujeito quando a pessoa a quem se refere o sujeito da oração principal está incluída nas pessoas a que o sujeito da oração implicativa se refere; este sufixo implicativo/mesmo sujeito está no singular apesar do sujeito da oração implicativa ser um plural ("nós") [cf. também exemplos (152, 153, 154, 158)].

10.2.3. Os sufixos implicativos servem também para expressar todo tipo de **condição** (simples hipótese ou irreal), com ou sem o verbo dependente potencial **boo** (cf. 7.4.). Alguns exemplos:

(448) **a'ti sî'rigi', a'tigisami**

/a'ti+ sî'di - gi' a'ti-gi-sa-bî/
 vir+querer-impl.ms vir- fut
 (ele) virá se quiser (lit. querendo vir, virá)

(449) **semê wēriâ wa'agisami ba'âtigi'**

/sêbê wēdî-a+ wa'a -gi-sa-bî ba'â - ti - gi' /
 paca morrer+ingressivo- fut comer-neg-impl.ms
 a paca vai morrer se não comer

(450) **Manáore wa'âgi', yi'î akabihi maki tiro kârigiti'**

/Manáo-de wa'â- gi' yi'î+aka-bihi+bāka-gi+tido kâdî -gi-ti-'/
 Manaus-ref ir -impl.ms eu + sobrinho +perto dormir- fut
 caso for a Manaus, dormirei na casa de meu sobrinho

(451) **a'tiro weeká maa, da'rasché āyuró wa'á we'e'**

/a'ti-do weé- ká bāa da'dá - sehé āyú-dó wa'á+we'e- ' /
 assim fazer-impl.cs contraste trabalhar-nom.inan.pl bem ir +não-pres.vist
 se fizer assim, o trabalho não vai bem
 (cf. também exemplos 277, 278, 279, 280, 281)

Nota-se que, quando expressa uma condição, o sufixo implicativo **-ká** é freqüentemente seguido pelo morfema de contraste **maa** (como no último exemplo). No entanto, os sufixos implicativos/mesmo sujeito são incompatíveis com o contraste **maa**.

10.2.4. Com o sufixo verbal **-mi** /-bî/ *frustrativo*, os implicativos levam um significado de **contra-expectativa** (orações antitéticas ou concessivas, cf. discussão em 6.3.). Alguns exemplos:

(452) **maatá etâ'ki nūmigi', yukîsire kō'á wa'aasi**

/bāá-ta etâ - 'ki dīi- bî - gi' yukî=si-de kō'á + wa'a - a-si /
 cedo chegar-nom.-fsg.perf ser-frust-impl.ms barco-ref perder+ingressivo-p.rec.sent
 acabei perdendo o barco apesar de ter chegado cedo (lit. sendo
 que cheguei cedo, não deu resultado: acabei perdendo o barco)

(453) **îî!, nūmigi'ta, yi'î wa'âtiapi**

/îî dīi - bî - gi' - ta yi'î wa'â-ti - a-pi /
 sim dizer-frust-impl.ms-esp eu ir -neg-p.rec.vist
 apesar de ter dito mesmo: "sim!", eu não fui
 (cf. também exemplos 182, 183, 184, 185)

Compare os sentidos causal (454), condicional (455) e concessivo (456) do sufixo implicativo **-ká** em:

(454) **akôro pchakáta wa'átiapi**

/akô-do pehá- **ká** -ta wa'á- ti - a-pi /
chuva cair-impl.cs-esp ir -neg-p.rec.vist
por causa da chuva, não fui (lit. caindo mesmo chuva,...)

(455) **akôro pchaká maa wa'á we'e'**

/akô-do pehá- **ká** + bāa wa'á+we'e- ' /
chuva cair-impl.cs+contraste ir + não -pres.vist
se chover, não irei (lit. chovendo, em contraste com as outras situações,...)

(456) **akôro pchamikā, wa'aápi**

/akô-do pehá- bī - **ká** wa'á- a-pi /
chuva cair-frust-impl.cs ir -p.rec.vist
apesar da chuva, fui (lit. chovendo, não deu resultado: fui)

10.2.5. Às vezes, o sufixo **-ká** perde todo significado implicativo, expressando apenas uma relação temporal de simultaneidade. Por exemplo, na expressão:

de'ró niiká...? quando...? (lit. sendo que tempo...?)

[**de'ró?** /de'dó/ de que maneira?, que tempo?, **niī** /dī/ ser]

usada no exemplo:

(457) - **de'ró niiká wa'ágisari? - soorí nimi niiká wa'ágiti'**

/de'dó niī-**ká** wa'á-gi-sa-di soó - dí +dībi dī- **ká** wa'á-gi-ti-'/
quando ir -fut -int descansar-nom.inan.sg + dia ser-impl.cs ir - fut
- quando (você) irá? - irei domingo (lit. sendo dia de descanso, irei)

Mesmo sentido de simultaneidade temporal com o especificador **-ta** (cf. exemplos 318, 319 em 8.11.). Com o focalizador **-pi** (cf. 8.10.), os implicativos levam o sentido de alcance temporal:

(458) **akôro wareakápi wa'ágiti'**

/akô-do wadê-a- **ká** -pi wa'á-gi-ti-'/
chuva parar -impl.cs-foc ir - fut
irei somente quando a chuva parar
(cf. também exemplos 308, 309)

Com **maa** /bāa/ *contraste*, cf. 9.9. e exemplos (382, 383). Com os verbos dependentes **yu** *causa* e **tīha** *maneira*, cf. 7.6. Os sufixos implicativos/mesmo sujeito entram também na formação do "futuro imediato" (cf. 6.9.).

10.2.1. Não há concordância de tempo entre o enunciado implicativo e o enunciado implicado. Caso a implicativa for anterior ou posterior à implicação (exemplos 438, 445, 446, 447, 452), usa-se verbos nominalizados - respectivamente - nas formas perfectivas ou futuras (cf. capítulo 11).

10.3. O uso de **-ká** como causativo

O implicativo/câmbio de sujeito **-ká** entra na formação de uma construção causativa muito usada. O verbo da oração principal é **weé** *fazer*. A fórmula seguinte esquematiza este tipo de construção:

VERBO-ká	WEÉ-mod.temp.pess.gên.núm
----------	---------------------------

Como exemplos desta construção:

(459) **yi'ĩ wi'magóre ba'aká weé'**

/yi'ĩ wī'bá-gó- de ba'á - **ká** weé - ' /
eu menina -ref comer-impl.cs fazer-pres.vist
eu faço a menina comer, eu faço comer a menina

(460) **koóre e'katikā weeámi**

/koô-de e'ká=ti- **ká** weé - a-bī /
ela-ref ser feliz-impl.cs fazer-p.rec.vist
(ele) a alegrou (fê-la feliz: pela notícia que trouxe,...)

(461) **naāre a'tiká weeyá!**

/dāa-de a'tī- **ká** weé -ya/
eles-ref vir-impl.ms fazer-imp
faça-os vir!

O agente secundário (aquele que efetua a ação) leva geralmente o sufixo referencial **-re** /-de/. Isso pode criar ambigüidade com um verbo transitivo, o paciente deste verbo transitivo em **-ká** levando freqüentemente o mesmo sufixo **-re**. Como exemplo de ambigüidade, (459) pode significar "eu ajo de maneira tal que a menina coma" ou "eu ajo de maneira tal que alguém coma a menina".

Este tipo de construção analítica com o implicativo **-ká** e o verbo **weé** *fazer* traduz geralmente um **causativo involuntário** ou **indireto**, opondo-se assim aos sufixos causati-vos =**rē** /-dē' e =**o** (que indicam sempre uma causação direta, intencional, mani-pulativa ou voluntária, a causação implicando sempre o envolvimento físico do causador, cf. 14.1.). Compare, por exemplo, com os verbos **ĩ'yá** *ver* e **wā'ká** v.intr. *acordar*:

ĩ'yó /ĩ'yá-**o**/ *mostrar (com o dedo)*

ĩ'yaká weé /ĩ'yá-**ká** weé/ *fazer ver (chamando a atenção dos outros com um grito,...)*

wā'kó /wā'ká-o/ v.tr. *acordar (chamando, sacudindo a rede,...)*
wā'kaká weé /wā'ká-ká weé/ v.tr. *acordar involuntariamente*

Temos assim, para os três sufixos **-ká** (construção analítica), **=o** e **=rē'** (=dē') (causativos manipulativos) a escala de causação aproximada seguinte (da esquerda para a direita, a causação direta diminui):

=rē' > =o > -ká

Além disso, esta escala de causação é inversamente proporcional à escala de produtividade: **=rē'** é menos produtivo que **=o**, enquanto **-ká**, o mais produtivo de todos, permite a formação de causativos com quase todos os verbos do léxico *ye'pâ-masa*.

Outra construção causativa muito produtiva com o verbo dependente **duti mandar** (*fazer algo*) foi mencionada em 7.2. (cf. exemplo 250).

10.4. Outro emprego de -ká

O sufixo implicativo/câmbio de sujeito **-ká** tem um uso também extremamente produtivo quando o verbo da oração principal é um **verbo de percepção** ("ver", "ouvir", etc.). Alguns exemplos:

(462) **mi'ĩ bu'eká ĩ'yâmi**
 /bĩ'ĩ bu'ê - ká ĩ'yâ- bĩ /
 tu estudar-impl.cs ver-pres.vist
(ele) vê você estudar (lit. você estudando, ele vê)

(463) **naâ bu'eká ti'omí**
 /dââ bu'ê - ká ti'ó - bĩ /
 eles estudar-impl.cs ouvir-pres.vist
(ele) os ouve estudar (lit. eles estudando, ele ouve)

(464) **yi'ĩ koô do'âtikâ ti'ó yâ'asa'**
 /yi'ĩ koô do'â=ti - ká ti'ó+yâ'a- sa-' /
 eu ela estar doente-impl.cs sentir -pres.sent
eu sinto por ela estar doente

(465) **koô ba'aká ĩ'yâgi', uâ wa'amí**
 /koô ba'â - ká ĩ'yâ- gi' uâ + wa'a - bĩ /
 ela comer-impl.cs ver-impl.ms estar zangado+ingressivo-pres.vist
vendo ela comer, (ele) ficou zangado
 (no último exemplo, note o emprego concomitante do implicativo/ms -gi')
 (cf. também exemplo 443)

10.5. A construção analítica com o verbo auxiliar weé

10.5.1. Os sufixos implicativos/mesmo sujeito entram numa construção analítica extremamente produtiva com o verbo auxiliar **weé**. Além dos exemplos (50) e (51), compare:

(466) **apêmi**
 / apê - bĩ /
 brincar-pres.vist.3-fsg
(ele) brinca

com:

(467) **apêgi' weemí**
 / apê - gi' weé - bĩ /
 brincar-impl.ms v.aux.-pres.vist.3-fsg
(ele) está brincando (lit. brincando, ele age)

A construção analítica em **weé** insiste no **desenvolvimento interno da situação verbal**, o que exclui a estatividade: enquanto a construção sintética "(466) mostra a situação como um ponto temporal (pontual), a construção analítica "(467) expressa a progressão da situação, a ação em curso, como a **forma progressiva** da língua portuguesa.

A construção analítica pode ser empregada com qualquer pessoa, tempo ou modalidade. É sempre o verbo auxiliar **weé** que leva as marcas do tempo e da modalidade, o que podemos resumir pela fórmula seguinte (2 unidades tonais):

VERBO-impl.ms WEÉ-mod.temp.pess.gên.núm.

Por exemplo:

apêgo' weemó /apê-go' weé-bõ/ *(ela) está brincando*
apêrã' weemá /apê-dã' weé-bã/ *(elas, elas) estão brincando*
yi'ĩ apêgi' weé' /yi'ĩ apê-gi' weé-' / *eu estou brincando (homem falando)*
yi'ĩ apêgo' weé' /yi'ĩ apê-go' weé-' / *eu estou brincando (mulher falando)*
ĩsâ apêrã' weé' /ĩsâ apê-dã' weé-' / *nós estamos brincando*
mutúru da'ráro' weé' /bütúdu da'dá-do' weé-' / *o motor está funcionando*
apêgi' weemí /apê-gi' weé-a-bĩ/ *(ele) está/estive/estava brincando*
apêgi' weewí /apê-gi' weé-wĩ/ *(ele) estava/estive brincando (passado remoto)*
 (yi'ĩ eu, ĩsâ nós, da'rã /da'dá/ trabalhar)

No negativo, prefere-se a construção sintética:

apêtimi /apê-ti-bĩ/ *(ele) não brinca (-ti negativo)*

embora a construção analítica seja totalmente correta:

apêtigi' weemí /apê-ti-gi' weé-bĩ/ *(ele) está sem brincar*

A construção analítica pode, por sua vez, atingir um verbo de movimento orientado, precedido pelo verbo que expressa a situação a ser realizada no fim do movimento (construção analítica de movimento com finalidade, cf. 6.8.), o que podemos resumir pela fórmula seguinte (3 unidades tonais):

VERBO-gên.núm	VERBO/MOVIMENTO-impl.ms	WEÉ-
	mod.temp.pess.gên.núm	

Por exemplo:

(468) **apêgi a'tígi' weemí**
 / apê - gi a'tí- gi' weé - bĩ /
 brincar--fsg vir-impl.ms v.aux.-pres.vist
(ele) está vindo (para) brincar

Com os verbos de estado, a construção analítica tem um funcionamento um pouco diferente: insiste no desenvolvimento do processo para chegar ao estado ao qual se refere o verbo de estado. A nosso ver, este funcionamento provém do fato que a construção analítica tem uma significação progressiva que exclui toda estatividade. Exemplos com **butí** *estar maduro* e **así** *estar quente*:

ohô butí' /ohô butí-'/ *a banana está madura (ohô vegetal banana)*
ohô butíro' weé' /ohô butí-do' weé-'/ *a banana está amadurecendo*
akó asíro' weé' /akó así-do' weé-'/ *a água está esquentando (akó água)*

10.5.2. Em 5.2., descrevemos outra construção analítica utilizando os sufixos implicativos/mesmo sujeito. Com esta construção, o verbo auxiliar é **akôro** /akô-do/ ou **akâro** /akâ-do/ *perceber-se*. Por exemplo:

(469) **dasê uúgi' akôromi**
 /dasê uú - gi' akô-do - bĩ /
 tucano cantar-impl.ms perceber-se-pres.vist
ouve-se o tucano cantar

(470) **wiipihí wa'âro' weéro' akôroapi**
 /wií-pihí wa'â- do' weé - do' akô-do - a-pĩ /
 avião ir -impl.ms v.aux.-impl.ms perceber-se-p.rec.vist
ouvia-se o avião estando indo

(no último exemplo, a construção analítica em **akôro** atinge outra construção analítica em **weé**; cf. também os exemplos 92, 93, 94, 95)

10.5.3. Apresentaremos, para concluir o capítulo, duas expressões que utilizam os sufixos implicativos/mesmo sujeito:

tohô weégi' /tohô weé-gi'/ *por isso (lit. sendo assim)* (-fsg/an)
tohô weégo' /tohô weé-go'/ *por isso* (+fsg/an)
tohô weérã' /tohô weé-dã'/ *por isso* (pl/an)
tohô weéro' /tohô weé-do'/ *por isso* (inan)

e:

de'ró weégi'...? /de'dó weé-gi'/ *por que...? (lit. sendo como...?)* (-fsg/an)
de'ró weégo'...?, etc. *por que...?* (+fsg/an, etc.)
(tohô assim, de'ró? /de'dó/ como?)

Alguns exemplos:

(471) **ũyû mariápi; tohô weégi' ba'âtiasi**
 /ũyû bādĩ - a-pĩ tohô weé-gi' ba'â - ti - a-sĩ /
 abacate não estar-p.rec.vist por isso comer-neg-p.rec.sent
não havia abacate; por isso, não comi

(472) - **de'ró weégo' du'tiápari? - uiró me'ra niigo'**
 /de'dó weé-go' du'tí- a-pa - dĩ uĩ - dó +bē'da dĩ- go' /
 por que fugir-p.rec.ded-int ter medo-nom.lugar+ com ser-impl.ms
-por que (ela) fugiu? - porque estava com medo (lit. sendo com medo)

DEVERBAIS (II)

O quadro geral da página seguinte apresenta um sistema de sufixos extremamente usados. São **sufixos nominalizadores**: transformam um verbo em nome.

Conforme o sufixo escolhido na mesma coluna, o deverbais formado será **animado** (-fsg, +fsg, pl) ou **inanimado** (singular, plural, de lugar, em forma roliça, tubular, etc.). Exemplos com **bu'ê** estudar e **wi'i** casa:

bu'egí ser animado masculino singular do estudo (o que estuda, estudante)

bu'egó ser animado feminino singular do estudo (a que estuda, estudante)

bu'erá seres animados do estudo (os que estudam, estudantes)

bu'erí wi'i casa de estudo

bu'esché coisas do estudo (papéis, livros, etc.), estudo (ação)

bu'eró lugar de estudo

bu'ekihí ser retilíneo de estudo (caneta, lápis, etc.)

Conforme o sufixo escolhido na mesma linha, o deverbais formado será **simultâneo** (presente relativo), **anterior** (perfectivo, passado relativo) ou **posterior** (futuro relativo) à situação expressa pelo verbo da oração principal. A 1ª coluna (formas "simultâneas") serve também para formar deverbais habituais ou atemporais:

bu'egó a que estuda (é minha irmã); estudante (feminino)

bu'ê'ko a que estudou (é minha irmã)

bu'eáko a que estudará (é minha irmã)

	Simultâneo (presente, habitual)	Anterior (perfectivo)	Posterior (futuro relativo)
Animado/-fsg	-gí	-'ki	-akihi
Animado/+fsg	-gó	-'ko	-akoho
Animado/pl	-rá /-dá/	-'karā /-ka-dā/	-arāha /-a-dāha/
Inanimado (forma básica)	-rí + /-dí+/	-'ka +	-atihi +
Inan.pl & n-cont.	-sehé, -sé	-'ke	-atehe
Inan.lugar (locativo)	-ró /-dó/	-'karo /-'ka-do/	-atoho
Inan.forma roliça	-kahá (sg) -sehépaga (pl)	-'kaga (sg) -'kepaga (pl)	-akaha (sg) -atehepaga (pl)
Inan.forma de panela	-tíhí -sehépari /-sehé-pa-dí/	-'kari /-'ka-dí/ -'kepari /-'ke-pa-dí/	-atihi -atehepari /-a-tehe-pa-dí/
Inan. forma retilínea	-kíhí -sehépagi	-'kagi -'kepagi	-akihi -atehepagi
Inan.forma tubular e oca	-píhí -sehépawi	-'kawi -'kepawi	-apihi -atehepawi
Inan. forma de abóbada	-pahá -sehépawa	-'kawa -'kepawa	-apaha -atehepawa
Inan. forma de lago	-tahá -sehépara /-sehé-pa-da/	-'kara /-'ka-da/ -'kepara /-'ke-pa-da/	-ataha -atehepara /-a-tehe-pa-da/

Freqüentemente, estes deverbais formam o **predicado** do **equivalente** das **subordinadas** completivas, relativas ou adverbiais (de lugar, de tempo) da **língua portuguesa**. Este funcionamento dos deverbais como núcleo de subordinadas gera construções complexas e extremamente comuns (neste emprego, cf. os exemplos 45, 46 e 47 do subcapítulo 4.5.).

Neste capítulo, começaremos por descrever o funcionamento geral dos deverbais (11.1.). A tentativa de segmentação dos sufixos nominalizadores apresentada em 11.2. justifica-se, em certa parte, pela "construção comprovativa" que analisamos em 11.3. O resto do capítulo (11.4-8) expõe pormenorizadamente o funcionamento das nominalizações animadas e inanimadas (em **-rí+**, em **-ró**, em **-sehé** ou com os sufixos de forma).

11.1. O funcionamento dos deverbais

11.1.1. Os deverbais obtidos com os nominalizadores da página precedente funcionam exatamente como os outros nomes:

(473) **ba'asehé nîi'**

/ba'á - sehé dîi- ' /
comer-nom.inan.pl ser-pres.vist.outras pessoas
é comida (lit. são coisas do comer, da alimentação)

(474) **āyusehé di'tare besé'**

/āyú - sehé + di'ta -de besé - ' /
estar bonito-nom.inan.pl+somente-ref escolher-pres.vist.outras pessoas
escolho unicamente coisas bonitas (lit. coisas de estar bonito, de beleza)

A natureza nominal dos deverbais é comprovada pelos sufixos tipicamente nominais que podem segui-los. Com **da'rá** /da'dá/ *trabalhar*:

da'ragó *trabalhadeira*

da'ragóre *para a trabalhadeira* (sufixo nominal: **-re** /-de/ *referencial*)

da'ragóta *trabalhadeira mesmo* (suf. nominal: **-ta** *especificador*)

da'ragoákā *trabalhadeira pequena* (suf. nominal: **-akā** *diminutivo*), etc.

As construções **v.indep.+v.dep.** são também freqüentemente nominalizadas no esquema seguinte:

v.indep. + v.dep.-nom.

Exemplo com os verbos **da'rá** /da'dá/ *trabalhar* e **masí** /bāsi/ *saber*:

da'ragí *o que trabalha, trabalhador*

masígí *o que sabe, sabedor*

da'ra masígí /da'dá+bāsi-gí/ *o que sabe trabalhar*

11.1.2. O verbal pode desempenhar qualquer função sintática ou semântica (sujeito, objeto, instrumental,...). Em outras palavras, as formas do quadro geral não são sensíveis às funções de sujeito ou de objeto, de agente ou de paciente, etc. Por exemplo, com o verbo **da'rê** /da'dê/ *fabricar*, obtemos o verbal **da'rê'kawi** /da'dê-'kawi/ *tubo oco de fabricação anterior, tubo oco que foi fabricado (canoa feita, etc.)*, que pode funcionar como sujeito:

(475) **Péduru da'rê'kawi petâpi nîi'**

/Pédudu da'dê - 'kawi petâ-pi dîi - ' /
Pedro fabricar-nom.ftub.perf porto-foc estar-pres.vist
a canoa que Pedrou fabricou está no porto (lit. o tubo oco de ex-fabricação de Pedro...)

como objeto:

- (476) **Péduru da'rê'kawire i'yaápi**
/Pédudu da'dê - 'kawi -de i'ya- a-pi /
Pedro fabricar-nom.ftub.perf-ref ver-p.rec.vist
vi a canoa que Pedro fabricou/tinha fabricado

ou como instrumental (transporte):

- (477) **Péduru da'rê'kawi me'ra wa'aápi**
/Pédudu da'dê - 'kawi +bê'da wa'â- a-pi /
Pedro fabricar-nom.ftub.perf+ com ir -p.rec.vist
fui na canoa que Pedro fabricou

11.1.3. As diversas linhas do quadro geral indicam o gênero, o número e a forma do deverbais:

1. Exemplos com o nominalizador animado **-gí** -fsg/an (forma simultânea) e com verbos intransitivos (de ação, de processo, de posição ou de estado):

bu'ê estudar	bu'egí o ser animado masculino singular do estudar/estudo (o que estuda, o estudante)
kāri /kādí/ dormir	kārigí o ser an.não-fem.sing. do dormir (o que dorme)
omá /ōbá/ correr	omagí o ser an.não-fem.sing. do correr/ da corrida (o que corre, o corredor)
āyú estar bonito	āyugí o ser an.não-fem.sing. do estar bonito/ da beleza (o que está bonito, o bonito)

Com verbos transitivos:

ba'â comer	ba'agí o ser an.não-fem.sing do comer/da alimentação (o ser que come; o ser que é comido, o alimento animado)
i'yâ ver	i'yagí o ser an.não-fem.sing. do ver/da visão (o que vê; o que é visto)
sī'ri /sī'dí/ beber	sī'rigí o ser não-fem.sing. do beber (o que bebe, o bebedor)

Como se vê pelos exemplos acima, o deverbais animado - com os verbos transitivos - pode referir-se ao agente ou ao paciente da situação associada toda vez que o semantismo do verbo transitivo permite um paciente animado (já que o deverbais é insensível ao papel semântico). Isso se verifica com os verbos transitivos "comer", "ver", "matar", etc., o objeto da ação de comer, de ver ou de matar podendo ser animado ("comi peixes", "vi Maria", "matei um jacaré");

mas não se verifica com o verbo transitivo "beber", o objeto da ação de beber não podendo ser animado (* bebi um peixe"). Na prática, as ambigüidades criadas pelo fato de que os deverbais animados podem se referir ao agente ou ao paciente (como em português: "a pintura de Van Gogh", a feita por ele ou a dele feita por outro?) são poucas, o contexto ou a construção não deixando dúvidas sobre a identidade do deverbais.

Exemplos de deverbais animados referindo-se ao paciente do verbo transitivo associado:"

- (478) **yi'î wa'î wêhé'kire ba'âya!**
/yi'î wa'î wêhé- 'ki -de ba'â -ya/
eu peixe matar-nom.-fsg.perf-ref comer-imp
*coma o peixe que eu matei! (lit. o peixe, ser animado do ex-matar de eu) e não: *coma-me, eu que o peixe matou!*

- (479) **marí ba'agí nīmi**
/bādí ba'â - gí dīi- bī /
nós comer-nom.-fsg ser-pres.vist.3-fsg
é o alimento que nós comemos (peixe,...)

Exemplo de deverbais animado referindo-se ao agente do verbo transitivo associado:

- (480) **marí ba'ará nīi'**
/bādí ba'â - dá dīi- ' /
nós comer-nom.pl ser-pres.vist. outras pessoas
nós somos os seres que se alimentam

Exemplo de ambigüidade:

- (481) **naâ ba'ará nīma**
/dāâ ba'â - dá dīi- bā /
eles comer-nom.pl ser-pres.vist.3pl
são os alimentos que eles comem (peixes,...) ou: eles são quem se alimentam

2. Exemplos com o nominalizador inanimado básico **-rí** + /-dí+ / inan.sg., o nome inanimado contável **wi'í** casa e o nome dependente **tō'o** cacho de:

bu'ê estudar	bu'erí wi'í casa de estudo (escola,...)
kāri /kādí/ dormir	kārirí wi'í casa de dormir
āyú estar bonito	āyurí wi'í casa bonita (lit. casa de estar bonito/de beleza)
	āyurí tō'o cacho bonito (lit. cacho de beleza)
ba'â comer	ba'arí wi'í casa de comer/de alimentação (restaurante,...)

Contrariamente a todos os outros nominalizadores, os sufixos nominalizadores inanimados básicos **-rí+**, **-ka+** e **-atihi+** são **sempre e obrigatoriamente seguidos por um nome inanimado contável ou por um nome dependente singular**, que forma com o deverbais uma unidade tonal (indicada pela cruz). Em outras palavras, a construção:

VERBO-rí + NOME

é do tipo **n.indep.+n.dep.**, o deverbais tomando o lugar do nome independente, e o nome inanimado singular, o lugar do nome dependente (fonologicamente átono). A relação "casa de estudo", "casa de beleza" é absolutamente igual à relação **Complemento+Completado** evidenciada em 9.2. com os nomes dependentes.

3. Exemplos com o inanimado plural ou não-contável (abstrato) **-sehé** *inan.pl.*:

bu'ê estudar	bu'esché coisas do estudo (livros, papéis; estudo)
âyú estar bonito	âyusehé coisas de beleza (coisas bonitas; beleza)
ba'â comer	ba'asché coisas da alimentação (coisas comidas, comida; alimentação)
utí chorar	utisché coisas do choro (choros)
apê brincar	apesehé coisas do brincar (brinquedos, brincadeira)

4. Exemplos com o locativo **-ró /-dó/ lugar**:

bu'ê estudar	bu'eró lugar de estudo
kāri /kādí/ dormir	kāriró lugar de dormir

5. Exemplos com sufixos de forma:

apê brincar	apekahá ser roliço do brincar (bola,...)
ohá escrever	ohakihí ser retilíneo do escrever (caneta, lápis,...)

11.1.4. As diversas colunas do quadro geral mostram formas que expressam situações:

- ♦ **simultâneas** (presente relativo), que funcionam também como habituais ou atemporais;
- ♦ **anteriores/perfectivas** (passado relativo, participio passado);
- ♦ ou **posteriores** (futuro relativo) à **situação expressa pela oração principal.**

Exemplos de deverbais que funcionam como simultâneos (482, 483), anteriores/perfectivos (484, 485) ou posteriores (486):

(482) **do'âtigo kūyamó**

/ do'â=ti - gó kūyá - bō /
 estar doente-nom.+fsg estar deitado-pres.vist.3+fsg
a (pessoa, vaca,...) que está doente está deitada (lit. o ser an.fem.sing. da doença está deitada)

(483) **bu'egóre paaápi**

/ bu'ê - gó -de paâ - a-pi /
 estudar-nom.+fsg-ref bater-p.rec.vist
bati na mulher/menina que estava estudando

(484) **utí'kire masí'**

/ utí - 'ki -de bāsí - ' /
 chorar-nom.-fsg.perf-ref conhecer-pres.vist
conheço o (homem, rapaz) que chorou/chorava

(485) **kii oé'kere bipêgo' wecámo**

/ kii oé - 'ke -de bipê -go' weé - a-bō /
 mandioca ralar-nom.inan.pl.perf-ref espremer-impl.ms v.aux.-p.rec.vist
(ela) está espremendo a (massa de) mandioca ralada (lit. mandioca, ser não-contável do ex-ralar)

(486) **kãĩ yaá wi'i niiátoho nií'**

/kãĩ+yaa+wi'i dīi - atoho dīi- ' /
 ele+poss+casa estar-nom.lugar.futuro ser-pres.vist
é o lugar onde estará a casa dele (lit. é o lugar do futuro estar da casa dele)

Exemplos de deverbais que funcionam como habitual (487) ou atemporal (488):

(487) **bu'erá apêrâ' weemá**

/ bu'ê - dá apê - dâ' weé - bā /
 estudar-nom.pl brincar-impl.ms v.aux.-pres.vist.3pl
os estudantes estão brincando

(488) **diá-we'e wa'ĩ ba'asché nií'**

/diá+we'e wa'ĩ ba'â - sehé dīi- ' /
 jenipapo peixe comer-nom.inan.pl ser-pres.vist
jenipapo é comida de peixe (lit. é ser não-contável da alimentação do peixe)

11.1.5. Como se pode ver pelos exemplos precedentes, os deverbais foram freqüentemente traduzidos por orações subordinadas. Este é o funcionamento mais produtivo dos nominalizadores. Os deverbais formam então o **predicado** ou **núcleo verbal** de **orações relativas encaixadas na oração principal**, constituindo assim o equivalente das subordinadas **completivas** (substantivas), **relativas** (adjetivas) ou, às vezes, **adverbiais** (de lugar ou tempo) da língua portuguesa. Por exemplo:

(489) **ĩsã wesé bu'api wi'ĩ weeáthe yukí yehêrã' weeápi**

/ĩsã wesé+ bu'a -pi wi'ĩ wee- atehe yukí yehê- dã' weé - a-pi /
 nós roça+montículo-foc casa fazer-nom.inan.pl.fut madeira serrar-impl.ms v.aux.-p.rec.vist
 nós estamos serrando madeira com que faremos casa no montículo da roça
 (lit. ...madeira, ser não-contável do nosso futuro fazer de casa no montículo da roça)

(490) **koô naã basarópi wa'âmo**

/koô dãã basã - dó -pi wa'â- bõ /
 ela eles dançar-nom.lugar-foc ir -pres.vist.3+fsg
 ela vai aonde eles dançam (lit. ao lugar da dança deles)

(491) **marĩ bu'bê'ke dikĩ wihĩá wa'aapi**

/bãdi bu'bê- 'ke dikĩ wihĩ-a+ wa'a - a-pi /
 nós plantar-nom.inan.pl.perf maniva brotar+ingressivo-p.rec.vist
 as manivas que nós plantamos acabaram brotando (lit. a maniva, ser não-contável do ex-plantar por nós,...)

Em todos os casos, a relativa (deverbal funcionando como novo predicado da relativa, com os seus argumentos próprios) **encaixa-se** geralmente no lugar de um argumento verbal da oração principal, obedecendo às regras gerais sobre a ordem das palavras (cf. 16.1.④). Por exemplo:

♦ em (489), temos a oração principal: **ĩsã yukí yehêrã' weeápi** "nós estamos serrando madeira" (com a ordem não-marcada: SO_1V_1) e a oração a encaixar: **wesé bu'api wi'ĩ weerãti** "faremos casa no montículo da roça" (com a ordem: $(S)L_{ugar}O_2V_2$). Encaixando a relativa, obtivemos:

(489) $S[L_{ugar}O_2V_2-nom]O_1V_1$

♦ em (490), temos a oração principal: **koô Xpi wa'âmo** "ela vai a X" ($S_1L_{ugar}V_1$) e a oração a encaixar: **naã basãma** "eles dançam" (S_2V_2). Encaixando a relativa, obtemos:

(490) $S_1[S_2V_2-nom]V_1$

Segundo Kaye (1970, pp.103-127), os deverbais derivariam de orações relativas subjacentes. Com efeito, a tradução de muitos exemplos parece justificar esta teoria. Além disso, os deverbais têm todas as propriedades de relativas restritivas ou determinativas:

ãyú *estar bonito*

ãyugí *o ser an.não-fem.sing de beleza: o ser an. que é bonito*

ãyu-rí wi'ĩ *a casa de beleza: a casa que está bonita*

onde **-gi, -go, -rã, -ro**, o nome dependente **wi'ĩ** *casa de*, etc. seriam as cabeças nominais ("antecedente") das relativas, e **-ri**, o elemento da relativa correspondendo à cabeça nominal (cf. 11.2.).

No entanto, achamos que as construções nominalizadas não têm nada a ver com orações relativas, mas obedecem antes à mesma estrutura básica que já descrevemos com os nomes dependentes (ou seja: Complemento+Completado). Esta estrutura revelada em "cacho de bananas", ou em "torto de homem", deve ser a mesma em "ser (que está) bonito" (\leftarrow "ser de beleza") ou em "casa (que está) bonita" (\leftarrow "casa de beleza").

Como argumento suplementar, as ambigüidades mencionadas neste subcapítulo (do tipo: **ba'a-gí** *o ser an.não-fem.sing. da alimentação: o ser que come* ou: *o ser que é comido*) explicam-se naturalmente pela natureza nominal da construção (como em: "a pintura de Van Gogh"). Este tipo de ambigüidade não se explicaria tão facilmente com orações relativas.

11.1.6. Enfim, os nominalizadores permitem colocar sobre os verbos nominalizados as marcas de "harmonia de flexão" com a cabeça das locuções nominais (492, 493) ou com o sujeito das construções copulativas (494):

(492) **ĩrêga sã'akahá ba'aápi**

/ĩdê -ga sã'ã - kahá ba'ã - a-pi /
 pupunha-frol estar vermelho-nom.frol comer-p.rec.vist
 comi uma pupunha vermelha

(493) **akó asisehé me'ra...**

/akó así - sehé +bê'da/
 água estar quente-nom.inan.pl+ com
 com água quente...

(494) **wa'ĩ pahigí nĩmi**

/wa'ĩ pahĩ - gĩ dĩĩ- bĩ /
 peixe estar grande-nom.-fsg ser-pres.vist
 o peixe é grande

Em (492), por exemplo, o deverbais **sō'akahá vermelho** "concorda" com a cabeça nominal **-ga fruta (forma roliça)** do sintagma **irê-ga fruta de (vegetal) pupunha**, uma melhor tradução sendo: "comi uma fruta de pupunha, uma fruta de vermelho".

11.2. A segmentação das formas nominalizadoras

Neste subcapítulo, tentaremos segmentar os sufixos nominalizadores do quadro geral. Antes disso, algumas observações sobre o comportamento tonal deles devem ser feitas.

11.2.1. As formas anteriores/perfectivas são tonalmente regulares: a laringalização que inicia as 12 séries de sufixos anteriores bloqueia o deslocamento tonal. Em outras palavras, estas formas são, foneticamente, sempre proferidas em tom baixo. $\underline{\quad}$ indica uma laringalização da parte final da vogal terminal do radical verbal, com tom super-baixo:

apê brincar **apê'ki** /apê-'ki/ [ã ă p ẽ ẽ k ì] quem brincou
apó consertar **apó'ki** /apó-'ki/ [ã ă p õ õ k ì] quem consertou

As formas posteriores, começando todas por **-a**, comportam-se, tonalmente, como o sufixo verbal **-a passado recente** (cf.5.1.): a 1ª vogal destas formas (ou seja: **a**) forma um tom de contorno ascendente com a última vogal de qualquer raiz verbal (alta ou ascendente), ou de qualquer radical verbal ascendente. Em outras palavras, **a** captura o tom de qualquer raiz verbal ou de qualquer radical verbal ascendente (ou que inclui as raízes ascendentes com 1 sufixo).

As formas simultâneas capturam o tom de qualquer raiz verbal (formas simultâneas adjacentes às raízes). Com qualquer radical verbal (ou quando elas não forem adjacentes à raiz verbal), as formas simultâneas são proferidas em tom baixo.

Exemplos com os verbos de melodia alta **apê brincar** e **uî ter medo**; os verbos de melodia ascendente **da'rá** /da'dá/ **trabalhar** e **uî falar**; os radicais verbais **uúkū conversar** e **nara-sāá** /dāda-sāá/ **tremar**; o sufixo verbal **-ti negativo**; e os sufixos nominalizadores animados **-gó +fsg.**, **-'ko +fsg.perf** e **-akoho +fsg.fut.**

- **apegó** a que brinca **apê'ko** a que brincou **apeákoho** a que brincará
 - **uigó** a que tem medo **uî'ko** a que teve medo **uiákoho** a que terá medo
 - **da'ragó** a que trabalha **da'rá'ko** a que trabalhou **da'raákoho** a que trabalhará
 - **uugó** a que fala **uú'ko** a que falou **uuákoho** a que falará
 - **uúkūgo** a que conversa **uúkū'ko** a que conversou **uúkūakoho** a que conversará
 - **nara-sāágo** a que treme **nara-sāá'ko** a que tremeu **nara-sāáakoho** a que tremerá

- **apêtigo** a que não brinca **uítigo** a que não tem medo **da'ratigo** a que não trabalha
 - **uútigo** a que não fala **uúkūtigo** a que não conversa **nara-sāátigo** a que não treme

- **apêti'ko** a que não brincou **da'rati'ko** a que não trabalhou, etc.
 - **apêtiakoho** a que não brincará **uítiakoho** a que não terá medo
 - **da'ratiakoho** a que não trabalhará **uútiakoho** a que não falará
 - **uúkūtiakoho** a que não conversará **nara-sāátiakoho** a que não tremerá

11.2.2. Para conseguir uma segmentação que se aproxime da realidade, temos que levar em conta o comportamento tonal das formas simultâneas e posteriores que acabamos de descrever.

As formas simultâneas comportam-se como se estivessem fonologicamente tônicas: **-gí, -gó, -rá, -rí+, -sché**, etc. Isto está em contradição com as regras gerais da tonologia sufixal, que exigem um comportamento fonologicamente átono para todos os sufixos.

Este problema pode ser resolvido quando se compara o comportamento tonal das formas simultâneas com o das formas posteriores (formas em **a**): a 1ª vogal destas últimas formas (ou seja: **a**) transforma qualquer raiz verbal (ou qualquer radical ascendente) em radical ascendente:

$$(C_1)V_1(C_2)\hat{V}_2 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2\acute{a}$$

$$(C_1)V_1(C_2)\acute{V}_2 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2\acute{a}$$

$$(C_1)V_1(C_2)V_2(C_3)\acute{V}_3 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2(C_3)V_3\acute{a}$$

Em regra geral, **todos os sufixos que não comecem por uma consoante** (sufixos começando por **-a**, sufixo causativo **-o**, etc.) tendem a formar uma **unidade tonal** com a última sílaba do radical verbal: unidade ascendente com a última sílaba ascendente ou alta; unidade proferida em tom baixo com a última sílaba proferida em tom baixo.

Isso sugere que as formas simultâneas devem ser decompostas:

-gí ← -' - gí
-gó ← -' - go
-rá ← -' - dā
-rí ← -' - di
-ró ← -' - do

com o sufixo (ou parte de sufixo) supra-segmental: -' < *-V

Como a vogal **a** é sempre presente nas formas posteriores, sugerimos que **V = a**, ou seja:

-' < *-a

o que daria, para as formas simultâneas, a segmentação reconstruída seguinte:

*-a-gí, *-a-go, *-a-dā, *-a-di, *-a-do

Com esta segmentação, as 5 formas acima tornam-se fonologicamente átonas e as "irregularidades" tonais desaparecem. Com efeito, a aplicação automática das regras tonais gerais torna-se então possível, considerando que o apagamento de **a** deixa como "vestígio" o seu tom (que não se apaga com o segmento):

*apê-a-go > apeágo > apé go > apégo > apegó *a que brinca*
 unidade tonal de a apagamento de a deslocamento tonal
 *da'dá-a-go > da'daágo > da'da go > da'dágo > da'ragó *a que trabalha*
 *apê-ti-a-go > apêtiago > apêti go > apêtigo *a que não brinca*
 *da'dá-ti-a-go > da'datiágo > da'dati go > da'datigo > da'ratigo *a que não trabalha*
 deslocamento & unidade tonal apagamento deslocamento não-iterativo

11.2.3. Continuando a nossa segmentação, consideraremos as formas anteriores que, obviamente, podem ser decompostas em - pelo menos - dois sufixos:

- ♦ o sufixo -'ka
- ♦ e os sufixos de gênero/forma/número estudados em 8.2.: -gi -fsg/an, -go +fsg/an, -rã pl/an, -ro locativo, -ga forma roliça, -gi forma retilínea, etc.

ou seja:

-'ki < *-'ka-gi (apagamento de g: cf.2.6.)
 -'ko < *-'ka-go (apagamento de g)
 -'karã < *-'ka-dã
 -'karo < *-'ka-do
 -'kaga < *-'ka-ga, etc.

A forma anterior básica inanimada (singular) -'ka+ não tem sufixo de gênero/forma/número por ser obrigatoriamente completada por um nome fonologicamente átono que está no lugar destes sufixos.

Há bastante evidências (cf. abaixo) para decompor a forma anterior inanimada plural & não-contável -'ke em:

*-'ka-ye (> -'kae > -'ke)
 onde -ye seria o sufixo inanimado plural & não-contável.

11.2.4. As formas posteriores e certas formas simultâneas (-sehé, -kahá, -tíhí, etc.) parecem evidenciar um ensurdecimento dos sufixos de gênero/forma/número. Considerações comparativas sugerem que este ensurdecimento se deve ao apagamento de uma sílaba. Barnes (1990, p. 287) fornece as formas posteriores animadas em tuyuka (tukano oriental):

-ídi -fsg/an -ódo +fsg/an -ádara pl/an
 que derivam provavelmente (por apagamento de g e harmonia vocálica) de:

-á-da-gi -fsg/an -á-da-go +fsg/an -á-da-rã pl/an
 onde -da é a marca do futuro em tuyuca.

A marca correspondente na língua dos ye'pâ-masa é -sa (marca do futuro e da modalidade sentida, cf.6.9. e capítulo 5). O que sugere, para as formas posteriores, a segmentação reconstruída seguinte:

-akihi < *-'a-sa-gi
 -akoho < *-'a-sa-go
 -arãha < *-'a-sa-dã
 -atihi < *-'a-sa-di
 -atoho < *-'a-sa-do
 -atehe < *-'a-sa-ye (ou talvez: *-'a-sa-di-ye > -atihiye > -atihie > -atehe)
 -akaha < *-'a-sa-ga, etc.

o apagamento do sufixo -sa explicando o ensurdecimento dos sufixos de gênero/forma/número.

Da mesma maneira, o ensurdecimento das formas simultâneas -sehé, -kahá, etc. deve derivar do apagamento de um sufixo. Evidências comparativas a partir do tuyuka (Barnes, 1990, p.286) mostram que o sufixo cujo apagamento provocou o ensurdecimento destes últimos sufixos seria, desta vez, -ri /-di/, o que sugere a segmentação seguinte para estas formas simultâneas:

-sehé < *-'a-di-ye
 -kahá < *-'a-di-ga
 -tíhí < *-'a-di-di
 -kihí < *-'a-di-gi
 -pihí < *-'a-di-wi
 -pahá < *-'a-di-wa
 -taha < *-'a-di-da

Em resumo, o apagamento de -a deixou como "vestígio" um tom que reaparece no sufixo seguinte enquanto o apagamento de -sa ou de -ri /-di/ é responsável pelo ensurdecimento dos sufixos de gênero/forma/número:

-sa-gV, -di-gV → -kVhV
 -sa-dV, -di-dV → -tVhV
 -sa-wV, -di-wV → -pVhV
 -di-ye → -sehe

A existência do sufixo -ye inanimado plural & não-contável parece comprovada pelo nome gramaticalizado apé outro (cf.12.8.). Com wi'í casa (pl.: wi'sêri):

apé wi'i outra casa
apêye wi'seri outras casas

11.2.5. A nossa tentativa de segmentação nos encaminhou para as formas reconstruídas seguintes:

Formas simultâneas	Formas anteriores	Formas posteriores
-a-gi	-'ka-gi	-a-sa-gi
-a-go	-'ka-go	-a-sa-go
-a-dã	-'ka-dã	-a-sa-dã
-a-di+	-'ka+	-a-sa-di+
-a-di-ye	-'ka-ye	-a-sa(-di)-ye
-a-do	-'ka-do	-a-sa-do
-a-di-ga	-'ka-ga	-a-sa-ga
-a-di-di	-'ka-di	-a-sa-di
-a-di-gi	-'ka-gi	-a-sa-gi
-a-di-wi	-'ka-wi	-a-sa-wi
-a-di-wa	-'ka-wa	-a-sa-wa
-a-di-da	-'ka-da	-a-sa-da

o que nos permite entrever três hipotéticas classes de sufixos:

1. A classe do nominalizador **-a** (ou: **-a-di?**).
2. A classe dos sufixos anterior **-'ka** e posterior **-sa**.
3. A classe dos sufixos de gênero/forma/número:

-gi	-fsg/an	-ga	frol	-da	f. de lago
-go	+fsg/an	-di	fpan		
-dã	pl/an	-gi	fret		
-ye	inan/pl & n-cont	-wi	ftub		
-do	lugar (locativo)	-wa	fab		

Vários problemas ficam sem solução:

♦ o sufixo **-di** aparece com os inanimados nas formas simultâneas. No entanto, em outras línguas da mesma família (tuyuka, wanano, desana, etc.), **-di** (ou o seu homófono?) aparece também com os animados (cf. tuyuka: **-di-gi**, **-di-go**, **-di-da**) ou com o locativo (**-di-do**). Talvez apareça, também, com formas anteriores nas línguas tukano do Pirapará (Gomez-Imbert, 1988, p.67), dando a combinação: **-di-ka**. Em ye'pá-masa, parece aparecer numa forma posterior: **-atehe** (< ***-a-sa-di-ye**), já que a reconstrução ***-a-sa-ye** levaria à forma incorreta: **-asehe**. Caso **-di** não funcionar como marca de simultaneidade mas como a

verdadeira marca da função nominalizadora ou relativa, qual seria então o funcionamento do sufixo **-a**?

Talvez haja dois nominalizadores (**-a** e **-di**), como - em ye'pá-masa - há duas marcas do plural: **-a pl/animado** e **-di pl/inanimado**: esta homofonia entre nominalizadores e marcas do plural teria que ser explicada.

♦ por que as formas anteriores não evidenciam nenhuma marca nominalizadora (**-a** ou **-di**)? Isso sugeriria que a nossa segmentação foi incompleta:

-'ki < **-'ka-gi** < ***-'ka-a-gi** (ou: ***-'a-ka-gi**, ou: ***-di-'ka-gi** ?)

Não há dúvida que um exame minucioso das formas nominalizadoras em todas as línguas do grupo lingüístico tukano ajudaria a resolver esses problemas e, talvez, a chegar à segmentação correta.

11.3. A construção comprovativa

A existência de uma **construção copulativa comprovativa** parece justificar a existência de um sufixo supra-segmental nominalizador (***-a > ˘**). Esta construção copulativa tem como complemento um verbo (geralmente, de estado) sem nenhuma sufixação. No entanto, não se pode falar de uma forma verbal "nua", já que as raízes de melodia alta transformam-se automaticamente em melodia ascendente. Exemplo com o verbo **uî ter medo**:

(495) **Péduru uí nîmi**

/Pédudu uí ˘ dîi- bî /

Pedro ter medo-nom ser-pres.vist

Pedro tem medo (comprovado e contra toda expectativa)

onde o verbo de melodia alta **uî** transformou-se em verbo de melodia ascendente **uî**.

A fórmula seguinte esquematiza a construção comprovativa:

SUJEITO	VERBO-˘	NIÍ-mod.temp.pess.gên.núm
---------	---------	---------------------------

Esta construção tem um funcionamento bastante semelhante à modalidade dedutiva: expressa que o estado é (ou foi) comprovado pelo falante, como confirmação ou como contra-expectativa (contradição) do que todos pensam (ou pensavam).

Com **ohô vegetal banana** e **butî estar maduro**, compare:

ohô butî' /ohô butî-˘/ a banana está madura (visto: pela cor)

ohô butisché niî' /ohô buti-sehé dīi-'/ *são bananas maduras* [-sché nom.inan.pl]
ohô butí niî' /ohô buti-_̣ dīi-'/ *a banana está madura (dito para confirmar o que a vista deixa duvidoso: o falante experimenta a moleza da fruta com o dedo)*

Com **Baría** /Badía/ *Maria* e **nikî** /dīkî/ *estar pesado*, compare:

Baría nikí niîmo /Badía dīkî-_̣ dīi-bō/ *Maria está pesada (comprovado sopesando-a, enquanto todos pensavam que era leve)*

Baría nikigó niîmo /Badía dīkî-gó dīi-bō/ *M. é uma mulher pesada* [-gó nom.+fsg]

Com **akó água** e **así** *estar quente*, compare:

akó así' /akó así-'/ *a água está quente (visto: algo ridículo, o calor não se vendo)*

akó asisché niî' /akó así-sehé dīi-'/ *é água quente*

akó así niî' /akó así-_̣ dīi-'/ *a água está quente (comprovado pelo dedo)*

Note que a raiz verbal **así** *estar quente*, sendo de melodia já ascendente, não muda de contorno tonal na construção comprovativa.

Compare também:

(495) **Péduru uí niîmi** /Pédudu uí-_̣ dīi-bī/ *Pedro tem medo (comprovado e contra toda expectativa, pois todos pensavam que era corajoso)*

(495') **Péduru uîmi** /Pédudu uî-bī/ *Pedro tem medo (visto)*

(495'') **Péduru uigí niîmi** /Pédudu uí-g í dīi-bī/ *Pedro é um medroso (-gí nom.-fsg)*

Se a nossa análise da construção comprovativa se mostrar certa, teríamos mais um argumento a favor da existência do sufixo supra-segmental _̣, funcionando como uma marca de nominalização, ou desempenhando uma função adjetival ou relativa. Com efeito, o verbo complemento da construção comprovativa deve ser nominalizado, já que os lexemas que funcionam como complemento de uma construção copulativa são sempre nomes ou verbais, como em:

(496) **īsâ imiá niî'**

/īsâ īb í -a dīi- ' /
 nós homem-pl ser-pres.vist
 nós somos homens

(cf. também exemplo 52)

Nessas condições, a única marca visível desta nominalização seria o supra-segmento _̣, provável vestígio do sufixo nominalizador **-a** estudado no subcapítulo precedente.

11.4. As nominalizações animadas

Os deverbais animados funcionam como simultâneos (497), anteriores (498) ou posteriores (499):

(497) **kārî etagîre ī'yaápi**

/kādî etâ - gî -de ī'yâ- a-pi /
 ontem chegar-nom.-fsg-ref ver -p.rec.vist
 vi ontem o (homem) que chegou

(498) **kārî etâ'kire ī'yaápi**

/kādî etâ - 'ki -de ī'yâ- a-pi /
 ontem chegar-nom.-fsg.perf-ref ver-p.rec.vist
 vi (cinco minutos atrás,...) o (homem) que chegou ontem

(499) **imí wēriákihire ī'yaápi**

/ īb í wēdî - a-kihi -de ī'yâ- a-pi /
 homem morrer-nom.-fsg.fut-ref ver-p.rec.vist
 vi o homem que vai/ia morrer

As formas simultâneas funcionam também como habituais:

(500) **koôre da'rá ko'tegore niyéru o'oápo'**

/koô-de da'dá + ko'te - gó -de dīyēdu o'ô- a-po' /
 ela-ref trabalhar+assistir-nom.+fsg-ref dinheiro dar-p.rec.rep
 dizem que (ela) deu dinheiro à empregada dela (lit. a que a assiste trabalhando)

No resto deste capítulo, daremos alguns exemplos de deverbais animados, comentando as construções as mais produtivas (cf. também exemplos 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 487, 494 e 495).

12.4.1. Exemplos de formas animadas simultâneas funcionando como relativas:

(501) **kārirāre wā'koyá!**

/kādí - dā -de wā'kó -ya/
 dormir-nom.pl-ref acordar-imp
 acorde aqueles que dormem!

(502) **nikípi āyā yi'ŕe kū'rígi a'tigíre ditê sure keheo'ká'api!**
 /dĩkí-pi āyā yi'ŕe-de kū'dí -gi a'ti- gí -de
 mata-foc jararaca eu-ref morder--fsg vir-nom.-fsg-ref
 ditê+ sude + kehe-o' -ká'- a-pi /
 cortar+despedaçar+de uma vez-ass-p.rec.vist
despedacei cortando-a de uma vez uma jararaca que vinha me morder na mata!

(503) **wesé sumútoho niŕá wi'maráre wearí masa weaápa'rā**
 /wesé sūbú-toho dĩĩ -dā wĩ'bá-dā-de weá-dí+bāsa weá -a-pa'-dā/
 roça margem estar-nom.pl crianças-ref raptadores raptar-p.rec.rep
dizem que os raptadores raptaram as crianças que estavam na margem da roça

Além desta função relativa, as formas simultâneas são muito usadas para expressar situações atemporais ou habituais numa construção copulativa estudada em 5.1. (cf. exemplos 72, 73, 74 e 76).

12.4.2. Exemplos de formas animadas anteriores/perfectivas:

(504) **numiô yi'ŕ uúkū'ko yi'ŕ pako niámo**
 /dūbĩ-o yi'ŕ uú=kū- 'ko yi'ŕ+pako dĩĩ- a-bõ /
 mulher eu falar-nom.+fsg-perf eu+mãe ser-p.rec.vist
a mulher com/de que falei é minha mãe

(505) **wi'mará yahá'karáre paaápo'**
 /wĩ'bá-dā yahá - 'ka-dā -de paâ - a-po' /
 crianças roubar-nom.pl.perf-ref bater-p.rec.rep
dizem que (ela) bateu nas crianças que roubaram

(506) **koô makí wēri'ki niiká bihâ-wetigo' weemó**
 /koô bāká-gi wēdi- 'ki dĩĩ- ká bihâ-weti- go' weé - bõ /
 ela filho morrer-nom.-fsg.perf ser-impl.cs estar triste-impl.ms v.aux.-pres.vist
(ela) está triste porque o filho dela morreu (lit. o filho sendo que morreu)

(506) é um exemplo do uso muito comum das formas anteriores com os implicativos quando a implicativa for anterior à implicação (cf. 10.2. e exemplos 438, 452).

Além desta função relativa, as formas anteriores são muito usadas para expressar situações dedutivas numa construção copulativa estudada em 5.3. (cf. exemplos 129, 130 e 132).

12.4.3. Exemplos de formas animadas posteriores:

(507) **mi'ŕ nimo niíakohore beseyá!**
 /bĩ'ŕ+ dĩbo dĩĩ- a-koho -de besé -ya/
 tu +esposa ser-nom.+fsg.fut-ref escolher-imp
escolha a tua futura esposa! (lit. a que será a tua esposa!)

(508) **apé ki'ma bu'earáha etá tohaama**
 /apé +kĩ'ba bu'ê - a-dāha etá +toha- a-bā /
 outro+ ano estudar-nom.pl.fut chegar+ já -p.rec.vist
os que estudarão no ano que vem (lit. no outro ano) já chegaram

Além desta função relativa, as formas animadas posteriores aparecem na maioria das vezes para reportar situações a serem realizadas posteriormente numa construção copulativa estudada em 5.4. (cf. exemplos 138 e 139) ou, com os sufixos implicativos, para expressar o propósito ou a finalidade numa construção copulativa descrita em 10.2. (cf. exemplos 445, 446 e 447).

11.5. As nominalizações básicas em -rí+

11.5.1. Contrariamente aos outros nominalizadores, as formas básicas em -rí+ /-dí/ *nom.inan.sg.simultâneo*, -'ka+ *nom.inan.sg.perf.* e -atihi+ *nom.inan.sg.fut.* são **obrigatoriamente** seguidas por um **nome inanimado contável singular**, que lhes serve de **cabeça nominal**. Este nome é de regra fonologicamente átono (nome independente perdendo o seu tom próprio ou nome dependente). Por exemplo:

(509) āyurí wi'i	(510) butirí wi'i
/ āyú - dí +wi'i /	/ butí - dí +wi'i /
estar bonito-nom.inan.sg+casa	estar branco-nom.inan.sg+casa
<i>casa bonita (lit. casa de beleza)</i>	<i>casa branca (lit. casa de branca)</i>

as formas: *āyurí wi'i, *wi'i āyurí, etc., ou, simplesmente: *āyurí, sem cabeça nominal, sendo incorretas.

Em outras palavras, enquanto a cabeça nominal é sempre um **sufixo** com os outros deverbais (-gí *nom.-fsg*, -gó *nom.+fsg*, -sché *nom.inan.pl*, -kahá *nom.frol*, etc.), é um **nome dependente** com -rí, chamado por isso de nominalização básica. Isto é a única diferença de estrutura entre este tipo de nominalização e as outras, a relação Complemento+Completado sendo sempre a mesma:

āyugí ser an.-fsg bonito (ser an.-fsg de beleza)
āyugó ser an.+fsg bonito (ser an.+fsg de beleza)
āyusché coisas bonitas (seres inan.pl de beleza)
āyurí wi'i casa bonita (casa de beleza)

Exemplos com os nomes obrigatoriamente dependentes **nimi** dia e **paa** prato:
soorí nimi /soó-dí+dībi/ dia de descanso [soó descansar]
ba'arí paa /ba'ā-dí+paa/ prato de come [ba'ā comer]

O nome que segue é obrigatoriamente um nome inanimado contável singular. O plural forma-se com o nominalizador **-sché** nom.inan.pl & n-cont.:

(509') **wi'i āyurí wi'i ni'i** /wi'i āyú-dí+wi'i dīi-' / a casa é bonita (lit. a casa é casa de beleza)

(509'') **wi'sêri āyusché ni'i** /wi'sê-di āyú-sché dīi-' / as casas são bonitas (lit. as casas são coisas de beleza) [wi'sêri casas]

Note - em (509') - a repetição obrigatória da cabeça **wi'i**.

Igualmente, com os nomes dependentes plurais **nimiri** /dībi-di/ dias de **paari** /paa-di/ pratos de (-ri /-di/ sufixo nominal plural/inanimado):

soosché nimiri /soó-sché+dībi-di/ dias de descanso (dias, seres de descanso)
ba'asché paari /ba'ā-sché+paa-di/ pratos de comer (pratos, seres de comer)

Com os nomes inanimados não-contáveis (líquido, "vento", "vegetal banana", etc., "cf.8.1.), usa-se o nominalizador **-sché** nom.inan.pl & n-cont.:

(511) **ohô āyusché ni'i**
 / ohô āyú - sché dīi- ' /
 vegetal banana ser bonito-nom.inan.pl ser-pres.vist
 as bananas (ou: o cacho, o pé,...) são bonitas (lit. o vegetal banana é ser abstrato de beleza)

e nunca -rí: ***āyurí oho** banana bonita é uma construção incorreta.

Quando se quer precisar a forma, usa-se um nome dependente (**paro** /padol/ fruta oblonga de, **tō'o** cacho de, etc.) com nominalização em **-rí**:

āyurí paro ni'i /āyú-dí+pado dīi-' / é uma fruta oblonga bonita
āyurí tō'o ni'i /āyú-dí+tō'o dīi-' / é um cacho bonito
ohô paro āyurí paro ni'i /ohô+pado āyú-dí+pado dīi-' / a banana é bonita (lit. a fruta oblonga do vegetal banana é uma fruta oblonga de beleza)
ohô tō'o āyurí tō'o ni'i /ohô tō'o āyú-dí+tō'o dīi-' / o cacho de bananas é bonito (é um cacho de beleza)

11.5.2. Exemplos de nominalização básica simultânea:

(512) **marí bu'erí wi'i ni'i**
 /bādī bu'ê - dí +wi'i dīi- ' /
 nós estudar-nom.inan.sg+casa ser-pres.vist
 é a nossa casa de estudo (lit. é a casa de estudo de nós)

(513) **toopíre, āyurí niki niíati?**
 /toó- pi -de āyú - dí +dīki dīi- a-ti /
 ana-foc-ref estar bonito-nom.inan.sg+mata ser-p.rec.vist
 naquele lugar, a mata é bonita? (é mata de beleza?)

(514) **tohô niirí wi'ita kió'**
 /tohô dīi - dí +wi'i -ta kió - ' /
 assim estar-nom.inan.sg+casa-esp possuir-pres.vist
 possuo uma casa assim mesmo (lit. uma casa de estar assim mesmo)

Outros exemplos:

da'rarí wi'i casa de trabalho [da'rá /da'dál/ trabalhar, wi'i casa]
ba'arí wi'i casa de comer (restaurante,...) [ba'ā comer]
butirí daa fio branco [butí estar branco, daa fio de]
yā'arí daa fio feio [yā'ā estar feio]
dī'iró yeherí pīhi faca para cortar carne
 [dī'iró /dī'i-dol/ carne, yehê cortar, pīhi lâmina]
keorí pīhi lâmina de medir (régua,...)
akó miirí waharo cuia para tirar água
 [akó água, miū / bīi/ tirar, wahâro /wahâ-dol/ cuia]

11.5.3. Exemplos de nominalizações básicas anteriores e posteriores:

(515) **misâ mipiré wêhé'ka ma'api tohátapi**
 /bī'sâ bīpi-de wêhé - 'ka + bā'a -pi tohá - ti- a-pi /
 vocês quati-ref matar-nom.inan.sg.perf+caminho-foc voltar-C<-p.rec.vist
 voltei pelo caminho onde vocês tinham matado o quati (pelo caminho do ex-matar do quati por vocês)

(516) **naâ kārīatihi wi'ipi niíamo**
 /dāâ kādī - a-tihi + wi'i -pi dīi - a-bō /
 eles dormir-nom.inan.sg.fut+casa-foc estar-p.rec.vist
 (ela) está na casa onde eles dormirão (na casa do futuro dormir deles)

11.5.4. As nominalizações básicas são muito usadas com os nomes dependentes **tero** /tedo/ *tempo, momento de; época de*, **kura** /kuda/ *tempo, momento de*, **be'ro** /be'do/ *depois de* e **diporo** /dipo-do/ *antes de*, formando o núcleo de orações equivalentes às subordinadas simultâneas ("enquanto..."), anteriores ("depois de...") ou posteriores ("antes de...") da língua portuguesa:

(517) **yi'ĩ pako wesé wa'arí tero, yi'ĩ pe'e wa'ĩ wehegi wa'awi**

/yi'ĩ+pako wesé wa'ã-dí +tedo yi'ĩ+pe'e wa'ĩ wehé- gi wa'ã-wi/
 eu+mãe roça ir -nom.inan.sg+tempo eu+câmbio peixe pescar--fsg ir-p.cad.vist
enquanto minha mãe ia à roça, eu, do meu lado, fui pescar (pass. remoto) (lit. no tempo de minha mãe ir à roça,...)

(518) **koô dahâ'ka tero, a'tí wi'i yeê no'owi**

/koô dahâ- 'ka +tedo a'tí+wi'i yeê + dõ'o - wi /
 ela voltar-nom.inan.sg.perf+época esta+casa construir+passivo-p.cad.vist
esta casa foi construída na época da volta dela

(519) **koô etarí kura, ba'ági' wecápi**

/koô etâ - dí +kuda ba'ã - gi' weé - a-pi /
 ela chegar-nom.inan.sg+tempo comer-impl.ms v.aux.-p.rec.vist
(eu) estava comendo quando ela chegou

(520) **marí koô etâ'ka be'ro wa'arása'**

/bãdí koô etâ - 'ka +be'do wa'ã-dã-sa-?/
 nós ela chegar-nom.inan.sg.perf+depois ir - fut
nós iremos depois de ela chegar

(521) **naâ a'tiátihi diporo wa'ágisa'**

/dãã a'ti- a-tihi +dipo-do wa'ã-gi-sa-?/
 eles vir-nom.inan.sg.fut+ antes ir - fut
irei antes que eles venham

(cf. também exemplo 47)

Como se vê pelos exemplos acima, **kura** e **tero** (no sentido de "momento") são sempre precedidos por **-rí**; **be'ro** e **tero** (no sentido de "época") são sempre precedidos por **-ka**; e **diporo** é sempre precedido por **-atihi** (ou **-atoho**).

11.5.5. Assinalaremos, para terminar, uma construção em **-rí** cuja cabeça nominal é o nome animado plural **masá** /bãsa/ *peças*. Esta construção usa-se somente

com alguns verbos nominalizados, como:

da'rari masa /da'dá-dí+bãsa/ *trabalhadores natos* (≠ **da'rará** *os que trabalham, os trabalhadores*)

wa'arí masa /wa'ã-dí+bãsa/ *viajantes* (≠ **wa'arã** *os que vão*)

sihari masa /sihã-dí+bãsa/ *andarilhos*

(**da'rá** /da'dá/ *trabalhar*, **wa'ã** *ir*, **sihã** *andar*)

11.6. As nominalizações em -ró

O sufixo nominal **-ro** foi estudado em 8.6., onde argumentamos para um significado central de **locativo**, com uma polissemia orientada da maneira seguinte:

locativo → **lugar/parte** → **partitivo** → **parte (do corpo)** → **singular**

Neste subcapítulo, passaremos em revista os empregos mais significativos do nominalizador **-ró** (formas anterior **-karo** /-'ka-do/ e posterior **-atoho**). Este sufixo, apesar de ter uma polissemia ainda mais desenvolvida com os verbos nominalizados que com os nomes primários, segue mais ou menos a mesma orientação semântica.

① Como **locativo**, os deverbais em **-ró** funcionam freqüentemente como o predicado de orações relativas encaixadas, constituindo assim o equivalente das **subordinadas de lugar** do português. Exemplos com a forma simultânea **-ró**:

(522) **sõ'ó maã ĩ'kiátiro yumû pē'aa'rã!**

/sõ'ó bãã ĩ'kiá - ti - dó yũbũ + pē'a - a' - dã/
 lá riacho ser fundo-neg-nom.lugar vadear+atravessar-C>-imp
vamos atravessar vadeando lá onde o riacho é raso! (lit. não é fundo)

(523) **a'tó yi'ĩ mutúru kioró niĩ'**

/a'tó yi'ĩ bũtũdu kió- dó dĩ- ' /
 aqui eu motor ter-nom.lugar ser-pres.vist
aqui é o local onde guardo (tenho) o motor

(524) **muhĩ-pũu asirópi apeási**

/bũhĩ-pũu así - dó -pi apê - a-si /
 sol estar quente-nom.lugar-foc brincar-p.rec.sent
brinquei no sol (lit. no lugar de estar quente do sol)

- (525) **ma'â ni'karó akê bokaámi**
/bã'â dī'ká - dó akê boká - a-bī /
caminho começar-nom.lugar macaco encontrar-p.rec.vist
*encontrou um macaco no começo do caminho (lit. no lugar de
começo do caminho)*

que funciona também como habitual:

- (526) **koô kāríró masísari?**
/koô kādī - dó bāsī - sa-di /
ela dormir-nom.lugar saber-pres.sent-int
sabe onde ela dorme?

- (527) **a'tó niī' yi'ñ niiró**
/a'tó dīī- ' yi'ñ dīī - dó /
aqui ser-pres.vist eu estar-nom.lugar
aqui é onde eu moro (onde eu estou)
(cf. também exemplos 46, 490)

Exemplos com as formas anterior **-'karo** /-'ka-do/ ou posterior **-atoho**:

- (528) **naâ puâ'karopi chaápi**
/dãã puâ - 'ka-do -pi ehâ - a-pi /
eles tinguíjar-nom.lugar.perf-foc chegar-p.rec.vist
cheguei onde eles tinham tinguíjado
- (529) **masó koô āyâ kō'ó'karo boâ sa'ba wa'aapi**
/bāsá-go koô āyâ kō'ó - 'ka-do boâ + sa'ba + wa'a - a-pi /
mulher ela.jararaca ser.mordido-nom.lugar.perf.apodrecer+viscoso+ingressivo-p.rec.vist
o lugar onde a mulher foi picada por uma jararaca ficou podre e viscoso
- (530) **naâ bu'eátohopi etaáma**
/dãã bu'ê - atoho -pi etâ - a-bã /
eles estudar-nom.lugar.fut-ref chegar-p.rec.vist
chegaram no lugar onde eles estudarão
- (531) **āyuró ão kũúya, marí kii-boó kũuátohore!**
/āyú-dó ão+kũu-ya bādī kii+boo kũu - a-toho -de/
bem forrar -imp nós mandioca-mole colocar-nom.lugar.fut-ref
forre bem onde nós vamos colocar a mandioca-mole!
(cf. também exemplo 486)

O sufixo **-ró** *nom.lugar* entra em várias construções muito usadas:

♦ com o verbo **marí** /bādī/ *não estar*, formando o deverbais **mariró** / bādī-dó/ que se traduz frequentemente por "sem":

- (532) **yi'ñ mariró ba'aápī**
/yi'ñ bādī - dó ba'â - a-pī /
eu não estar-nom.lugar comer-p.rec.ded
comeu sem mim (lit. comeu no lugar onde eu não estava)

- (533) **uúkũro mariró...**
/uú=kũ- dó bādī - dó /
falar -nom.lugar não estar-nom.lugar
(comia,...) sem falar
(o uso de **-ró** com **uúkũ** é comentado em ⑤)

♦ na expressão **no'ó niiró** *em qualquer lugar* (cf. 12.6.③).

♦ na expressão idiomática **niiróta** *é verdade que...*:

- (534) **niiróta do'âtigi' weemí**
/dīī- dó -ta do'a=ti - gi' weé - bī /
ser-nom.lugar-esp estar doente-impl.ms v.aux.-pres.vist
é verdade que (ele) está doente

♦ em expressões temporais:

- bo'rê ke'a** /bo'dê+ke'a/ *clarear*
bo'rê ke'aro /bo'dê+ke'a-dó/ *de manhã cedo*
be'ro kuré /be'dó+kude/ *daqui a pouco*
be'ro kuréro *idem*

② Os deverbais em **-ró** formam frequentemente nomes secundários que funcionam como os **advérbios de maneira** da língua portuguesa:

- (535) **āyuró ohâmo**
/āyú - dó ohâ - bō /
estar bom-nom.lugar escrever-pres.vist
(ela) escreve bem (de maneira boa; ou: escreve num lugar bom)

- (536) **naâ amũkã yē'eró me'ra sihaáma**
/dãã ābũ=kã yē'ê - dó +bē'da sihâ - a-bã /
eles mão pegar-nom.lugar+ com andar-p.rec.vist
andavam da mãos dadas (lit. de maneira que pegavam as mãos)

(537) **iaró me'ra da'rágo' weemó**

/iá - dó +bě'da da'dá - go' weé - bō /
 querer-nom.lugar+ com trabalhar-impl.ms v.aux.-pres.vist
 (ela) está trabalhando de própria vontade (de maneira que quer)

(538) **marí u'aró wioró o'mâ sãriaapi**

/bādī u'á - dó wió - dó õ'bâ+sādi - a-pi /
 nós tomar banho-nom.lugar ser perigoso-nom.lugar fazer redemoinho-p.rec.vist
 o lugar onde nós tomamos banho faz redemoinho perigosamente

Freqüentemente seguidos pela palavra dependente **me'ra** /bě'da/ com ou pelo sufixo nominal **-ta** especificador, estes deverbais correspondendo aos advérbios de maneira da língua portuguesa têm um uso muito produtivo. Citaremos:

āyú estar bom	āyuró (me'ra) bem, suavemente
yā'ā estar mau	yá'aró, yā'āro mal
uā estar zangado	uaró me'ra com raiva, raivosamente
uī ter medo	uiró me'ra com medo, medrosamente
wió ser perigoso	wioró (me'ra) com violência, perigosamente
keó medir	keoró com exatidão
bisê soar	bisêro em voz alta
	bisêtiro em voz baixa
iá querer	iaró (me'ra) de própria vontade, como quiser
	iatíro me'ra sem vontade
tutuā estar forte	tutuaró (me'ra) com força
	tutuātiro (me'ra) sem força
sohá apressar	soharó (me'ra) rapidamente
	sohātiro devagar
imáya /ābī=ya/ apressar-se	imáyaró rapidamente

Também:

pūūro /pūū-dó/ intensamente
pahiró /pahī-dó/ muito
kā'ró /kā'a-dó/ pouco
yí'rióro /yí'd í-o-dó/ mais
nemoró /dēbó-dó/ mais
diharó /dihā-dó/ menos

as três últimas formas sendo muito usadas em construções equivalentes aos comparativos de superioridade ou inferioridade do português (cf. também exemplos 259 e 260):

(539) **Péduru Páuru yí'rióro butími**

/Pédudu Páudu yí'dí-o- dó butí - bī /
 Pedro Paulo passar-nom.lugar ser branco-pres.vist
 Pedro é mais branco que Paulo (lit. é branco passando Paulo)

③ Os deverbais em **-ró** formam também o núcleo de orações equivalentes às **subordinadas completivas** da língua portuguesa:

(540) **yí'ĩ masíti'karore wākū boka'**

/yí'ĩ bāsī - ti - 'ka-do -de wākū+boka - ' /
 eu saber-neg-nom.lugar.perf-ref lembrar de repente-pres.vist
 lembro de repente o que não sabia

(541) **de'ró koô weeátohore masítisa'**

/de'dó koô weé - a-toho -de bāsī - ti - sa-' /
 como ela fazer-nom.lugar.fut-ref saber-neg-pres.vist
 não sei como ela fará

(542) **misâre pa'ia wa'aró iása'**

/mīsā-de pa'í - a wa'ā - dó iá - sa-' /
 vocês-ref padre-pl tornar-se-nom.lugar querer-pres.sent
 quero que vocês sejam (se tornem) padres

(543) **koô yí'ĩ etaátohore ko'teápō**

/koô yí'ĩ etā - a-toho -de ko'tê - a-pō /
 ela eu chegar-nom.lugar.fut-ref esperar-p.rec.ded
 ela esperou que eu chegasse/a minha chegada

(544) **kĩĩ wēriróre uísa'**

/kĩĩ wēdī - dó -de uī - sa-' /
 ele morrer-nom.lugar-ref ter medo-pres.sent
 tenho medo que ele morra

(545) **naâ pi'etí, katí'karore sooáma**

/dāā pi'é=ti katī - 'ka-do -de soó - a-bā /
 eles sofrer viver-nom.lugar.perf-ref descansar-p.rec.vist
 eles descansaram de uma vida sofrida (lit. descansaram de ter sofrido e de ter vivido)

Os deverbais em **-ró** aparecem assim como o complemento de numerosos verbos: **masi** /bāsī/ *saber (que)*, **wākū** *lembrar (que)*, **tī'ó yā'a** *pensar (que)*, **bihâ-weti** *estar triste (que)*, **e'katí** *estar alegre (que)*, **uî** *ter medo (que)*, **iá** *querer (que)*, **ko'tê** *esperar (que)*, **du'ú** *deixar (que)*, **nîi boka** *adivinhar (que)*, **akobohó** *esquecer (que)*, **pehâ** *ter vontade (de)*, **soó** *descansar (de)*, etc.

④ Os deverbais em **-ró** entram também numa construção muito usada: a **construção de obrigação**. Esta construção analítica, formada com o verbo auxiliar **iá** *querer* e esquematizada pela fórmula seguinte, expressa um dever, uma necessidade ou uma obrigação (regra cultural, etc.):

VERBO-ró	iÁ-mod.vista
----------	--------------

Por exemplo:

(546) **āyuró yī'rí sī'rigi', bu'eró iá'**
/āyú-dó yī'd í + sī'di - gi' bu'ê - dó iá - ' /
bem passar+querer-impl.ms estudar-nom.lugar querer-pres.vist
querendo passar bem, tem que estudar

(547) **mi'ĩre sooró iá'**
/bĩĩ-de soó - dó iá - ' /
você-ref descansar-nom.lugar querer-pres.vist
você tem que descansar

(548) **kārêkê' uuká u'aró iá'**
/kādêkê' uú - ká u'á - dó iá - ' /
galo cantar-impl.cs tomar banho-nom.lugar querer-pres.vist
devemos tomar banho ao cantar do galo

Nesse tipo de construção, o nome que se refere à(s) pessoa(s) que deve(m) cumprir a obrigação leva sempre - quando expresso - a marca referencial **-re** (cf. exemplo 547). O sujeito do verbo auxiliar nunca está expresso. Sendo impessoal ("o tempo quer que..."), as marcas verbais são sempre em "outras pessoas".

Nos exemplos acima, o sufixo verbal **'** marcava a modalidade vista no presente. Indicava uma obrigação moral ou cultural. Com o sufixo **-wi** *mod.vista/passado caducado*, a construção expressa, pelo contrário, uma necessidade (ligada geralmente a um impedimento físico) atestada desde já há tempo:

(549) **Ako-Butiri-Maa châgi', marĩre u'aró iawí**
/akó+ buti - dí + bāa ehâ - gi'
água+branco-nom.inan.sg+riacho chegar-impl.ms
bādĩ-de u'á - dó iá - wi /
nós -ref tomar banho-nom.lugar querer-p.cad.vist
chegando ao Riacho-de-Água-Branca, deve-se tomar banho (porque é de conhecimento geral que não há mais água depois)

Com os sufixos **-sa-'** *mod.sentida/presente*, a construção expressa uma necessidade simplesmente especulativa ("eu acho que se deve..."):

(550) **mi'ĩre u'aró iása'**
/bĩĩ-de u'á - dó iá - sa-' /
tu -ref tomar banho-nom.lugar querer-pres.sent
acho que você tem que tomar banho

⑤ Os deverbais em **-ró** expressam também a parte, o partitivo ou - simplesmente - o singular associado a certas situações. O plural destes deverbais forma-se então com o sufixo nominalizador **-sché** *nom.inan.pl & n-cont.* (cf. 11.7.). Por exemplo:

(551) **diāyi kioróre e'mākā'ya!**
/ diāyi kió- dó -de e'bâ-kā'-ya/
cachorro ter-nom.lugar-ref tirar-ass-imp
tire o que o cachorro tem! (pedaço de comida,...)
(cf. também exemplo 11)

Outros exemplos de parte (objetos manufaturados, partes do corpo):

duhî <i>estar sentado</i>	duhiró <i>cadeira</i>	duhisché <i>cadeiras</i>
wiî <i>voar</i>	wiiró <i>asa</i>	wiisché <i>asas</i>
mihâa' /bĩhâ-a' / <i>trépar</i>	mihâa'ro <i>escada</i>	mihâa'sche <i>escadas</i>
deró <i>costurar</i>	su'ti-deroró <i>máquina de costurar</i>	[su'ti <i>roupas</i>]
tí'ó <i>escutar</i>	kiti-ti'oró <i>rádio (lit. parte para escutar notícias)</i>	[kiti <i>notícias</i>]

Os exemplos abaixo são de interpretação mais delicada. Expressam conceitos abstratos, o plural sendo formado com o nominalizador **-sché**:

da'rá /da'dá/ <i>trabalhar</i>	da'raró <i>trabalho</i>	da'rasché <i>trabalhos</i>
bu'ê <i>estudar</i>	bu'eró <i>estudo</i>	bu'esché <i>estudos</i>
uúkū <i>conversar</i>	uúkūro <i>assunto de conversação</i>	uúkūsche <i>conversações</i>
i'miá /i'bi-a/ <i>ser alto</i>	i'miáro <i>altura</i>	
yoâ <i>ser comprido</i>	yoaró <i>comprimento</i>	
sêcê <i>estar de braços abertos</i>	sêeró <i>braça</i>	

Por exemplo:

(552) **wiôgi dutiró me'ra etaámi**

/wiô-gi dutí - dó +bē'da etá - a-bĩ /
 chefe ordenar-nom.lugar+com chegar-p.rec.vist
chegou por ordem do chefe

(553) **wi'i yoaróre keoyá!**

/wi'i yoá - dó - de keó -ya/
 casa ser comprido-nom.lugar-ref medir-imp
meça o comprimento da casa!

© Enfim, o nominalizador **-ró** marca a concordância ou "harmonia de flexão" nas locuções nominais e nas construções copulativas:

(554) **yí'ni ni'kâro su'ti-ro iása', mutáo me'ra niiróre**

/yí'ni dī'ká- dó su'ti- do iá -sa-' mūtáo+bē'da dīi- dó -de/
 eu um -nom.lugar roupa-locativo querer-pres.sent botão+com estar-nom.lugar-ref
eu quero uma roupa com botão (uma roupa que esteja com botão)

(555) **a'tó wapa maríro nií'**

/a'tó wapá+bādi - dó dīi- ' /
 isto não ter valor-nom.lugar ser-pres.vist
isto não tem valor (é que não tem valor)

(556) **sēragá i'pítiro i'siaró kió'**

/sērá -ga i'píti - dó i'siá - dó kió- ' /
 abacaxi-frol estar doce-nom.lugar ter gosto-nom.lugar ter-pres.vist
o abacaxi tem um sabor doce

Em (554), o sufixo nominal **-ro** funciona como singular em **su'ti-ro** roupa, acarretando a concordância do numeral **ni'kâ-ro** uma (roupa) e do verbal **niiró** uma (roupa) que está. Em (555), **wapa marí** não ter valor concorda com o demonstrativo de lugar **a'tó** esta parte (cf.12.1.). Em (556), **i'píti** estar doce concorda com o verbal **i'siaró** gosto, sabor.

Com certos nomes inanimados contáveis (**wesé** roça, **diá** rio, **yukâsi** canoa, etc.), o sufixo **-ró** é também uma marca de concordância, especialmente nas construções copulativas a sentido dedutivo (cf. exemplo 131 em 5.3.). O verbal em **-ró** serve então de complemento da construção copulativa:

(557) **yukâsi etâ'karo niíápi**

/yukâ=si etâ - 'ka-do dīi- a-pi /
 canoa chegar-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a canoa chegou (prova: a sua presença)

(558) **biekihí koô amûkâ diakihí pe'e doké tī're'karo niíápi**

/biē -kihí koô ābû=kā dia-kihí+pe'e doké+tī'de- 'ka-do dīi-a-pi /
 flechar-fret ela braço direito furar -nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
*a flecha (lit. ser retilíneo de flechar) furou o braço direito dela
 (prova: o furo feito por ela)*

Nestas construções copulativas, o uso dos sufixos nominalizadores **-ró**, **-'karo** ou **-atoho** não é bem claro. Talvez não seja um caso de concordância. Neste assunto, o leitor poderá comparar (557) com:

(557') **etâ'kawi yukâsi niíápi**

/ etâ - 'ka-wi yukâ=si dīi- a-pi /
 chegar-nom.ftub.perf canoa ser-p.rec.vist
é uma canoa que chegou

onde o nome **yukâsi** canoa implica a concordância do verbal **etâ-'kawi** tubo oco que chegou (para o uso do sufixo de forma **-wi**, cf.8.7. e 11.8.).

11.7. As nominalizações em **-sché**

11.7.1. O sufixo nominalizador **-sché** (formas anterior **-'ke** e posterior **-atehe**) permite a formação de todo tipo de deverbais inanimados plurais ou não-contáveis (abstratos):

apê brincar	apesché brinquedos; brincadeira
durê /dudê/ carregar	duresché bagagem; carga
âyú estar bom, bonito	âyusché coisas boas, bonitas; bondade, beleza
yā'â estar mau, feio	yā'asché coisas más, feias; maldade, fealdade
ba'â comer	ba'asché comida; alimentação
da'rá /da'dá/ trabalhar	da'rashé coisa do trabalho (cimento,...); trabalho
duâ vender	duasché coisas da venda (mercadorias,...); venda
wé fazer	wesché fazeres
wa'â ir	wa'asché coisas que vão (mercadorias,...); idas
buhí rir	buhisché risos
utí chorar	utisché choros
tí'ó yā'a pensar, refletir	tí'ó yā'asché idéias, pensamento (cf.11.6.⑤)

Exemplos com a forma simultânea **-sché**:

(559) **mi'ĩ ba'asché āyutí?**

/bĩ'ĩ ba'á - sché āyú - ti /
tu comer-nom.inan.pl ser bom-pres.vist.int
o que você come é bom?

(560) **yi'ĩ weé sī'rishere weé nu'kukā'!**

/yi'ĩ weé+ sī'di - sché - de weé+dũ'ku -kã- ' /
eu fazer+querer-nom.inan.pl-ref fazer+sempre-ass-pres.vist
faço sempre o que quero fazer! (lit. as coisas do meu querer fazer)

(561) **wiôgi a'tisché naâre du'tiká wecápi**

/wiô-gi a'ti- sché dãã-de du'ti- ká weé - a-pi /
chefe vir-nom.inan.pl eles-ref fugir-impl.cs fazer-p.rec.vist
a vinda do chefe fê-los fugir
(cf. também exemplos 45, 473, 474)

Exemplos com as formas anterior/perfectiva **-'ke** e posterior **-atehe**:

(562) **koô a'ti'kere yi'ĩre werê pe'oamo**

/koô a'ti- 'ke -de yi'ĩ-de wedê +pe'o- a-bõ /
ela vir-nom.inan.pl.perf-ref eu-ref contar+tudo-p.rec.vist
(ela) me contou tudo sobre a vinda passada dela (a sua viagem,...)

(563) **ã'ri ke'ági' weé'kere buhíkã'ama**

/ã'di ke'á - gi' weé - 'ke -de buhí-kã'- a-bã /
este estar bêbado-impl.ms fazer-nom.inan.pl.perf-ref rir de-ass-p.rec.vist
riram das ações passadas deste quando era bêbado

(564) **marî yamiákã ba'aátehere duuyá!**

/bãdi yãbi-akã ba'á - a-tehe -de duú -ya/
nós amanhã comer-nom.inan.pl.fut-ref comprar-imp
compre o que nós comeremos amanhã! (as coisas do nosso futuro comer)

11.7.2. Esses nominalizadores marcam a concordância com os nomes inanimados contáveis plurais ou com os nomes não-contáveis.

Exemplos de concordância com os nomes contáveis no plural:

(565) **koô naâ wa'aátehe ma'arire naâre i'yópo'**

/koô dãã wa'ã- a-tehe + bã'a -di-de dãã-de i'yó - po' /
ela eles ir -nom.inan.pl.fut+caminho-pl-ref eles-ref mostrar-p.cad.rep
dizem que ela lhes mostrou os caminhos por onde eles irão (os caminhos, seres da futura ida deles)

(566) **te'á wesé pĩ'riti'ke u'turire saâ bu'berã!**

/te'á wesé pĩ'di-ti - 'ke + u'tu -di-de saâ +bu'be-dã/
vamos! roça brotar-neg-nom.inan.pl.perf+descampado-pl-ref encher+plantar-imp
vamos plantar enchendo (de manivas) os lugares da roça onde (as manivas) não brotaram! (... enchendo os descampados, seres da ex-não germinação)

Em (565), o deverbais **wa'aátehe** seres de futuras idas concorda com o nome contável plural **ma'ari** caminhos; em (566), o deverbais **pĩ'riti'ke** seres da ex-não germinação concorda com o nome contável plural **u'turi** partes desprovidas de vegetação.

Exemplos de concordância com os nomes não-contáveis (cf.8.1.):

(567) **akó āyusché nĩ'**

/akó āyú - sché dĩi- ' /
água estar bom-nom.inan.pl ser-pres.vist
é água boa (água é ser de bondade)

(568) **kii oé'ke...**

/kii oé - 'ke /
mandioca ralar-nom.inan.pl.perf
mandioca ralada

(569) **ba'asché asisché kometípi niischére bapâripi we'oyá!**

/ba'ã- sché así - sché kôbê-ti-pi dĩi - sché -de
comer-nom.inan.pl estar quente-nom.inan.pl panela-foc estar-nom.inan.pl-ref
bapâ-di-pi we'ó -ya/
prato-pl-foc transvasar-imp
transvase nos pratos a comida quente que está na panela!
(cf. também exemplos 488, 489, 491, 493)

Em (567), o deverbais **āyusché** ser bom concorda com o nome não-contável **akó** água; em (568), o deverbais **oé'ke** ser do ex-ralar concorda com o nome não-contável **kii** mandioca; em (569), os deverbais **asisché** ser quente e **niisché** ser que está concordam com o nome secundário não-contável **ba'asché** comida.

11.7.3. Os deverbais (nomes secundários) em **-sché** combinam-se freqüentemente com o sufixo verbalizador **-ti** ter (cf.14.4.), expressando assim um costume. A fórmula seguinte esquematiza a construção:

VERBO-sché-ti ter costume de...

Por exemplo:

(570) **a'ti-ro weeschétimi**

/a'ti-do weé - sehé - ti- bĩ /
 assim fazer-nom.inan.pl-ter-pres.vist
 (ele) tem costume de fazer assim

(571) **yamĩ kure u'á wã'kaschetimo**

/yãbĩ+kude u'á + wã'ka - sehé - ti - bõ /
 cedo tomar banho+acordar-nom.inan.pl-ter-pres.vist
 (ela) tem costume de acordar e tomar banho cedo

O verbo secundário em **-sehé-ti** pode ser, por sua vez, nominalizado pelos sufixos **-gĩ nom. -fsg**, **-sehé nom.inan.pl**, **-ró /-dól nom.lugar**, etc. Por exemplo:

wé fazer **weeschétisehe** costume de fazer
da'rá /da'dál/ trabalhar **da'rašchétisehe** costume de trabalhar

ou:

(572) **Manáokāharā dika-yuú pe'tia wa'apa'rā, naā niischétisehere**

/Manáo-kāha-dā diká+yuú+pe'ti-a + wa'a -pa'dā dāā dīi-sehé-ti-sehé -de/
 Manaus-de -pl mudar + todos+ingressivo-p.cad.rep eles ser- nom-ter- nom-ref
 dizem que todas as pessoas de Manaus acabaram mudando o seu
 costume de ser

11.8. As nominalizações com os sufixos de forma

As nominalizações com os sufixos de forma (cf. quadro geral) permitem a formação de deverbais (no singular ou no plural) de forma particular (roliça, retilínea, etc., cf.8.7.). Permitem também marcar os mecanismos de concordância.

Exemplos com os sufixos de forma roliça (fruta, tubérculo,...):

ba'á comer **ba'akahá** fruta de comer
apê brincar **apekahá** ser roliço de brincar (bola,...)
toá picar **toakahá** ferrão (de caba)

Por exemplo:

(573) **mi'ĩ basákaha miũgo wa'á'**

/bĩ'ĩ basé - a-kaha bĩi - go wa'á- ' /
 tu benzer-nom.frol.fut tirar-+fsg ir -pres.vist
 vou buscar uma fruta que você benzerá (lit. vou tirar um ser roliço do teu futuro benzer)

(574) **koô dokéo'kaha sēragáre āyuró paā yē'eya!**

/koô doké- o' - kaha sēdá - ga -de āyú-dó paā+yē'e- ya/
 ela atirar-prop-nom.frol abacaxi-frol-ref bem aparar -imp
 apare bem o abacaxi que ela está atirando! (abacaxi, ser roliço do atirar dela)

(cf. também exemplo 492)

Exemplo com os sufixos de forma de panela:

(575) **pekâ me'e pesatihíre miítia!**

/pekâ+bē'e pesâ - tihí - de bĩi-ti- a/
 fogo estar colocado-nom.fpan-ref trazer-imp
 traga a panela que está (colocada) no fogo!

Exemplos com os sufixos de forma retilínea (pau,...):

biê flechar **biekihí** flecha (ser retilíneo do flechar)

ohâ escrever **ohakihí** caneta, lápis,...

ou:

(576) **yi'ĩ ohaákihiere miítia!**

/yi'ĩ ohâ - a-kihí - de bĩi-ti- a/
 eu escrever-nom.fret.fut-ref trazer-imp
 traga uma caneta para eu escrever! (um ser retilíneo do meu futuro escrever)

Exemplos com os sufixos de forma tubular e oca (espingarda, canoa,...):

wĩ voar **wiipihí** tubo de voar (avião,...)

wa'á ir **wa'apihí** tubo de ir (barco,...)

ou:

(577) **poēwa siro niipihíre wa'miórā wa'á'**

/poē-wa + sido dīi - pihí - de wã'bĩ- o -dā wa'á- ' /
 cachoeira+abaixo estar-nom.ftub-ref subir-caus-pl ir -pres.vist
 vou fazer subir a (canoa) que está abaixo da cachoeira
 (cf. também exemplos 475, 476 e 477)

NOMES GRAMATICALIZADOS

Os morfemas que estudaremos agora são tradicionalmente conhecidos como "pronomes" (pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos, etc.). Em ye'pâ-masa, **tais pronomes têm o mesmo comportamento estrutural que os nomes:** ocupam as posições de argumentos verbais e possuem uma sufixação tipicamente nominal. Exemplos com os (pro)nomes pessoais **yi'ĩ** eu e **mi'ĩ** /bĩ'ĩ/ tu, você:

yi'ĩákã euzinho

mi'ĩta tu mesmo

ou:

(578) **yi'ĩ mi'ĩre paâ'**

(578') **mi'ĩ yi'ĩre paâ'**

/yi'ĩ bĩ'ĩ-de paâ- ' /

/bĩ'ĩ yi'ĩ-de paâ- ' /

eu tu -ref bater-pres.vist.outras pess.

tu eu -ref bater-pres.vist

eu te bato

tu me bates

(com os sufixos nominais: **-akã** diminutivo, **-ta** especificador, **-re/-de** referencial)

Como se vê pelos exemplos (578) e (578'), as formas desses nomes gramaticalizados são **insensíveis à função sintática**. Em outras palavras, as formas não obedecem a nenhuma restrição estrutural; as marcas sintáticas com as quais elas se combinam não acarretam modificações formais: não há formas diferentes entre, por exemplo, a função sujeito e a função objeto, o sufixo referencial **-re** sufixando-se ao nome pessoal **yi'ĩ** eu para dar a forma **yi'ĩre** a mim (lit. a eu).

A maioria desses (pro)nomes apresentam um paradigma de formas que os **assemelham aos deverbais estudados** no capítulo precedente. O leitor poderá verificar isso com as formas demonstrativas do quadro seguinte: as formas levam sufixada uma marca de gênero/forma/número que funciona como **cabeça nominal**; possuem também formas básicas, correspondendo aos deverbais em **-rí+** (cf. 11.5.). No entanto, **não possuem formas anteriores/perfectivas ou posteriores**, e várias irregularidades aparecem, especialmente com as formas

animadas. Além disso, a raiz verbal de que derivariam essas palavras, se existir realmente, é sempre desconhecida.

As propriedades destes paradigmas são pormenorizadamente examinadas em 12.1. com os nomes demonstrativos. O resto do capítulo descreve a anáfora, os pessoais (não-possessivos), o possessivo, a autófora, os interrogativos, os quantificadores e dois outros nomes altamente gramaticalizados.

12.1. Os demonstrativos

O quadro seguinte apresenta os paradigmas dos dois nomes demonstrativos **a'tí+** *este* e **siî+** *aquele*:

a'tí+	este, esta...	inan.sg (-rí+)	siî+	aquele, aquela...
a'té	estes, estas	inan.pl & n-cont. (-sehé)	sisé	aqueles, aquelas
a'tó	este lugar, aqui	inan.lugar (-ró)	sō'ó	aquele lugar, lá
ā'ri /ā'di/	este, esta	an.-fsg (-gí)	sī'i	aquele, aquela
a'tigo	esta	an.+fsg (-gó)	sikó	aquele
ā'rá /ā'dá/	estes, estas	an.pl (-rá)	sōhá	aqueles, aquelas
a'tiga	este roliço	frol.sg (-ga)	siká	aquele roliço
a'tepagá	estes roliços	frol.pl	sisepagá	aqueles roliços
a'tiri /a'ti-di/	esta panela	fpan.sg (-ri)	sití	aquele panela
a'teparí /a'te-pa-di/	estas panelas	fpan.pl	siseparí /sisé-pa-di/	aqueles panelas
a'tigi	este retilíneo	fret.sg (-gi)	sikí	aquele retilíneo
a'tepagí	estes retilíneos	fret.pl	sisepagí	aqueles retilíneos
a'tiwí	este tubo	ftub.sg (-wi)	sipí	aquele tubo
a'tepawí	estes tubos	ftub.pl	sisepawí	aqueles tubos
a'tiwa	esta abóbada	fab.sg (-wa)	sipá	aquele abóbada
a'tepawá	estas abóbadas	fab.pl	sisepawá	aqueles abóbadas
a'tira /a'ti-da/	este lago	f.lago/sg (-ra)	sitá	aquele lago
a'tepará /a'te-pa-da/	estes lagos	f.lago/pl	sisepará /sisé-pa-da/	aqueles lagos

① Para completar o quadro, mencionaremos outra forma em **-ró** do demonstrativo **a'tí+** *este*: trata-se de **a'tiuro** /a'ti-do/ *desta maneira, assim* (catafórico). Distingue-se de **tohô** *de tal maneira, assim* (anafórico), como nos exemplos seguintes:

a'tiuro pahigí niiámi (ele) é grande assim (mostrando o tamanho com a mão) [pahí ser grande, -gí nom.-fsg, niî /dĩi/ ser]

a'tiuro niiámi: "... " disse assim: "... " [niî /dĩi/ dizer]

"...", **tohô niiámi** "...", assim disse

② Escolhe-se **a'tí+** *este* e **siî+** *aquele* segundo o ser mostrado está relativamente perto ou relativamente longe do falante. Com **wi'i** *casa*:

a'tí wi'i /a'tí+wi'i/ *esta casa* (perto do falante, visível)

siî wi'i /siî+wi'i/ *aquele casa* (longe do falante, visível)

Com **siî+**, o ser mostrado está sempre longe do falante; no entanto, pode estar perto do ouvinte:

(579) **siî me'e, mi'ĩ tirokâha me'e...**

/ siî +bē'e bĩ'ĩ+ tido =kâha+bē'e/

aquele+fogo tu +perto= de +fogo

aquele fogo(longe de mim), (fogo) perto de ti...

Usa-se o sufixo nominal **-pi** *focalizador* com **a'tí+** *este* para indicar que o ser mostrado está perto do falante, mas longe do ouvinte (cf. exemplo 312').

③ Comentaremos por partes o comportamento estrutural das formas demonstrativas deste quadro, já que não repetiremos para a anáfora, o possessivo, os interrogativos e os quantificadores tudo o que vamos dizer sobre os demonstrativos, o que vale para estes valendo também para aqueles.

As formas da 1ª linha do quadro (**a'tí+** e **siî+**) são as formas básicas (cf. 11.5.): são **sempre** seguidas por um **nome inanimado contável singular** (ou um nome dependente) que lhes serve de **cabeça nominal**. Sendo dependente, este nome é de regra **fonologicamente átono**. A relação **Demonstrativo+Cabeça nominal** é ainda uma relação do tipo **Complemento+Completado**. Exemplos com **wi'i** *casa* e **makâ** /bâkâ/ *povoado*:

a'tí wi'i /a'tí+wi'i/ *esta casa* (casa daqui, deste ponto)

siî wi'i /siî+wi'i/ *aquele casa* (casa de lá, daquele ponto)

a'ti maká /a'tí+bâka/ *este povoado* (povoado daqui)

siî maka /siî+bâka/ *aquele povoado* (povoado de lá)

Note que, no penúltimo exemplo, o nome **maka**, apesar de ser fonologicamente átono, capturou o tom próprio do demonstrativo **a'tí**, obedecendo assim à regra geral de deslocamento tonal (cf. 3.4.).

Exemplos com os nomes obrigatoriamente dependentes **daa** *fio de* e **paa** *prato de*:

a'ti daá /a'tí+daa/ *este fio* (fio daqui)

a'ti paá /a'tí+paa/ *este prato* (prato daqui)

O nome que segue o demonstrativo é obrigatoriamente singular. O plural dos nomes inanimados contáveis forma-se com **a'té** coisas *daqui* e **sisé** coisas *de lá*:

a'té makári niĩ' /a'té bākā-di dīi-'/ *estes são povoados (as coisas daqui são...)*
a'té makári niĩ' /a'té+bāka-di dīi-'/ *são estes povoados (coisas daqui, povoados)*
a'te paári /a'té+paa-di/ *estes pratos* [-ri /-di/ *suf. nominal plural*]

Com os nomes inanimados não-contáveis, usa-se sempre as formas **a'té** e **sisé**. Exemplos com os nomes não-contáveis **moã** /bōã/ *sal* e **ohô** *vegetal banana*:

a'té moã /a'té bōã/ *este sal (lit. o ser não-contável daqui, sal)*
a'té ohô /a'té ohô/ *estas bananas (ou: estes cachos,...) (lit. o ser não-contável daqui, vegetal banana)*

e nunca: ***a'ti moá**, ***a'ti ohó**.

Quando se quer precisar a forma, usa-se um nome dependente (**paro**/pado/ *fruta oblonga de*, **yōo** *pé de*, etc.) com as formas demonstrativas **a'ti+** e **siĩ+**:

a'ti paró /a'ti+pado/ *esta fruta oblonga*
a'ti yōó /a'ti+yōol/ *este pé (de bananas,...)*
a'ti paró ohô paro niĩ' /a'ti+pado ohô+pado dīi-'/ *isto é banana (lit. a fruta daqui é fruta oblonga do vegetal banana)*

Note, no último exemplo, a repetição da cabeça **paro**. No entanto, escuta-se também, às vezes, o enunciado: **a'ti ohô paro niĩ'** *isto é banana*.

④ Contrariamente às formas básicas, as formas de todas as outras linhas são **formas independentes**: não são seguidas por um nome fonologicamente átono porque já levam **sufixada nelas a própria cabeça nominal**. Por exemplo, as formas demonstrativas independentes **a'té** *estes, estas (coisas daqui)* e **sisé** *aqueles, aquelas (coisas de lá)* são formadas com o sufixo **-ye** *inan.pl & n.cont.* (cf. 11.2.), que lhes serve de cabeça nominal:

a'té < ***a'ti-ye** (talvez: > **a'tie** > **a'tié** > **a'té**)
sisé < ***siĩ-ye**

As formas **a'té** e **sisé** funcionam como demonstrativos associados a todo tipo de **entidades inanimadas plurais ou não-contáveis**. O leitor poderá examinar novamente os exemplos dados em 12.1.③, como:

a'té moã *este sal (lit. o ser não-contável daqui, o sal)*
 que funciona como uma locução nominal apositiva especificadora (cf. 16.5.). Com

efeito, **moã sal** não funciona como cabeça nominal de **a'té**, como a tradução enganadora poderia sugerir-lo, a cabeça da palavra **a'té coisas daqui** já sendo incluída nela. **moã** é um nome aposto que aparece somente quando a clareza da expressão o exige. Compare:

a'té o'ôya! *dê este! (o ser não-contável daqui)*
moã o'ôya! *dê o sal!*
 [o'ô dar, -ya imperativo]

Como veremos em 16.5., não há coesão sintática entre dois nomes simplesmente justapostos, como em:

a'té moã niĩ' *é este sal (é o ser não-contável daqui, o sal), ou: este é sal a não ser que a relação entre eles seja do tipo n.indep.+n.dep. (nome dependente sem tom próprio) como em:*

a'ti wi'i *esta casa (casa daqui)*

Estas formas marcam também a "concordância" com os deverbais abstratos (nomes secundários). Com **ba'asché** *comida (ba'ã comer, -sché nom.inan.pl)*:

a'té ba'asché *esta comida*
sisé ba'asché *aquela comida*

As formas inanimadas **a'ti+**, **siĩ+**, **a'té** e **sisé** entram frequentemente em expressões que medem a distância temporal de certos períodos:

a'ti semára *esta semana (de agora)* [semara semana de]
siĩ semara *a semana passada*

a'te semárari *estas semanas (de agora)*
sise semárari *as semanas passadas*

a'ti ki'ma *este ano (de agora)* [ki'ma /kĩ'ba/ ano de]
siĩ ki'ma *o ano passado*

a'ti muhí-pūu *este mês* [muhi-pūu /būhi-pūu/ mês de]
siĩ muhi-pūu *o mês passado*

a'ti nímí *o dia de então* [nimi /dĩbi/ dia de]
siĩ nimi *aquele dia (passado)*

(para expressar o futuro, cf. o uso de **apé+** *outro* em 12.8.)

⑤ As formas da 3ª linha são os demonstrativos de lugar (locativo): **a'tó** *esta parte, aqui (a parte daqui)* e **sō'ó** *aquela parte, lá (a parte de lá)*:

(580) **a'topí a'tiá!**

/a'tó-pi a'ti-a/
aqui-foc vir-imp
venha até aqui!

Marcam também a concordância com os deverbais em **-ró** (cf.11.6.) e com alguns nomes que levam o sufixo nominal **-ro** no singular (como **su'ti** *roupas*):

a'tó kiti-ti'oró *este rádio* [kiti-ti'ó *ouvir notícias*, cf.11.6.⑤]

a'tó duhiró *esta cadeira* [duhi *estar sentado*]

a'tó su'tiro *esta roupa*

sō'ó su'tiro *aquela roupa*

o plural formando-se com **a'té** ou **sisé**:

a'té su'ti *estas roupas* **sisé su'ti** *aquelas roupas*

ou:

(581) **a'tó butiró niñ', sō'ó ya'saró niñ'**

/a'tó buti - dó dñi- ' sō'ó ya'sá- dó dñi- ' /
esta branco-nom.lugar ser-pres.vist aquela verde-nom.lugar ser-pres.vist
esta (roupa, cadeira,...) é branca, aquela é verde

onde os demonstrativos **a'tó** e **sō'ó**, os deverbais **butiró** e **ya'saró** referem-se a um nome singular em **-ro** ("roupa", "cadeira", "rádio", etc.).

Com os outros nomes primários que levam o sufixo **-ro** no singular (cf.8.6.), as formas demonstrativas preferidas no singular são **a'ti+** e **siñ+**, e não **a'tó** ou **sō'ó**. Em outras palavras, o sufixo **-ro** é sentido como simples marca do singular e não acarreta mais a sua concordância apropriada. Exemplos com **atá** *fornos* (**atáro** *sg*) e **kutí-** *peito* (**kutiro** *sg*, **kutiri** *pl*):

a'ti atáro /a'ti+ata-do/ *este forno* **a'te atá** /a'te+ata/ *estes fornos*

a'ti kutiro /a'ti+kuti-do/ *este peito* **a'te kutiri** /a'te+kuti-di/ *estes peitos*

Assinalaremos, para terminar, um uso muito produtivo de **sō'ó** numa construção anafórica com o verbo **niñ** /dñi/ *estar*, nominalizado nas formas perfectivas:

sō'ó niñ'ka+ *a coisa que estava lá, aquela coisa*

sō'ó niñ'ke *as coisas que estavam lá, aquelas coisas*

sō'ó niñ'ki *o ser an.-fsg que estava lá, aquele ser*

sō'ó niñ'ko *o ser an.+fsg que estava lá, aquele ser, etc.*

Expressa que a entidade à qual se refere o falante foi explicitadamente mencionada bastante tempo atrás. É uma anáfora a distância. Por exemplo:

(582) **sō'ó niñ'kere misá wiá tohari?**

/sō'ó dñi- ' ke -de bñsá wiá +toha- di /
lá estar-nom.inan.pl.perf-ref vocês devolver+ já -p.cad.vist.int
vocês já devolveram aquelas coisas?

⑥ Os demonstrativos animados:

ā'ri /ā'dí/ *este, esta (ser an.-fsg daqui)*

a'tigo /a'ti-go/ *esta (ser an.+fsg daqui)*

ā'rá /ā'dá/ *estes, estas (seres an.pl. daqui)*

sī'i,... *aquele, aquela (ser an.-sfg de lá), etc.*

têm formas bastante difíceis de analisar. Note - em particular - a nasalização das formas -fsg e a laringalização da forma **sī'i** (como a forma locativa **sō'ó**).

Alguns exemplos:

(583) **ā'riri paaápi**

/ā'dí-de paá - a-pi /
este-ref bater-p.rec.vist
bati neste (menino, homem, cachorro,...)

(584) **sī'i yaire wēheápi**

/sī'i yaí -de wēhé - a-pi /
aquela onça-ref matar-p.rec.vist
matei aquela onça

Compare também, com **imí** /ĩbí/ *macho, homem*:

ā'rá imiá /ā'dá ĩb i-a/ *estes machos (os seres an.pl daqui, machos)*

com o idiomatismo:

ā'ra imiá /ā'dá+ĩbi-a/ *os empregados destes (lit. os "machos" destes)*

⑦ Exemplos de demonstrativos com sufixos de forma (cf.8.7.):

a'tiga kiigá *este tubérculo de mandioca* [**kií** *mandioca*]

a'tepagá kiipagá *estes tubérculos de mandioca*

a'tiri peêruti *esta panela de caxiri* [**peêru** *caxiri*]

a'teparí peêrupari *estas panelas de caxiri*

ou simplesmente, se o contexto o permitir (o que é o mais frequente):

a'tiga *esta fruta redonda, este tubérculo*

a'tepagá *estas frutas redondas, estes tubérculos*

a'tiri *esta panela (de metal, de argila, de caxiri,...)*

a'teparí *estas panelas*

Nas conversações de todos os dias, os plurais dos demonstrativos se simplificam quando seguidos pelo nome que precisa o seu referente. Ouve-se então:

a'té kiipagá *estes tubérculos de mandioca*

a'té peêrupari *estas panelas de caxiri*

Com as partes do corpo que levam o sufixo nominal **-(g)a frol** no singular, os demonstrativos preferidos são **a'tí+** ou **sií+**, e não **a'tíga** ou **siká**. Em outras palavras, **-(g)a** funciona como uma simples marca de singular e não acarreta mais a sua concordância apropriada. Exemplo com **ka'pê-** olho (**kapê(g)a** sg, **kapêri**, **kapepagá** pl):

a'ti kapê(g)a /a'tí+kape-ga/ *este olho*

a'te kapéri /a'té+kape-di/ *estes olhos*

12.2. A anáfora **tíi+**

12.2.1. O quadro seguinte apresenta o paradigma de formas da anáfora **tíi+** menção precedente:

tíi+	já mencionado: tal (coisa) [inan.sg]	tigá /tií-ga/ teepagá	tal roliço tais roliços
teé	tais coisas [inan.pl & n-cont.]	tirí /tií-di/ teeparí /teé-pa-di/	tal panela tais panelas
toó	tal lugar, tal parte	tigí /tií-gi/ teepagí	tal retilíneo tais retilíneos
kíi	tal pessoa: ele, ela [an.-fsg]	tiwí /tií-wi/ teepawí	tal tubo tais tubos
koô	tal pessoa: ela [an.+fsg]	tiwá /tií-wa/ teepawá	tal abóbada tais abóbadas
naá /dãã/	tais pessoas: eles, elas [an.pl]	tirá /tií-da/ teepará /teé-pa-da/	tal lago tais lagos

Existe também outra forma em **-ró**. Trata-se de **tohô** de tal maneira, assim, cujo funcionamento foi descrito em 12.1.①.

12.2.2. A anáfora **tíi+** refere-se ao "já citado" ou "já mencionado" na oração anterior. Ela sempre remete **ao que acabou de dizer o falante ou o ouvinte** (opondo-se assim à construção anafórica distante em **sõ'ó** estudada em cf. 12.1.⑤, que remete a um lapso de tempo relativamente mais comprido).

Exemplos com **tíi+** (*ser.inan.sg*) de menção precedente, **teé** (*seres inan.pl*), **ser não-contável** de menção precedente e **toó** (*lugar de menção precedente*):

(585) **...pahará masá etãwã, tíi makápire**

/pahá-dã bāsá etã - wã tíi + bāka - pi -de/
muitas pessoas chegar-p.cad.vist ana+povoado-foc-ref
...muita gente chegou, naquele povoado (que acabo de citar)

(o falante tinha dito antes: "um certo dia, cheguei num povoado onde os oradores faziam uma festa")

(586) **teeré miítia!**

/teé-de bíi-ti- a/
ana-ref trazer-imp
traga aquilo! (os objetos, a água, etc., de que você acaba de falar)

(587) **...toopíre, naá me'ra peêru sī'riápi**

/toó- pi -de dãã+bē'da peêdu sī'dí - a-pi /
ana-foc-ref eles+ com caxiri beber-p.rec.vist
...lá (em tal lugar, no lugar que acabo de citar), bebi caxiri com eles
(mesmo contexto que 585)

A forma básica **tíi+** é sempre seguida pelo nome inanimado contável singular que lhe serve de cabeça nominal. Exemplos com **wi'i** casa e **daa** fio de:

tíi wi'i /tií+wi'i/ tal casa (casa de menção precedente)

tíi daá /tií+daa/ tal fio (fio de menção precedente)

As outras formas são independentes (a sua cabeça nominal estando já sufixada nelas), o nome associado à entidade à qual se refere a anáfora aparecendo quando a clareza da expressão o exige:

teé ayusehé nií' tais (casas, fios,...) são bonitos; tal ser não-contável (água, vegetal,...) é bonito [**áyú** ser bonito, **-sché** nom.inan.pl]

tigá (kiigá) tal (tubérculo de mandioca) [**kií** mandioca]

Evidências comparativas e semânticas mostram que as formas animadas: **kíi** ele, ela (-fsg), **koô** ela (+fsg) e **naá** /dãã/ eles, elas (pl), apesar de ser bastante irregulares, pertencem ao paradigma da anáfora **tíi+**. Com efeito, as formas anafóricas animadas conservaram a sua raiz **ti-** em várias línguas da mesma família (por exemplo, em pira-tapua: **tikiro** ele, ela, **tikoro** ela, **tikina** eles, elas). Estas formas têm um significado sempre anafórico que estudaremos em 12.3.

Escrevemos: **tigá, tigí, tirí**,... e não: **tiigá, tiigí, tiirí**,... por causa do reajustamento à estrutura bimoraica, evidenciado, por exemplo, em:

tigaré /tigá-de/ a tal tubérculo e não: ***tiigáre**
(a regra de deslocamento tonal não sendo iterativa)

12.2.3. A anáfora é um dos morfemas mais empregados da língua ye'pâ-masa. Aparece em expressões usadas, como:

tootá *ai mesmo*

tee nohóta *as mesmas coisas*

tīta *naquele tempo referido, então*

tīta pūrikā, too pūrikā *então,...* (cf.9.12.)

toó be'ro, teé be'ro *depois disso,...*

toô kā'rota *só isso*

toô maha paka *tanto*

tohôta *assim mesmo*

tohô weégi' *por isso,...* (cf.10.5.)

tohô weerí tero *naquele momento,...*

tohô weé (toha) *(já) feito assim,...*

Várias destas expressões são marcas de coesão discursiva ou servem de conexão entre as orações. Por exemplo:

(588) **semê ba'aápi; tohô weé, kārigí wa'aápi**

/sêbê ba'â - a-pi tohô weé kãdí - gi wa'â - a-pi /
paca comer-p.rec.vist assim fazer dormir--fsg ir -p.rec.vist
comi paca; feito assim, fui dormir

12.3. Os nomes pessoais (não-possessivos)

As seguintes formas de pessoais fazem sempre referência a **ser(es) animado(s)**:

yi'ĩ *eu (1ª p.sg)*

mi'ĩ /bĩ'ĩ/ *tu, você (2ª p.sg)*

marí /bãdí/ *nós inclusivo (1ª p.pl)*

kĩ *ele, ela (3ª -fsg)* **koô** *ela (3ª +fsg)* **naâ** /dãã/ *eles, elas (3ª pl)*

ĩsâ *nós exclusivo (1ª p.pl)*

misâ /bĩsâ/ *vocês (2ª p.pl)*

As formas da 1ª pessoa do plural **ĩsâ** *nós exclusivo* e **marí** *nós inclusivo* permitem uma distinção entre a exclusão e a inclusão do(s) ouvinte(s).

As formas da 3ª pessoa são os anafóricos estudados em 12.2. Nunca têm valor demonstrativo. Quando se quer dar um valor demonstrativo, como no exemplo seguinte, usa-se obrigatoriamente um dos demonstrativos estudados em 12.1.:

(589) - **noá semêre ba'aáti? - ã'rí ba'aámi**

/ dõã sêbê-de ba'â - a-ti ã'dí ba'â - a-bĩ /

quem paca-ref comer-p.rec.vist-int este comer-p.rec.vist

- *quem comeu a paca? - ele (a comeu) (mostrando com a mão ou os lábios)*

A forma **kĩ** usa-se para qualquer entidade de sexo masculino ou para qualquer animal:

(590) **kĩ pahigí niimi**

/ kĩ pahí - gí dĩ - bĩ /

ele/ela ser grande-nom.-fsg ser-pres.vist

ele é grande (homem, cachorro, papagaio), ela é grande (anta, onça)

Como em português, os pessoais são sempre facultativos:

yi'ĩ ba'aápi *eu comi*

koô ba'aámo *ela comeu*

ba'aápi *comi*

ba'aámo *comeu*

No entanto, são frequentemente empregados:

♦ nas orações copulativas:

yi'ĩ imí niĩ' *eu sou homem* [imí homem]

♦ nas orações imperativas:

misâ, ba'áya! *comam, vocês!* [ba'â comer, -ya imperativo]

♦ nas respostas do tipo: "(sou) eu" às perguntas do tipo: "quem é?".

♦ ou, simplesmente, sempre que a ênfase ou a claridade da expressão o exige. Os sufixos verbais: **-2**, **-a-pi**, etc. *outras pessoas* são teoricamente imprecisos em relação à pessoa ("eu", "tu", "nós" ou "vocês"?) e as formas verbais interrogativas não dão nenhuma informação sobre a pessoa (cf.5.5.). Por isso, recorre-se a um nome pessoal, caso houver ambigüidade.

Os nomes pessoais são frequentemente associados aos numerais:

marí piárã *nós dois* [piárã /pi í-a-dã/ dois]

misâ i'tiárã *vocês três* [i'tiárã /i'tí-a-dã/ três]

As construções do tipo: (pro)nome nome, quando os dois elementos têm a mesma referência nominal, são extremamente comuns:

misâ numiâ *vocês mulheres* [numiâ /dūbî-a/ *mulheres*]
naâ imiâ *eles os homens* [imiâ /ʔb i-a/ *homens*]
kãũ ûhuri *ele o jabuti* [ûhuri /ûhudi/ *jabuti*]

Servem, como nos dois primeiros exemplos, para precisar se se trata de homens ou mulheres; ou, em regra geral, para focalizar a entidade ou para não deixar dúvida sobre a sua referência.

12.4. O possessivo yaá+

12.4.1. A forma básica possessiva **yaá+** *possessão de (possuído por)* aparece precedida pelo possessor e seguida pelo possuído (neste caso, um nome inanimado contável que perde o seu tom próprio), conforme a fórmula seguinte:

(I) possessor yaá + possuído

Exemplos com os nomes possuídos **wi'i** *casa* e **wesé** *roça*:

Péduru yaá wi'i /Pédudu yaá+wi'i/ *a casa de Pedro (casa de possessão de P.)*
wiōgi yaa wesé /wiō-gi yaá+wesé/ *a roça do chefe (roça de possessão do chefe)*

Quando o possessor é um nome pessoal que não seja ego (**mi'ĩ** *você*, **marĩ** *nós*, **koô** *ela*, etc.), um interrogativo, um demonstrativo ou o nome gramaticalizado **ãpĩ** *outro*, a construção esquematizada pela fórmula acima forma uma unidade tonal:

(I') possessor + yaá + possuído

o tom do possessor passando inexplicadamente para o possessivo.

Exemplos de construção (I'):

mi'i yaá wi'i /bĩ'i+yaá+wi'i/ *a tua casa (casa de possessão de ti)*
koo yaá wi'i *a casa dela*
koo yaá wese *a roça dela*
naa yaá wi'i *a casa deles*
mari yaá wi'i *a nossa casa (casa de possessão de nós)*
misa yaá wi'i *a casa de vocês*

noa yaá wi'i? *a casa de quem?*

ã'ri yaá wi'i *a casa deste (homem)*

Quando o possessor é ego (1ª p.sg), a construção simplifica-se:

(I'') yaá + possuído meu/minha...

Em outras palavras, o possessor **yi'ĩ** *eu* não aparece. Comparações com outras línguas da mesma família (onde o possessor 1ª p.sg é presente neste tipo de construção) sugere que - diacronicamente - o pessoal **yi'ĩ**, na língua dos ye'pâ-masá, desapareceu da construção.

Exemplos de construção (I''):

yaá wi'i /yaá+wi'i/ *a minha casa [casa de possessão (de eu)]*

yaa wesé /yaa+wesé/ *a minha roça [roça de possessão (de eu)]*

12.4.2. As outras formas são independentes: combinam-se com o possuído que aparece sob forma de sufixos. Todas as formas possessivas são apresentadas no quadro seguinte:

yaá+	inan.sg de possessão de	yagá /yaá-ga/ yecpagá	roliço de poss. de roliços de poss. de
yeé	inan.pl & n-cont. de possessão de	yari /yaá-di/ yecparĩ /yec-pa-di/	panela de poss. de panelas de poss. de
yaró /yaá-do/	parte de possessão de	yagi /yaá-gi/ yecpagi	retilíneo de poss.de retilíneos de poss.de
yagi /yaá-gi/	an.-fsg de possessão de	yawĩ /yaá-wi/ yecpawĩ	tubo de poss. de tubos de poss. de
yagó /yaá-go/	an.+fsg de possessão de	yawá /yaá-wa/ yecpawá	abóbada de poss. de abóbadas de poss. de
yará /yaá-dã/	an.pl de possessão de	yará /yaá-da/ yecpará /yec-pa-da/	lago de poss. de lagos de poss. de

12.4.3. As formas não básicas deste quadro não podem ser realmente qualificadas de independentes, já que o possessor (a não ser ego) aparece obrigatoriamente antes delas. As fórmulas (I), (I') e (I'') são ainda válidas, o possuído combinado com o possessivo sob forma de sufixo:

Péduru yeé *as coisas de P. (casas, roças,...), o ser não-contável de P. (água, farinha,...)*

mari yeé *as nossas coisas, o nosso ser não-contável*

yeé *as minhas coisas, o meu ser não-contável*

yaró *a minha parte (roupa, rádio, cadeira,...)* (cf.12.1.5)

mari yagí *o nosso animal de posseção*
mari yará *os nossos animais de posseção*
yagó *o meu animal de posseção feminino (cachorra, gata,...), a minha namorada*
noa yawí? *canoa, avião de quem?*
noa yecé pawí? *canoas, aviões de quem?*

Quando a clareza o exige, a referência ao possuído efetua-se com um nome apostro. Exemplos com **akó** *água*, **su'tí** *roupas (su'tíro sg)*, **diâyí** *cachorro* e **kii** *mandioca*:

yecé akó *a minha água [o ser não-contável de posseção (de eu), água]*
mi'î yecé akó *a água de você (o ser não-contável de posseção de você, água)*
yaró su'tíro *a minha roupa*
yagí diâyí *o meu cachorro*
yagá kiigá *o meu tubérculo de mandioca*
yec(pagá) kiipagá *os meus tubérculos de mandioca*

12.4.4. Este tipo de posseção em **yaá+** usa-se para todo tipo de posseção alienável (objetos, casa, roça, animais domésticos).

O possessivo **yaá+** nunca se usa com os **termos de parentesco**. Neste caso, o (pro)nome pessoal precede diretamente o termo de parentesco. Exemplos com **pakó** *mãe*:

yi'î pako /yi'î+pako/ *minha mãe (mãe de eu)*
îsâ pako /îsâ+pako/ *nossa mãe (mãe de nós)*
koô pakó /koô pakó/ *mãe dela*
Péduru pakó *mãe de Pedro*

O leitor achará uma lista de termos de parentesco e a maneira pela qual esses termos se estruturam entre si no anexo do dicionário. Os termos de parentesco mudam de tom conforme o nome pessoal ou o nome próprio que os precede. Extremamente complexas, essas regras de mudança tonal são pormenorizadamente descritas no anexo. Apesar desta complexidade, nota-se que, em regra geral, os termos de parentesco precedidos por um pessoal na 1ª ou 2ª pessoa do singular ou do plural ou por um demonstrativo tornam-se dependentes, perdendo o seu tom próprio, enquanto eles permanecem independentes, com o seu tom próprio, quando forem precedidos por um pessoal na 3ª pessoa ou por um nome próprio (cf. os exemplos acima com **pakó**). Em poucas palavras, **o termo de parentesco torna-se dependente quando o "possessor" está em vista**.

Com as **partes do corpo e outras partes ontológicas**, o uso do possessivo **yaá+** é facultativo, a construção "direta" típica dos termos de parentesco, com o nome pessoal precedendo diretamente a parte do corpo, sendo também muito comum. A expressão deste tipo de posseção inalienável flutua consideravelmente conforme o locutor. Exemplo com **isô** *coxa*:

yaa isô /yaá+isô/ *a minha coxa* **mi'î yaá isô** /bî'î+yaá+isô/ *a tua coxa*
yi'î isô *idem* **mi'î isô** *idem*

Na construção "direta", a parte do corpo pode perder o seu tom próprio. As regras, apesar de flutuar extremamente de um locutor para outro, poderiam ser resumidas da mesma maneira que fizemos com os termos de parentesco: **o nome associado à parte do corpo ou ontológica torna-se dependente quando o "possessor" está em vista**. Compare:

wekî ôpekô *leite da vaca (na vaca que vejo)*
wekî ôpekô /wekî+ôpe-kô/ *leite de vaca (dentro da panela)*
yi'î ô'â *meu osso (parte do meu corpo)*
yaî ô'a /yaî+ô'a/ *osso de onça (osso que guardo, a onça já tendo morrido)*
 [**wekî vaca, ôpekô leite, yaî onça, ô'â osso**]

O sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial* é também muito usado nas construções possessivas inalienáveis (cf. 8.12.). Por exemplo:

(591) **kîre pîkôro niî'**
 /kî-de pîkô-do dîi- ' /
 ele-ref cauda ser-pres.vist
ele tem uma cauda (lit. nele, existe uma cauda)
 (cf. também exemplo 334)

Para o uso do sufixo **=kâha** *oriundo de, proveniente de, procedente de*, cf. 14.3.

12.4.5. Assinalaremos, para terminar, um uso da forma possessiva **yecé** *poss.inan.pl* com o deverbal **uúkûshe** *fala, língua (falada)* (< **uúkû** *falar, -she* *nom.inan.pl*):

ye'pâ-masa yecé uúkûshe *língua dos ye'pâ-masa*
pekâsâha yecé uúkûshe *língua dos brancos*
 [**pekâsâha** /pekâ+bâsa/ *brancos*]

ou, mais comumente: **ye'pâ-masa yecé, pekâsâha yecé**.

12.5. A autófora **opâ+**

A autófora **opâ+** *entidade genérica* funciona como uma pro-forma nominal que equivale a todos os outros nomes. **opâ+** é sempre seguido por um **nome**

dependente ou por um sufixo de forma (-ga forma roliça, -gi forma retilínea,...):
opâ pîhi /opâ+pîhi/ ser em forma de lâmina, lâmina de ser [pîhi lâmina de]
opâga ser em forma roliça, roliço de ser

Usa-se a mesma forma para o singular ou o plural:

opâ pîhiri /opâ+pîhi-di/ seres em forma de lâmina, lâminas de seres
opapagá seres em forma roliça, roliços de seres (para o plural dos sufixos de forma, cf.8.7.)

A autófora usa-se quando não se pode especificar a entidade qualificada:
 (592) **opâ pa'ta nîi'**

/ opâ + pa'ta dîi- ' /
 autófora+paralelepípedo ser-pres.vist
 é uma coisa em forma de paralelepípedo (é um paralelepípedo de ser)
 (cf. também exemplo 354)

Usa-se também quando se quer precisar a forma de uma entidade bem definida. Exemplo com o nome não-contável **mipî** /bîpî/ vegetal açai:

(593) **mipî opâ yōo nîwi**

/bîpî opâ + yōo dîi- wi /
 açai autófora+palmeira ser-p.cad.vist
 açazeiro tem forma de palmeira (o vegetal açai é uma palmeira de ser, um ser em forma de palmeira)

Outros exemplos:

(594) **ārî koo opâ di'a nîi'**

/ādî + koo opâ + di'a dîi- ' /
 cana+caldo autófora+puro ser-pres.vist
 é caldo de cana puro (o caldo de cana é um puro de ser)

(595) **pu'tigá opâ yibi nîi'**

/pu'ti -ga opâ + yibi dîi- ' /
 massa-frol autófora+esférico ser-pres.vist
 a bola de massa é redonda (é um esférico de ser)
 (cf. também exemplo 355)

12.6. Os interrogativos

A língua possui dois interrogativos: o interrogativo de tipo seletivo **dîi+ qual?** e o interrogativo de tipo geral **yē'é o quê?**

12.6.1. O quadro seguinte apresenta o paradigma do **interrogativo seletivo**, cuja forma básica é **dîi+ qual?**:

dîi+...?	qual...? (inan.sg)	diká?	qual roliço?
disé?	quais? (inan.pl)	dití?	qual panela?
no'ó? /dō'ó/	que parte?, onde?	diké?	qual retilíneo?
ni'í? /dî'í/	o qual? (an.-fsg)	dipí?	qual tubo?
dikó?	a qual? (an.+fsg)	dipá?	qual abóbada?
nohá? /dōhá/	os quais? (an.pl)	ditá?	qual lago?

Os plurais das seis últimas formas são: **disepagá**, **diseparí** /disé-pa-di/, **disepagí**, **disepawí**, **disepawá** e **disepará** /disé-pa-da/.

Para completar o quadro, mencionaremos duas formas que, ao nosso ver, pertencem ao mesmo paradigma:

de'ró? /de'dó/ de que maneira?, como?

noá? /dōá/ quem? (sg ou pl) [humano]

O interrogativo seletivo é a marca de uma pergunta seletiva dentro do conhecido:

(596) **dîi wi'í mi'í weeáti?**

/dîi +wi'í bî'í weé - a -ti/
 qual+casa tu fazer-p.rec.vist-int
 qual é a casa que você fez?

(597) **no'ó wa'áti?**

/dō'ó wa'á- ti /
 onde ir -pres.vist.int
 aonde vai?

(598) **noá a'teré weerósari?**

/dōá a'té- de weé-do-sa-di/
 quem isto-ref fazer-fut -int
 quem fará isto? (resposta: - Pedro)

(599) **nohá ba'árosari?**

/dōhá ba'á -do-sa-di/
 os quais comer- fut -int
 os quais comerão? (resposta: - estes)

(600) **noharé da'rará bokaáti?**

/dōhá -de da'dá - dá boká - a -ti/
 os quais-ref trabalhar-nom.pl encontrar-p.rec.vist-int
 os quais dos trabalhadores (você) encontrou?

(601) **noha nohó niiti, ā'rá?**

/dōhá +dōho dīi- ti ā'dá/
 os quais+ tipo ser-pres.vist.int estes
 de que grupo são estes? (lit. tipo quais são estes?)

Note, nos exemplos (598,599), a concordância verbal com os interrogativos **noá?** quem? e **nohá?** os quais?: usou-se uma forma verbal com o sufixo inanimado **-ro**, apesar destes interrogativos fazerem referência a animados. No entanto, uma forma com um sufixo animado (**-gi** ou **-rā**) seria igualmente correta.

Os interrogativos são muito usados com a palavra dependente **noho** como, tipo (cf.9.10.), como no exemplo (601).

Exemplos com **de'ró?** de que maneira?, como?:

(602) **de'ró niigi' weetí?**

/de'dó dīi - gi' weé - ti /
 como dizer-impl.ms v.aux.-pres.vist.int
 o que está dizendo? (como está dizendo?)

(603) **de'ró weé, mi'ĩ do'átiri?**

/de'dó weé bĩ'ĩ do'â=ti - di /
 como fazer tu adoecer-p.cad.vist.int
 por que motivo você adoeceu? (lit. fazendo como você adoeceu?)

O interrogativo **de'ró** entra na composição de várias expressões, como **de'ró niiká?** quando? e **de'ró weégi'?** por que? (cf. exemplos 457 e 472).

Outros exemplos:

dīi maka? /dīi+bāka/ qual povoado? [makâ /bākâ/ povoado]

dise makári? /disé+bāka-di/ quais povoados?

disé akó? qual água? [akó água]

no'ó su'tiro? /dō'ó su'ti-dol/ qual roupa? [su'tiro roupa]

diká kiigá? /diká ki-gal/ qual tubérculo de mandioca? [kií mandioca]

As regras são as mesmas: enquanto a forma básica **dīi+** é sempre seguida pela sua cabeça nominal (inanimado contável singular sem tom próprio), as outras formas (**disé**, **no'ó**, **diká**,...) são independentes, o nome ao qual elas fazem referência podendo aparecer como apostro para a clareza da expressão. Quando **disé** refere-se a um nome contável plural, este (quando expresso) torna-se geralmente dependente (como no exemplo: **dise makári?** quais povoados?).

12.6.2. O interrogativo de **tipo geral** tem as formas seguintes:

yē'é? que ser?, o quê? (inanimado)
yamí? /yābá-gi/ que ser? (an.-fsg) **yamó?** /yābá-gol/ que ser? (an.+fsg)
yamârâ? /yābâ-dâ/ que seres? (an.pl)

Por exemplo:

(604) **yē'eré iasari?**

/yē'é -de iá - sa -di/
 o quê?-ref querer-pres.sent-int
 o quê (você) quer?

(605) **yē'e nohó ba'aátí?**

/yē'é +dōho ba'â - a -ti/
 que ser?+ tipo comer-p.rec.vist-int
 o quê (você) comeu? (lit. que tipo de ser inanimado...?)

(606) **yamârâre wēheátí?**

/yābâ-dâ -de wēhé- a -ti/
 que seres?-ref matar-p.rec.vist-int
 que seres matou?

Os interrogativos de tipo geral usam-se também como suspensivo, quando o falante tente lembrar um ser esquecido:

(607) **yamârâ... moârâ paharâ di'akīhi niūwâ**

/yābâ-dâ bōâ-dâ+paha-dâ+di'a-kīhi dīi - wā /
 suspensivo moscas+ muitas +somente estar-p.cad.vist
 só havia...como é?...ah!, muitas moscas

12.6.3. O sufixo verbal interrogativo (**-ti** ou **-ri**) aparece obrigatoriamente em todos os tipos de pergunta (pergunta polar ou pergunta com palavra interrogativa, cf.5.5.).

Os interrogativos usam-se também como indefinidos. Neste caso, o verbo não leva nenhum sufixo interrogativo:

1. **no'ó/dō'ó/e de'ró/de'dó/** podem empregar-se no sentido de "qualquer":

no'ó niiró qualquer (lugar, roupa,...) [niī /dīi/ estar, **-ró** nom.lugar]

no'ó niisché qualquer coisa [-sché nom.inan.pl]

no'ó niirí niimi qualquer dia [-rī nom.inan.sg, niimi /dībi/ dia de]

no'ó niirí tero qualquer momento [tero /tedol/ momento]

no'ó niigó qualquer mulher, qualquer fêmea

de'ró niiró,... idem

Outros exemplos:

(608) **no'ó yi'ĩ wa'aró yi'ĩre siru tuúmi**
 / dō'ó yi'ĩ wa'á- dó yi'ĩ-de sidú+tuu- bĩ /
 qualquer eu ir -nom.lugar eu-ref seguir -pres.vist
 (ele) me segue em qualquer lugar onde eu vou

(609) **de'ró niigí etaká, wēhékā'giti'**
 / de'dó dīi- gí etá - ká wēhé-kā'-gi-ti-'/
 qualquer ser-nom.-fsg chegar-impl.cs matar-ass- fut
 matarei quem seja que chegue (chegando qualquer pessoa)

2. Com a palavra **neê** /deê/ *nem* que serve para enfatizar qualquer enunciado negativo, os interrogativos usam-se como indefinidos negativos:

neê yē'e nohó nada
neê de'ró niiká nunca
neê noá ninguém

Por exemplo:

(610) **koô neê de'ró niiká bu'ētimo**
 /koô dēē de'dó dīi- ká bu'ē - ti - bō /
 ela nem qualquer ser-impl.cs estudar-neg-pres.vist
 ela nunca estuda (lit. nem estuda sendo qualquer tempo)

3. O interrogativo **noá?** *quem?* pode também ser usado como relativo:

(611) **masítisa' noá ba'á'karore**
 /bāsī - ti - sa-' dōá ba'á - 'ka-do -de/
 saber-neg-pres.sent quem comer-nom.lugar.perf-ref
 não sei quem comeu

12.7. Os quantificadores

12.7.1. Os **numerais** mais usados aparecem no quadro seguinte:

	1	2	3	4	5	10
Inanimado	ni'ká+	piá+	i'tiá+	ba'pâritise	ni'kâmukâse	piámukâse
Lugar	ni'kâro	piáro	i'tiáro			
Animado	ni'kí -f ni'kó +f	piárã	i'tiárã	ba'pâritirã	ni'kâmukārã	piámukārã

Com os sufixos de forma, temos regularmente:

ni'kága /dī'ká-ga/ *um roliço* **ni'kági** /dī'ká-gi/ *um retilíneo*, etc.
piága *dois roliço(s)* **i'tiága** *três roliço(s)*, etc.

As formas básicas (associadas aos inanimados) aparecem com os numerais 1, 2 e 3. São sempre seguidas pelo nome de referência, sem tom próprio e obrigatoriamente na sua forma singular:

ni'ká wi'i /dī'ká+wi'i/ *uma casa*
piá wi'i /piá+wi'i/ *duas casa(s)*
i'tiá wi'i /i'tiá+wi'i/ *três casa(s)*

A partir de 4, o nome (quando exigido para a clareza da expressão) está na sua forma plural:

ba'pâritise wi'seri *quatro casas* [**wi'sêri** /wi'sê-di/ *casas*]
ni'kâmukâse wi'seri *cinco casas*

Outros exemplos com as formas independentes (seguidas aqui, como aposto, pelo nome associado, para a clareza da expressão):

ni'kí imí *um homem* [**imí** /ĩb í/ *homem*]
ni'kó numiô *uma mulher* [**numiô** /dūbî-o/ *mulher*]
piárã numiã *duas mulheres* [**numiã** /dūbî-a/ *mulheres*]
ni'kâmukārã numiã *cinco mulheres*
ni'kâro su'tiro *uma roupa*
i'tiáro su'tiro *três roupas*
ba'pâritise su'tí *quatro roupas* [**su'tí** *roupas*, **su'tiro** *roupa*]
ni'kága kiigá *um tubérculo de mandioca* [**kií** *mandioca*]
ba'pâritise(paga) kiipagá *quatro tubérculos de mandioca*

Note a formação dos numerais 5 e 10:

ni'kâmukã-, ni'kâmukĩ- 5 ("uma mão" <ni'ká-um, amukã/ābu-kã/ mão)
piámukã-, piámukĩ- 10 ("duas mãos")

Os outros numerais são de formação muito complexa e, por conseguinte, pouco usados. Atualmente, prefere-se utilizar os numerais das línguas portuguesa ou castelhana. Exemplo de formação do número 14 (com inanimados):

(612) **piámukâse pe'tí, ni'ká di'pokã ba'pâritise pē'ri pēhásehe**
 /piá+ābukã-se pe'tí dī'ká +di'pokã ba'pâ-di-ti-se pē'dí+peha - sehé/
 dez terminar um + pē quatro fazer conexão-nom.inan.pl
 14 (duas mãos terminadas, e quatro de um pē fazendo conexão)

ou, mais simplesmente:

piá amukā, ni'ká di'pokā ba'pâritise piikari
duas mãos, quatro dedos de um pé [piikari/piika-di/ dedos]

12.7.2. Com a palavra **neê** /dêê/ *nem* que serve para enfatizar qualquer enunciado negativo, o numeral "um" funciona como um indefinido negativo:

neê ni'ká wi'i nenhuma casa

neê ni'ká ninguém

Não existe um sistema de numerais ordinais. Para indicar a ordem apresentada pelo nome, recorre-se à expressões do tipo:

ni'karí wi'i primeira casa (lit. casa do começo) [ni'ká/dĩ'ká/ começar]

be'rokāhá wi'i segunda casa (lit. casa de depois) [be'ró depois, =kāha de]

piá wi'i be'rokāha wi'i terceira casa (lit. a casa de depois de duas casas)

Os **multiplicativos** formam-se com o sufixo **-ti** para os numerais 1, 2 e 3, e com os sufixos **-ti-ri** /-ti-di/ para os outros numerais ou outros quantificadores:

ni'káti uma vez **piáti** duas vezes **i'tiáti** três vezes

ba'pâritisetiri quatro vezes **ni'karétiri** umas vezes

pehetiri muitas vezes **diikésehetiri?** quantas vezes?

tiikésehetiri tantas vezes **apêyetiri** algumas vezes

[ni'karé uns, **pehé** muito, **diikésehe?** quantos?, **tiikésehe** tantos, **apêye** outros, alguns]

Os **distributivos** formam-se com o sufixo **-ré** /-dê/. O nome associado está sempre no plural:

ni'karé+ de um em um; uns, alguns (inanimados)

ni'karérā idem (animados)

ni'karépara idem (seres roliços)

piá'rērā de dois em dois (animados)

i'tiá'rērā de três em três (animados)

Por exemplo:

(613) **misá ni'karérā wa'âya!**

/bĩsá dĩ'ká-dê-dā wa'â-ya/

vocês de um em um ir -imp

vão vocês de um em um!

(614) **ni'karé wi'seri i'yaápi**

/dĩ'ká-dê + wi'i-se-di i'yâ- a-pi /

um por um+casa- pl ver-p.rec.vist

vi algumas casas (uma..., mais longe ...outra,...)

(615) **misâre piá'rērā dika-waágiti'**

/bĩsá -de piá'-dê-dā diká+waa-gi-ti-'/

vocês-ref de dois em dois dividir - fut

vou dividir vocês de dois em dois

12.7.3. Outros quantificadores são:

1. As palavras independentes:

pehé muitos (contáveis inanimados)

pahará /pahá-dā/ muitos (contáveis animados)

pehêti, pehête poucos (contáveis inanimados)

pehêtirā, pehêterā poucos (contáveis animados)

Com os sufixos de forma, a formação é regular: **pehepagá** muitos roliços, etc.

Exemplos:

wi'sêri pehé muitas casas

pehé po'ká, po'ká pehé muitos pães de farinha [po'ká farinha]

pahará buuá, buuá pahará, buuá pahará muitas cutias [buu cutia, -a plural]

Quando a quantidade for não-contável, usa-se o deverbal **pahiró** muito (**pahí** estar grande) ou a palavra **kā'ró** pouco (**kā'á** de tamanho médio, cf. 12.9.):

pahiró po'ká muita farinha

kā'ró ba'âmi (ele) come pouco [ba'â comer]

2. As palavras independentes (também associadas a nomes no plural):

diikésehe? quantos? (cont.inan) **diikérā?** quantos? (cont.an)

tiikésehe tal quantidade (inan) **tiikérā** tal quantidade (an)

a'tikésehe esta quantidade (inan) **a'tikérā** esta quantidade (an)

[dĩ+? qual?, ti+ anáfora, a'ti+ este]

Por exemplo:

(616) **diikérā wa'ĩ nĩti?**

/dií-ke-dā wa'ĩ dĩi - ti /

quantos peixes estar-pres.vist.int

quantos peixes há?

(617) **tiikésehe misá kiótí?**

/tií-ke-sehe bĩsá kió- ti /

tal quantidade vocês ter-pres.vist.int

vocês têm aquela quantidade de coisas?

Quando a quantidade for não-contável, pergunta-se com **no'ó kã'ro?** *quantos?*(cf.12.9.):

no'ó kã'ro ba'aáti? *quanto comeu?* (resposta: **pahiró** muito, **kã'ró** pouco)

3. As palavras **diikéseche**, **diikérã** e **no'ó kã'ro** *quanto(s)?* servem também de palavras exclamativas (com mudança de intonação e sem sufixo verbal interrogativo):

(618) **diikéseche mi'ŕe o'oápi!**

/dií-ke-sehe bí'i-de o'ô- a-pi /
 quanto tu-ref. dar-p.rec.vist
 (eu) te dei tantas coisas!

(619) **no'ó kã'ro miiámo koô!**

/dô'ó+kã'do bíi - a-bô koô/
 quanto tirar-p.rec.vist ela
 (ela) tirou tanto!

12.8. O genérico não-seletivo apé

O quadro seguinte apresenta o paradigma de formas do genérico **apé+ outro**:

apé+	outro (inan.sg)	āpí	outro (an.-fsg)
apêye	outros (inan.pl & n-ont.)	apêgo	outra (an.+fsg)
apêro /apê-do/	outra parte	apêrã /apê-dã/	outros (an.pl)

Com os sufixos de forma, obtemos regularmente:

apêga *outra roliço* **apêyepaga** *outros roliços*
apêri /apê-di/ *outra panela* **apêyepari** /apê-ye-pa-di/ *outras panelas, etc.*

Exemplos:

ape maká /apé+bãka/ *outra povoado* [makâ povoado]

apêye makari /apê-ye+bãka-di/ *outros povoados*

apêro *outra lugar*

apêro (su'tiro,...) *outra (roupa,...)*

apêgo numiô *outra mulher* [numiô /dübî-o/ mulher]

Note o uso temporal futuro de **apé+** com nomes dependentes que expressam um lapso de tempo. Exemplo com **kí'ma** /kĩ'ba/ *ano de*:

apé kí'ma /apé+kĩ'ba/ *o ano que vem*

(para o uso temporal dos demonstrativos, cf.12.1.④)

Enfim, **apé+** é freqüentemente usado como indefinido não-especificado, no sentido de "algum(s)", "alguém" ou "uns":

(620) **āpí mi'ŕe yabigí niĩsami**

/āpí bí'i-de yabí - gí dīi- sa-bī /
 alguém tu-ref não gostar-nom.pl ser-pres.sent
 pode ser que alguém não goste de ti

(621) **apêrã nu'kumá, apêrã duhîma**

/apê-dã dū'kú - bã apê-dã duhî - bã /
 uns estar de pé-pres.vist uns estar sentado-pres.vist
 uns estão de pé, outros sentados

12.9. Os nomes defectivos kã'á+ e ô'ômaha

12.9.1. As palavras **kã'á+** e **ô'ômaha** de tamanho médio são defectivas: usa-se a primeira quando o nome ao qual ela se refere está **no singular**, e a segunda, quando está **no plural**. Ambas palavras têm o mesmo sentido. Fora essa defectividade, o paradigma de formas é regular:

kã'á+	inan.sg	ô'ômaha /ô'ô+bãha/	inan.pl & n-cont.
kã'ró	lugar, parte		
kã'gí	an.-fsg	ô'ômaharã	an.pl
kã'gó	an.+fsg		
kã'gá, etc.	frol.sg, etc.	ô'ômahapaga	frol.pl, etc.

Escreveremos **kã'ró**,... e não: ***kã'aró**,... pelo fato que a palavra **kã'á+**, seguida por um sufixo de forma ou gênero, se reajusta à estrutura bimoraica da língua. Podemos verificar este reajustamento, por exemplo, em:

kã'roré e não: ***kã'aróre** (o deslocamento tonal não podendo ser iterativo, cf.3.4.)

Exemplos:

kã'á wi'i /kã'á+wi'i/ *casa de tamanho médio* [wi'i casa]

ô'ômaha wi'seri *casas de tamanho médio* [wi'seri casas]

kā'a maá *riacho de tamanho médio* [maâ /bââ/ *riacho*]
su'tiro kā'ró niî' *a roupa é de tamanho médio* [su'tiro *roupa*]
su'ti ô'ômaha niî' *as roupas são de tamanho médio* [su'ti *roupas*]
kā'gó niîmo *(ela) é de tamanho médio*

Note que a palavra **kā'ró** *parte de tamanho médio* significa também "pouco" "em pouca quantidade" (cf.12.7.③).

12.9.2. Com o sufixo nominal **-akā** *diminutivo*, essas palavras defectivas levam o sentido de "pequeno":

kā'á wi'iakā *casa pequena*
ô'ômaha wi'seriakā *casas pequenas*
kā'roákā /kā'á-do-a-kā/ (*roupa,...*) *pequena*
kā'goákā /kā'á-go-a-kā/ (*mulher, menina, animal fêmea*) *pequena*
ô'ômaharākā /ô'ô+bâha-dã-a-kā/ *peessoas pequenas*

12.9.3. Como nomes dependentes, essas palavras defectivas mudam de sentido (e, a palavra plural **ô'ômaha**, de forma):

+**kā'a**+ igual a X no tamanho +**maha** /bâha/ iguais a X no tamanho

Exemplos:

wi'i a'tó kā'a wi'i niî' /wi'i a'tó+kā'a+wi'i niî-'/ *a casa é deste tamanho (mostrando com um pau o tamanho dela no chão; lit. a casa é casa igual a isso no tamanho)* [a'tó *este lugar*]
wi'sêri a'ti wi'i maha niî' /wi'sê-di a'ti+wi'i+bâha diî-'/ *as casas são do tamanho desta (lit. as casas são iguais a esta casa no tamanho)* [a'ti+ *este, esta*]
imí yi'î kā'ro niîmi *o homem é do meu tamanho* [imí *homem, yi'î eu*]
imiá yi'î maharā niîma *os homens são do meu tamanho*

A palavra dependente **kā'a**+ entra na formação de expressões muito usadas com o interrogativo **no'ó**? *que parte?*:

no'ó kā'go?,... *de que tamanho? (ser animado/+fsg ,...)*
no'ó kā'ro? *igual a que no tamanho? (que quantidade?, quanto?,...)*
no'ó kā'a tero? *época igual a que no "tamanho"?, igual a que tamanho temporal? (em que época?, quando?, quanto tempo?)* [tero/tedo/ *época*]

Como exemplos:

(622) - **no'ó kā'go niíati?** - **a'tó kā'go niíamo**
 / dô'ô+kā'a-go diî- a -ti a'tó+kā'a-go diî- a-bõ /
 de que tamanho ser-p.rec.vist-int isto+igual a ser-p.rec.vist
 - de que tamanho (ela) é? - é deste tamanho (mostrando com a mão)

(623) **no'ó kā'a tero yoaká niîgisari?**
 / dô'ô+kā'a+tedo yoâ -ká diî -gi-sa -di/
 igual a que tamanho temporal ser comprido-impl.cs estar- fut -int
quanto tempo ficará? (lit. estará)

(624) **no'ó kā'ro yoaró Yaiwa-Poewa tohasari?**
 / dô'ô+kā'a-do yoâ - dó Yai-wa+Poe-wa tohá- sa -di/
 igual a que tamanho ser comprido-nom.lugar Iauaretê ficar-pres.sent-int
a que distância fica Iauaretê?
 (cf. também exemplo em 12.7.③)

12.9.4. Os nomes **ma'má** /bã'bá/ *novo* e **mehá** /bêhá/ *usado* têm um comportamento estrutural similar a **kā'a**+ *de tamanho médio*. Não são verbos, sendo incompatíveis com todos os sufixos verbais (de modalidade, tempo, etc.).

OUTRAS CLASSES DE MORFEMAS

Neste capítulo, apresentaremos alguns morfemas (**baa** *evidência*, **maha** /bāha/ *afinal* e **taha** *de novo*) que, apesar de serem fonologicamente átonos, não podem ser considerados sufixos, nomes ou verbos dependentes. Essas "partículas" ou "clíticos" aparecerem depois da sufixação nominal ou verbal, em posição final, e têm uma distribuição mais ampla que os nomes ou verbos dependentes, porque podem combinar-se com um nome ou com um verbo.

Em seguida, passaremos em revista uma dezena de lexemas que, apesar de ser traduzidos por advérbios, têm uma natureza nominal comprovada pelo tipo de sufixação que implicam. Algumas observações sobre as interjeições e as onomatopéias concluem o capítulo.

13.1. A evidência baa

A partícula **baa** *evidência* é a marca da evidência nos enunciados assertivos ("não é que...?", "obviamente...") e a marca da dúvida nos enunciados interrogativos ("será que...?").

13.1.1. Exemplos nos enunciados assertivos:

(625) **ba'āya, mi'ĩ ihá boá tohami' baa!**

/ba'ā -ya bĩ'ĩ ihá boá +toha - bĩ - ' + baa /
comer-imp tu fome apodrecer+ já -frust-pres.vist+evidência
coma, não é que você está já com fome! (lit. já apodrecendo de fome)

(626) **Péduru bu'egí niimiwĩ baa!**

/Péduru bu'ê - gí dĩĩ- bĩ - wĩ + baa /
Pedro estudar-nom.-fsg ser-frust-p.cad.vist+evidência
é de conhecimento geral que Pedro é um estudioso

O verbo que precede **baa** combina-se freqüentemente com o sufixo verbal frustrativo **-mi** /-bĩ/, como nos dois exemplos acima. Aparece também como rogo de cortesia nas formas verbais imperativas:

(627) **yabítigi'ta, sī'rikā'ya baa!**

/yabí - ti - gí' -ta sī'dí -kā'-ya + baa /
ter nojo-neg-impl.ms-esp beber-ass-imp+evidência
pelo menos, beba, sem ter nojo mesmo!

Com nomes, marca uma surpresa:

(628) **Péduru baa numiâ yahákā'ami!**

/Pédudu+ baa dūbî-a yahá -kā'- a-bĩ /
Pedro +evidência mulheres roubar-ass-p.rec.vist
imagine só, Pedro roubou mulheres!

Note a expressão idiomática, usada entre marido e esposa:

mi'ĩ baa tu [mi'ĩ/bĩ'ĩ/ tu]

13.1.2. Exemplos nos enunciados interrogativos:

(629) **yi'ĩ wa'âgisari baa?**

/yi'ĩ wa'â-gi-sa-di+ baa /
eu ir - fut -int+evidência
será que eu vou?

(630) **niĩsari baa?**

/dĩĩ - sa -di+ baa /
estar-pres.sent-int+evidência
será que está?

(631) **wa'ĩki ye'me-turí ba'âkâ'apari baa?**

/wa'ĩ-ki yē'bé-tudi ba'â -kâ'- a-pa -di+ baa /
caça fígado comer-ass-p.rec.ded-int+evidência
será que comeu sim o fígado do (animal) de caça?

13.2. A volta temática **maha**

A palavra **maha** /bāha/ *afinal, agora* é muito usada. Denota uma volta ao tema da conversação depois de uma digressão, ou o fim de uma espera:

(632) **apê ni'kaya maha!**

/apê + dī'ka - ya +bāha /
brincar+começar-imp+afinal
agora sim, podem começar a brincar! (dito a crianças que costumam brincar brigando, depois de uma admoestação para que se comportem bem)

(633) **muhî-pūu asiá wa'ami maha**

/būhî-pūu así-a + wa'a - bĩ +bāha /
sol estar quente+ingressivo-pres.vist+afinal
afinal, o sol esquentou (dito depois da chuva quando o tempo torna-se quente de novo)

(634) **wi'ĩ āyurí wi'ĩ tohá' maha**

/wi'ĩ āyú - dí + wi'ĩ tohá- ' +bāha /
casa estar bonito-nom.inan.sg+casa ficar-pres.vist+afinal
afinal, a casa ficou bonita

Usa-se também freqüentemente com os nomes:

Pédurua' maha! *Pedro, agora! (dito numa fila de espera)*

Note que o nome, quando se combina com a volta temática **maha**, é seguido pelo sufixo **-a'** (ou **-a?**), cujo funcionamento não é bem claro (talvez o sufixo de destaque **-a'** estudado em 8.13.).

13.3. A repetição **taha**

A partícula de repetição **taha** *de novo* é também usadíssima. Expressa uma repetição da situação verbal:

(635) **ba'āya taha!**

/ba'ā - ya+ taha /
comer-imp+de novo
coma de novo!

(636) **diāyi ā'riré kūrriami taha**

/diāyi ā'dí-de kūr'dí - a-bĩ + taha /
cachorro este-ref morder-p.rec.vist+de novo
o cachorro mordeu ainda este

(637) **mi'ĩ wecápā tahagi**

/bĩ'ĩ wee - a-pā + taha -gi /
tu fazer-p.rec.ded+de novo--fsg
você o fez de novo indevidamente

(sobre o uso dos sufixos de gênero e número para expressar uma situação feita por própria iniciativa ou indevidamente, cf.6.8.)

A repetição **taha** usa-se com todo tipo de palavras (nomes,...):

Péduru taha! *ainda Pedro!, Pedro de novo!*

koô taha *ainda ela* [nome pessoal: **koô** *ela*]

te'á taha! *vamos prosseguir (a viagem)!* [interjeição: **te'á!** *vamos!*]

Note, com **opâturi** *de novo* e **apé tero** *às vezes*, as construções pleonásticas muito usadas:

opâturi taha *de novo*

apé tero taha *de vez em quando*

13.4. As palavras que se parecem com advérbios

Os deverbais em **-ró** /-dól/ *nom.lugar* ou as formas de lugar dos nomes gramaticalizados (**a'tó** *aqui*, **sō'ó** *lá*, **tohô** *assim*, etc., cf. capítulo 12) correspondem freqüentemente aos advérbios da língua portuguesa (cf. 11.6.②).

Outras palavras como **kârî** /kādî/ *ontem*, **yamîka'** /yābî-ka'/ *a tarde*, **ni'kaá** /dī'ká-a/ *hoje*, etc., apesar de ser traduzidas por advérbios, são **verdadeiros nomes** primários ou secundários, como o comprova a sua sufixação tipicamente nominal:

yamiákā /yābî-akā/ *manhã yamiákāri* *manhãs* [suf.nom. **-ri** /-di/ *plural*]

ni'kaá /dī'ká-a/ *hoje ni'kaáre* *respeito de hoje* [suf.nom. **-re** /-de/ *referencial*]

yamîka' /yābî-ka'/ *tarde yamîka'akā* *fim da tarde* [suf.nom. **-akā** *diminutivo*]

Em outras palavras, não existe uma classe de advérbios estruturalmente definida na língua dos ye'pâ-masa.

Algumas outras palavras são verdadeiros nomes secundários, formados a partir de raízes nominais primárias ou de verbos nominalizados. As principais são:

yuhûpi /yuhû-pi/ *ainda, agora* **upîti** /upîti/ *muito, intensamente*

mehêpi /bêhê-pi/ *há pouco tempo* **a'mêri** /ã'bê-di/ *reciprocamente*

mehêkâ /bêhê-kâ/ *diferente, separado* **si'ôri** /si'ô-di/ *como coordenador*

maatá /bâá-ta/ *logo, imediatamente*

Na maioria dos casos, não reconhecemos a raiz nominal ou verbal primária da qual estas palavras derivam. No entanto, **mehêkâ** poderia derivar de **mehe** *não* (cf. 9.16.), e **a'mêri**, de **a'mé** /ã'bé/ *revidar um soco, vingar-se*.

Alguns exemplos:

(638) **yuhûpire wesêri kió'**

/yuhû-pi-de wesê-di kió- ' /

agora-ref roça-pl ter-pres.vist

agora tenho roça

(639) **mehêkâ wākûsami**

/bêhê-kâ wākû - sa-bī /

diferente pensar-pres.sent

(ele) pensa de outra maneira

(640) **a'mêri koemá**

/ã'bê-di koé - bā /

reciprocamente lavar-pres.vist

lavam-se mutuamente

(641) **pa'í si'ôri masaré basâmi**

/pa'í si'ô-di bāsá -de basá - bī /

padre coordenador pessoas-pl cantar-pres.vist

o padre canta coordenando as pessoas

(642) **upîti waro**/upîti+wado/ *muito mesmo* [**waro** /wado/ *verdadeiramente*]

O leitor achará numerosos exemplos do emprego destas palavras no dicionário (cf. também a combinação **maatá waro** em 9.14.).

13.5. Algumas formas difíceis de classificar

Este subcapítulo descreve três palavras muito usadas e difíceis de classificar.

13.5.1. A palavra **mehô** /bêhô/ *antes, de preferência* tem um funcionamento delicado. Indica geralmente que a situação que ela introduz efetua-se em vez de efetuar-se de outra maneira. Podemos traduzi-la, de maneira aproximada, por: "antes", "de preferência", "em vez de fazer de outra maneira" (cf. o inglês **rather** ou o francês **plutôt**). Por exemplo:

(643) **ni'kaáre, mehô wa'î tââ ba'arâ!**

/dī'kaá-de bêhô wa'î tââ + ba'a -dā/

hoje -ref antes peixes assar nas cinzas+comer-imp

hoje, vamos de preferência comer peixes assados nas cinzas!

(644) **di'pîhî mariká, misî daare mehô yi'sôya!**

/di'pîhi bādī - ká bīsî+daa -de bêhô yi'sô -ya/

faca não estar-impl.cs cipó+ fio-ref antes cortar com dentes-imp

não havendo faca, corte então o (fio de) cipó com os dentes!

(645) **yukîgi paâ sî'ritigi', mehô utiâmi**
 /yukî-gi paâ + sî'di - ti - gi' bêhô uti - a-bĩ /
 pau derrubar+querer-neg-impl.ms antes lamentar-se-p.rec.vist
 não querendo derrubar o pau, prefere se lamentar

(646) **sî'ritikâ'ya, mehô ba'âya!**
 /sî'di - ti - kâ'ya bêhô ba'â -ya/
 beber-neg-ass-imp antes comer-imp.
 coma em vez de beber! (lit. não beba, coma em vez de (beber)!)

(647) **ã'ri wa'î i'siâmimi, mehô moâ mari'**
 /ã'di wa'î i'si-a - bĩ - bĩ bêhô bôâ bādĩ - ' /
 este peixe ser gostoso-frust-pres.vist antes sal não estar-pres.vist
 este peixe é gostoso mas não tem sal [lit. este peixe é gostoso em
 vão: não há sal (nele) em vez de (haver)]

Compare com o nome provavelmente homófono **mehô** ser, coisa sem valor:

(648) **mehô waro uúkûmi**
 / bêhô + wado uú=kû- bĩ /
 coisa sem valor+verdadeiramente falar -pres.vist
 (ele) fala à toa

(a natureza nominal de **mehô**, neste exemplo, é comprovada pelo nome dependente **waro** /wado/, que sempre segue um nome independente).

13.5.2. A palavra **neê** /dêê/ *nem, de forma alguma* é provavelmente um empréstimo do português, passando pelo nheengatu (língua-geral do Rio Negro, cf. nota 1 do capítulo 6). Usa-se para enfatizar qualquer enunciado negativo:

(649) **neê ni'ká wi'i bahutiápi**
 /dêê dî'ká+ wi'i bahú - ti - a-pi /
 nem um +casa aparecer-neg-p.rec.vist
 nenhuma casa apareceu (lit. não apareceu nem uma casa)

(650) **neê da'rá, neê bu'ê weetiwĩ**
 /dêê da'dá dêê bu'ê weé - ti - wĩ /
 nem trabalhar nem estudar agir-neg-p.cad.vist
 (ele) não trabalha nem estuda (lit. não age trabalhando ou
 estudando de forma alguma)

O leitor achará numerosos exemplos do uso de **neê** no dicionário, e poderá compará-lo com o seu homófono **neê** pela primeira vez, somente então.

13.5.3. A palavra **teê** até é um empréstimo do português com o qual partilha o seu sentido e o seu funcionamento de preposição:

(651) **teê Yaíwa-Poewa wa'aâmi**
 /teê Yaí-wa-Poe-wa wa'â- a-bĩ /
 até Iauaretê ir -p.rec.vist
 (ele) foi até Iauaretê

13.6. Interjeições e onomatopéias

13.6.1. As interjeições são palavras-frases que formam um enunciado por si mesmo. Expressam um sentimento, uma sensação (surpresa, dor, preguiça,...), um assentimento, uma exortação, etc. Entre elas, citaremos:

âa! susto	a'yú! cuidado!
ãã? o quê?	bâa! e agora!
a'bí! nojo, repulsão	há! dor
adé! coitado!	hĩ! assentimento
a'gá! dor	mâa! exortação
ãhã! pega!	neé! saudação
akoé! preguiça	nêe'! pedido de atenção, alerta
apá! puxa!	o'e! nojo
asé! que quantidade!	sihú! para desalojar (animal)
ayí! admiração	te'á! vamos!
a'yó! surpresa	ũúba'! não sei!

Por exemplo:

(652) **a'bí, yabiógo!**
 /a'bí yabí-o - gól /
 nojo dar repulsão-nom.+sf
 irra, que mulher nojenta!

(653) **mâa, bu'êrã!** (653') **te'á, bu'êrã!**
 / bâa bu'ê -dã/ /te'á bu'ê -dã/
 exortação estudar-imp vamos estudar-imp
 eia, estudemos! vamos estudar! (com deslocamento)

Várias interjeições mudam de realização fonética em contexto enfático:

a'gá! [ãgã] exclamação de dor **a'gá!!** [ãgã]

a'bí! exclamação de nojo **a'bé!!**

O mesmo mecanismo já foi comentado com os sufixos verbais (cf.5.7.).

13.6.2. As onomatopéias são imitações de ruídos naturais. Citaremos:

āi! grito de cachorro	sāi! corte com terçado
bu'ku! vômito	saaki! furar
kāri! choque metálico	sau! pousar na água
kī'o! esmagamento	siu! espremer a massa da mandioca
ko'bê! barulho de fornicação	si'gi! soluçar
ko'ri! barulho de engolição	suu! água transbordando
koo! barulho de canoa	ta'bi! gotejar
kū'i! som de lombriga na barriga	têhe! estalo
ku'ti! som da água entrando na terra	tí'ki! choque, encontrão
mu'ku!, mu'tu! rompimento	wau! tirar com cuia
mu'ru! mastigação	weto! furar
no'pi! movimento ondulado	wīri! fricção da linha de pesca
pi'ri! roer	wiu! avião, ave passando
poto! barulho de furo, estouro	wigi! escorregar (ser pesado)
sabu! queda na água	wo'ro! crepitação
sahai! barulho de galhos pisados	yā'i! mastigação (de carne dura)

Por exemplo:

(654) **weheri daa itâgapi: "wīri!, wīri!", weé, suruâ wa'aapi**

/wehé- dí +daa itâ-ga-pi wīdi wīdi weé sudû-a + wa'a - a-pi /
 pescar-nom.inan.sg+linha pedra-foc wīri wīri fazer arrebentar+ingressivo-p.rec.vist
 a linha de pesca fez: "wīri!, wīri!" na pedra e arrebentou

(655) **tuúpi yi'î tиро: "sabu!", birî yōhaami**

/ tuúpi yi'î+tido sabu bidî+ yōha - a-bī /
 tamaquaré eu +perto tibungo cair+imersão-p.rec.vist
 o tamaquaré caiu na água perto de mim fazendo: "tibungo!"

(656) **yukîgi: "mu'ku!", bisîapi, dihâa'atihi diporo**

/yukî-gi bû'ku bisî - a-pi dihâ- a' - a-tihi +dipo-do/
 árvore mu'ku ressoar-p.rec.vist cair-C>-nom.inan.sg.fut+antes
 a árvore fez (lit. ressoou): "mu'ku!" antes de cair

Nota-se que a grande maioria das onomatopéias são formas fonologicamente átonas. Por enquanto, não podemos propor uma explicação satisfatória deste fato.

Capítulo 14

FORMANTES E COMPOSIÇÃO

Neste breve capítulo, estudaremos os principais sufixos derivacionais e outros formantes da língua ye'pâ-masa. Alguns sufixos difíceis de classificar são também comentados. Algumas palavras sobre a composição completam o capítulo.

14.1. Os causativos

14.1.1. O sufixo derivacional =o *causativo* indica uma causação direta e voluntária (cf.10.3.).

Exemplos com verbos intransitivos:

bahú ter aparência → **bahuó** fazer aparecer

bopô estar seco → **bopó** /bopô=ó/ secar (v.tr.)

u'á tomar banho → **í'ó** /u'á=ó/ banhar (com as regras fonológicas **ass1** e **diss1**, cf.2.7.)

puú estar molhado → **pió** /puú=ó/ molhar (com a regra **diss1**)

wā'á estar aplicado → **ō'ó** /wā'á=ó/ aplicar (com a regra **ass1** e a inexistência de *wo)

Exemplos com verbos transitivos:

o'mâ /ō'bâ/ carregar nas costas → **o'mó** /ō'bô=ó/ fazer carregar nas costas

ī'yâ ver → **ī'yó** /ī'yâ=ó/ mostrar

uhû fumar → **ihú** dar de fumar (com a regra **diss1**)

O causativo =o é muito usado para formar verbos dependentes a partir de nomes ou verbos (dependentes ou não):

yihî n.dep. estrangulamento → **yihio** v.dep. fazer um estrangulamento (fazendo algo)

mu'mû /bû'bû/ estar cheio → **mu'muo** /bû'bu=ó/ encher (fazendo algo)

Freqüentemente, forma pares com =ti/=di voz média, =sa resultativo ou qualquer outro sufixo intransitivizador ou transitivizador, a raiz primária associada sendo sempre presa (cf. 14.6.):

mirí /bĩ=dí/ <i>estar submerso</i>	miô /bĩ=ô/ <i>submergir</i>
mirí /bĩ=dí/ <i>mamar (v.intr.)</i>	mi'ó /bĩ'=ô/ <i>dar de mamar</i>
ne'rê /dê'=dê/ <i>lamber (v.tr.)</i>	ne'ó /dê'=ô/ <i>fazer lamber</i>
kāri /kã=dí/ <i>dormir</i>	kāmó /kã=bó/ <i>fazer dormir</i>
marí /bã=dí/ <i>não estar</i>	moó /bã=ô/ <i>não ter</i>
pesâ /pe=sâ/ <i>estar colocado</i>	pcô /pe=ô/ <i>colocar</i>
dihâ /di=hâ/ <i>estar menor</i>	diô /di=ô/ <i>diminuir</i>
duhí /du=hí/ <i>estar sentado</i>	dipó /du=pó/ <i>assentar</i>
boâ /bo=â/ <i>apodrecer</i>	bogó /bo=gó/ <i>fazer apodrecer</i>

14.1.2. O sufixo =rê' /=dê'/ causativo é menos produtivo que =o. Ignoramos a diferença de sentido entre estes dois transitivizadores. Exemplos:

utí <i>chorar</i>	→ utírê' /utĩ=dê'/ <i>fazer chorar</i>
etoá <i>vomitar</i>	→ etórê' <i>fazer vomitar</i>
yawi <i>torto</i>	→ yawirê' <i>entortecer</i>
āsí <i>franzido</i>	→ āsírê' <i>franzir</i>

O causativo =rê' é freqüentemente acompanhado pelo sufixo propagativo -o', sem grande mudança de significado:

yūhú *estar cansado* → **yūhūrê', yūhūrê'o'** *cansar*

14.1.3. O leitor achará em 10.3. a escala de causação direta, inversamente proporcional à escala de produtividade. Nesta escala, comparamos os sufixos causativos =rê' e =o com a construção analítica em -ká.

14.2. A voz média e o resultativo

14.2.1. O sufixo =ti voz média expressa que o sujeito atua em si mesmo e que é o próprio beneficiário da ação:

kari-boó /kadí+bool/ *perturbar* → **kari-butí** /kadí+bo=tí/ *perturbar-se*
(com a regra ass2)

dika-waá /diká+waal/ *dividir* → **dika-watí** /diká+wa=tí/ *dividir-se*

O sufixo =ti tem dois alomorfes:

{=ti} → /=ti/ / raiz oral= ___
→ /=di/ / raiz nasal= ___

Exemplos com raiz nasal:

pââ *abrir* → **pârí** /pã=dí/ *abrir-se* [pã'í]
mo'ó /bô'=ô/ *emborcar* → **mu'rí** /bô'=dí/ *estar inclinado* [mũ'ĩ]
(com a regra ass2)

Na maioria dos casos, a forma com voz média aparece em oposição com outra forma sufixado por um morfema transitivizador, a raiz primária associada sendo presa:

no'â /dô'=â/ v.tr. *quebrar* **nu'rí** /dô'=dí/ v.intr. *quebrar (perna,...)*
yoó /ya=ó/ *extinguir* **yatí** /ya=tí/ *extinguir-se*
miô /bĩ=ô/ *submergir* **mirí** /bĩ=dí/ *submergir-se*
kāmó /kã=bó/ *adormecer* **kāri** /kã=dí/ *dormir*
wéhé /wê=hé/ *matar* **wērí** /wê=dí/ *morrer*

O sufixo =ti voz média aparece provavelmente em outros itens sem que haja pares em oposição. Por exemplo:

sí'rí /sí'=dí/ *beber*, **utí** /u=tí/ *chorar*, **ĩri** /ĩ=dí/ *feder*, etc.

Este mesmo sufixo deve provavelmente ser decomposto; o verdadeiro sufixo de voz média seria então =i. Aparecia em:

así *estar quente*, **duhí** *estar sentado*, **pahí** *ser grande*, **kāhí** *estar deitado na rede*, **buhí** *rir*, **uí** *ter medo*, etc.

Os argumentos que nos levaram a considerar o sufixo =ti voz média como derivacional são:

♦ o fato que a vogal (não laringalizada) que precede o alomorfe oral /=ti/ é em parte surda (cf. 3.5.):

dika-watí /diká+wa=tí/ *dividir-se* [n'dĩkã/vãã'tí]
yatí /ya=tí/ *extinguir-se* [jãã'tí]

♦ e o fato que um dos alomorfes /=di/ [rĩ] sofre uma contaminação nasal.

14.2.2. O sufixo =sa resultativo tem também dois alomorfes:

{=sa} → /=sa/ / raiz oral= ___
→ /=ya/ / raiz nasal= ___

Expressa a posição atingida, posição decorrente de uma ação. Na maioria dos casos, forma par com outra forma, a raiz verbal associada sendo presa:

sââ *pôr dentro* → **sâyá** /sãa-ya/ *estar dentro* [sã'já]
kũũ *deitar no chão* → **kūyá** /kũũ=ya/ *estar deitado no chão*
peô /pe=ô/ *colocar* **pesâ** /pe=sâ/ *estar colocado* [pè'èsá]
pu'â /pu'=â/ *cravar* **pu'sâ** /pu'=sâ/ *estar cravado*

Pelos mesmos argumentos que os da voz média (aparecimento de vogal surda e alomorfe nasalmente contaminado), o resultativo será considerado como sufixo derivacional.

14.3. O sufixo nominal -kâha+

O sufixo nominal **-kâha+** oriundo de, habitante de, parte de exige a presença de um nome dependente ou de uma sufixação ulterior. O seu paradigma é totalmente similar ao dos nomes gramaticalizados que estudamos no capítulo 12:

-kâha+ inan.sg	-kâhase inan.pl & n-cont.	-kâharo inan.lugar
-kâhagi, kîhi an.-fsg	-kâhago, kôho an.+fsg	-kâharã an.pl
-kâhaga frol.sg	-kâhasepaga frol.pl	
-kâhagi fret.sg	-kâhasepagi fret.pl, etc.	

A forma inanimada singular é sempre seguida por um nome dependente:
nikîkâha wi'i /dîkî-kâha+wi'i/ *casa da floresta (nikî floresta, wi'i casa)*
Diâ-Posakâha maka /Diâ+Posa-kâha+bâka/ *povoado do Uaupés*
 (Diâ-Posa Uaupés, makâ povoado)

Outro exemplo:

(657) **wi'mará wi'i pu'akâha peepi wihî wihaa'ma**
 /wî'bá-dâ wi'i+ pu'a-kâha+ pee -pî wihî +wiha- a' -bâ/
 crianças casa+canto- de +buraco-foc passar+ sair -C>-pres.vist
as crianças saem passando pelo buraco do canto da casa

Outros exemplos com as outras formas:

(658) **yamiakâ marî petâ bu'âa'rokâhase taäre târarâ!**
 /yâbî-akâ bādî petâ buá -a' - do -kâhase taâ -de tâdá-dâ/
 amanhã nós porto descer-C>-nom.lugar- de capim-ref roçar-imp
vamos roçar amanhã o capim da descida do porto!

(659) **a'te kopérikâharâ âpiâre su'e miïya!**
 /a'té+ kope -di-kâha-dâ âpî -a- de su'é + bîi -ya/
 estes+buraco-pl- de caranguejo -pl-ref meter+tirar-imp
tire os caranguejos destes buracos, metendo a mão neles!

Outros exemplos com **Brasiú Brasil, noó?** /dô'ól/ *onde?*, **yamî** /yâbî/
noite e a'tó aqui:

Brasiukîhi *Brasileiro* **yamîkîhi** *ser da noite*
no'okâhâwi? *canoa, avião, etc. de que proveniência?* **a'tokôhó** *mulher daqui*

Considerações comparativas nos levam a pensar que o sufixo **-kâha** é uma forma derivada de ***maka** /bâka/ *oriundo de, filho de: *maka > kâha* (com a permanência de duas moras, pela regra de duração compensatória, cf.2.7.)

Não sabemos se **-kâha** é um sufixo, derivacional ou não, ou uma simples palavra dependente. Neste último caso, teria que ser reescrito em **+kâha**.

14.4. O verbalizador -ti

O verbalizador **=ti** *ter* transforma um nome em verbo:

wi'i <i>casa</i>	wi'itî <i>ter casa</i>
kamî /kâbî/ <i>feridas</i>	kamîti /kâbî=ti/ <i>ter feridas, estar ferido</i>
nimâ /dîbâ/ <i>veneno</i>	nimâti /dîbâ=ti/ <i>possuir veneno (homem)</i>
dikâ <i>frutas</i>	dikâti <i>ter frutas (árvore)</i>
nimó /dîbô/ <i>esposa</i>	nimôti /dîbô=ti/ <i>ter esposa</i>
wapá <i>valor</i>	wapatî <i>valer; custar</i>
pô'rá /pô'dál/ <i>filhos</i>	pô'rati /pô'dá=ti/ <i>ter filhos, parir</i>

Por exemplo:

(660) **îsâ nukû-poro yapa wi'itî'**
 /îsâ dūkû+podo+ yapa wi'i=ti - ' /
 nós praia +extremidade casa=ter-pres.vist
nós temos casa na extremidade da praia

Para o uso de **=ti** com o nominalizador **-sché**, cf.11.7.③.

14.5. O sufixo nominal -ya

O sufixo nominal **-ya** *riacho* aparece principalmente na toponímia:

akôro /akô-do/ <i>chuva</i>	Akôroya <i>Igarapé-da-Chuva</i>
Komé /kôbé/ <i>metal</i>	Komeyá <i>Igarapé-do-Metal</i>

14.6. Outros formantes e nominalizadores

14.6.1. O nominalizador **=ro** /do/ forma nomes de animais, geralmente a partir de verbos ou de onomatopéias. Alguns exemplos:

baâro <i>certo gavião</i>	(baâ <i>planar</i>)
akó-puti-sitéro <i>boto</i>	(akó <i>água, puti sité</i> /puti+site/ <i>espalhar assoprando: "o animal que assopra água espalhando-a"</i>)
wesé-ko'tero <i>jibóia</i>	(wesé <i>roça, ko'té</i> <i>cuidar: "o animal que cuida da roça"</i>)
yukî-paáro <i>pica-pau</i>	(yukí <i>paus, paâ</i> <i>bater: "o animal que bate em paus"</i>)

momôro borboleta
porerô gafanhoto

ârirô araçari
ta'ârôki sapo (< *ta'â=ro+biki)

Depois das vogais altas **u** e **i**, o sufixo **=ro** torna-se facultativamente **=ru**:
wiwîro, **wiwîru** maçarico
pîko-tuûro, **pîko-tuûru** uacari

14.6.2. Os formantes **=re** /=**de**/ transitivizador, **=ra** /=**da**/ e **=rV** /=**dV**/ intransitivizador (com **V**, vogal idêntica à vogal precedente) denotam geralmente uma ação manual pontual. Compare:

wi'rê desmembrar	wi'ri desmembrar-se
tî'rê rasgar	tî'ri rasgar-se
surê despedaçar	surû despedaçar-se
boâ deteriorar-se	borô estar descomposto
pâ'rê desgrudar	pâ'râ desgrudar-se
pi'â grudar	pi'râ grudar-se
wirê raspar com os dentes	wihá raspar

O formante **=te** é um transitivizador. Compare:

di'rê amarrar enrolando	di'tê amarrar
wa'rê untar	wa'tê alisar

Indica geralmente uma mutilação do paciente. Confira os itens:
dotê dar um soco, **ditê** cortar, **notê** dar um pisão, etc.

O estudo dos formantes mostra que, em regra geral:

= (C)i	voz média	(C= ø, h, t)
= (C)e	transitivizador	(C= ø, h, t, d [r])
= (C)a , = (C)V	intransitivizador	(C= ø, h, d [r], s) (V, vogal idêntica à precedente)

O intransitivizador **=ha** é muito usado com os verbos de movimento:
châ chegar, **sihâ** andar, **dahâ** voltar, etc.

14.6.3. Outros formantes:

- **=tihi** em alguns verbos:
maatihî estar doído
ya'âritihî bocejar
ma'mâtihi enfeitar-se
we'êritihî despedir-se

- **=su** em alguns verbos:

pisû chamar em voz alta (compare com **pihî** chamar)
ye'sû responder opondo resistência
desû caçar, pescar para se sustentar

- **=ge** atividade bucal (?) em alguns itens lexicais:

ya'gé mastigar
wege de boca larga

14.7. A composição: os verbalizadores +**moo**, +**yee** e +**da're** /**da'de**/

14.7.1. A estrutura NOME INDEPENDENTE+ NOME DEPENDENTE permite a criação de numerosas palavras compostas.

Exemplos de compostos Nome-Nome:

ako-dasê /akô-dasê/ mergulhão (**akô** água, **dasê** tucano: "tucano-d'água")
diâ-weki /diâ-weki/ capivara (**diâ** rio, **wekî** anta: "anta-de-rio")

Como se vê, o composto, formado de elementos susceptíveis de ser autônomos, se comporta lexicalmente como uma unidade semântica.

Esta mesma estrutura permite formar compostos do tipo Nome-Verbo.

Por exemplo:

akô ke'a /akô+ke'a/ formar poça (**akô** água, **ke'a** estar no chão)
netô sãa /dêto+sãa/ colocar travessa (**netô** travessa, **sãa** pôr dentro)

Neste caso, o nome tonalmente incorporado pode funcionar como sujeito (1º exemplo) ou como complemento de objeto (2º exemplo) do composto.

Para apontuguesar a grafia, os compostos do tipo nome-nome (e só deste tipo) foram convencionalmente marcados por um hífen nas escolas.

A partir da estrutura VERBO INDEPENDENTE+VERBO DEPENDENTE, a língua cria numerosos idiomatismos, com ou sem mudança tonal. Por exemplo:

tuu peô /tuú+peo/ passar a culpa ≠ **tuû peo** /tuû+peo/ ter na cabeça
 (tuú empurrar, peô colocar em cima)

14.7.2. O verbo dependente +**moo** /+bôo/ não ter permite a formação de vários verbos secundários:

wapá pagamento wapa moó /wapá+bôo/ dever (não ter pagamento)

14.7.3. Os verbos dependentes **+yee dar** e **+da're /+da'de/ dar** permitem a formação de numerosos verbos compostos:

nimâ /dĩbâ/ <i>veneno</i>	nimâ yee /dĩbâ+yee/ <i>envenenar</i> [nímã/jɛ]
wamé /wābê/ <i>nome</i>	wamê yee /wābê+yee/ <i>dar um nome, batizar</i>
kamî /kābî/ <i>feridas</i>	kamî yee /kābî+yee/ <i>ferir</i>
pō'rá /pō'dá/ <i>filhos</i>	pō'ra yeé /pō'dá+yee/ <i>engravidar, copular</i>
	pō'rá da're /pō'dá+da'de/ <i>engravidar, copular</i>

Note, por exemplo no 1º exemplo, que a contaminação nasal não atinge o verbo dependente **+yee**, o que mostra que **+yee** é uma palavra dependente, e não um sufixo como **-ya riacho** (cf.14.5.).

14.8. A composição: os verbalizadores **+bihi** e **+piha**

Os verbos dependentes **+bihi estar cheio de** e **+piha ter muito** entram na formação de numerosos verbos compostos:

kití <i>notícias</i>	kiti bihi /kití+bihi/ <i>contar muitas histórias, fazer fuxicos</i>
	kiti piha /kití+piha/ <i>contar muitas histórias, fazer fuxicos</i>
i'ia <i>piochos</i>	i'ia bihi, i'ia piha <i>estar cheio de piochos</i>
diká <i>frutas</i>	dika bihi <i>produzir muitas frutas (árvore)</i>
akó <i>água</i>	ako bihi <i>estar molhado</i>
wapá <i>valor</i>	wapa bihi <i>ser caro</i>

Por exemplo:

(661) **ma'â wi'têri piha yi'riaapi**
 / bã'â wi'tê -ri + piha + yi'dia - a - pi/
 caminho cavidade-pl+ter muito+demais-p.rec.vist
 o caminho está cheio de cavidades

Junto com o nominalizador **-sehe** (cf.11.7.), estes verbalizadores expressam um costume:

yahá <i>roubar</i>	yahasehé piha /yahá-sehé+piha/ <i>costumar roubar</i>
doé <i>ter ciúme</i>	doesehé bihi /doé-sehé+bihi/ <i>ser ciumento</i>

Capítulo 15

OS SUFIXOS E AS REGRAS TONAIIS

Neste breve capítulo, faremos uma recapitulação de todas as regras tonais às quais obedecem os sufixos e as palavras dependentes (verbos e nomes dependentes). Por causa da complexidade dos fenômenos descritos e para que este trabalho possa servir de base a qualquer estudante ou pesquisador futuro da língua ye'pâ-masa, escolhemos uma abordagem descritiva e um exame minucioso dos fatos a reflexões teóricas que talvez não passem de meras reflexões de gosto e que tornariam a matéria difícil e muito confusa para o leitor. É justamente uma dessas descrições dos fatos tonais que freqüentemente falta nos estudos semelhantes. As propostas teóricas já foram feitas em 3.4.

15.1. dá um resumo das realizações das 3 melodias tonais. 15.2-3. examina a regra geral de deslocamento tonal e a ilustra, enquanto 15.4. e 15.5. estudam, respectivamente, o caso dos sufixos em -a e dos sufixos com tom flutuante. 15.6. apresenta as irregularidades tonais.

15.1. As três melodias tonais

As três melodias tonais associadas aos morfemas lexicais são:

melodia alta, de registro ou fixa (notada com acento circunflexo)

wêé *espalhar* **wiâ** *carregar* **werê** /wedê/ *avisar* **petâ** *porto* **tu'kû** *fruta sp.*

melodia ascendente, de contorno ou flutuante (notada com acento agudo)

wêé *ventar* **wiá** *ferver* **weré** /wedé/ *limpar (visceras)*

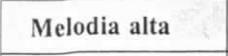
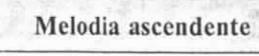
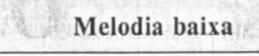
petá *tocandira* **tu'kú** *ser anguloso*

melodia baixa ou átona (sem acentuação gráfica)

wêe *de galhos flexíveis* **sui** *pequeno* **puti** *rolo* **pa'ta** *paralelepipedo*

As pares minimais que evidenciam as oposições entre estes três tonemas são numerosíssimas (cf. dicionário).

As realizações destas três melodias aparecem no quadro seguinte (V_1 e V_2 são as duas vogais do morfema lexical):

Melodia alta	Melodia ascendente	Melodia baixa
		
V_1 \hat{V}_2	V_1 \acute{V}_2	V_1 V_2

A **melodia alta** tem várias realizações, todas tendo em comum um tom de registro alto. Por isso, chame-se também melodia de registro:

♦ com dois tons de registro alto (com consoante intermediária sonora ou nula, sem vogal inicial laringalizada):

wêê *espalhar* [wêê:]
wiâ *carregar* [wiâ:]
werê *avisar* [werê:]

♦ com um tom baixo e um tom alto (com vogal inicial surda ou laringalizada):

petâ *porto* [pètà:]
tu'kû *fruta sp.* [tùkù:]

♦ com um tom alto e um tom médio (com vogal inicial surda, variante livre da realização anterior):

petâ *porto* [pètà]

A **melodia ascendente** ou **de contorno** tem sempre um tom de contorno ascendente na 2ª vogal:

wêé *ventar* [wêé:]
weré *limpar (visceras)* [weré:]
petá *tocandira* [pètà]
tu'kû *ser anguloso* [tùkù]

A **melodia baixa** ou **átona** caracteriza os **sufixos**, os **nomes e verbos dependentes**. Realiza-se com 2 tons de contorno descendente médio-baixo, baixo-superbaixo (ou 2 tons de registro baixo):

wêe *de galhos flexíveis* [wêê]
sûi *pequeno* [sûĩ]
puti *rolo de* [pûĩtî]

15.2. A regra de deslocamento tonal

Os sufixos e as palavras dependentes não têm tom próprio: são fonologicamente átonos e de melodia baixa. No entanto, podem capturar o tom de uma raiz verbal ou nominal independente (tônica). Seguem então a **regra de deslocamento tonal** seguinte:

Os sufixos e as palavras dependentes não laringalizados capturam automaticamente o tom das raízes independentes ascendentes que os precedem; nunca capturam o tom das raízes altas.

Exemplos com o sufixo nominal **-re /-de/ referencial**:

isó *jacaré* ⇒ **isoré** *ao jacaré* (raiz ascendente: deslocamento tonal)
wekó *papagaio* ⇒ **wekoré** *ao papagaio* (raiz ascendente: deslocamento tonal)
yesê *porco* ⇒ **yesêre** *ao porco* (raiz alta: nenhum deslocamento)

Exemplos com o sufixo verbal **-ya imperativo**:

apó *consertar* ⇒ **apoyá!** *conserte!*
weré *limpar (visceras)* ⇒ **wereyá!** *limpe-as!*
werê *avisar* ⇒ **werêya!** *avise!*

Exemplos com o verbo dependente **masi /bâsi/ saber (fazer algo)**:

apó *consertar* ⇒ **apo masi** /apó+bâsi/ *saber consertar*
baá *nadar* ⇒ **baa masi** /baá+bâsi/ *saber nadar*
apê *brincar* ⇒ **apê masi** /apê+bâsi/ *saber brincar*

Exemplos com o nome dependente **puti rolo de**:

masí *homem* ⇒ **masi puti** /bâsî+puti/ *rolo de homem, homem barrigudo*
muhî *caraná* ⇒ **muhî puti** /bûhî+puti/ *rolo de caraná*

Exemplos com o verbo dependente **yuu esperar (fazendo algo)**:

sî'ri *beber* ⇒ **sî'ri yuú** /sî'dî+yuu/ *esperar bebendo*
ba'â *comer* ⇒ **ba'â yuu** /ba'â+yuu/ *esperar comendo*

Exemplos com o nome dependente **daa** *fi* de:

a'tí *este* ⇒ **a'tí daá** /a'tí+daa/ *este fi*

misí *cipó* ⇒ **misí daa** /bísí+daa/ *fi de cipó*

Como se vê, é sempre a 2ª mora das palavras dependentes que captura o tom "livre" das raízes ascendentes.

A regra **não é iterativa**: caso houver mais de um sufixo ou mais de uma palavra dependente, é sempre o primeiro sufixo ou a primeira palavra dependente (o mais perto da raiz) que captura o tom da raiz ascendente. Com a raiz ascendente **kāri**/kādí/ *dormir*, os sufixos **-ti** *negativo* e **-mi** /-bī/ *3 pessoa masculino singular*:

kāritími /kādí-ti-bī/ (*ele não dorme*)

Exemplo com o verbo independente **bu'pú** *pular*, os verbos dependentes **miha** /bīha/ *subir (fazendo algo)*, **peha** *colocar-se (fazendo algo)* e **cha** *ir até (faça algo)*:

bu'pu mihá peha cha /bu'pú+bīha+peha+cha/ *ir até se colocar em cima subindo pulando*

15.3. O deslocamento tonal e o bloqueio laringal

O deslocamento tonal estudado no subcapítulo precedente nunca se realiza quando o sufixo ou a palavra dependente forem laringalizados. Em outras palavras, os segmentos laringalizados são **segmentos opacos**: bloqueiam sempre a melodia à sua direita e impedem o deslocamento tonal de se realizar.

Exemplo com o sufixo laringalizado **-kā'** *assertivo*:

apó *consertar* ⇒ **apókā'mi** /apó-kā'-bī/ (*ele conserta*)

apê ⇒ **apêkā'mi** /apê-kā'-bī/ (*ele brinca*)

Exemplo com o verbo dependente **ni'ka** /dī'ka/ *começar a (fazer algo)*:

apó *ni'kami* /apó+dī'ka-bī/ *começa a consertar*

apê *ni'kami* /apê+dī'ka-bī/ *começa a brincar*

Exemplo com o nome dependente **pa'ta** *paralelepípedo de*:

a'tí *este* ⇒ **a'tí pa'ta** *este paralelepípedo*

15.4. Os sufixos em -a

15.4.1. Um certo número de sufixos começam por **-a** (sem laringalização). São sufixos nominais, verbais ou nominalizadores:

◆ como sufixos nominais:

-a *plural/animado* (cf.8.3.)

-akā /-a-kā/ *diminutivo* (cf.8.9.)

◆ como sufixos verbais:

-a *passado recente* (com modalidade epistêmica, cf.5)

-apa /-a-pa/ *imperativo de prevenção* (cf.5.6. ③)

-ato /-a-to/ *imperativo da 3ª pessoa* (cf.5.6. ④)

◆ como nominalizadores (formas futuras, cf.11):

-akihi /-a-kihi/ *animado/-fsg*

-akoho /-a-koho/ *animado/+fsg*

-arāha /-a-dāha/ *animado/plural*

-atihi /-a-tihi/ *inanimado (forma básica)*, etc.

Além disso, o verbo dependente **wa'a** *ingressivo* exige a adjunção do sufixo **-a** à raiz verbal independente (cf.7.5.): **-a** *sufixo associado ao ingressivo*

15.4.2. Começaremos o nosso estudo tonal com este último sufixo. Compare:

apê *brincar* ⇒ **apeá wa'a** *acabar brincando*

apó *consertar* ⇒ **apoá wa'a** *acabar consertando*

Como se vê, o sufixo **-a** integra-se à estrutura da raiz lexêmica, o conjunto constituindo uma unidade de melodia idêntica à melodia do lexema. Em outras palavras, o conjunto **RAIZ-a** forma uma nova unidade trimoraica de melodia igual à da raiz (harmonia melódica), apesar de ser bimorfêmico:

RAIZ ALTA-a ⇒ RAIZ-â

RAIZ ASCENDENTE-a ⇒ RAIZ-á

15.4.3. Com os sufixos **-a** *passado recente*, **-apa** *imperativo de prevenção*, **-ato** *imperativo da 3ª pessoa*, **-akā** *diminutivo*, **-akihi** *nominalizador*, etc., o conjunto **RAIZ-a** forma também uma nova unidade, mas **sempre com melodia ascendente** (sem harmonia melódica):

apê *brincar* ⇒ **apeámi** /apê-a-bī/ (*vi que ele brincou*)

⇒ **apeákihi** *o que brincará*

⇒ **apeápa!** *cuide em brincar!*

apó *consertar* ⇒ **apoámi** /apó-a-bī/ (*vi que ele consertou*)

⇒ **apoákihi** *o que consertará*

⇒ **apoáto!** *que (ele) conserte!*

akê *macaco* ⇒ **akeákā** *macaco pequeno*

wekó *papagaio* ⇒ **wekoákā** *papagaio pequeno*

A raiz pode ser separada do sufixo **-a** por outro sufixo. Neste caso, a regra de deslocamento geral efetua-se normalmente com as raízes ascendentes. Exemplos com o sufixo negativo **-ti**:

apêtiãmi (vi que ele) não brincou

apotiãmi (vi que ele) não consertou

Note, no último exemplo, que o sufixo **-a** integrou-se à estrutura do sufixo **-ti**, formando uma só sílaba e uma unidade tonal com ele.

15.4.4. Com o sufixo **-a plural/animado**, os fatos são mais complexos:

1. **-a** forma uma nova unidade de melodia ascendente com as raízes ascendentes (harmonia melódica):

wekó papagaio ⇒ **wekoá papagaios**

bu'ú tucunaré ⇒ **bu'uá tucunarés**

2. **-a** forma também uma nova unidade com as raízes nominais de melodia alta. O conjunto, porém, pode ser de melodia alta (harmonia melódica) ou de melodia ascendente (não-harmonia melódica). Isso depende do nome animado e da sua classe nominal (cf.8.3.):

- a CLASSE I é formada de raízes altas que se tornam ascendente com a adjunção do plural **-a**:

akê macaco ⇒ **akeá macacos**

semê /sêbê/ paca ⇒ **semeá /sêbê-a/ pacas**

- a CLASSE II é formada de raízes altas que conservam a sua melodia alta com a adjunção de **-a** (harmonia melódica):

bikô tamanduá ⇒ **bikoâ tamanduá**

doê traira ⇒ **doeâ traíras**

15.4.5. Uma complexidade suplementar aparece com a adjunção de outro sufixo depois de **-a plural/animado**. Este segundo sufixo pode ser **-re/-del referencial** ou **-pi focalizador**. Exemplos com **-re** (**-pi** tem o mesmo comportamento):

wekó papagaio **wekoá papagaios** **wekoaré aos papagaios**

akê macaco **akeá macacos** **akearé aos macacos**

doê traira **doeâ traíras** **doeâre às traíras**

wa'tô cuandu **wa'toâ cuandus** **wa'toâre aos cuandus**

Como se vê, a adjunção de um sufixo suplementar não impede a regra geral de deslocamento tonal de se realizar, como se o conjunto **raiz-a** fosse bimoraico.

No entanto, o deslocamento nunca se efetua para os nomes que exigem, no singular, um sufixo singulativo (cf.8.3.):

utiã cabas **utiãwĩ uma caba** **utiãre às cabas**

dasiã camarões **dasiãwĩ um camarão** **dasiãre aos camarões**

15.4.6. Em resumo, o sufixo **-a** integra-se sempre à estrutura tonal da raiz lexêmica. A adjunção do sufixo **-a** à raiz forma um conjunto **RAIZ-a** que constitui uma nova unidade tonal alta ou ascendente, conforme a melodia da raiz. A harmonia melódica não é respeitada em todos os casos.

Podemos dizer o mesmo com o sufixo **-o causativo**: integra-se sempre à estrutura tonal da raiz verbal, o conjunto formando uma nova unidade tonal que respeita ou não a melodia da raiz, conforme o item verbal:

pe=sã *estar colocado* **peô** *colocar*

puû *molhar-se* **piô** *molhar* (com a regra **diss1: u → i / ___ o**)

u'á *tomar banho* **i'ô** *banhar* (com as regras **diss1** e **ass1: a o / ___ o**)

15.4.7. Como **-a** e **-o** são os únicos sufixos da língua que não começam por uma consoante, temos a regra geral seguinte:

RAIZ-V ⇒ RAIZ-**Ũ** ou RAIZ-**Ũ'**

ou seja: **um sufixo sem onset consonântico integra-se à estrutura tonal da raiz lexêmica, o conjunto formando uma nova unidade tonal alta ou ascendente.**

15.4.8. Para terminar, mencionaremos o caso dos sufixos que começam por **g**, consoante que se apaga nas conversações de todos os dias. Nesse caso, o conjunto nunca constitui uma unidade tonal ascendente ou alta. Por exemplo, o sufixo **-ga** forma *rolíça* com **irê vegetal pupunha**:

irêga pupunha

irêa pupunha (forma simplificada)

Como se vê, a forma abreviada com o sufixo simplificado **-a** não se integra à estrutura da raiz, o conjunto tendo a mesma estrutura tonal que a forma completa (com **g**).

15.5. Os sufixos com tom flutuante

Alguns sufixos capturam o tom de qualquer raiz verbal quando estão adjacentes a esta raiz. Estes sufixos serão ditos **sufixos fortes**. Como exemplos destes sufixos, temos todos os sufixos nominalizadores nas suas formas simultâneas, presentes ou habituais (cf.11): **-gí**, **-gó**, **-rá**, **-shé**, **-kaha**, etc. Com o verbo de melodia alta **apê brincar** e o verbo de melodia ascendente **da'rá/da'dá/ trabalhar**:

apegô a que brinca

aperá *os que brincam*
apesché *brinquedos*
apekahá *ser roliço do brincar (bola,...)*

da'ragó *a que trabalha*
da'rará *os que trabalham*
da'rasché *trabalhos*
da'rakahá *ser roliço do trabalho (enxada,...)*

Caso esses sufixos não forem adjacentes à raiz (presença de outro sufixo intermediário), os padrões tonais são regulares, a regra geral de deslocamento tonal aplicando-se com as raízes ascendentes (o sufixo intermediário não sendo laringalizado). Exemplo com o sufixo intermediário **-ti** *negativo*:

apêtigo *a que não brinca*
da'ratigo *a que não trabalha*

Os sufixos fortes são:

- ♦ os nominalizadores nas suas formas presentes.
- ♦ o sufixo nominal **-rohó** /-dohó/ *aumentativo*.
- ♦ o sufixo verbal **-ká** *implicativo/sujeito diferente*.

Exemplos de aumentativo e de implicativo/sujeito diferente:

aâ *gavião* ⇒ **aarohó** *gavião grande*
apê *brincar* ⇒ **apeká** *brincando*

Sugerimos, em 11.2., a existência de um tom flutuante para os nominalizadores nas suas formas presentes, reescrevendo-os:

-gí ← - - - **gi**
-gó ← - - - **go**
-rã ← - - - **rã**, etc.

Pensamos que o tom flutuante é um "vestígio" do apagamento do sufixo nominalizador **-a** (ainda existente nas formas futuras). O segmento caiu, mas não o seu tom que obedece às regras estudadas em 15.4. (um sufixo sem onset consonântico integra-se à estrutura tonal da raiz, o conjunto formando uma unidade tonal ascendente). Por exemplo:

|apê-a-go| > |apeágo| > |apé go| > |apégo| > **apegó**
 unidade tonal apagamento deslocamento

Com a postulação de um tom flutuante, os sufixos fortes não devem ser considerados como sufixos irregulares.

15.6. Os sufixos e palavras dependentes irregulares

15.6.1. Os sufixos transparentes

Alguns sufixos são tonalmente **transparentes**: nunca levam em si alguma tonalidade alta ou ascendente. Estes sufixos são:

- sa** *modalidade sentida* (cf.5.2.)
- pa** *modalidade dedutiva* (no interrogativo, cf.5.3.)
- pa** *plural de forma* (cf.8.7.)

Exemplos com **-sa** *sentido*:

apêsami *(ouço que ele) brinca*
aposamí *(ouço que ele) conserta*

Exemplos com **-pa** *dedutivo*:

apêpari? *(você deduziu que ele) brincou?*
apopari? *(você deduziu que ele) consertou?*

Exemplos com **-pa** *plural de forma*:

ûyû *vegetal abacate* ⇒ **ûyupagá** *abacates*
kii *mandioca* ⇒ **kiipagá** *tubérculos de mandioca*

Em outras palavras, estes sufixos deixam passar o tom da raiz ascendente "em cima" deles sem o capturar. É o sufixo seguinte que efetua a captura. Caso houver um sufixo intermediário, é naturalmente ele que obedece a regra geral de deslocamento tonal:

apêtisami *(ouço que ele) não brinca*
apotisami *(ouço que ele) não conserta*

Note que **-pa** *plural de forma*, além desta irregularidade, transforma qualquer raiz alta em baixa, o tom ascendente realizando-se no sufixo que segue **-pa** (aqui, no sufixo **-ga** *forma roliça*). Em 8.7., tentamos explicar esta segunda irregularidade pela presença de um tom flutuante vestígio.

Em 3.4., o leitor poderá encontrar uma exposição dos sufixos transparentes com uma tentativa de interpretação.

O sufixo **-sa** *sentido* tem outra irregularidade, quando seguido pelo sufixo **-ʔ** *outras pessoas*:

apê brincar ⇒ **apésa'** brinco (sem querer)
apó consertar ⇒ **apósa'** conserto (sem querer)

Como se vê, as raízes verbais de melodia alta tornam-se automaticamente ascendentes enquanto as raízes de melodia ascendente não mudam.

15.6.2. Outras irregularidades

Existem alguns verbos e nomes dependentes irregulares. São muito poucos:

♦ O verbo dependente **we'e não** (cf.6.1.) tem a mesma irregularidade tonal que acabamos de mencionar com **-sa sentido**:

apê brincar ⇒ **apê we'e'** não brinco
werê /wedel/ avisar ⇒ **weré we'e'** não aviso
apó consertar ⇒ **apó we'e'** não conserto

Como se vê, **we'e** transforma as raízes verbais altas em raízes ascendentes.

♦ Dois verbos dependentes (lembramos que são centenas nesta categoria) bloqueiam o deslocamento tonal, apesar de não ser audivelmente laringalizados (cf.7.8.). São:

toha já (fazer algo)
kūu siha (fazer algo) para cá e para lá

Exemplos com **toha**:

ba'á comer ⇒ **ba'á tohaami** já comeu
sī'ri beber ⇒ **sī'ri tohaami** já bebeu

♦ Apesar de não ser laringalizado, o contraste **maa** (cf.9.9.) bloqueia o deslocamento tonal:

teé aquilo ⇒ **teé maa** daquilo

Além disso, transforma a melodia alta dos nomes pessoais em melodia ascendente:

koô ela ⇒ **koó maa** para ela

♦ Sendo laringalizado, o aditivo **kē'ra** /kē'da/ também bloqueia naturalmente o deslocamento tonal. No entanto, apresenta uma irregularidade similar a **maa** contraste, transformando a melodia alta dos nomes pessoais em melodia ascendente (cf.9.5.):

naá eles ⇒ **naá kē'ra** eles também
koô ela ⇒ **koó kē'ra** ela também

Capítulo 16

ELEMENTOS DE SINTAXE

Neste capítulo, tentamos precisar as principais relações sintáticas que existem entre as palavras dos enunciados, dando às vezes mais sugestões que argumentos decisivos.

Em 16.1., evidenciamos uma ordem não-marcada para a ênfase nos enunciados fora de contexto. Em 16.2., a regra sobre a ênfase e os vários tipos de deslocamento são analisados. Em 16.5., definimos a locução apositiva específica e tentamos diferenciá-la do sintagma nominal (16.4.). Algumas considerações sobre as construções coordenativas e a locução citativa aparecem, respectivamente, em 16.3. e 16.6.

16.1. A ordem não marcada para a ênfase

16.1.1. A mobilidade das palavras dentro de um enunciado opõe-se à coesão interna dos morfemas dentro das palavras. Por exemplo, os enunciados seguintes têm o mesmo sentido geral, apenas com diferença na ênfase dos diversos argumentos:

(662)	yi'ŋ₁ kŋ-re₂ su'tí₃ o'o-á-pi₄	<i>eu₁ lhe₂ dei₃ roupas₄</i>
(662 _a)	kŋ-re su'tí o'o-á-pi yi'ŋ	<i>eu lhe dei roupas</i>
(662 _b)	yi'ŋ su'tí o'o-á-pi kŋ-re	<i>eu lhe dei roupas</i>
(662 _c)	su'tí o'o-á-pi yi'ŋ kŋ-re	<i>eu lhe dei roupas</i>
(662 _d)	kŋ-re yi'ŋ su'tí o'o-á-pi	<i>eu lhe dei roupas</i>
(662 _e)	su'tí o'o-á-pi kŋ-re yi'ŋ	<i>eu lhe dei roupas</i>

Dentro das palavras, a ordem é fixa:

kŋ-re e não: *re-kŋ

o'o-á-pi e não: *o'o-pi-a, *pi-a-o'o, *a-pi-o'o, *pi-o'o-a, *a-o'o-pi

Além disso, os nomes não são necessários para a gramaticalidade do enunciado e são omitidos se o contexto permite recuperá-los:

(662_i) **o'o-á-pi** *dei-lhas*

Em (662_i) e (662), os sufixos verbais **-a-pi** mostram que o sujeito (animado) de **o'ô dar** não é uma terceira pessoa. Logo, o único sujeito possível é **yi'î eu**. O sufixo **-re** /-de/ *referencial* mostra que **kîî ele** é o objeto indireto; e, em conseqüência, o único objeto direto possível é o nome **su'ti roupas**. Em outras palavras, a língua não precisaria de uma ordem fixa para expressar as suas relações sintáticas.

Se a ordem das palavras dentro do enunciado fosse verdadeiramente livre, teríamos muito pouco a dizer sobre a sintaxe, que se limitaria assim a morfologia dos sufixos verbais ou nominais.

No entanto, esta ordem está condicionada por regras de ênfase que enunciaremos ulteriormente. Tornamos então a nos perguntar se existe realmente uma ordem neutra e não marcada para a ênfase.

16.1.2. Vejamos primeiro a ordem dos sufixos verbais coreferenciais aos nomes. Ela é obrigatoriamente:

V - S

Em outros termos, o verbo leva sempre como sufixo uma marca que está coreferencial ao sujeito. O objeto nunca está marcado na morfologia verbal.

No entanto, note-se que esta ordem V-S dentro da palavra pode não revelar a ordem não marcada das palavras entre si, já que o sufixo coreferencial ao sujeito não é tão enfatizado como o nome correspondente: o sufixo deve seguir então a regra de desenfocagem (deslocação à direita, cuja função é a de clarificação e de identificação, cf. 16.2.) e deve ocupar a posição final de enunciado.

16.1.3. Para achar a ordem não marcada das palavras, precisamos de enunciados onde os efeitos estilísticos e discursivos estão reduzidos ao mínimo. Os começos de narrações e de lendas constituem uma boa amostra deste tipo de enunciados, por serem freqüentemente fora do contexto.

Consideramos, por exemplo, o começo da história sobre o jabuti:

(663) **ûhuri, pô'ra-tí-pi'**₂ *dizem que o jabuti₁ teve filhos₂*

Este enunciado fora do contexto revela a ordem não marcada para a ênfase:

S V

Outra versão da mesma história começa assim:

(664) **neê waro-pi-re₁, ûhuri₂ wekîre₃ wêhé-pi'**₄ *dizem que, no começo dos tempos₁, o jabuti₂ matou₄ a anta₃*

o que revela a ordem não-marcada (com Per: complemento periférico):

(Per_{temporal}) S O V

Chegamos assim à ordem não marcada da língua ye'pâ-masa que aparece na fórmula seguinte:

SOV

Introduzindo o sujeito, os complementos nucleares (O_{dir}: objeto direto, O_{ind}: objeto indireto marcado por **-re referencial**) e os complementos periféricos (Instr: instrumental, Acomp: acompanhamento, ambos marcados por **me'ra com**; Per_{temporal}, Per_{locativo}, ambos não marcados por **-re referencial**; Per_{maneira}: forma nominalizada em **-ró nom.lugar** expressando a maneira), obtemos a fórmula geral seguinte:

S Instr/Acomp O_{ind} Per_{temporal/locativo/maneira} O_{dir} V

Alguns exemplos:

(665) **numi-ô₁ Péduru-re₂ su'ti₃ o'o-á-pi₄** *a mulher₁ deu₄ roupas₃ a Pedro₂*
(S O_{ind} O_{dir} V)

(666) **yukî-gi₁ ohô yôo-pi₂ pu'â cha-'₃** *o pau₁ crava-se₃ na bananeira₂*
(S Per_{locativo} V)

(667) **Péduru₁ di'pîhî me'ra₂ wa'îki di'i-ro-re₃ dite-á-pi₄** *Pedro₁ cortou₄ a carne₃ com a faca₂*
(S Instr O_{ind} V)

(668) **koô₁ yi'î-re₂ toho₃ nii-á-mo₄** *ela₁ me₂ disse₄ assim₃*
(S O_{ind} Per_{maneira} V)

(669) **wesé ma'a-pi₁ beta potá₂ sîô pu'a-a-si₃** *espetei-me enfiando a mão em₃ espinhos de tucum₂ no caminho da roça₁*
((S) Per_{locativo} O_{dir} V)

(670) **duarî wi'i₁ yamiákâ₂ pârî-ro-sa-'₃** *a loja₁ abrirá₃ amanhã₂*
(S Per_{temporal} V)

(671) **misâ dure-sché-re₁ kumú bu'i₂ pcô-ya₃!** *ponha₃ a bagagem de vocês₁ em cima dos bancos₂!*
(O_{ind} Per_{locativo} V)

16.1.4. Como já vimos em 11.1., não existem propriamente dito orações subordinadas (relativas, completivas, etc.). No seu lugar, aparecem formas nominalizadas que encaixam-se no lugar de um argumento verbal da oração, obedecendo às regras que evidenciamos sobre a ordem das palavras. O leitor poderá consultar os exemplos (489) e (490), com a análise que demos deles em 11.1. Outro exemplo:

(672) **Péduru, waĩ-re₂ [naâ basa-ró-pi]₃ ba'â-mi₄** Pedro₁ come₄ o peixe₂ [onde eles dançam]₃ (S O_{ind} Per_{locativo} V, com **naâ** eles e **basâ** dançar)

A "oração implicativa" (cf.10) precede geralmente a "oração implicada". No exemplo seguinte, a oração implicativa é marcada por **-ká impl.cs**:

(673) [**ĩsâ eha-ká**]₁ [**masá du'ti-á wa'a-a-ma**]₂ [quando nós chegamos]₁ [as pessoas fugiram]₂

A "oração de finalidade" (cf.10.2.) segue geralmente a "oração principal". Voltamos a apresentar o exemplo:

(446) [**yi'ĩ pekâ-wi yê'e-á-pi**]₁ [**kĩĩ yesê wêhe-á-kihî nii-ká**]₂ [eu peguei a espingarda]₁ [para que ele mate o porco]

Note que, nos exemplos (445) e (447) de 10.2., a oração de finalidade precede a oração principal por ser enfatizada (regra sobre a ênfase, cf.16.2.).

O discurso direto constrói-se geralmente com o verbo **nũ /dĩĩ/ dizer** que vem precedido pela citação. Esta citação ocupa o lugar do objeto direto. Por exemplo:

(674) **wa'á we'e'₁ nii-á-mi₂** disse que não vai (lit. disse₂: "não vou"₁)

(675) **yi'ĩ pako, kũĩ₂ do'âti-ti-a-mi₃ nii-á-mo₄** minha mãe disse que ele não está doente (lit. minha mãe₁ disse₄: "ele₂ não está doente"₃)

(676) **koô₁ mi'ĩ-re₂ ba'â-gi-sa-mi₃ nii-á-mo₄** ela disse que você vai comer (lit. ela₁ disse₄ em relação a você₂: "comerá"₃)

(677) **mi'ĩ-rc, kũĩ₂ ba'a-á-mi₃ nii-á-mi₄** disse que você comeu (lit. disse₄ em relação a você₁: "ele₂ comeu"₃)
(a citação foi sublinhada)

16.1.5. Concluímos numa ordem não marcada SOV. No entanto, essa ordem não tem um valor sintático capaz de mostrar as relações entre o sujeito, os complementos e o predicado. Com efeito, é freqüentemente modificada pela ênfase dada a certo argumento verbal: o exemplo (662) e as suas variações mostram que a posição dos

argumentos dentro do enunciado não vale para distinguir as funções sintáticas destes argumentos.

Além disso, o sufixo **-re referencial** não diferencia sempre o sujeito do objeto. Compare:

(678_a) **yi'ĩ₁ petá-ré₂ too-á-pi₃** eu₁ fui picado₃ pela tocandira₂

(678_b) **yi'ĩ₁ petá₂ too-á-pi₃** eu₁ fui picado₃ por tocandira₂

Em (678_a), o objeto é marcado por **-re** por ter uma certa referencialidade. Lembramos que o sujeito nunca é marcado por **-re** (cf.8.12.). No entanto, em (678_b), o sujeito e o objeto não são marcados; e, conforme a ênfase dada ao objeto, a ordem pode ser mudada em:

(678_{bl}) **petá too-á-pi yi'ĩ** é por tocandira que fui picado

Como se vê, nem a ordem nem as inflexões permitem distinguir o sujeito do objeto. No entanto, não há nenhuma ambigüidade neste exemplo, por ser o sujeito indicado pelo sufixo verbal **-a-pi p.rec.vist.outras pessoas**.

Outros enunciados como:

(679) **masá₁ wa'ĩ₂ ba'â-ma₃** as pessoas₁ comem₃ peixes₂ /peixes₂ comem₃ gente₁

são ambíguos, porque a sufixação verbal (aqui, **-ma 3pl**) não indica qual é o sujeito. Este tipo de enunciados, porém, é bastante raro, e, nesse caso, o contexto sempre privilegia um ou outro sentido.

Em resumo, podemos dizer que a ordem das palavras no enunciado é sintaticamente livre.

16.2. A regra sobre a ênfase e as deslocções

16.2.1. A regra sobre a ênfase pode ser formulada assim: **a(s) palavra(s) enfatizada(s) aparece(m) no começo do enunciado.**

Compare:

(680) **koô₁ nikî-pi₂ wa'a-á-mo₃** ela₁ foi₃ à mata₂ (ou: "foi ela que foi à mata", com ênfase do sujeito)

com:

(680_a) **nikî-pi₂ wa'a-á-mo₃ koô₁** foi ir₃ à mata₂ que ela₁ fez (ênfase de Per_{locativo}+verbo)

Outros exemplos de ênfase:

(681) **yeé su'ti-rc, yi'ĩ₂ sã'ke koé-'₃** são as minhas roupas₁ que eu₂ lavo esfregando-as₃ (o elemento enfatizado "as minhas roupas" aparece no começo do enunciado)

(682) **wese-pí₁ yiĩ-re₂ ko'tê-gi wa'â-ya₃!** *vá me₂ esperar₃ na roça₁* (o elemento inicial enfatizado "na roça" foi sublinhado na tradução)

16.2.2. O leitor não confundirá esta ênfase de palavras com a deslocção à esquerda (topicalização) ou à direita (pensamento ulterior, chamada do tópico para clarificar a predicação).

Exemplos de deslocção à direita (com leve pausa indicada pela vírgula):

(680_b) **nikí-pi₂ wa'a-á-mo₃, koô₁ foi₃ à mata₂, ela₁**
(deslocção à direita do sujeito "ela")

(683) **kārckē', kē-gi' wee-mí₂, wi'ma-gí-re₃** *o galo₁ está atacando-
o₂, ao menino₃*

(deslocção à direita do objeto referencial "o menino")

Essa deslocção à direita, freqüentíssima com os "pronomes pessoais" e comumente associada ao sufixo de destaque **-a'** (cf.8.13.), talvez explique diacronicamente a gênese da ordem V-S notada dentro da palavra verbal (cf.16.1.).

Como exemplo de deslocção à esquerda, compare:

(684) **da'ra-sché₁ makâ-pi₂ pāri-á-pa'ro₃** *os trabalhos₁ foram abertos₃
na cidade₂*

(ordem não marcada: S Per_{locativo} V)

com:

(684_a) **makâ-pi-re₂, da'ra-sché₁ pāri-á-pa'ro₃** *na cidade₂, os trabalhos₁
foram abertos₃*

(deslocção à esquerda do elemento topicalizado "na cidade")

Compare também:

(685) **marí-re₁ ni'kaá₂ wa'a-ró₃ o'ó we'e'4** *não dá₄ para nós₁ ir₃ hoje₂*

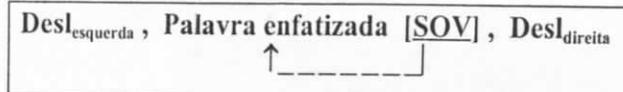
(ordem não marcada: O_{ind} Per_{temporal} O_{dir} V)

com:

(685_a) **ni'kaá-re₁, yiĩ paki₂ kumú₃ ohâ-gi' wee-mí₄** *hoje₁, meu pai₂
está pintando₄ bancos₃* (deslocção do elemento topicalizado "hoje")

Sobre a função de saliência discursiva de **-re**, cf.8.12.

16.2.3. Tomando em conta a regra sobre a ênfase e as deslocções, chegamos à fórmula geral seguinte:



Certos pontos precisariam um estudo complementar. Em particular, não é sempre fácil distinguir a ênfase de uma palavra em posição inicial de uma simples deslocção à esquerda. Os padrões entonatórios são às vezes difíceis de interpretar.

Além disso, parece que a ordem parcial O_{dir}V, com o 1º complemento perto do verbo, é bastante fixa. Um estudo pormenorizado deveria mostrar se a ordem VO_{dir} pode aparecer sem nenhuma deslocção ou se a ordem O_{dir}V é um traço característico da sintaxe da oração.

16.3. A sintaxe da oração: o sujeito, o predicado e a coordenação

Uma relação especial entre o argumento tipicamente agente dos enunciados transitivos e o verbo está revelada pela concordância (sob forma de sufixo verbal) entre os dois. Isto associa claramente a função sintática sujeito à este argumento; além disso, esta acusatividade morfológica manifesta-se também em várias construções sintáticas, como as que precisam de um pivot sintático (especialmente, na construção de coordenação).

A **coordenação** pode efetuar-se entre nomes, verbos ou orações. Não há coordenadores próprios, de forma que a coordenação realiza-se por simples justaposição dos termos coordenados, com entonação fortemente ascendente no fim de cada termo, menos o último.

Exemplos de coordenação/enumeração entre nomes (os nomes coordenados são sublinhados):

(686) **yehê₁, aã₂, dasê₃ boka-á-ma₄** *encontraram₄ garça₁, gavião₂ e tucano₃*

(687) **yiĩ₁ Baria₂, Péduru₃ i'ya-á-pi₄** *eu₁ vi₄ Maria₂ e Pedro₃*

Quando se trata de coordenação entre orações, o sujeito funciona como pivot sintático: há supressão do sujeito da segunda e subseqüentes orações quando este for coreferencial ao sujeito da primeira oração. Por exemplo:

(688) **(koô₁) wā'ká ni'ka₂, a'ti pīhi-re₃ yē'e₄, wa'â wa'a-a-mo₅** *(ela₁)
levantou-se₂, pegou₄ o terçado₃ e foi embora₅*

Note-se que o pivot (aqui, "ela") é o sujeito dos três verbos do enunciado precedente e que os dois primeiros verbos aparecem sem nenhuma sufixação. Em regra geral, a coordenação entre verbos caracteriza-se pela simples justaposição dos verbos, com **elipse dos seus sufixos terminativos** (radicais "nus") do primeiro até o penúltimo verbo. É o último verbo que leva os sufixos apropriados para todo o conjunto dos verbos.

Exemplo com os verbos **apê** brincar, **ba'â** comer e **kāri** /kādí/ dormir:
(689) **apê, ba'â, kāri-á-mo** (ela) brincou, comeu e dormiu

Neste exemplo, é unicamente o último verbo que leva os sufixos **-a-mo** *p.rec.vist.3+fsg*, que, fonologicamente, valem para o conjunto.

Os sufixos que obedecem a esta regra de elipse dos sufixos nos primeiros verbos são os sufixos terminativos (modalidade, tempo, pessoa, número e gênero) assim como os sufixos de imperativo. Os outros, como o negativo **-ti**, não são apagados.

Exemplo com o sufixo imperativo **-ya**:

(690) **yi'ĩ-re, akô yee-ti, wērĩ bata'-ya**! que não me₁ trate₂ e que morra₃!

Podemos resumir a coordenação de orações com mesmo sujeito, dizendo que a supressão do sujeito é "progressiva", mas que a dos sufixos terminativos verbais é "regressiva".

Um nome periférico que não é o sujeito gramatical da construção, mas o seu tópico, pode também funcionar como pivot. Por exemplo:

(691) **soorĩ nimi, uhá-ke, ni'ká, tii yamí, neê, surú-ti, ape nímí, tohó-ta, wa'â, tii yamí, po'o-sehé, bahu-á-pa'ro**,
a febre₂ começou₃ domingo₁, nem₅ parou₆ naquela noite₄,
seguiu₉ o mesmo₈ outro dia₇ e, na noite seguinte₁₀, as bolhas (de
sarampo)₁₁ apareceram₁₂

Neste exemplo de orações coordenadas, as 3 primeiras têm como sujeito **uháke** febre enquanto **po'osé** bolhas é o sujeito gramatical da última. Apesar desta mudança de sujeito, os sufixos verbais só aparecem no último verbo. Esta elipse de sufixos terminativos torna-se possível pelo fato que o nome que funciona aqui como pivot é a pessoa que contratou a febre e o sarampo: por exemplo, **yi'ĩ-re para mim** ("(para mim) a febre começou domingo,...e, (para mim), as bolhas de sarampo apareceram"). Neste caso, o pivot da construção inteira não é o sujeito, mas o tópico do enunciado.

16.4. Os sintagmas nominais e verbais

16.4.1. Existe um nível de hierarquia intermediário entre a oração e o morfema: o sintagma nominal ou verbal. Este nível intermediário, que constitui a estrutura básica de toda a língua ye'pâ-masa, foi estudado ao longo da morfologia verbal e nominal.

Lembramos a existência de classes de lexemas dependentes (verbos dependentes e nomes dependentes, cf. capítulos VII e IX), cuja aparição depende

de um lexema independente que sempre os precede. A relação:

VERBO INDEPENDENTE+VERBO DEPENDENTE

ou:

NOME INDEPENDENTE+NOME DEPENDENTE

é sempre uma relação sintática do tipo:

COMPLEMENTO+COMPLETADO

Por exemplo:

(692) **baa, masi** /baá+bāsi/ saber₂ nadar₁

(693) **tuú, bi'a** /tuú+bi'a/ fechar₂ empurrando₁

(694) **ohô, tō'o** /ohô+tō'o/ cacho₂ de bananas₁

(695) **ma'â, yuri** /bã'â+yudi/ torto₂ de caminho₁, caminho₁ torto₂

(696) **bu'e-rí, wi'i** /bu'ê-dí+wi'i/ casa₂ de estudo₁

Os argumentos que nos permitem considerar estas locuções como verdadeiros sintagmas são os seguintes:

1. a unidade tonal da locução, os nomes e os verbos dependentes sendo fonologicamente átonos.
2. a presença de uma cabeça nominal ou verbal (respectivamente, nos exemplos acima, **masi** saber (fazer algo), **bi'a** fechar (fazendo algo), **tō'o** cacho de, **yuri** torto de e **wi'i** casa de). O fato que a cabeça nominal está em segunda posição é comprovado pela concordância do verbo com ela. Por exemplo:

(697) **masa**₁ + **kaá, niĩ**-₃ é₃ linha₂ de pessoas₁ (o sufixo **-'** mostra que o verbo concorda com o nome inanimado **kaa** linha (de) e não com o nome animado **masá** pessoas)

3. o fato que as marcas de função abrangem todo o sintagma, afixando-se unicamente depois dele.

4. a concordância, quando a semântica o permite (cf.9.1.). Compare:

(695) **ma'â yuri** torto de caminho, caminho torto

com:

(695_a) **ma'â-ri yuri-ri** tortos de caminhos, caminhos tortos

(-ri plural/ inanimado)

5. a ordem fixa e a não-possibilidade da locução ser separada por uma palavra. Por exemplo, a partir de:

(698) **ohô, tō'o, niĩ**-₃ é₃ um cacho₂ de bananas₁

não podemos formar:

***tō'o ohô niĩ**-₃ ou: ***ohô niĩ**-₃ **tō'o**

Todos esses argumentos mostram a grande coesão deste tipo de locução. O sintagma genitival (nome+nome) do tipo "cacho de bananas" é a estrutura básica para todos os sintagmas da língua (com verbo nominalizado, demonstrativo, possessivo, interrogativo,...).

16.4.2. Esta estrutura estende-se também aos sufixos verbais e nominais.

Compare:

ohô₁ tō'o₂ *cacho₂ de bananas₁*

com:

wesê₁-ri₂ *roças (pluralidade₂ de roça₁)* [sufixo nominal **-ri** plural]

wese₁-ákã₂ *rocinha (pequena₂ de roça₁)* [sufixo nominal **-akã** diminutivo]

Compare também:

baa₁ masi₂ *saber₂ nadar₁*

com:

baa₁-tí₂ *não nadar (negar-se₂ a nadar₁)* [sufixo verbal **-tí** negativo]

baá₁-'tí₂ *vir₂ nadando₁* [sufixo verbal **-'tí** centripeto]

Em 4.4.®, sugerimos que os sufixos são lexemas dependentes diacronicamente reanalisados como sufixos pelo desgaste fonético. Nessas condições, a dificuldade que encontramos em decidir se tal ou tal morfema é um sufixo ou um lexema dependente não acarreta problemas para a nossa análise sintática: com efeito, a relação sintática entre lexema e sufixo, ou entre lexema independente e lexema dependente é sempre a mesma: Complemento+Completado. Esta relação é a relação básica da língua.

Em outras palavras, teríamos podido suprimir a noção de palavra sem problemas, e efetuar a nossa sintaxe entre os morfemas, e não entre as palavras. No entanto, o caráter inflexional de certos sufixos como **-mi** /-bĩ/ *presente/visto*/3-fsg acarreta uma certa dificuldade na segmentação dos morfemas. Por exemplo, com **apê** *brincar*, obtemos:

(699) **apê-mi** *(eu vejo que ele) brinca*

com uma palavra, mas com quantos morfemas?

Note-se que esta relação básica Complemento-Completado segue a predição de Greenberg (1963, pp.58-90), conforme a qual as línguas OV têm uma morfologia de sufixos, com verbos modais (os nossos verbos dependentes) à direita do verbo principal e com uma estrutura geral Determinante+Determinado. É justamente isso que caracteriza a língua ye'pâ-masa.

16.4.3. A categoria "proposição ou oração nominal" (completivas, circunstanciais

ou relativas) não existe em ye'pâ-masa. Já vimos em 11.1. que as formas nominalizadas correspondem, pelo menos na tradução, a esta categoria. São verdadeiros sintagmas nominais cuja cabeça nominal ocupa a posição de um argumento verbal. Por exemplo, em:

(700) **kã a'tiátoho masi-sa'**

/kã a'ti- a - toho bãsi - sa-' /

ele vir-nom.lugar.fut saber-pres.sent.outras pessoas
sei que ele virá (lit. sei o lugar do seu vir futuro)

a relação sintática é a mesma que em:

(701) **âyurí wi'i i'yaápi**

/âyú - dí +wi'i i'yá- a-pi /

ser bonito-nom.inan.sg+casa ver-p.rec.vist.outras pessoas
vi uma casa bonita (lit. vi uma casa de beleza)

Nesses dois exemplos, a cabeça dos sintagmas nominais **kã a'tiátoho** e **âyurí wi'i** foi sublinhada.

16.5. As locuções apositivas especificadas

O leitor não confundirá o sintagma nominal (unidade tonal), como em:

(694) **ohô, tō'o₂** /ohô+tō'o/ *cacho₂ de bananas₁*

(696) **bu'erí, wi'i₂** /bu'ê-dí+wi'i/ *casa₂ de estudo₁*

(702) **a'tí, wi'i₂** /a'tí+wi'i/ *esta casa (casa₂ daqui₁)*

com a construção evidenciada em:

(703) **akó, âyu-sehé₂** *água₁ boa₂ (água₁, ser não-contável de beleza₂)*

(704) **a'té₁, akó₂** *esta₁ água₂ (ser não-contável daqui₁, água₂)*

(705) **ã'rí₁, imí₂** *este₁ homem₂ (ser animado daqui₁, homem₂)*

onde **cada palavra** destas locuções tem a sua **unidade tonal**.

Este tipo de construção foi descrito ao longo dos capítulos XI e XII. Caracteriza os verbos nominalizados, os demonstrativos, a anáfora, o possessivo, os interrogativos e os numerais nas suas formas não-básicas. Lembraremos aqui o essencial da discussão.

As formas básicas (inanimado singular) são sempre seguidas por um nome inanimado contável singular que lhes serve de cabeça nominal. O sintagma nominal assim constituído forma uma unidade tonal: em (696), o verbo **bu'ê** *estudar* aparece sob a sua forma nominalizada básica **bu'erí+ estudo** e é seguido obrigatoriamente pela sua cabeça nominal, aqui o nome inanimado contável singular **wi'i** *casa de*; em (702), a forma demonstrativa básica **a'tí+ aqui** é

seguida pela sua cabeça nominal, aqui o mesmo nome inanimado **wi'i**. Em outras palavras, as formas básicas nunca aparecem sozinhas.

Contrariamente às formas básicas, as outras formas dos verbos nominalizados, dos demonstrativos, etc. (associadas aos inanimados não-contáveis, ao lugar, aos animados ou a formas particulares) são formas independentes porque levam já sufixadas nelas a própria cabeça nominal. Em outros termos, constituem em si um verdadeiro sintagma nominal. Exemplos com o verbo **āyú** *estar bom* e o demonstrativo **a'tí+**:

āyu₁-sehé₂ *ser não-contável bom (ser não-contável₂ de bondade₁)*

a'té (*a'tí₁-yé) *este ser não-contável (ser não-contável₂ aqui₁)*

āyu₁-gí₂ *ser animado (-fsg) bom (ser animado₂ de bondade₁)*

ā'rí (*a'tí₁-gí₂) *este ser animado -fsg (ser animado₂ aqui₁)*

Estas formas não-básicas independentes podem aparecer, quando a claridade da expressão o exige, seguidas ou precedidas pelo nome ao qual elas se referem, dando a construção exemplificada nos exemplos (703,704,705).

Chamaremos este tipo de construção evidenciada com as formas não-básicas de **locução apositiva especificadora**. Por exemplo, em:

(705) **ā'rí, imí₂** *este₁ homem₂ (lit. este ser animado₁, homem₂)*

Os argumentos que permitem diferenciar este tipo de construção apositiva de um simples sintagma são os seguintes:

- ♦ a não-unidade tonal da locução apositiva, cada palavra da construção tendo o seu tom próprio, opõe-se à unidade tonal do sintagma nominal.
- ♦ a locução apositiva não tem cabeça nominal, cada palavra da construção podendo ser suprimida. Compare:

(705_a) **ā'rí, imí₂ ba'ā-mi₃** *este₁ homem₂ come₃*

(705_b) **ā'rí, ba'ā-mi₃** *este₁ come₃*

(705_c) **imí₂ ba'ā-mi₃** *o homem₂ come₃*

Em contraste, já vimos que o sintagma nominal tem como cabeça nominal o completado.

- ♦ a locução apositiva não tem a coesão do sintagma nominal: a ordem é livre e a construção pode ser separada por uma palavra. Compare:

(705_d) **imí₂ ā'rí, ba'ā-mi₃** *o homem₂ este₁ come₃*

(705_e) **ā'rí, ba'ā-mi₃ imí₂** *este₁ come₃, o homem₂*

(705_f) **imí₂ ba'ā-mi₃ ā'rí** *o homem₂ come₃, este₁*

Compare com o sintagma nominal **a'tí wi'i** *esta casa* em:

(702_a) **a'tí₁ wi'i-re₂ i'ya-á-pi₃** *esta₁ casa₂*

(702_b) ***wi'i a'ti-re i'ya-á-pi**

(702_c) ***a'tí i'ya-á-pi wi'i**

Compare também a locução apositiva:

(705) **ā'rí, imí₂** *este₁ homem₂*

com o sintagma nominal:

(705_g) **ā'ri imí** *o empregado deste* (unidade tonal, ordem fixa)

A concordância que se manifesta na locução apositiva não constitui, ao nosso ver, um argumento que provaria a coesão da construção. Esta concordância nos parece totalmente similar à que aparece em construções reconhecidas geralmente como apositivas, como, por exemplo, em português:

O rei Pedro

A rainha Maria

A locução apositiva é também diferente da construção coordenativa. Com efeito:

- ♦ na locução apositiva, as palavras designam o mesmo ser ou cada palavra acrescenta uma explicação à precedente. Na coordenação, não há coreferência entre as palavras.
- ♦ como a coordenação, os diversos termos da locução apositiva têm a mesma função sintática e aparecem freqüentemente justapostos. No entanto, ao contrário da coordenação, não há pausa entonatória entre cada termo justaposto da locução apositiva [compare, em português, a aposição "minha mãe Maria" com a coordenação "minha mãe, Maria (e outra mulher)"].

Esta locução apositiva é dita especificadora porque a informação vai do genérico ao específico. É do tipo: **a b c**, **b** acrescentando uma explicação a **a**, **c** e **c**, a **b**.

Exemplos de locução apositiva especificadora:

(706) **itá-ga₁ yīi-kahá₂ pahi-kahá₃** *pedra₁ preta₂ grande₃ (lit. pedra₁, ser roliço preto₂, ser roliço grande₃)*

(706_a) **pahi-kahá₃ itá-ga₁ yīi-kahá₂** *pedra₁ preta₂ que é grande₃ (lit. ser roliço grande₃, pedra₁, ser roliço preto₂)*

(707) **i'tiá-rā₁ diāyi-a₂ yi'ñ paki yarā₃** *três₁ cachorros₂ do meu pai₃ (lit. três seres animados₁, cachorros₂, seres animados do meu pai₃)*

(707_a) **yi'ñ paki yarā₃ diāyi-a₂ i'tiárā₃ niñ-ka-rā₄** *os três₃ cachorros₂ do meu pai₁ (lit. os seres animados do meu pai₁, cachorros₂, três₃, os seres que eram₄)*

(708) **a'tí wi'i₁ butiri wi'i₂ yaá wi'i₃ niñ-ka-rā₄** *esta casa branca é minha (lit. esta casa₁, casa branca₂, é₄ minha casa₃)*

Note, no último exemplo, que a locução apositiva **a'tí wi'i butiri wi'i**

esta casa branca é formada por dois sintagmas: **a'tí wi'i** esta casa e **butirí wi'i** casa branca. Igualmente, **yaá wi'i** minha casa é um sintagma nominal.

Este tipo de locução apositiva, que não confundiremos com o sintagma nominal Complemento+Completado, aparece em certas línguas da região com mais frequência ainda que em ye'pá-masa: por exemplo, em yanomami (Ramirez, 1994, p. 409) ou em munduruku (Crofts). Pode ser também que se manifeste em outros idiomas amazônicos onde este tipo de construção teria sido confundido com um simples sintagma nominal.

16.6. A locução apositiva verbal citativa

Até agora, consideramos unicamente as locuções apositivas nominais. Podemos nos perguntar se uma locução apositiva verbal também existe. Talvez esta locução apositiva esteja identificada numa construção extremamente usada com os verbos de locução (West, 1980, p. 91). Esta construção consiste do verbo **niĩ** dizer, sem sufixo terminativo e seguido por um verbo de locução conjugado (**werê** /wedê/ avisar, **yi'tí** responder, **sēri** pedir, perguntar, **uúkū** conversar, etc.). Por exemplo:

(709) "...₁, **niĩ**₂ **werê-wā** avisaram que... (lit. disseram₂ avisando₃ : "...₁)
(710) "...₁, **niĩ**₂ **uúkū-mi**₃ dizem₂ conversando₃ : "...₁

Esta construção se parece com a coordenação por ter o sufixo terminativo apenas no último verbo da construção (cf. 16.3.). No entanto, difere radicalmente dela porque proíbe uma pausa entre **niĩ** e o verbo de locução que o segue (não há vírgula), e porque **niĩ** não está acompanhado por uma entonação ascendente.

Podemos hipotetizar que esta construção é sintaticamente similar às locuções apositivas analisadas no subcapítulo precedente. No entanto, neste tipo de construção, a ordem seria fixa.

BIBLIOGRAFIA

AIKHENVALD, Alexandra Y.

- 1994a "Classifiers in Tariana". *Anthropological Linguistics*, 36:4: 409-465.
1994b *bare*. Lincom Europa 100.
1996a "A Grammar of Warekena". In eds. D. Derbyshire e G. Pullum, *Handbook of Amazonian Languages*, Mouton de Gruyter, vol. 4 (no prelo).
1996b *Areal diffusion in Northwest Amazonia: the case of Tariana*. (no prelo).

ALLAN, Keith

- 1977 "Classifiers". *Language*, vol.53, n°2.

ANGENOT, J.-P., V. MARTINS & H. RAMIREZ

- 1997 "Evidências de uma rede de conexões genéticas pré-andinas circum-amazônicas", in Iara Ma. Teles & Jean-Pierre Angenot (Org.), *Lingüística Amazônica 1*, Guajará-Mirim, Rondônia: CEPLA Working Papers in Amerindian Linguistics, n° 12.

ARONOFF, M. & R.T.OEHRLE

- 1984 *Language Sound Structure*. Cambridge, The MIT Press.

ATISTIN P

- 1981 "Switch reference in Australia". *Language*, vol.57: 309-34.

BARNES, J.

- 1977 "Relaciones entre las proposiciones en la lingua tuyuca". *Estudios tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), II: 99-127.

- 1979 "Los imperativos en Tuyuca". *Artículos en lingüística y campos afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 6: 87-94.
- 1980 "La reconstrucción de algunas formas del proto tucano-barasano-tuyuca". *Artículos en Lingüística e Campos Afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 8: 37-66.
- 1984 "Evidentials in the Tuyuca Verb". *International Journal of American Linguistics*, 50:3: 255-271.
- 1990 "Classifiers in Tuyuca". In eds. Doris Payne, *Amazonian Linguistics: Studies in lowland South Amazonian Languages* (Texas, University of Texas Press), 273-292.
- BARRATT, Leslie
- 1981 "Prenasalized Stops in Guarani - Where the Autosegment Fails". *Linguistic Analysis*, vol.7, n°2.
- BEKSTA, Casimiro
- 1984 *Primeira cartilha Tukano*. Manaus, SEDUC/Núcleo de Recursos Tecnológicos.
- 1988 *A maloca Tukano-Dessana e seu simbolismo*. Manaus, SEDUC/AM.
- BRÜZZI Alves da Silva, A.
- 1961 *Discoteca etno-lingüística-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*. Centro de Pesquisas de Iauareté (Amazonas).
- 1966 *Observações gramaticais da língua daxseyé ou tukano*. Centro de Pesquisas de Iauareté (Amazonas).
- 1977 *A civilização indígena do Uaupés*. Roma, LAS.
- 1991 *Dicionário tukano-português*. Manaus.
- BUCHILLET, Dominique
- 1983 *Maladie et mémoire des origines chez les Desana du Uaupés. Conceptions de la maladie et de la thérapeutique d'une société amazonienne*. Tese de doutorado (não publicada), Universidade de Paris-X Nanterre.
- 1990 *Os Índios da região do Alto Rio Negro. História, etnografia e situação das terras*. Laudo antropológico remetido à Procuradoria Geral da República. Brasília. ms., 83 p. + anexos.
- COOK, Dorothy
- 1980 "Los sufijos de verbos dependientes del Coreguaje". *Artículos en lingüística y campos afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 10: 1-38.
- COOK, D.M. & L.L. CRISWELL
- 1993 *El idioma Koreguaje (Tucano Occidental)*. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão.
- CROFTS, Marjorie
- 1985 *Aspectos da língua munduruku*. Brasília, Instituto Lingüístico de Verão.
- CROWLEY, Terry
- 1992 *An Introduction to Historical Linguistics*. Auckland, Oxford University Press.
- DÍAZ, Gabriel
- 1979 "Algunas observaciones sobre los barasano del sur: su idioma y su cultura". *Artículos en lingüística y campos afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 6: 1-8.
- DURAND, Jacques
- 1990 *Generative and Non-linear Phonology*. Londres & New York, Longman.
- FISCHER-JØRGENSEN, Eli
- 1989 "Phonetic Analysis of the Stød in Standard Danish". *Phonetica*, 46: 1-59.
- FROMKIN, Victoria A.
- 1978 *Tone: A Linguistic Survey*. New York, Academic Press.
- FULOP, Marcos
- 1954 "Aspectos de la Cultura Tukana: Cosmogonia". *Revista Colombiana de Antropología* (Bogotá), Vol.III: 99-137.
- 1955 "Notas sobre los términos del sistema de parentesco de los Tukano". *Revista Colombiana de Antropología* (Bogotá), Vol.IV: 123-164.
- 1956 "Aspectos de la Cultura Tukana: Mitología, Parte I". *Revista Colombiana de Antropología* (Bogotá), Vol.V: 335-373.
- GALLO, Carlos
- 1972 *Diccionario tukano-castellano*. Mitú-Vaupés: Prefectura Apostólica.

GIACONE, Antonio.

- 1955 *Os Tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do Negro-Amazonas*. Notas etnográficas e folclóricas de um missionário salesiano. São Paulo.
- 1965 *Gramática da língua "Dahceié ou Tucana". Dicionário "Dahceié ou Tucano-Português". Dicionário "Português-Dahceié ou Tucano". Vademecum para os missionários e fraseologia usual tucana nos rios Uaupés, Tiquié e Papuri*. Belém.

GOEHNER, M., B. WEST & W.R. MERRIFIELD

- 1985 "Tucano (Tucanoan) Kinship Terminology" in eds. W.R. MERRIFIELD, *South American Kinship. Eight Kinship Systems from Brazil and Columbia*. Dallas, The International Museum of Cultures (Publication n°18), pp.55-69.

GOLDSMITH, John A.

- 1976 "An Overview of Autosegmental Phonology". *Linguistic Analysis*, vol.2, n°1.
- 1990 *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford & Cambridge, Basil Blackwell.

GOMEZ-IMBERT, Elsa

- 1980 "la faille tonale en tatuyo". Communication aux *Journées de Tonologie*, C.N.R.S., Ivry (ms.).
- 1980-81 La expresión de la posesión en tatuyo". *Revista del Instituto Colombiano de Antropología* (Bogotá), XXIII: 111-124."
- 1986 "Conocimiento e verdad en tatuyo". *Antropología* (Bogotá, U. de los Andes), vol.2: 117-125.
- 1988a "Construcción verbal en barasana y tatuyo". *Amerindia* (Paris, A.E.A.), 13: 97-108.
- 1988b *Introducción a las lenguas del Piraparaná (Vaupés)*. (em colaboraçã com S. HUGH-JONES; será publicado no: *Atlas Etnolingüístico de Colombia*, Bogotá, Instituto Caro e Cuervo)
- 1990 "Le verbe mélodieux des Barasana". *Amerindia* (Paris, A.E.A.), 15:11-42.
- 1991 "Le verbe mélodieux des Barasana". *Amerindia* (Paris, A.E.A.), 16:1-15.

- 1995 *Extrametricality and postlexical rules in Barasana (Eastern Tukanoan)*. Comunicação ao SSILA Summer Meeting, 8-9 julho, Albuquerque.

GOMEZ-IMBERT, E. & D. BUCHILLET

- 1986 *Propuesta para una grafía tukano normalizada*. Paris, Chantiers Amerindia, suplemento ao n°11 de Amerindia, A.E.A.

GRALOW, Frances

- 1980 "Formas de tematización en Coreguaje". *Artículos en lingüística y campos afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 8: 1-36.

GRALOW, F., D. COOK & C.M. de YOUNG

- 1984 "Fonología del Coreguaje". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), V: 59-80.

GREENBERG, Joseph H.

- 1963 *Universals in Language*. Cambridge, MIT Press.
- 1987 *Language in the Americas*. Stanford, Stanford University Press.

GUEVARA, R., J.V.

- 1960 *El verbo tukano*. Ensayo de lingüística descriptiva. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo.

HENTON, C., LADEFOGED, P. & I. MADDIESON

- 1992 "Stops in the World's Languages". *Phonetica*, 49:65-101.

HUBER, R.Q. & R.B. REED

- 1992 *Vocabulario Comparativo: Palavras selectas de linguas indígenas de Colombia*. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão.

HUNT, Geoffrey

- 1995 *Interpreting Cecil*. Waxhaw, SIL.

KARN, Gloria J.

- 1979 "estructura de la trama en tuyuca". *Estudios tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), V: 1-87.

- KAYE, Jonathan D.
1970 *The Desano Verb: Problems in Semantics, Syntax and Phonology*. Tese de doutorado, Universidade de Columbia.
- KINCH, Rodney A.
1977 "El enfoque temático vs. el enfoque no temático en yurutí". *Estudios Tukanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), II: 129-175.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor
1995 (1909) *Dos Años entre los Indios*. Bogotá, Universidade Nacional de Colombia (edição original alemã de 1909).
- KOK, P.P.
1921-22 "Ensayo de Gramática Dageje o Tokano". *Anthropos* (Wien), XVI-XVII: 838-865.
- LADEFOGED, P. & I. MADDIESON
1990 "Vowels of the world's languages". *Journal of Phonetics*, 18: 93-122.
- LEVINSOHN, Stephen H.
1992 *Estudios comparativos: Proto-Tucano*. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão.
- MADDIESON, Ian
1974 "A note on tone and consonants". *UCLA Working Papers in Phonetics: Studies on tone from the UCLA Tone Project*.
1984 *Patterns of sounds*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MALONE, Terrell
1988 "The origin and development of Tuyuca evidentials". *International Journal of American Linguistics*, 54: 119-140.
- MARTINS, Valteir
1994 *Análise Prosódica da língua Dâw (Makú-Kamã) numa perspectiva não-linear*. Dissertação de mestrado, Universidade de Santa Catarina.
- 1996 *Entrada da língua dâw num sistema tonal pela sonoridade da coda: uma evidência externa*. Papel apresentado à Universidade de Rondônia.
- MEIRA, Márcio
1993 *Livro das Canoas*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo: FAPESP.
- MOCK, CAROL C.
1983 "Tone Sandhi in Isthmus Zapotec: An Autosegmental Account". *Linguistic Analysis*, vol. 12, n°2.
- NAGLER, C. & B.A. BRANDRUP
1979 "Fonología del siriano". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Bogotá, Instituto lingüístico de Verão), IV: 101-126.
- NIMUENDAJU, Curt
1927 "Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés". *Journal de la Société des Américanistes* (Paris), 39: 125-182 (primeira parte)
1955 "Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés". *Journal de la Société des Américanistes* (Paris), 64: 149-178 (segunda parte)
- ODDEN, David
1986 "On the Role of the Obligatory Contour Principle in Phonological Theory". *Language*, vol. 62, n°2.
- PALMER, Frank.R.
1986 *Mood and Modality*. Cambridge, Cambridge University Press.
1994 *Grammatical Roles and Relations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- PIGGOTT, G.L.
1992 "Variability in feature dependency: the case of nasality". *Natural Language and Linguistic Theory*, 10: 33-77.
- PULLEYBLANK, Douglas
1986 *Tone in lexical phonology*. Dordrecht, Reidel Publishing Company.

- RAMIREZ, Henri
 1992 "Le Bahuana: une nouvelle langue de la famille arawak", in *Amerindia* (Paris) 17 (1): 137 p.
 1994 *Le parler yanomami des Xamatauteri*. Tese de doutorado (não publicada), Universidade de Provence (França).
- REZENDE, Justino Sarmiento
 1990 *noa tho niati terê? "Quem foi que disse isso?", Leituras pré-escolares para Tukanos*. Manaus, SEDUC/ART.
- RITCHIE KEY, Mary
 1968 *Comparative Tacanan Phonology*. The Hague, Mouton; Paris.
- SALSER, J.K. & N.
 1976 "fonología del cubeo". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), III: 71-79.
 1977 "Estructura del discurso y de la oración en el cubeo". *Estudios Tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), II: 1-46.
- SHELL, Olive A.
 1975 "Estudios Panos III: las lenguas pano y su reconstrucción". *Serie Lingüística Peruana*, n°12. Yarinacocha, Peru, Instituto Lingüístico de Verão.
- SMITH, Richard
 1974 "Un patrón asimétrico - el Barasano del Sur". *Artículos en lingüística y campos afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 1: 46-53.
 1976 "Fonología del barasano del sur". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Bogotá, Instituto lingüístico de Verão), III: 95-103.
 1979 "Algunos rasgos contrastivos del barasano del sur y el español". *Estudios tucanos* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), III: 1-78.
- SMOTHERMON, J.R. & J.H.
 1993 *Masa ye, gawa ye rãca - ãmara tuti*. Dicionário macuna-espanhol. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão.
- SORENSEN, A.P. Jr.
 1967 "Multilingualism in the Northwest Amazon". *American Anthropologist*, 69: 670-684.
 1969 *The Morphology of Tukano*. Tese de doutorado, Universidade de Columbia.
- STOLTE, J. & N.
 1976 "Fonología del barasano del norte". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), III: 83-93.
 1980 "La nasalización en las lenguas Tucanas Orientales". *Artículos en lingüística e campos afines* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), 7: 1-28.
- SWEET, D.G.
 1974 *A Rich realm of nature destroyed: the middle Amazon Valley, 1640-1750*. Tese de doutorado, Universidade of Wisconsin.
- TAMAYO, César L.
 1988 *Mi primer diccionario español-tuyuca e tuyuca-español*. Instituto Lingüístico de Verão.
- VAN DER HULST, H. & N. SMITH
 1982 *The structure of phonological representations (Part I)*. Dordrecht, Foris Publications.
- WALLACE, Alfred R.
 1979 (1889) *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo: livraria Itatiana Editora Ltda. (vol.50) (edição original inglesa de 1889).
- WALTZ, Nathan E.
 1976 *Hablemos el guanano: Una Gramática pedagógica guanano-castellano*. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão.
 1981 "Las funciones de la oración y del párrafo en el discurso guanano". *Estudios tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), I: 1-117.
- WALTZ, Carolyn de
 1979 "Algunas observaciones sobre el diálogo guanano". *Estudios tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), III: 150-201.

- WALTZ, N. & C.
1972 "Fonología del guanano". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), I: 29-40.
- WALTZ, N. & A. WHEELER
1972 "Proto Tucanoan". In eds. Esther Matteson et al., *Comparative Studies in Amerindian Languages* (The Hague, Mouton), 119-149.
- WEST, B.
1977 "Resultados de un cuestionario de sintaxis Tucano". *Estudios tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), II: 47-97.
1979 "El discurso, el párrafo y la distribución de la información en Tucano". *Estudios tucanos* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), III: 79-149.
1980 *Gramática popular del Tucano*. Traducción de Anne Pilat de Galvis. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão/ Ministério de Gobierno.
1985 "La partícula adversativa en el discurso tucano". *Artículos en lingüística y campos afines* (Lomalinda, Instituto Lingüístico de Verão), 13: 83-112.
- WEST, B. & B. WELCH
1972 "Sistema fonológico del Tucano". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos* (Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão), I:13-28.
1985 "Resumen del tucano". *Resumen de lenguas colombianas*. Instituto Lingüístico de Verão.
- WHEELER, A. & M.
1962 "Siona Phonemics (Western Tukanoan)". *Studies in Ecuadorian Indian Languages* (Oklahoma, SIL), I:96-111.
1987 *Gantëya Bain, El Pueblo Siona*. tomo I: etnología, gramática, textos; tomo II: diccionários. Bogotá, Instituto Lingüístico de Verão.
- WIESEMANN, U. & R. de MATTOS
1980 *Metodologia de análise gramatical*. Coleção Perspectivas Lingüísticas 17. Petrópolis, Editora Vozes Limitada.
- WRIGHT, Robin M.
1987 *História indígena - Alto Rio Negro*. ms. preparado para o Levantamento da situação atual dos Povos indígenas no Brasil, vol. I: Noroeste amazônico. São Paulo: CEDI.
1991 "Indian Slavery in the Northwest Amazon". *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, sér. Antropol.* (Belém), 7(2).
- YIP, Moira
1982 "Against a Segmental Analysis of Zahao and Thai: A Laryngeal Tier Proposal". *Linguistics Analysis*, vol.9, n°1.
- ZWICKY, Arnold M.
1985 "Clitics and Particles". *Language*, vol. 61, n°2.

ÍNDICE DAS NOÇÕES

- Acento 3.4., 3.6.
Aditivo 9.5.
Adjetivo 4.5., 9.2.
Adverbial 11.1.
Advérbio 13.4., cf. maneira.
Adversativo 9.12.
Advertência 5.6.
Anafórico 12.1-2.
Animado 4.5, 5, 8.1., 11.4.
Apagamento 2.7.
Aspecto 5.
Assertivo 6.2.
Assimilação 2.7., 3.4.
Atemporal 5.1-2.
Átona (raiz) 3.4., 4.2., 7, 9, 12, 16.4.
Aumentativo 8.8.
Autófora 9.2., 12.5.
Beneficiário 7.2.
Bimoraica (estrutura) 2, 2.7., 3.1.
Bloqueio
 _nasal 3.2.
 _tonal 3.4., 15.3.
Causa 7.6., 10.2.
Causativo 10.3., 14.1.
Centrífugo 6.6.
Centrípeto 6.6.
Classificador 4.2., 4.5., 9.
Comparação 9.10.
Comparativo 7.2.
Complemento 4.2., 7, 9, 12, 16.4.
Completado 4.2., 7, 9, 12, 16.4.
Completiva 11.1., 11.6.
Composição 14.7-8.
Concordância 8.1., 11.6.
Condição 10.2.
Conjunção 4.5.
Consoante 2.1.
Construção
 _analítica 4.5., 5.3., 5.8., 10.2., 10.5.
 _comprovativa 11.3.
 _impessoal 7.3.
Contaminação nasal 3.2.
Contável (nome) 4.5., 8.1.
Contra-expectativa 10.2.
Contrafato 10.2.
Contraste 9.9.
Coordenação 4.5., 16.3.
Costume cf. habitual.
Demonstrativo cf. pronome.
Dependente (palavra) 3.4., 4.2., 4.4, 7, 9.
Deslocação 16.2.
Destaque 8.13.
Determinado 4.2.
Determinante 4.2.
Detrimental 9.17.
Deverbal 4.5., 10, 11.
Diminutivo 8.9.
Discurso direto 16.1.
Dissimilação 2.7.
Distributivo 9.8., 12.7.

Duração compensatória 2.7.
Durativo 6.4.
Dúvida 13.1.
Ênfase 16.2.
Enfática (forma) 5.7.
Entonação 3.6.
Especificador 8.11.
Evidência 13.1.
Expectativa 10.2.
Feminino 5.
Focalizador 8.10.
Fone 2.
Fonema 2.2.
 combinação de_ 2.6.
Fonológica
 locução_ 3.5.
 oposição_ 2.3.
 palavra_ 3.5.
 regra_ 2.7.
Formante 14.
Frustrativo 6.3.
Futuro 6.9.
Gênero 5, 6.8.
Habitual 5.1-2., 11.7.
Harmonia nasal 3.2.
Imperativo 5.2., 5.6.
Implicação 5, 5.1-2.
Implicativo 4.5., 10.
Inanimado 4.5, 5, 8.1., 11.5-8.
Incerteza 6.5.
Incoativo 7.2.
Indefinido 12.6.
Inessivo 8.10.
Ingressivo 7.5.
Instrumental 9.4.
Interjeição 13.6.
Interrogativo cf. pronome.
 forma_ 5.5.
Interruptivo 7.2.
Justaposição 4.5.
Laringalização 2, 3.3., 3.4.
Locativo 8.6.
Locução apositiva 16.5-6.
Lugar 8.6., 8.10., 11.6.
Maneira (advérbio de) 11.6.
Masculino cf. feminino.
Melodia tonal 2, 3.4., 15.1.
Modalidade epistêmica 4.5., 5, 5.8.
 _dedutiva 5, 5.3.
 _deôntica 5.2., 11.6.
 _reportativa 5, 5.4.
 _sentida 5, 5.2.
 _vista 5, 5.1.
Morfema
 classes de_ 4.1.
Multiplicativo 12.7.
Não-contável 4.5.
Nasal (unidade) 3.5., 4.4.
Nasalização 2, 3.2.
Negativo 6.1., 9.16.
Nome 4.1., 4.5.
 _dependente 3.4., 4.2., 4.4-5, 9.
Nominal (classe) 4.5., 8.1.
Nominalizador 14.6., cf. deverb. al.
Nominativa (estrutura) 4.5.
Numeral 12.7.
Numéricos (dados) 2.5.
Número 5, 6.8.
Objeto 4.5., 7.1.
Obrigação 5.2., 11.6.
Onomatopéia 13.6.
Ordem (das palavras) 4.5., 16.1.
Partitivo 8.6.
Passado 5.
 _caducado 5.
 _recente 5.

Passivo 7.3.
Periférico 8.12.
Permissivo 5.2., 5.6.
Pessoa 5.
Pessoal cf. pronome.
Plural 8.3-5., 8.7., 11.7.
Possessivo cf. pronome.
Potencial 7.4.
Predicado 4.5., 16.3.
Prevenção 5.6.
Pronome 4.5.
 _demonstrativo 12.1.
 _interrogativo 12.6-7.
 _pessoal 12.3.
 _possessivo 12.4.
Propagativo 6.7.
Propósito 10.2.
Quantificador 12.7.
Razão 7.6., 10.2.
Referência (câmbio de) 9.11.
Referencial 4.5., 8.12.
Reflexivo 9.6.
Relativa 11.1.
Repetição 13.3.
Restritivo 9.7.
Resultativo 14.2.
Sândi tonal 3.4.
Segmento
 _opaco 3.2., 3.4.
 _transparente 3.2., 3.4.
Silábico (padrão) 2.4.
Singular 8.4., 8.6.
Singulativo 8.3.
Sintagma 16.4.
Sintaxe 16.
Subordinada (oração) 4.5., 11.1., 11.6.
Sufixo 4.4-5., 5, 6, 8, 8.2.
 _de forma 8.7., 11.8.
 _em a 15.4.
 _transparente 15.6.
Sujeito 4.5., 16.3.
Temática (volta) 13.2.
Tempo 5.
Temporal 8.10., 10.2.
Terminativo 7.2.
Tom 3.4., 7.8., 15.
 _flutuante 3.4., 11.2., 15.5.
Tonal
 absorção_ 3.4.
 descenso_ 3.6.
 deslocamento_ 3.4., 15.2.
 espalhamento_ 3.4.
 fileira_ 3.4.
 irregularidade_ 15.6.
 regra_ 15.
 unidade_ 4.4.
Topicalizador 8.12.
Traço 2.2.
Verbalizador 14.4., 14.7-8.
Verbo 4.1, 4.5.
 _copulativo 4.5.
 _dependente 3.4., 4.2., 4.4., 4.5., 7.
 _de estado 4.5., 9.1.
 _de movimento 7.2.
Vogal
 _surda 2.1.
 duração de_ 3.1., 3.4.
 seqüência de_ 2.4.
Voz média 14.2.